

OS
VARÕES ILLUSTRES
DO BRAZIL
OS
VARÕES ILLUSTRES
DO BRAZIL
DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

I.

L'histoire n'a point de partie plus agréable et plus instructive que la vie particulière des grands et vertueux personnages qui ont fait figure distinguée sur le théâtre du monde.

VICTOR COUSIN.

OS

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA.

Biblioteca

TOMO PRIMEIRO.



✓
920.081
5586
vid
1858
el. 2

PARIZ

LIVRARIA DE A. FRANCK,
RUA DE RICHELIEU, n.º 67.

LIVRARIA DE GUILLAUMIN ET C.
RUA DE RICHELIEU, n.º 14.

1858

243

VALORES ILUSTRADOS

DO BRASIL

DEBATE OS TEMPOS COLONIAIS

J. M. PEREIRA DA SILVA

TOMO PRIMEIRO

BIBLIOTECA NACIONAL FEDERAL	
Este volume acha-se registado	
sob o número.....	8391
do ano de.....	1946

ALVARO DE A. SILVA
 75 - R. LINDOIA, 100 - SÃO PAULO

PREFACIO.

Á

S. M. O SENHOR DOM PEDRO II,

IMPERADOR DO BRAZIL.



S. M. O SENHOR DOM PEDRO II.

IMPRESSÃO DO BRASIL.



PREFACIO.

No anno de 1847 publicámos no Rio de Janeiro o Plutarco Brasileiro. O acolhimento que teve do publico, e o facto de haver-se esgotado quasi inteiramente a primeira edição, da qual entretanto se extrahira grande copia de exemplares, moveram-nos a dar á luz uma segunda edição correcta e muito mais augmentada. Para melhor levar a effeito semelhante designio attendemos ás analyses e criticas judiciosas, que tiveram a bondade de dirigir-nos varios distinctos escriptores. Não passáva de um ensaio aquella obra, e carecia realmente de desenvolvimentos mais amplos, de mais profundos estudos, e de mais acuradas pesquisas sobre a historia e a litteratura do nosso paiz.

Entregamo-nos com toda a dedicação a este trabalho. Tomou porém proporções tão vastas, e recebeu melhoramentos tão consideraveis, que pode-se dizer que adquirio physionomia de novidade. Julgámos assim conveniente preferir áquelle primeiro titulo outro mais regular e adaptado, e que mais propriamente o caracterisásse.

Conservámos a formula biographica por que havia merecido geral approvação; seguimos porém nas biographias a ordem chronologica, que harmonisava melhor com o desenvolvimento historico que n'ellas admittimos, e que nos parece dar-lhes um verdadeiro realce.

A mais tempo que desejamos continuar a offerecer ao publico o tributo e homenagem de trabalhos litterarios que costumavamos prestar-lhe, e que tão benevolamente elle recebia. No espaço porém que decorre depois da ultima publicação que effectuámos, tantos acontecimentos embargaram ou modificaram a nossa existencia e intenções, que força foi deixar passar o tempo, e esperar occasião mais azada.

Arrancou-nos a politica ao descanso feliz das lettras para nos atirar nas luctas do parlamento e nas fadigas da administração publica.

Como o viajor que regressa para o seu lar, e volve para os seus antigos costumes, abraçámos de novo a carreira litteraria, entregamo-nos a ella de corpo e alma, e esquecemos as tormentas e procellas que por tanto tempo nos molestaram.

Oxalá obtenhamos do publico o acolhimento e indulgencia que soia dispensar-nos!

Pariz, 4 de janeiro de 1858.

EXTRACTOS

DE ALGUMAS ANALYSES QUE SE FIZERAM AO PLUTARCO
BRAZILEIRO.

O Plutarco Brasileiro é um monumento triumphal; é uma obra de longo folego, que ganhará de dia em dia novas perfeições, novos toques de remate com o andar dos annos, com a colheita dos factos, com o engrandecimento do numero, e com a perfeição e a madureza que o tempo estampa em todos os trabalhos historicos. Este livro brindado ás lettras do paiz terá longa duração, e augura ao seu auctor uma nomeada duradoura, si elle durante a sua vida o for retocando, e ampliando como convêm: um erro estampado é um veneno que se lança á posteridade; é um ponto falso de projecção no perimetro da historia; e toda a humanidade é desviada da senda da verdade, logo que os idealistas ou historiadores falsificam os acontecimentos.

ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A ordem chronologica, estylo mais grave, e menos espirito de nacionalismo nas comparações dos nossos poetas com os poetas estrangeiros, talvez dêsem ao Plutarco Brasileiro um merecimento de mais. Entretanto, ainda quando esta

simples observação se resolvesse em uma censura, nem por isso o magnifico livro do senhor doutor Pereira da Silva seria menos digno de aceitação e elogios.

J. J. DA ROCHA.

É o Plutarco Brasileiro uma das obras litterarias e historicas mais importantes da epocha : mas á respeito do plano geral, parêce-me que melhor adaptada seria ás biographias a ordem chronologica.

FERDINAND DENIS.

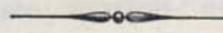
O Plutarco Brasileiro é um trabalho que honra á seu auctor : tem os dous requisitos essenciaes, grande licção historica e critica apurada : si alguma cousa ha á extranhar n'elle, é talvez o excessivo colorido do estylo : sua animação e vivacidade passa muitas vèzes á ser poesia apaixonada.

F. OCTAVIANNO.

O Plutarco Brasileiro, escripto em uma linguagem fluida e eloquente, é um ricco e precioso thesouro de erudição e talento : o auctor com a mais profunda e inteira consciencia falla da litteratura e da historia : contorna com mão de mestre o vulto

das personagens, e reveste-as com uma roupagem classica e brilhante : si fôr admittido em uma nova edição, que de certo terá, o sistema chronologico nas biographias, o nome do escriptor benemerito ficará ligado á patria, como o busto de Pombal ao grande pedestal da estatua de Dom José I° de Portugal.

RODRIGO PONTES.



INTRODUÇÃO.

É novo, e muito novo o Brazil. Deve-se ao accáso o seu descobrimento. Navegava para as Indias Pedro Alvares Cabral, com o fim de proseguir na empresa que encetára Vasco da Gama, na sua famosa viagem de 1497 e 1498, quando, arredando-se das calmarias da costa da Africa, e tomando ao largo para o Oeste, avistou, no dia 22 de abril de 1500, uma terra desconhecida, e della se apossou, em nome d'ElRei Dom Manuel de Portugal.

Deu-lhe o feliz descobridor o nome de Vera Cruz, que se trocou posteriormente pelo do Brazil, por que é hoje o paiz geralmente conhecido.

Conta assim actualmente tres seculos e pouco mais de meio de existencia.

Hordas de selvagens, inimigas umas das outras, si bem que procedendo quasi todas do mesmo tronco; fallando differentes dialectos ainda que em geral derivados da mesma origem; bravios, ferozes e errantes uns, devorando os inimigos que apanhavam nas correrias e guerras, e até seus pro-

prios amigos e parentes, logo que se finavam : tranquillos e mansos outros, praticando o cultivo das terras, e formando accampamentos ou aldeias, que pouco tempo duravam; dirigidos por chefes que escolhiam, ou entregues á providencia; pela maior parte tribus nomades, sem a mais pequena ideia de religião, de sociedade, e nem de familia; erão estes os habitantes da terra que á Cabral deparou a fortuna, para que um nome honroso ganhásse na historia.

Questionna-se sobre a litteratura que poderiam possuir os indigenas do Brazil, e o gráu de civilisação á que teriam attingido.

Curioso é de certo semelhante estudo : para uma historia geral do paiz deve constituir o necessario prefacio. A base porém d'ella é o descobrimento, a posse, a colonisação, as instituições, e a civilisação, que introduzio o povo conquistador na terra da qual se apossára.

Sumio-se grande copia dos indigenas nos desertos interiores, preferindo a liberdade e independencia no meio das florestas á uma liga com os Portuguezes, por meio de aldeamentos, e adopção de novos usos e de uma religião que não concebiam. Trucidaram-se outros nas proprias luctas civis, nas guerras e emboscadas contra os invasores, e no captiveiro, á que eram arrastados muitas vêzes, e no qual facilmente se finavam.

Aquelles, que se uniram lealmente, desappare-

ceram no seio da raça conquistadora, e perderam as tradições e costumes de seus antepassados.

Não somos dominados pelo espirito dos que tomam as dôres pelos gentios, e a defesa de sua causa contra os Portuguezes.

É poetica de certo a existencia nomade d'esses desgraçados, que nasciam, viviam, e morriam, de tudo descuidados; dormindo ao balanço da rede que penduravam da primeira arvore que lhes deparava o accaso, ou amarrada na enfumaçada taba (1); comendo o que a sorte da caça lhes offerencia em caminho; usando de burlescas solemnidades para, no meio de festins e dansas, devorar os prisioneiros que logravam nos combates ou emboscadas; reunindo-se á sombra da palmeira, ao murmurio da cascata, ao sibillar do vento pelas folhas das arvores, para ouvir o ruido dos chocalhos, que formava agreste concerto com os canticos tradicionais, que echoavam os seus anciões.

Para nós, porém, lucraram os gentios que se cathequisáram e se civilisáram: é nossa sympathia antes pelo povo conquistador, do qual principalmente descendem os Brasileiros, do que pelas tribus selvagens que habitavam o paiz na epocha do seu descobrimento.

Achou-se Portugal ao mesmo tempo senhor e possuidor dos immensos territorios do Brazil, da Asia e da Africa, que os seus prestimosos navegantes haviam descoberto.

Constituíam os Portuguezes o povo menos numeroso, e o mais heroico e aventureiro da epocha. Em menos de meio seculo avassalaram a melhor parte da Asia, quasi metade d' Africa, grande copia de ilhas espalhadas por todos os mares, e a mais bella e vasta porção da America meridional.

Tinham infelizmente muito por que dividir a sua attenção, e qualquer que fosse o valor e denodo dos seus militares, a audacia e arrojo dos seus marinheiros, e a pericia e ambição dos seus chefes; qualquer que fosse o nome e gloria que haviam já adquirido, no mundo inteiro, e que os fazia geralmente temer por terra e por mar, não podiam olhar com attenção igual, e tratar, com o mesmo cuidado, á tantos continentes que lhes foram cabendo pela sorte das armas, e pela fortuna espontanea do accaso.

Mereceu-lhes a Asia, e com razão lhes devia merecer mais acurado empenho: havia na Asia civilisação, riqueza, industria, sociedade, povo, e governo; nem os grupos de pretos nomades da Africa, e nem as hordas de gentios errantes da America; tinham direito de concorrer com a Asia para lograr da metropole commum identicos cuidados.

Nos gloriosos combates d' Asia illustravam-se os guerreiros portuguezes: encontravam emfrente á si Turcos, Arabes, e Egypcios, que acudiam em socorro dos indigenas. Conquistavam cidades como

Goa, Malacca, Damão e Meliapor. Venciam os reis de Ormuz, Melinde, Achem, Cambaia e Mombáça; levantavam as fortalezas de Calicut, Granganor, Diu, e Ternate; creavam importantes arsenaes; exercitavam suas esquadras e seus marinheiros; monopolisavam o commercio das fabricas de alcatifas da Persia, e de sedas da China; apoderavam-se da prata do Japão, do cravo das Molucas, da pimenta e gengibre de Malabar, da camphora de Borneo, do ambar das Maldivas, dos rubins do Pegú, das tecas e couramas de Cochim, das perolas e aljofaras de Manar, dos diamantes de Mussulapatão, e da canella do Ceilão; enriqueciam Lisboa e a Europa, e faziam da capital do pequeno reino da Lusitania o emporio mercantil do mundo, feixando as portas da navegação do Oriente a Genova, a Veneza, e ao Egypto.

Apenas apresentava-lhes a America um paiz novo, proprio para tudo que d'elle exigissem o trabalho e a industria do homem; povoado de barbaros, que se não battiam em combates francos e leaes; que unicamente soiam fazer trahições, e armar ciladas, por que não podiam resistir com suas flechas e tacapes (2) á espingarda e á baionetta dos Europeos: eram os conquistadores obrigados a levantar casas, crear povoações, plantar a terra, e emfim tudo crear, e tudo fazer de novo, sem que de seus feitos, quaesquer que fossem, renome ou gloria alguma lhes proviesse.

Não admira assim que ficásse o Brazil esquecido por mais de trinta annos, depois do seu descobrimento, aportando apenas aqui ou ali, n'esta ou n'aquella enseada, um ou outro navegador que ou vinha de proposito explorar as suas costas, como Christovam Jacques, Gonsalo Coelho, Martim Affonso de Sousa, e Americo Vespuccio; ou as avisitava seguindo viagem para a Asia, como Affonso de Albuquerque, Tristão da Cunha, e João da Nova; ou alguns aventureiros, como Jorge Lopes Bixorda e Fernão Lopes, que buscavam o tracto do páu brazil, de que abundava o paiz, e fôra o primeiro genero de escambo e commercio que se praticou nas suas plagas.

Nem justamente podemos antepôr aos Portuguezes o comportamento da Hespanha em relação ás suas conquistas do Perú, Mexico e Guatimala, que tratava por outra maneira.

Além de que encontrou a Hespanha povos mais civilizados nos Aztecas do Mexico, nos Incas do Perú, nos Araucanos do Chile, e nos habitantes dos territorios incluídos entre o rio Orinoco, e o imperio de Montezuma; deparou com cidades como Mexico, Cuzco, Tlascala, e Quito, e com monumentos como Mitla, Palenque, Uxmal, Pachacamac e Chapoltepec; e descobriu riquezas immensas de ouro, prata, e pedras preciosas, que para ella equivalliam á fortuna que tirava Portugal das suas possessões da Asia; accrêscce que não tinha

a Hespanha conquistas tão espalhadas pelo mundo como o pequeno reino dos nossos antepassados.

Sómente depois de alargado e firmado o seu poderio na Asia com as victorias de mil importantes cidades, e com o governo de homens eminentes, como Dom Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque, é que começou ElRei Dom João III a cuidar no Brazil, e commetteu a sua colonisação á alguns velhos guerreiros e servidores, com os quaes repartio as suas terras, como em donatarias, concedendo-lhes cartas, foráes e privilegios, que lhes asseguravam hereditarios feudos nesta nova parte do mundo, tomando assim verdadeira posse d'ella contra as tentativas da Hespanha, que já a havia feito visitar por alguns dos seus navegantes, e anciava annexa-las ás colonias que formára na America.

Começaram os donatarios a povoar o continente Brazilico : Martim Affonso de Sousa, Duarte de Albuquerque Coelho, Vasco Fernandez Coutinho, Francisco Pereira Coutinho, e varios outros, fundáram cidades nas melhores enseadas, aqui Sam Vicente, adiante Victoria e Porto Seguro, acolá Ilheos e Bahia, e mais além Olinda, e á proporção que se forão entranhando pelo interior, levantáram e formáram engenhos de cana e assucar, arraiaes e povoações, com o fim de segurar e firmar o seu dominio.

Tiveram que sustentar luctas e luctas renhidas não sómente contra os gentios, senão tambem contra

os Francezes, e outros povos europeos, que lhes invejavam a conquista, e procuravam arrancar-lha derramando corsarios por todos os mares limitrophes.

Apesar dos esforços dos donatarios, não andaram as cousas á contento do soberano; não tinham elles bastantes forças, e nem dispunham de meios sufficientes para se sustentar, e fazer prosperar os seus estabelecimentos. Em 1549 julgou ElRei conveniente chamar tudo á Corôa, indemnizando os proprietarios, abolindo as donatarias, e creando um governô seu em todo o paiz, com a centralisação da acção e unidade da administração publica nas mãos e attribuições de Thomé de Sousa, nomeado primeiro capitão e governador geral do Brazil.

Tornou-se capital do novo estado a cidade da Bahia : para o Brazil corriam e emigravam então os Portuguezes, não atraz de ouro ou pedras preciosas, por que sómente mais de um seculo depois é que se descobriram as riquissimas minas que encerra o seu solo (3), e sim no intuito de commerciar no algodão, páu Brazil, ambar, canafistula, ipecacuanha, copahiba, e outras producções naturaes do paiz; ou de conseguir sesmarias de terras, cultivar a cana, e fabricar o assucar, industria que se acimatou perfeitamente, e com espantosa celeridade se propagou por quasi todo o continente Brazilico.

Era n'essa epocha immensa a pobreza em Portugal, e a população superior a que podia conter e

manter o territorio por mais fertil que fosse. Em vêz de quebrar arnezes, e trocar vidas com infieis nos campos de Tunes, Fez, Marrocos, e Trudante, melhor lhes ia parecendo, e na verdade mais acertado era, mudar de terra, e procurar novas plagas, e novos climas, aonde vivessem á sombra das mesmas leis, fallando a mesma lingua, e obedecendo ao mesmo soberano.

Seriam porem ineficazes os meios da força applicados aos indigenas e escassa a tendencia da emigração dos Europeos, si não estivesse a epocha eivada do espirito e enthusiasmo religioso; continha Portugal grande copia de conventos, aonde se apinhavam sujeitos, que na vida solitaria de claustro procuravam devoções misticas, e estudos theologicos; esmeravam-se os reis em favorecer e dotar estes estabelecimentos, por que guardavam a sciencia, apuravam a religião, e davam ao mundo os sabios, e á elles os conselheiros e confessores.

Dos claustros partio a voz de marcha para o Brazil. Com os religiosos, que contavam conseguir por entre o gentio vasta sementeira para o catholicismo, e que de antemão se alegravam de chamar á luz da razão, e ao gremio da Igreja, tantas almas perdidas, seguiram muitas familias, que arrastava um semelhante exemplo.

Mais ou menos concorreram quasi todas as ordens monasticas para os trabalhos da cathequização dos indigenas do Brazil.

Primáram porem entre ellas os socios da Companhia de Jesus. Impossivel é descrever os feitos memoraveis e milagrosos mesmo, que no Brazil praticáram os Jesuitas.

Battiam-se e affugentavam-se as hordas de tribus barbaras, que pareciam sumir-se, mas que reappareciam repentinamente, á um grito de guerra solto nos bosques; levantavam-se casas, ou arraiaes, que eram inopinadamente reduzidos á cinzas por uma annuvião de selvagens, que os assaltavam, e que comsigo carregavam os prisioneiros, para os comer e devorar nas suas festas.

Nada havia de estavel e seguro qualquer que fosse a força physica; nada se firmaria, á não apparecerem os admiraveis filhos de santo Ignacio, que se devotavam aos perigos, aos martyrios, e á morte, com o semblante risonho, tranquillo o espirito, evangelica resignação, e sobrenatural coragem.

Abria-se com a espada o caminho das brenhas; atravessavam-se com a lança as alcantiladas montanhas; venciam-se á força as torrentes e os caudalosos rios; e ahi, para plantar a Cruz do Calvario, apparecia sempre um Jesuita, e so a victoria da palavra, e da persuasão que lhes era exclusiva, tinha mais valor para firmar a conquista mesmo material, do que os triumphos dos soldados, manobrando o gladio, e dardejando a morte.

Consistiram seus primeiros trabalhos em accommodar os gentios com os Portuguezes, em chama-

los á paz e concordia; para conseguir este resultado atiravam-se audaces no meio dos desertos; avançavam inermes para as tribus anthropophagas; pregavam-lhes a religião; incitavam-lhes os brios; e foram alguns atravessados pelas settas mortíferas; outros soffreram martyrios desusados; lograram porrem muitos a victoria espantosa de converter essa infeliz gentildade, e a fortuna de voltar para o meio dos Portuguezes, accompanhados de multidão de gentios, que ao Padre obedeciam, como si fôra um Deus, e que á sua voz formaram aldeias, trabalhando com os missionarios na edificação das casas e da igreja, ganhando-se assim para a sociedade, e para o catholicismo.

Que palavras podem glorificar o sacrificio do Jesuita missionario, que gasta a sua vida na aspreza das brenhas, de pé no chão, dormindo sobre a terra, sustentando-se com raizes e fructas silvestres, correndo de tribu em tribu de barbaros, exposta continuamente a vida; ou expira emfim nas torturas do supplicio sem espectadores, sem applausos, obscuro, e isolado; e tudo para remir da condemnação eterna alguns selvagens desconhecidos, chama-los á obediencia dos reis europeos, e augmentar os estados e o dominio d'estes?

E apóz a cathequização, que trabalhos com os indigenas, e que luctas com os proprios Portuguezes! A quelles serviam de medicos do corpo e d'alma, de pais e de protectores; d'estes comba-

tiam os vícios, os crimes, e as tentativas de reduzir á escravidão os gentios, que encontravam e apanhavam, entretendo assim o odio da raça, e conservando a guerra ceifadora e mortifera. Eram os padres com suas proprias mãos que derribavam e carregavam aos hombros as arvores que affeiçoavam; amassavam e collocavam a taipa, e construiam a igreja, dando por este modo a todos, que os viam e admiravam, o exemplo do trabalho e da resignação. A pericia das armas, a audacia das invasores, a tactica dos Europeos, ganhavam terras, edificavam povoações, estabelesciam o dominio do seu soberano; a brandura e a eloquencia dos religiosos, a sanctidade da vida, que professavam, as cathequizações que conseguiam, o zelo, a devoção, e os exemplos que praticavam, conciliavam os gentios com os Portuguezes, e faziam abraçar a sancta religião de Christo por numero immenso de infelizes, que antes a não conheciam, segurando assim a posse do paiz que haviam os Portuguezes conquistado.

Foram os mais affamados missionarios do Instituto de santo Ignacio na India o Padre Francisco Xavier, ao depois canonizado pela Igreja Romana; e no Brazil, os padres Manuel da Nobrega e José de Anchieta : são estes os vultos de mais colossaes proporções que figuram no edificio da Companhia, na qual todavia rivalisavam todos os irmãos em dedicações, prestimo, e sacrificios.

O grande apostolo das Indias extasiou com suas

exquisitas virtudes, suas acções portentosas, e suas victorias immensas, as Indias, Moçambique, Zocotora, Coromandel, Meliapor, Moluccas, Melinde, Ceylão, Ternate e Japão; ás portas da China, diante de Sacham, findou seus dias gloriosos, depois de converter setecentas mil almas, pobres e humildes, rajahs, principes, reis e imperadores, que todos o ouviam e attendiam, nas choças miseraveis do paria, e nos palacios cosidos com ouro, e brilhantes de pedrarias.

Como São Francisco Xavier ganháram renome José de Anchieta e Manuel da Nobrega, pelas conquistas espirituaes, e sacrificios enormes, que praticaram em todo o continente americano do dominio portuguez. Foi Nobrega um heróe de virtudes selectas; mereceu Anchieta o titulo de apostolo do Brazil, e como o seu companheiro das Indias, deixou-nos escriptos litterarios de merecimento e valor, e morreu entre os infelizes que chamára á Igreja catholica e educára na religião christã.

Que maiores vocações, que mais extraordinarias e sublimes abnegações se observam na historia antiga e moderna?

Pode-se asseverar, sem receio de contestação, que foram os Jesuitas as vedetas avançadas e sentinellas perdidas da milicia da religião e da civilisação em todos os descobrimentos dos Portuguezes. Para tudo tinham prestimo; commettiam sacrificios de vida, passavam transes amargurados nos desertos,

padeciam frios, fomes e somnos, com o fim de conseguir a unidade da fé, e a solidariedade moral das familias do genero humano, e arrebanhar os corpos e os espiritos dos gentios para as crenças e preceitos da Igreja catholica; trabalhavam com suas proprias mãos no estabelecimento das aldeias, ensinavam a todos, abrindo escolas e collegios, aonde apprendessem linguas, doutrina christã, leitura, grammatica, e as mais noções primarias dos conhecimentos humanos; baptisavam, casavam, e celebravam os sacramentos divinos, pregando aos ignorantes, e illustrando-lhes a intelligencia; aconselhavam, protegiam, e moralisavam, pelo exemplo e pela acção; deffendiam e sustentavam a liberdade de todos, oppondo-se ás violências, e fulminando os crimes e vicios que se impregnavam n'essa nova sociedade colonial, composta de elementos tão heterogeneos, que cumpria nivellar e regularisar.

Devem-se aos Jesuitas as primeiras escolas de instrucção que se estabeleceram no Brazil; foi obra d'elles o reconhecimento legal da liberdade dos gentios que proclamáram os monarchas portuguezes: conseguiram com os seus conselhos, as suas exhortações, e as denuncias, que davam á corôa, que se não manchassem os nomes dos chefes portuguezes com violencias, crimes e atrocidades, como as que commetteram contra os miseros indigenas da America Hespanhola os Bovadillas, Almagros, Pizarros, e Velasquez, de execravel memoria.

E prima ali uma distincção notavel entre as duas nações conquistadoras : si apparece entre os Portuguezes um Maciel Parente ou Pedro Coelho, que praticam arbitrariedades contra os Brazis do Norte, castiga-os a Coròã, e não passam elles de uma quasi imperceptivel excepção na ordem dos chefes portuguezes; em quanto que inventam os Castelhanos os mais descommunães supplicios para se alagarém no sangue innocente dos Americanos, e extinguir-lhes a raça, não lhes bastando as caçadas por meio de cães de fila, e o exterminio no meio e fóra dos combates. Diversa é a historia da conquista do Brazil das chronicas sanguinarias do Perú, da Columbia, do Mexico, do Chile, e de Guatemala, aonde quasi nem-um effeito produziam as fulminações de Las Casas, e nem-uma influencia logravam os Jesuitas.

Si bem que decorreu o seculo XVI por entre os trabalhos materiães de primeiro estabelecimento, e lidas de guerra continuadas contra povos originarios do paiz, e os povos europeos, que ambicionavam a conquista portugueza, notaveis já na historia se fizeram alguns homens nascidos no Brazil, como foram os guerreiros Jorge de Albuquerque Coelho, Dom Francisco Rolim de Moura, e Salvador Correia de Sá e Benavides, o historiador Manuel de Moraes e o poeta Bento Teixeira Pinto. Perdera entretanto Portugal, em 1580, a sua independencia, e accurvou-se ao sceptro e jugo de Felipe II da Hespanha : em quanto soffreu a mãi patria o duro cap-

tiveiro dos sessenta annos, padeceram todas as suas colonias, pelo abandono em que cahiram, começando a rehabilitar-se e a progredir depois que a Casa de Bragança se apossou da corôa e trono de Portugal, e encontrou n'as que ainda lhe restavam appoio e sympathia para o movimento revolucionario de 1640.

Foi de então em diante que as armas, as lettras, e as sciencias ganharam terreno no Brazil; verdade é que por vêzes estremecia o governo da metropole ao espectaculo que espontaneamente se desenvolvia na sua conquista, e oppunha aos seus progressos medidas impoliticas, como eram a do alvará de 27 novembro de 1662, que prohibia aos estrangeiros de navegar para o Brazil fôra das réaes armadas; a do alvará de 27 de novembro de 1684, que vedava entrada nos portos estrangeiros da Europa aos navios sahidos do Brazil; a da lei de 8 de fevereiro de 1711, que não admittia nas colonias negocio com estrangeiros; e a do decreto de 20 de fevereiro de 1711, que impunha fiança de cinco crusados á todo o estrangeiro que, mesmo nas frotas portuguezas, quisesse embarcar-se e fazer viagem para as possessões americanas.

Appresentam os annaes portuguezes do seculo XVII nomes de prégadores, guerreiros, poetas, litteratos, e politicos, que tiveram seu berço no Brazil, e que primarâm na terra que produzira Camões, Corte-real, Ferreira, Vieira, Fernão-Mendes, João

de Barros, João de Castro, Mendes Pinto, Duarte Pacheco, e tantos outros homens de estado, navegantes, militares, juriconsultos, e poetas, que não têm inveja a nem-uma nação do mundo mais populosa e ainda mais civilisada.

Percorram-se as paginas das chronicas coloniães da Inglaterra, das possessões francezas, dos dominios hespanhães e hollandezes, e com excepção unica do Mexico e Perú, nem-uma colonia europea offereceu, logo ao principio uma tão rica e opulenta lista de seus naturaes, que se celebrisarão, como o conseguira o Brazil; e estas mesmas conquistas hespanholas da America, si bem que mais cedo comecem á produzir homens notaveis, pelo cuidado e cultivo que lhes deu a Mãi Patria, foram, do seculo XVII em diante, excedidas pelo Brazil, que tende á fulgurar com mais subido esplendor, mais puro, e maior brilho.

A eloquencia e a philosophia, tão realçadas pelo grande Antonio Vieira, que extasiava com sua magica palavra os habitadores de Portugal, de Roma e do Brazil, teve interpretes dignos do mestre, e que a aura aquecida do solo americano bafejára ao nascer: apóz as expressões de fogo que sahiam dos labios do Jesuita tão justamente celebrisado, merecem ainda attenção, e tem elevado preço, a sciencia e oratoria do Padre Manuel de Macedo, de Antonio de Sá, de Antonio Pereira, de Angelo dos Reis, de Frey Francisco Xavier de Santa Theresa, e de outros

tantos talentos brilhantes que não serão esquecidos pela posteridade, e formam parte da gloria litteraria do Brazil e de Portugal.

Nas sciencias historicas, moraes, e theologicas, notam-se com ufania Frei Vicente do Salvador, Sebastião da Rocha Pitta, Padre Prudencio do Amaral, e José Pereira de Santa Anna.

Durante o seu dominio no Norte do Brazil, estudáram os Hollandezes a historia natural; procuráram promover a instrucção, fundando a primeira officina typographica, que appareceu na terra de Santa Cruz; quando expellidos do territorio que tanto ambicionavam, e cuja conquista lhes arrancáram as victorias de André Vidal de Negreiros, de Mathias de Albuquerque, de João Fernandes Vieira e de Antonio Fellipe Camarão, um Brasileiro comsigo levaram para a Europa, Jacob de Andrade Vello-sino, que lá ganhou nomeada como medico distincto e naturalista, digno discipulo de Pizon e Margraff, e si bem que longe da patria viveu e morreu, sem deixar-lhe uma saudade nas obras que escreveu, não poderá ser nunca por ella esquecido.

Foi a poesia o ramo em que primaram, e primarão sempre os povos dos paizes aquecidos pelo sol dos tropicos, que parece infiltrar na atmosphaera inspiração de fogo. É a poesia uma fonte perenne de delicias, que brota no Brazil. Faz a natureza poetas aos Brasileiros, inspira-os ao balbuciar a primeira palavra; as arvores colossaes, e ao mesmo tempo

tão magestosas, as flores multiformes e perfumadas, que matizam os bosques e os campos; as aves de tão variadas côres, e tão exquisitos feitos; os rios, as cascatas, as montanhas, e os prados; e o mesmo limpo céu, que, como manto azul claro, os acoberta; a mesma atmospherã pura, suave, e doce, que lhes sorri desde a infancia, e alegre e prazenteira os vivifica, e ampara em todas as estações e tempos; e o oceano magestoso, que se estende pelas suas arenosas e alvadias praias, chora e brinca, gême, e folgueia; tudo emfim lhes aquêce a imaginação, lhes elêva o pensamento, lhes exalta o enthusiasmo, e lhes abre as azas aos vôos do espirito, soberbo filho do céu, que purifica e divinisa o homem.

O que pena é, e lamentamos de coração; o que não podêmos declarar sem sentimento profundo de dôr; é que os poetas colonos, em vêz de desprender suas vozes livres como a aragem folgazona do vento, em vez de largar os vôos á sua imaginação inspirada, como as cadeias ao prisioneiro, em vez de com o pensamento percorrer esse mundo novo, todo de grandeza e magestade, todo de imagens e de phantasia, esse mundo que o céu puro, como a pura virgem, abria aos olhos do filho do paiz; não passavam infelizmente de copistas imitadores dos vates lusitanos, e celebravam antes os amores cavalheirosos dos galhardos Portuguezes, seus combates e suas lidas de guerra em outras terras, do que as bellezas naturáes do Brazil, e os

factos immensos e memoraveis, que n'esta colonia se praticavam.

Entretanto as lidas e combates de guerra, que elles descantavam, os arnezes de ferro, os pesados e fortes escudos; os elmos e capacetes, rijos como o bronze, e sobre os quaes battiam envão as espadas e as lanças, que se desfaziam em pedaços; as fermosas justas e torneios, que tanto enthusiasmavam então os filhos do Brazil, não pertenciam de certo á sua historia nacional; eram cousas d'elles conhecidas apenas pelas tradições e contos: e esqueciam os combates pittorescos das tribus dos gentios, as mães que fugiam aos inimigos, carregando ás costas a familia toda; as habitações frageis e moventes, que se erguiam por toda a parte, ao clarão dos astros, ao brilhantismo da lua, ás sombras da palmeira; os cocáes multicores, que denunciavam a destreza dos braços, e a flexibilidade dos arcos; suas vestes recamadas de pennas de mil passaros incognitos, que as flechas haviam derribado; as dansas extravagantes em torno de fogo, que os animava e inspirava; e a coragem socegada de homens, que vêm morrer a seu lado, ao som de um estoiro, que desconhecem, os pais, filhos e amigos, e sem esperanza de victoria, e antes com intenção firme de preferir a morte ao captiveiro, avançando para ella, e entregando-se ás espingardas dos Portuguezes! Não haveriam n'este quadro mais inspiração, e muito mais poesia?

Infelizmente também de todo se perderam muitas obras, de que nos fallam alguns escriptores, e nomeadamente Diogo Barbosa Machado, na sua estimavel Bibliotheca lusitana, por que nunca permittio o Governo portuguez que funcionassem typographias no Brazil; e a unica que pelo meiado do seculo XVIII ousou estabelecer por sua conta no Rio de Janeiro um Antonio da Fonseca, protegido pelo governador Gomes Freire de Andrade, foi mandáda feixar, por ordem vinda da metropole, apenas lá lhe foi a noticia da sua fundação; e nem a nós chegaram, escapos de olvido, os nomes de todos os Brasileiros que se distinguiram, e que pelas impressas da Mãe Patria não puderam legar aos posteros os seus escriptos.

Cumpra todavia reivindicar para gloria da patria nomes esquecidos até aqui, e que mereceram as honras e o respeito dos seus contemporaneos, e tem direitos perfeitos á estima dos seus vindouros.

Brilham na primeira linha dos poetas do seu seculo Bernardo Vieira Ravasco, Gregorio de Mattos Guerra, e seu irmão Eusebio de Mattos. Si bém que na segunda plana muitos outros apparecem que são dignos de recordação.

Foi, como é geralmente sabido, o seculo XVIII que deu maior desenvolvimento á civilisação do mundo, pelos conhecimentos encyclopedicos e o derramamento de instrucção, que praticou em todas as classes da sociedade: da França partia todo o

movimento para o resto da Europa, e para as demais nações do globo. Voltaire, Rousseau, Montesquieu, eram os astros brilhantes em torno dos quães resplandeciam, como seus satellites, Hume, Robertson, Gibbon, Lessing, Wieland, d'Alembert, e Beccaria. Acompanhava Portugal a marcha com Antonio Diniz da Cruz e Silva, Pedro Antonio Correia Garção, Domingos dos Reis Guita, nascidos no seu solo, e Antonio José da Silva, José de Santa Rita Durão, José Basilio da Gama, Claudio Manuel da Costa, Antonio Pereira de Sousa Caldas, e outros homens notaveis, originarios do Brazil.

Seguiram os litteratos brasileiros as mesmas pisadas dos litteratos portuguezes; confundiam-se perfeitamente uns com outros, por que nada tinham de nacional afóra o nome, e o acáso de haverem no Brazil nascido. É fado que até este seculo que ora decorre, tendo o Brazil produzido tantos e tão grandes engenhos, á todos ou á quasi todos se pode^t dirigir a censura de serem imitadores dos escriptores europeos, e de se não entregarem ao livre vôo de sua romanesca imaginação.

Começava entretanto o Brazil a desenvolver-se e engrandecer-se. Já pesava a colonia na balança, e se avantajava em superioridade ás colonias da Asia, que desde 1580 foram decahindo e desaparecêndo, e ás da Africa, que nunca progrediram. Olhava Portugal para o Brazil, como a sua parte mais importante e necessaria : repetia-se na Europa o seu

nome, e aos antigos capitães gèneraes succediam no governo vicereys, e abalisados estadistas, o que demonstra o cuidado que ia merecendo.

Embora fallassem os seus habitantes a mesma lingua, tivessem os mesmos habitos, e adoptassem os mesmos costumes; fossem todos, por assim dizer, da mesma familia, filhos unos dos outros, entrelaçados, unidos por sangue, parentescos e affins; como que todavia o seculo XVIII preparava a separação dos dous reinos; dizia-se já Brasileiro para especificar o Portuguez que nascêra na America.

Não escapou este facto notavel á Dom Luiz da Cunha, diplomata de Dom João V, e nem já anteriormente á elle deixara de ser advinhado por outros distinctos Portuguezes. Dom Pedro da Cunha aconselhou, no seculo XVI, ao pretendente Dom Antonio, que se passasse para o Brazil, creasse um imperio, fundasse a sua còrte no Rio de Janeiro, e d'ahi movesse e sustentasse a guerra contra Fellope II da Hespanha; o padre Antonio Vieira insinuava, no tempo de Dom Pedro II, a transferencia da còrte para um centro dos Estados portuguezes como meio mais effizaz de oppôr barreiras á desmembração do reino. Pressentira tambem este acontecimento o marquez de Pombal, e tratava por isso ao Brazil no mesmo pé de egualdade que á Portugal; parêce mesmo que sua attenção se dirigia para a cidade de Belem no Pará como a futura séde da monarquia portugueza.

Cahem porem os homens e corre o destino por

cima de suas obras, sem que seja dado á mente humana descobrir e advinhar futuros.

E como olvidáram os nossos poetas e escriptores do seculo XVIII as côres e bellezas da Patria para descantarem côres e bellezas alheias? Como não exprimiam essa ideia ainda em embrião, e que começava já todavia á comprehender o povo do Brazil, como a sua regeneração politica, e a sua futura nacionalidade, quando durante o seculo varias tentativas de independencia nacional apparecêram de que apenas resultáram perseguições para os seus auctores?

Si por um lado temos queixas contra a maioria dos escriptores brazileiros, que só conheciam as aguas do Tejo, do Douro, do Minho, e do Mondego, e as pastoras da Beira, cobrindo tudo com imagens da mythologia grega, segundo o gosto classico do tempo, por outro lado cumpre tambem advertir que lá lhes escapam ás vêzes dos labios conticos nacionaes, como si foram relampagos, e são esses seus mais bellos, e seus mais sublimes cânticos; é a reminiscencia do solo natal, que os persegue e angustia, e no meio de suas ficções se lhes apresenta como phantasma, e lhes inspira um momento de desespero, mas momento bello e poderoso.

A litteratura brazileira do seculo XVIII foi uma copia da portugueza, como já era esta uma copia da franceza: reconhecem-se porém, atravez do seu prisma, a sua nacionalidade, e a sua origem sagrada.

Em todos os conhecimentos humanos primaram os Brasileiros á par dos Portuguezes : nos escriptos, e em todos os feitos notaveis, uns e outros rivalisáram.

O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, José Mariano da Conceição Velloso, Manuel de Arruda Camara, Alexandre Rodrigues Ferreira, Francisco de Mello Franco, João da Silva Feijó, Frey Leandro do Sacramento, Manuel Ferreira da Camara Bittancourt e Sá, José Bonifacio de Andrada Silva. e Antonio Nola, illustraram as sciencias naturaes, e contribuíram com seus escriptos importantes, e seus valiosos descobrimentos, para honra e renome seu, e da nação portugueza : pertenceu a maioria d'elles á Academia Real de Historia Portugueza, e á Academia Real de Sciencias de Lisboa, quando substituiu áquella; publicaram ambos trabalhos interessantes por elles elaborados, e que se encontram nas collecções das memorias scientificas e litterarias d'esses dous estabelecimentos. Adquiriram brilho as sciencias socias e politicas, historicas, philosophicas e economicas, á apparição de Alexandre de Gusmão, João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, Gaspar da Madre de Deus, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Dom José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, José de Souza Azevedo Araujo Pizarro, Manuel Ayres do Casal, José da Silva Lisboa e Antonio de Moraes e Silva.

Tocou a eloquencia a méta do seu apogeo com Antonio Pereira de Sousa Caldas, e Frey Francisco de São Carlos, dignos discipulos dos mais famosos Padres da Igreja.

Ainda não tinha apparecido Lamartine com seus canticos religiosos, seus hymnos de enthusiasmo, e seus suspiros de arrobo mystico, e já um poeta brasileiro, Antonio Pereira de Sousa Caldas, tangia essa corda da lyra moderna. Sua alma grande como o universo, sua imaginação vasta como o pensamento de Deus, e melancholica como o som da harpa no meio da escuridão das trevas, lhe haviam inspirado a poesia sublime do christianismo, e creado um mundo novo de ineffaveis delicias.

Ainda não tinha vindo electrizar os espiritos europeos em favor dos gentios da America o celebre romancista Fenimore Cooper, e já nos seus admiraveis poemas haviam José de Santa Rita Durão e José Basilio da Gama descantado os usos e costumes extraordinarios, a vida e curiosas aventuras dos gentios do Brazil, descortinando aos olhos de todos os combates que entre si travavam, e os que sustentaram contra os Portuguezes, que invadiam as terras por elles occupadas.

E muitos outros como Claudio Manuel da Costa, e Januario da Cunha Barbosa, ao passo que acompanhavam as inspirações dos poetas portuguezes da Arcadia, quasi que não se diferenciando de Antonio Diniz e de Garção, lá viam todavia luzir-lhes, como

um relampago, uma ideia nacional que se traduzia no poema *Nicterohy*, e no cantico do *Ribeirão do Carmo*.

Foram as possessões asiaticas que ao principio occupáram e absorveram toda a attenção de Portugal. D'ali tirava as maiores riquezas e a maior somma de gloria e de prosperidade. Com o governo dos Fellices da Hespanha desappareceram de cima das fortalezas da Asia as glorias de Dom Francisco de Almeida, os monumentos de Affonso de Albuquerque, e os trophéos de Dom João de Castro, e de tantos outros illustres guerreiros, que estenderam bem longe o dominio e o nome do seu paiz. Restabelecida a independencia portugueza, nunca mais pode a nação reivindicar dos Hollandezes e outros povos o seu direito de primeiro conquistador e possuidor das Indias.

Durante o periodo de 1560 á 1640 atrasou-se e perdeu tambem muito o Brazil. Acclamado porém Dom João IV de Bragança, ergueu-se elle quasi que por si só; expellio do seu solo os Batavos invasores, e foi exclusivamente a colonia que alimentou a metropole até o momento feliz em que se emancipou e constituiu-se imperio novo, collocando sobre o throno americano o filho mais velho do ramo varonil da Casa real de Bragança, e abrindo para si proprio um futuro novo, e uma nova gloria.

Foi durante o seculo XVIII que ao Brazil alguma attenção prestou Portugal; nada mais esperava dos seus antigos dominios da Asia; devia-lhe vir tudo da

America. Deu-lhe então excellentes governadores como Gomes Freire de Andrade, que realizou innumerables beneficios no Rio de Janeiro, em Minas, em São Paulo, e no Rio Grande do Sul; vice-reis prestimosos, com o marquez de Lavradio, e Luiz de Vasconcellos e Souza, que tratáram do cultivo do anil, do café, do canhamo, e da coxonilha, e coadjuvaram associações e individuos para o desenvolvimento da industria e das sciencias; logrou porém em compensação riquezas immensas e um vasto commercio, que assoberbou a metropole, e entre as nações mais importantes do globo lhe conserváva a primazia.

Nem sempre infelizmente praticáram os governos de Portugal o principio da egualdade na sua applicação a todos os territorios da Corôa lusitana. Um ou outro estadista, como o marquez de Pombal, que antevio o futuro, considerava as possessões americanas não como colonias, antes porém como partes integrantes da monarquia da Casa de Bragança. Isca-dos de injusto, e impolitico ciume, procuravam outros todavia obstar ao desenvolvimento natural do Brazil, ou prohibindo n'elle a fundação de officinas typographicas, quando á muito tempo as possuíam Gôa, Damão, Macáo e o Japão; ou restringindo o número dos tribunaes superiores no judicario e no administrativo, e obrigando-o por este feitio á procurar todos os recursos no seio da metropole; ou extinguindo emfim todas as fabricas e manufacturas

de ouro, prata, sedas, linho e lãs, com o intento de privilegiar os seus estabelecimentos europeos (4).

Creava-se assim na colonia uma instinctiva tendencia para a emancipação : por vêzes se manifestou ella, realisando actos materiães, que se malograram, por que tempo não era ainda de dividir-se e desmembrar-se a monarquia portugueza. Quando porém, fugindo da Europa, procurou no Brazil a côrte portugueza um refugio contra as pretenções de Napoleão Bonaparte, que accurvára os seus dominios europeos, mudaram-se de todo as scenas. Metropole tornou-se a antiga colonia. Da liberdade commercial, que concedeu o principe regente aos portos do Brazil, resultou uma independencia de facto, que o direito necessariamente teria de sancionar. Com a residencia da soberana e da côrte no Rio de Janeiro, adquirio o paiz os costumes e a indole monarchica, que, na sua emancipação, conseguiu conservar. Com as luzes e a civilisação, que se lhe internáram por todos os poros, almejou instituições livres, que realizou na sua independencia.

Sob novo aspecto resplandece no horisonte o seculo XIX. É para o Brazil a epocha da independencia e da liberdade. Entre as nações tomou lugar, quebrando as cadeias coloniães que o ligavam á metropole. A velhas usanças, e a instituições antigas succederam ideias novas e de progresso. Vê por si, comprehende, e julga as cousas. Marcha, e avança com suas proprias forças, e sente por todos os poros

espraiar-se-lhe a civilisação, que espontaneamente o exalta e engrandêce.

É o seculo da historia, da philosophia, da critica, e das sciencias sociâes e economicas : é a epocha do desenvolvimento material, e das artes ; é tambem a era da poesia livre, que presta o seu colorido, a sua elevação, e a sua perspectiva á tudo quanto a rodeia, e se realiza no mundo.

Nascêmos com o seculo XIX, accompanhemol-na carreira extraordinaria, que leva, e que tanto o distingue dos seus antecessores.

NOTAS.

(1) Taba é a aldeia, que levantavam os gentios para os seus domicilios transitorios; de tres em tres annos, ou pouco mais, costumavam mudar de sitio, e estabelecer as tabas em outros logares.

(2) Tacape é a grande massa de páu, de que os gentios se serviam como arma, e que os Americanos do Norte chamavam tomahawk.

(3) O primeiro ouro que se extrahio do Brazil foi encontrado na provincia de São Paulo pelos annos de 1686 e 1689. Sómente em 1695 foi ao governador da provincia do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, apresentadas as primeiras amostras da provincia de Minas Geraes, que descobriram Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siquiera. As minas da Jaguára, de São Paulo, forneceram o primeiro ouro; as do Serro em Minas offereceram os primeiros diamantes em 1729.

(4) O alvará de 5 de janeiro de 1785 assignado por Martinho de Mello, ministro da rainha Dona Maria I, mandou extinguir no Brazil todas as fabricas de lães, linhos, etc., á pretexto de haver em Portugal eguaes estabelecimentos: parêce que se quiz imitar á Lord Chatham, que era de opinião que nas colonas inglesas da America se não devia permittir fabrica nem-uma.

VARÕES ILLUSTRES

DO BRAZIL

DURANTE OS TEMPOS COLONIÁES.

SECULO XVI.

I.

JOSÉ DE ANCHIETTA.

I.

No seio do Oceano Atlantico, mais proximas da Africa do que da America, correndo de 26 á 30 gráus de latitude Norte, existem disseminadas, e quasi que symetricamente collocadas, umas vinte ilhas, de todas as dimenções, e da mais encantadora physionomia. Haviam já sido visitadas pelos Phenicios e Romanos, e perfeitamente conhecidas por Estacio Seboso e o rei Juba. Fazem d'ellas cumprida menção Plinio e Ptolomeu, dando-lhes o nome de Ilhas Afortunadas. Eram seus habitantes considerados descendentes dos Getulos et dos Libyos, que residiam nas costas da Africa, que lhes ficam fronteiras.

Desde que o Imperio Romano desmoronou-se, e desapareceu na noite da idade media, perdeu a Europa o conhecimento d'estas ilhas; decorreram seculos e seculos até que uns aventureiros castelhanos, pelo meiado do anno de 1395, as descobriram de novo. Dom Henrique III, rei então de Castella, denominou-as Canarias, e d'ellas fez doação a um barão da Normandia, chamado João de Béthencourt, para que as lograsse como feudo de sua monarchia.

Teve que sustentar João de Béthencourt continuas guerras contra os seus habitantes: cansado, e exausto de forças, vendeu, pelos annos de 1416 a 1420, o direito e posse, que sobre ellas conseguira, a Dom Henrique de Viseu, infante de Portugal, e filho d'ElRei Dom João I. Seguiram-se luctas sanguinarias entre os novos conquistadores enviados pelo infante, e os indigenas, que se defendiam valorosamente: vencidos por fim estes completamente, foram compellidos á submetter-se; e o archipelago das Canarias tornou-se, durante o reinado de Dom Fernando e Dona Isabel, indisputavel possessão da corôa hespanhola.

É Teneriffa uma d'estas ilhas, a maior, a mais cultivada e a mais populosa. Distingue-se pela elevação do seu pico, que tem onze mil quatrocentos e vinte quatro pés acima do nivel do mar. A quarenta leguas de distancia, quando o horizonte está sereno e puro, e nem uma nuvem mancha a

claridade do dia, costumam descobrir os navegantes essa elevada montanha, de origem volcanica, que ergue magestosamente a sua cabeça, e some-a nas immensuraveis alturas aonde não alcança a vista humana.

Quando em 1516 tomou posse do throno das Hespanhas Dom Carlos de Gand, neto e successor de Dom Fernando e Dona Isabel, que foi eleito posteriormente imperador da Allemanha, e é conhecido na historia pelo nome de Carlos V, lavrou porfiada sedição em todo o reino que hesitava em aceita-lo como rei. Proscripto, e finando-se na miseria, acabou Ximenes, o cardeal ministro, que, durante o preterito reinado, tanto fizera sobresahir a gloria da Hespanha, quer animando Christovão Colombo nas suas brilhantes expedições, de que tantas vantagens provieram ao mundo, quer expellindo para sempre da Europa os cavalheiros Arabes, com a redução do seu ultimo reducto de Granada. Morreu no cadafalso João de Padilla, que á testa dos Communeros ousára attacar o novo monarcha, acabando assim com elle as franquezas de Castella, e a reunião das antigas cortes: emigrou da Hespanha grande parte da nobreza, refugiando-se nos estados visinhos.

Procurou asilo em Teneriffa um Anchietta, de linhagem pura de Guipuzcôa, e de sangue biscainho; pertencia aos communeros, e, como todos os seus companheiros, se exilava da patria. Ali

encontrou repouso, estabeleceu-se, casou-se, e de suas passadas grandezas se foi pouco e pouco esquecendo; as saudades e memorias são verdadeiras flores, e, como as flores, desbotam-se e murcham.

Em 1533 nasceu José de Anchieta, fructo do matrimonio d'esse communero castelhana com uma indigena das Canarias.

Foi sua educação dirigida por seu pai; desde a infancia recebeu dos labios paternos a instrucção moral e religiosa, que um homem de bons costumes sõe dar, e que sabe receber um joven de indole pura; aprendeu a ler e a fallar a sua lingua, os rudimentos da lingua latina, as explicações da doutrina christã, e alguns visos longes de litteratura tanta quanta possuia um dos mais instruidos fidalgos castelhanos n'aquella celebrisada época do cavalheirismo.

Revelou desde a infancia talentos brilhantes, e deu motivos ás mais lisongeiras esperanças: perspicaz e engenhoso, aprendia com rara facilidade, e comprehendia perfeitamente cousas que parecem apenas comprehensíveis em edades mais avançadas que a sua; realisava-se n'elle o pensamento philosophico de que o espirito divino dorme na planta, sonha no animal, e vive acordado no homem; sisudo e pensador, ao passo que estudava os livros escriptos pelos homens, folgava de procurar a solidão, de entranhar-se pelos penedos de sua ilha natal, e de abrir o livro da natureza, que contém

de certo muito mais sublimes paginas do que tudo o que é obra humana; ali os seus olhos encontravam o grande e admiravel panorama de um céu limpido e claro; um oceano vasto e magestoso, como a ideia da eternidade; e a terra que se sumia no meio d'elle como um atomo perdido no espaço.

Como não havia de harmonisar-se a sua alma com a natureza, si desde que lhe sôou aos ouvidos o primeiro som da harpa da vida, a grandeza das obras de Deus se lhe manifestou aos olhos? O céu, o mar, e a sua ilha natal pareciam-se tres irmãs, que docemente se abraçavam e se beijavam; ali deparrava com todos os esplendores mysteriosos da magestade divina, desde a planta que vegeta, a flor que desabrocha, o fructo que cresce, o passarinho que gorgeia os seus amores, o rio que sáhe da terra, e ao mesmo tempo a rega, e fertilisa, a vaga que murmura sobre o rochedo, e a brisa que enverga os ramos das arvores, até o mais elevado phenomeno da vida.

Leu perfeitamente o velho communero no coração e na intelligência de seu filho; conheceu a fortaleza de sua alma, e a transcendencia de seu engenho; e a tão preciosas qualidades tratou de dar o necessario desenvolvimento.

Já era então conhecida a universidade de Coimbra, que fôra fundada em Lisboa no anno de 1290 por ElRei Dom Diniz, e definitivamente fixada n'aquella cidade em 1537 por ElRei Dom João III, o qual, refor-

mando-a com novos estatutos, e dotando-a com o melhor pessoal e o mais habilitado do tempo, applicou-lhe rendas sufficientes para que rivalisasse na sciencia com as universidades de Salamanca e Alcalá, que gozavam da mais vasta nomeada.

Na idade de quatorze annos foi José de Anchieta enviado por seu pai para a universidade de Coimbra á fim de cursar suas aulas. Nem-um estudante comportou-se melhor na sua vida escholastica : era a sua moral a mais elevada, os seus costumes os mais puros, e a sua religião a mais profunda e sincera; attrahiram-lhe os seus actos universitarios reputação e a estima de seus mestres : admiravam-se geralmente o som harmonioso de sua voz, a delicadeza de suas expressões, a agudeza de seus pensamentos, e a eloquencia de suas praticas.

Tiveram os Jesuitas noticia dos elevados talentos de José de Anchieta; o provincial Simão Rodrigues percebeu quanto ganharia o instituto com a aquisição de um estudante que tanto promettia. Folgava a Companhia de attrahir a seu gremio todas as intelligencias superiores; procurou logo o provincial e tratou de convence-lo que não podia seguir carreira que mais propria e gloriosa lhe fosse do que a da Companhia de Jesus.

Havia ella sido fundada em 1534 por Ignacio de Loyola, Hespanhol de tanto valor pessoal, como de subido engenho : em 27 de septembro de 1540, obtendo do papa Paulo III a bulla *Tangimini mili-*

tantis ecclesiae, que sancionava a sua instituição, deu-lhe o fundador a mais feliz e admiravel organização : constituiu-se a Companhia um governo proprio, funcionando espontaneamente : foi a sua séde, capital ou centro a cidade de Roma, residencia do geral, autoridade absoluta e illimitada : era o Pontifice romano o chefe da christandade; era o geral dos Jesuitas o chefe da Companhia: comprehendia a christandade a maior parte do mundo então conhecido; estendeu tambem a Companhia o seu poder e a sua influencia sobre a maior parte do globo, fundando institutos em Portugal, Allemanha, Hespanha, França e Paisos Baixos, para o fim de defender o catholicismo contra a reacção protestante, que se levantava, e ia ganhando terreno; e enviando missões a Fez, ao Congo, a China, ao Japão, a Marrocos, e aos demais pontos do mundo que se descobria, no intuito de desenvolver a religião catholica, e augmentar-lhe os proselytos. Tinha o Papa o seu collegio de cardeaes; cercava-se o geral dos seus consultores. Dividia o Papa os seus dominios em arcebispados e bispados; fazia o geral de cada reino uma provincia, á testa de cada provincia collocava um chefe, com o nome de provincial, e que lhe era inteiramente subordinado; dividia-se ainda cada provincia em collegios com seus reitores, prestando obediencia ao provincial. Costumava o Papa mandar syndicar por emissarios de sua confiança os acontecimentos de sua grei,

e o comportamento de seus prelados; nomeava também o geral, e quando lhe convinha, padres visitantes, que viajavam o mundo, e lhe participavam todos os progressos da Companhia. Forão n'essa epocha o Papa e o geral dos Jesuitas as maiores potestades da época, porque na sociedade preponderava o espirito religioso, como o elemento o mais efficaz d'ella, e ambos os chefes se mostravam movidos do mesmo interesse de sustenta-lo e propaga-lo.

Parêce que não teve infancia a Companhia de Jesus; sahio cheia de força e de vigor das mãos de Santo Ignacio, como sahio o homem das mãos do Creador: veio á tempo proprio para auxiliar a Santa Sé nas luctas que contra ella travára a heresia, e para firmar as conquistas que faziam os monarchas catholicos nas terras que descobriam: possuia em seu seio e chamava a si os maiores engenhos da epocha. Fundava collegios para a educação; abria aulas de instrucção primaria, secundaria e superior, quer para os membros da associação, quer também, e gratuitamente, para o povo; soccorria a todos os infelizes e necessitados; pregava por toda a parte obediencia ás autoridades, respeito á lei, amor á religião; pelas affeições, pelas sympathias e pela gratidão, fundava-se a reputação da Companhia, e estendia-se a sua influencia.

A Dom Manuel o Affortunado succedêra em 1522 no throno portuguez Dom João III; foi quem abriu á Companhia as portas de Portugal, e protegeu-a mais

do que qualquer outro monarcha da Europa ; deu-lhe pensões do thesouro publico, casas gratuitas para residencia de seus socios, e sendo seu principal intuito obter sujeitos capazes de derramar o conhecimento da religião catholica pelos paizes que os Portuguezes havião descoberto e conquistado, concedeu á Companhia ampla liberdade de enviar as suas missões, fundar os seus collegios, e dirigir o culto e a instrucção publica em todos os seus estados asiaticos, africanos e da America.

Era então a nação portugueza a mais pequena da Europa em territorio, uma porém das mais poderosas pelo seu commercio, navegação, riqueza e dominios coloniães. Desde que apprehendeu expedições maritimas o infante Dom Henrique de Viseu, e já á sua custa, já á expensas do real erario, conseguiu descobrimentos importantissimos para a corôa e para o paiz ; enthusiasmaram-se os Portuguezes por conquistas e viagens, e não contentes com o sorrir da victoria pelas terras dos Agarenos de Fez, Marrocos e Trudante, atiraram-se denodadamente aos mares, e d'entre elles, como feiticeiros, levantaram novos mundos até então ignorados.

Foram por elles encontradas as ilhas da Madeira, Porto-Seguro, Açôres, São Thomaz, Cabo-Verde e Annobom, toda a costa do Congo e Mina; muito além do cabo Bojador, dobrou Vasco da Gama o formidavel promontorio que Bartholomeu Dias avistára pela primeira vez, abrindo assim a seus

compatriotas espantados o immenso e colossal commercio da India. Para completar tão gloriosa collecção de riquezas admiraveis e novas, dotou ainda Pedro Alvares Cabral o seu paiz com o magnifico continente do Brazil, que ao 22 de abril de 1500 inesperadamente descobrira na derrota, que levava para a India, procurando continuar as conquistas que aquelle feliz argonauta conseguira effectuar.

Por toda a parte tremulou victoriosa a bandeira portugueza; em Gôa, Sofala, Diú, Damão, Ceuta, Tangere, Ceylão, Alzira, Moçambique, Mascate, Melinda, Ormuz, Calicut, Malaca, Sumatra, Borneo, Timor e Java, ao apogeo de grandeza elevaram o nome e o dominio dos Portuguezes a pericia de Dom Affonso de Albuquerque, a ardidez de Dom Francisco de Almeida, e o valor denodado de Dom Duarte Pacheco.

E não importava que esses homens, em cujas veias parecia correr o sangue, e no espirito scintillar o fogo dos heróes de antigas eras, morressem quasi todos abandonados pela ingratição, ou atirados na maior miseria; era então a terra de Portugal propria de grandes homens; appareciam novos para substituir aos antigos; como as phenix, renasciam heróes das cinzas de outros heróes; e si um ou outro, como Fernão de Magalhães, cansado de perseguições, corria a alistar-se sob estandartes de estranhos monarchas, sobravam os Fernãos Mendes Pinto, os Antonios Galvões, os Gonsalos Mendes Caçotos, os

Joãos de Castro, e os Luizes de Camões, para garantir a lealdade lusitana.

Brilhava e resplandecia por todo o mundo o nome da nação portugueza; e os Jesuitas que, desde sua apparição, tomaram parte indirecta, mas activa, nos negocios publicos, e movidos de zelo apostolico, ardiam de levar aos confins do universo a propagação do christianismo, incitavam ainda o monarcha e o povo para esses immensos descobrimentos, cuja historia conserva ainda nos nossos tempos tanto de poetico quanto de grandioso. Acompanhavam os Jesuitas todas as expedições maritimas, para fundarem ao pé da conquista da espada a conquista da religião.

Como poderia José de Anchieta, alma pura, religiosa, e enthusiastica, recusar-se a pertencer a uma Companhia cuja reputação crescia progressivamente, e cujo fim tão harmoniosamente lhe fallava ao coração? Os Jesuitas o procuráram; entregou-se á Companhia; exigiram-lhe o voto de castidade, deu-o sem a menor repugnancia; impuzeram-lhe o juramento de abandono do mundo e de fidelidade á instituição, prestou-o com toda a sinceridade de sua alma; foi em 1551, e na idade de dezoito annos, que entrou José de Anchieta para a Companhia de Jesus, tomando gráu de noviço que era o primeiro do instituto.

Dando-se credito á chronica do padre Balthasar Telles (1), ás historias dos padres Simão de Vascon-

cellos (2), Eusebio de Nurembergue (3), Nicolau Orlandini (4) e Pedro Rodrigues (5), e á vida de José de Anchieta, que do latim de Sebastião Beretario trasladou em castelhano o padre Estevam de Paternina (6), um verdadeiro milagre de Deus foi que convenceu e inspirou o zelo e fervor religioso de José de Anchieta, em occasião em que, passeando pelas alegres margens do Mondego, dirigio seus passos para a igreja da Companhia de Jesus, e, perante seus altares, implorou humildemente que se lhe abrissem as portas d'ella, como as da graça divina, e da sua salvação.

II.

Abrio a Companhia de Jesus os seus thesouros litterarios ao noviço que anciava instruir-se; possuia ella então em Coimbra a casa do Santo Nome de Jesus, que lhe fôra doada em 1542, aonde estabelescêra classes de rhetorica, humanidades, lingua latina, theologia moral, explicação da esphera, e principios de mathematicas; dirigia, além d'isto, o collegio das artes e estudos menores, que lhe confiára ElRei Dom João III, destacando-o do governo da universidade. A eloquencia, a poesia, a historia, as linguas mortas e a theologia, tornou-se tudo em pouco tempo familiar a uma intelligencia tão perfeitamente organizada, como era a de José de Anchieta. Não se contentava porém a Companhia com

os dotes do espirito ; queria obras tambem : tinha em seu seio sujeitos os mais instruidos da epocha ; exigia que fossem ao mesmo tempo homens de acção ; precisava a Companhia de estender o seu poderio e a sua influencia, correspondendo ás vistas do seu fundador, levantando monumentos em todos os pontos do universo, e preparando homens para tudo, por que sabia applica-los conformê as aptidões e vocação que cada um manifestasse.

Fôra em 1541 enviado para a India o padre Francisco Xavier, que tão importante nomeada grangeou, e cuja vida resplandecente de gloriosos feitos escreveu eloquentemente o padre João de Lucena (7). Apenas centralizou ElRei em 1549 o governo do Brazil nas mãos de Thomé de Sousa, e para ali lhe ordenou seguisse viagem, expediu conjunctamente a Companhia os padres Manuel de Nobrega, João de Aspiciuella Navarro, Leonardo Nunes, Antonio Pires, e dous irmãos mais, para que fundassem collegios no novo dominio da Corôa portugueza, e admittissem no gremio da Igreja catholica os indigenas do paiz, que a bulla do papa Paulo III de 1537 declarára homens livres e racionaes (8). Seguiram áquelles obreiros alguns outros que aproveitando a companhia de Dom Pedro Sardinha, primeiro bispo nomeado para o Brazil, partiram para a Bahia no anno de 1550 : eram os padres Affonso Braz, Salvador Rodriguez, Manuel de Paiva, e Francisco Pires.

Enthusiasmaram-se os Jesuitas com as noticias que do resultado d'estas expedições chegaram ao provincial de Portugal, e que por elle foram fielmente transmittidas ao geral da Companhia. Os feitos praticados por seus irmãos entre tribus nomades e errantes de gentios que habitavam o paiz; e os triumphos que alcançavam em prol da religião, attrahindo, com a influencia da palavra, e com a modestia de suas obras, a tantas ovelhas desgarradas do rebanho do verdadeiro Deus; incitavam os brios de ir para o Brazil, e provavam ao mesmo tempo a necessidade de dar-se á Companhia no novo mundo uma organização mais regular e mais ampla.

Foi por Ignacio de Loyola declarado o Brazil provincia independentê da provincia de Portugal, que bem importante já era, e que possuia além das casas do Santo Nome de Jesus de Coimbra, a do Espirito Santo de Evora, e as de Santo Antão e São Rôque de Lisboa, algumas diversas residencias nas cidades de Braga, Porto e Bragança, com já avultado numero de socios: foi nomeado o padre Manuel de Nobrega provincial do Brazil; e ordenou-se que partissem de Portugal e da Hespanha o maior numero possivel de Jesuitas para tão importante missão.

Em 1558 seguiu viagem Dom Duarte da Costa, para substituir no governo do Brazil a Thomé de Sousa, que findára seu quatriennio, e se devia recolher a Portugal. Com o novo governador se embarcaram os jesuitas Luiz da Grã, Braz Lourenço,

Antonio Pires, e varios ainda no gráu de irmãos, entre os quaes se contava José de Anchietta, que, ardendo de ambição de passar-se ao Brazil, conseguira dos seus superiores realizar os seus desejos.

Importantes serviços havia Thomé de Sousa, primeiro governador do Brazil, e esforçado cavalleiro das guerras d' Africa e d' Asia, prestado á corôa durante a sua administração : quando, em 1549, chegou á Bahia, achava-se dividido o paiz em pequenos feudos, com o titulo de donatarias; pela maior parte, tinham sido infelizes os donatarios; perderam uns todas as suas riquezas, outros a sua vida, procurando, no meio de bravias nações de gentios, formar estabelecimentos, que continua e desapiedlyadamente soffriam de atraçoeiros combates, e inesperados assaltos dos indigenas : muitos nomes celebres da historia portugueza viram desapparecer no Brazil a sua gloria, e murchar os seus loiros, tão valentemente colhidos nas guerras d' Asia e d' Africa. Morreram á frexadas Francisco Pereira Coutinho, donatario da Bahia, e Ayres da Cunha, de uma capitania do Norte. Pedro do Campo Tourinho, donatario do Porto Seguro; Vasco Fernandes Coutinho, do Espirito Sancto; Pedro Lopes de Sousa, de Itamaracá e Sancto Amaro; Pedro de Góes, de São Thomé; e João de Barros, do Maranhão, perderam toda a sua fortuna além de muita gente, com que procuráram colonisar as terras que lhes haviam sido concedidas. Martim Affonso de Sousa, donatario da capitania de

São Vicente, e Duarte Coelho da de Pernambuco, foram talvez os unicos que tiraram proveitos das suas concessões, segurando o seu dominio no solo que lhes coube em partilha.

Eram pequenos estados, sem força para resistir ao crescido numero de gentios, distantes uns dos outros, zelosos uns dos outros, e não se podendo mesmo mutuamente socorrer : foi lembrança feliz de Dom João III chamar estes feudos á corôa, indemnisando os seus proprietarios, ou successores; centralisar o governo de todo o immenso continente de Santa Cruz nas mãos de um só homem; e assim collocar-se directamento o throno á frente da colonisação do novo estado.

Achou Dom Duarte da Costa unidade e regularidade na administração; encontrou os gentios vizinhos accommodados, e em paz com os Portuguezes, e o governo habilitado para resistir aos ataques d'aquelles que lhe eram infensos; e o que é mais precioso para uma auctoridade, rodeiava-a immensa força moral, que a fazia respeitar de todas as nações brazilicas.

E não fôra este feliz resultado devido unicamente ao valor e á espada; si bem serviam ao governador os soldados e colonos, ganhando-lhe terrenos, e estendendo o seu dominio, os feitos dos padres da Companhia de Jesus iguaes senão superiores vantagens traziam á corôa lusitana.

Viviam de esmolas os Jesuitas, vestiam-se de

algodão, andavam descalços, dormiam sobre a terra fria, trabalhavam com suas próprias mãos na edificação das suas casas, que eram verdadeiras cabanas feitas de páu e folhas de palmeira, e das suas igrejas que se esforçavam sempre de embellezar; abriam escolas gratuitas de instrução primaria; ensinavam officios mechanicos; praticavam a medicina e a cirurgia; e consolavam e soccorriam os infelizes e afflictos colonos nos seus transe amargurados.

Pelas nações indigenas erão os padres da Companhia considerados eguáes aos anjos: salvavam os gentios, quando alguns Portuguezes os pretendiam maltratar ou escravisar; atravessavam as virgens mattas, aonde nem o sol nem a lua advinham caminho; passavam caudalosos rios; iam pousar nas suas tabas; serviam-se das suas inis (9); assistiam ás suas festas, animadas pelo chocalho sonoro das suas maraccas (10); praticavam com elles, esforçando-se d'este modo por arranca-los a seus barbaros costumes, e chama-los ao gremio da religião catholica, e á união com os Portuguezes.

Dirigira-se Aspicuelta Navarro para o Porto Seguro, e lá conciliava os Tupiniquins; chamava Antonio Pires em Pernambuco á união os sinceros Taboyaras, os ferozes Caethés, e os valentes Pittaguarés da Parahyba; no Espirito Sancto reunia Affonso Braz os Papanases aos seus compatriotas; haviam-se estabelecido em São Vicente Leonardo

Nunes e Manoel de Paiva, empregando toda a sua actividade em abrandar os Carijós e Goyannases, vizinhos dos altivos Tamoyos do Rio de Janeiro; na Babia, o proprio provincial, e os padres Francisco Pires e Luiz da Grã, muito tinham que fazer para conseguir tranquillisar as tribus tupinambás, que tantas queixas tinham dos Portuguezes.

E não era facil tarefa a de conseguir adormecer em animos incultos odios nascidos de affrontas que haviam recebido; tantos mais obstaculos encontravam os Jesuitas, quanto entre os Brazís gozavam os Portuguezes de pessima nomeada pelos seus feitos e traições.

Tinha José de Anchietta vinte annos quando abandonou a Europa, e se entregou de todo ao Brazil; até ali animava-o puro e religioso enthusiasmo; não conltecia gloria maior do que a de fallar ás convicções, e de propagar o christianismo; para conseguila, tudo deixou; primeiramente trocou o mundo pela vida trabalhosa de jesuita; desamparou depois a terra civilisada da Europa pela terra inculta da America, o commercio dos homens industriosos e instruidos pela pratica de selvagens sem lei e sem Deus; e á seu paiz, á seus pais, á seus amigos, á sua ventura terrestre, á seu repouso de corpo e de espirito, preferio o serviço de Deus, como objecto que para elle era de valor mais subido.

Quando a seus olhos curiosos descortinou o solo do Brazil todos os seus esplendores, e todos os

seus encantos, contam os historiadores, que se extasiara, e banhado em pranto agradecêra á Deus o haver-lhe concedido a graça de beijar uma terra virgem, á qual pudêsse dedicar todo o seu amor.

Poucos mezes demorou-se na Bahia : já na antiga capital do Brazil havia fundado a Companhia um seminario de instrucção primaria; obreiros intelligentes e decididos o dirigiam; julgou o provincial, que se achava então em São Vicente e ali havia estabelecido um collegio no anno de 1549, que aproveitaria melhor os talentos de José de Anchieta chamando-o para esta capitania, e incumbindo-lhe a tarefa de organizar outro seminario de instrucção mais para o interior das terras, para onde convergisse a população indigena que vivia dispersa e perdida no fundo dos bosques.

Bem tormentosa e difficil foi a sua viagem da Bahia para São Vicente; naufragou o navio nos Abrolhos; depois de inauditos padecimentos, salvaram-se no Espirito Sancto os navegantes; demoraram-se ahi até que outro navio os conduziu ao seu destino.

Chegado á São Vicente, tratou José de Anchieta de cumprir immediatamente a sua missão, correspondendo ás vistas do seu provincial; nos bellos e arejados campos de Piratininga, estendidos em algumas leguas de mares de fermosas planicies, povoados de copadas arvores, retalhados de rios os mais pitorescos, e distantes cerca de doze legas de São Vicente,

formou elle o terceiro collegio regular do Brazil, no anno de 1554; disse-se ahi a primeira missa á 25 de janeiro em que celebra a Igreja a conversão de São Paulo, e foi o logar consagrado ao apostolo d'este nome: ao lado do collegio ergueu-se o novo seminario de instrucção, com aulas de primeiras letras, de grammatica portugueza, das linguas castelhana, e latina, e de doutrina christã, destinadas não sómente para colonos e mamelucos (14), senão tambem para os gentios que se cathequisassem, e aldeiassem.

Foi José de Anchieta um dos mestres e quasi que o unico; por falta de pessoas que regessem todas as aulas, encarregou-se de ensinar latim, castelhano e doutrina christã; poucos mezes depois, conhecendo-se habilitado na lingua brazilica, a cujo estudo se déra com toda a força de sua intelligencia, e considerando-a indispensavel para o desempenho cabal de sua missão divina, abriu tambem esta aula. Era excessivo o trabalho; diariamente escrevia José de Anchieta quadernos nas quatro linguas, portugueza, castelhana, latina e brazilica, para mais facilmente levar á comprehensão de seus discipulos as licções que lhes dava; obrigava-os a estudar por estes quadernos, e assim, ao passo que suppria a falta que havia de livros, usava de methodo mais facil de ensino: começou então a escrever a sua grammatica da lingua brazilica, que si bem que curta é hoje ainda considerada a mais completa.

Para melhor fallar á imaginação dos seus discipu-

los, avivando-lhes a curiosidade, incitando-lhes o gosto, e desenvolvendo-lhes o espirito religioso, compunha versos e cantigas, alguns sobre objectos mundanos, tendo sempre por base um fundo de moral; inteiramente religiosos outros, pintando os mysterios do catholicismo; escreveu nas linguas brazileira e portugueza grande numero de dialogos, a que dava o titulo de comedias, e que fazia recitar ou representar nas vesperas do jubileu da festa de Jesus Christo, reunindo todo o povo para presenciar o spectaculo: estes dialogos pintavam a immoralidade e vicios d'aquelles habitantes, que não tinham querido até ali reformar os seus costumes, e cuja correção pensava elle conseguir por este modo.

Pesando-os na balança da illustração moderna, de certo que outro não pôde ser o seu merecimento afóra o fim religioso e moral a que se dirigiam; tendo-se porém em consideração não só a epocha, senão tambem o logar remoto em que foram escriptos, muito ha que admirar no engenho do seu auctor.

Havia sido imaginada a imprensa á pouco tempo: importou este invento em uma verdadeira revolução para os espiritos. Dissipáram-se as trevas, que cobriam o mundo: espalháram-se as obras antigas, tão preciosas sempre; leram-se as composições admiraveis dos Padres da Egreja, que no seu tempo haviam resplandecido com tamanho brilho: o que se havia escripto começou a tornar-se accessivel á todas as intelligencias, e não unicamente ás pessoas

ricas ou ás communiidades, que a preço elevado d'ouro compravam as copias.

Foi no anno de 1470 que na cidade de Leiria se estabeleceu a primeira typographia de Portugal. Lisboa aceitou e admittio a imprensa em 1481, e Braga em 1484 : os Hebreus ao principio, depois os Allemães e Italianos, do meiado do seculo XVI em diante, a propaláram e generalisáram, fundando em Coimbra, e outros logares, officinas idênticas ás da capital do reino.

A civilisação aspirava raiar; tinha porém ainda muitas luctas á empregar; cumpria-lhe internar-se no espirito religioso da epocha, e no cavalheirismo dos costumes que predominavam, para conseguir por fim collocar-se á frente da sociedade, e então encaminha-la, e dirigi-la.

Quasi que ignorada era a arte dramatica, si bem que Juan de Encina e outros engenhos a cultivassem nas Hespanhas antes que lhe dêsse algum lustre em Portugal o celebre Gil Vicente. Foram publicadas as suas obras no anno de 1550, já morto elle, havendo até ali sido conhecidas pela só gente selecta da côrte de Dom Manuel. Antonio Ribeiro Chiado, Antonio Prestes, e Balthasar Dias, seguiram as suas pisadas, e os seus autos formáram o theatro portuguez até que Francisco de Sá de Miranda, Luiz de Camões e Antonio Ferreira appareceram, do meiado para o fim do seculo, offerecendo composições menos irregulares, mas que são reminiscencias das litte-

raturas grega e romana, imitações de Plauto, Terencio e Menandro, antes do que verdadeiras composições dramaticas, nas quaes livre deve ser a inspiração, livre o seu desenvolvimento, e livres os seus meios de acção.

E que se podia, em 1556, exigir de um homem, que deixou ainda moço Portugal, e n'esta terra do Brazil, cercado então de selvagens indigenas, e de colonos sem instrucção, existia no meio, por assim dizer, da barbaria? Procurou traçar esses dialogos, como meio de moralisar o povo; logrou o seu intento; e convêm declarar que muitos autos sagrados, que com applausos se representavam em algumas côrtes de principes e reis da Europa d'aquella epocha, eram inferiores aos dialogos de José de Anchietta.

Causavam profunda sensação sobre seus ouvintes; e continham sua originalidade, porque os autos que se representavam nas côrtes de França, de Hespanha e de Italia, tratavam unicamente de assumptos religiosos, emquanto que os dialogos de José de Anchietta confundiam o profano com o sagrado, e os actos da vida humana com os julgamentos da potestade divina.

É na actualidade difficil, senão impossivel, apreciar devidamente a vida de trabalhos á que se entregavam aquelles Jesuitas. « Desde janeiro até agora (escrevia José de Anchietta ao geral Ignacio de Loyola, em agosto de 1554) que aqui vivêmos, não menos de vinte pessoas, contando os meninos

catecumenos, em uma pobre casinha, feita de madeira e barro, e coberta de palha, com uma esteira de canas por porta, a qual não chega a ter quatorze passos de cumprimento com dez de largura: este estreito logar serve de escola, enfermaria, dormitório, cozinha e refeitório, e nem por isso cobiamos habitação mais folgada e agazalhada, consolando-nos a ideia de que por nos remir N. S. Jesus Christo submetteu-se á maiores estreitezas e apertos, querendo nascer em um humilde presepio entre dous animáes, e soffrendo ser pregado em uma cruz (42). »

Foi immensa a fama que lhe resultou de seus trabalhos; não só o estimavam e respeitavam os Europeus; não só o veneravam os mamelucos; senão também deixavam os gentios as suas tabas e florestas, e corriam para ouvi-lo; e quantos prodigios, que chamam milagres as chronicas do tempo, praticou José de Anchieta por entre esses selvagens? Quantas vezes procurando-os em pessoa nos seus reconditos asylos, penetrando pelos bosques espessos, atravessando profundos rios, galgando serras inaccessiveis, e conversando com seus mossacaz (43), conseguia, pela sua eloquencia, convertellos á verdadeira religião, e chama-los á vida civil? Attestam as memorias do tempo os serviços que prestou, attrahindo em torno de Piratininga innumerous gentios, e plantando os seus arredores com differentes aldeias delles, que cathequisados se en-

tregavam confiadamente á vida civil e religiosa, e ao governo dos Padres da Companhia.

Com o tempo e a experiencia, conheceu José de Anchietta a necessidade de methodisar e uniformisar a cathequização dos gentios; reunio em torno de si uma porção de discipulos, instruiu-os, e á proporção que os foi conhecendo habilitados, animou-os, e incitou-os á entranhar-se pelo interior do paiz, procurando as nações as mais distantes, os Purys, os Guaranyes e os Guaycurús, á fim de converte-las á sociedade e á religião: foi José de Anchietta o inventor do melhor systema de cathequizações. Não faremos aqui a historia detalhada d'ellas, por que merece especial estudo, e trabalho separado d'este. Foram infelicissimos alguns dos seus discipulos; morreram ás frexadas dos barbaros os irmãos Pedro Correia e João de Sousa; lograram muitos porém victorias e triumphos que espantam, trazendo apóz de si innumerous gentios que se convertiam á fé de Deus; victorias e triumphos que bem compensaram os seus maravilhosos trabalhos, e que são manifestos testemunhos do quanto era poderoso sobre os Jesuitas o enthusiastico desejo de propagar a religião, e de salvar as almas perdidas!

Lembrou-se tambem José de Anchietta de fundar um collegio, separado do seminario, aonde se recolhessem e se educassem os meninos gentios, que com boas maneiras, e lisongeiras promessas, se obtivessem de seus pais: adquiriam-se assim para a

religião, e serviriam depois para coadjuvar as cathèquizações de suas mesmas tribus; correspondeu satisfactoriamente o resultado aos desejos do fundador; augmentou-se muito o numero dos discipulos; foram em pouco tempo as cathèquizações da capitania de São Vicente as mais importantes do Brazil, e serviram de exemplo para as que, em maior escala, praticáram posteriormente os Padres em todas as partes da America. Os primeiros Jesuitas que entráram no Rio da Prata para o fim de coadjuvar os Hespanhões nas suas conquistas partiram de Piratininga, mandados por José de Anchieta: formáram elles o viveiro de Cordova, Tucumán e Paraguay, cujas missões são ainda actualmente tão celebrisadas, e cuja historia attráhe tanto interesse.

Com esforços inauditos conseguiu assim José de Anchieta chamar á vida pacifica e social tantas tribus nomades e errantes; e aldeia-las em povoações, em torno de sua respectiva igreja, levando-as á adoptar a religião catholica, e á tornar-se industrias e trabalhadoras, ligadas e relacionadas com os Portuguezes conquistadores do paiz.

III.

Um anno tinha apenas corrido depois da morte de Ignacio de Loyola, quando em 1557 terminou seus dias ElRei Dom João III: Dona Catharina de Aragão, como tutora de seu filho Dom Sebastião, tomou as redeas do governo de Portugal, e nomeou

terceiro governador do Brazil ao esforçado Portuguez Mem de Sá, irmão do poeta Francisco de Sá de Miranda, de linhagem pura e nobre, e de feitos conhecidos e illustrados em diversas guerras.

Foi Mem de Sá guerreiro de tempera antiga, valente nas armas, e sabio nos conselhos; estreiou a sua administração no Brazil unindo-se perfeitamente com os Jesuitas, cujos importantes serviços e valioso prestimo lhe coube apreciar; acabou com o terrivel abuso dos Portuguezes estabelecidos na Bahia, Porto Seguro, Ilheos, e outros logares, que á pretexto da sentença que declarára escrava a nação dos Caethés, pelo barbaro assassinato que, em 1556, nas margens do rio de São Miguel das Alagoas, haviam commettido na pessoa do primeiro bispo do Brazil, Dom Pedro Sardinha (14), confundiam de proposito os Caethés com as outras nações, e escravisavam a todas: protestáram os Jesuitas contra estes abusos, que alienavam as sympathias dos indigenas, e os tornavam de novamente inimigos dos Portuguezes, revivendo odios e guerras extinctas; empregáram todo o seu valimento para faze-los cessar; conseguiram de Mem de Sá uma ordem declarando os indigenas homens livres e eguáes, conciliando assim os gentios com os seus compatriotas, e desarmando sedições que a todo instante ameaçavam.

Em seguimento a esta ordem, tres outras publicou o governador, manifestando a harmonia existente entre o governo e os socios da Companhia;

uma prohibindo aos gentios comer carne humana, ainda mesmo a de seus inimigos, gosto com que muito folgavam algumas nações; prohibindo outra que houvessem guerras entre os indigenas, sem sua previa approvação; e a ultima determinando-lhes que se ajuntassem, se aldeiassem regularmente, levantassem casas e egreja, e obedecessem em tudo aos Jesuitas.

Em Pernambuco, Ilheos, Espirito Sancto, São Vicente, Bahia, Porto Seguro e Piratininga haviam fundado já os Portuguezes importantes povoações: possuíam todas collegios dos Jesuitas com varias escholas; a dous d'elles, o da Bahia e Piratininga, estavam annexos seminarios de instrucção, não perfectos, mas accommodados á epocha e ás circumstancias: em outros pontos de menos valia, em que se formáram as colonias europeas, creavam-se casas professas, que eram de escala inferior aos collegios, com aulas só de primeiras letras, de grammatica portugueza, e de lingua brazilica; em cada aldeia de gentios residia além d'isto um jesuita, que lhes servia de parochó, de medico, de juiz, e de mestre; dividiam-se ainda os Jesuitas em missionarios itinerantes, que atravessavam os desertos, expunham-se a mil perigos, e procuravam os gentios nos seus escondrijos, no intuito de os reunir aos Portuguezes, abandonando os seus barbaros costumes, abraçando a religião christãa, e vivendo em sociedade.

Começava a colonia á ser tão considerada, que algumas nações da Europa, ambiciosas de sua conquista, entravam em relações com os gentios, e procuravam, attrahindo-os ao seu partido, encontrar n'elles, e dentro do proprio paiz, um apoio contra os Portuguezes : tomáram os Francezes a dianteira ; destemidos Normandos atiráram-se aos mares, que denodadamente atravessavam, e em alguns pontos da Parahyba do Norte, e do Rio de Janeiro, ligando-se aos Pittaguares (15) e aos Tamoyos (16), tentáram fundar varios estabelecimentos. Avultava entre elles um huguenoto, Nicolau Villegaignon, que á testa de força franceza, aproveitando-se de não estar occupada toda a costa desde o rio Itabapuaana (17) até as immediações de São Vicente, praticou com os Tamoyos, encetou com elles interessante commercio, e fundou uma fortaleza nas ilhas de Uruçumerim, na bahia do Rio de Janeiro, a qual guarda o seu nome ainda hoje (18).

Deliberou Mem de Sá expellir do solo brasileiro a todos estes invasores : armou navios, e ordenou-lhes que corressem a costa, e aprisionassem todos os barcos das outras nações que se encontrássem pelas suas proximidades : não lhe parecendo sufficientes estas providencias, concentrou forças bastantes de Portuguezes, Mamelucos, e Tupinambás da Bahia; com ellas se embarcou em 1560; aportou nos Ilheos, Porto Seguro, e Espirito Sancto; recebeu n'estes tres pontos novos auxilios, e dirigio-se

para o Rio de Janeiro com o fim de combater a Villegaignon e lança-lo para fóra do territorio brasileiro.

Não é logar aqui de narrar miudamente os acontecimentos e combates que sustentou o governador; acham-se elles descriptos na Chronica da Companhia de Jesus por Simão de Vasconcellos, na Historia do Brazil por Sebastião da Rocha Pitta, na Historia da guerra brazilica por Francisco de Brito Freire, no Orbe Seraphico de Frey Antonio de Sancta Maria Jaboatão, e na obra importante que na lingua latina escreveu José de Anchieta, com o titulo de *Feitos de Mem de Sá* (19), fonte primaria em que beberam os chronistas seus successores as melhores noções e esclarecimentos para a historia da conquista do Rio de Janeiro. Minuciaremos unicamente, que Mem de Sá derrotou os Francezes e Tamoyos colligados; incendiou-lhes o forte do seu chefe; obrigou os primeiros a abandonar o Rio de Janeiro, e fugir para a Europa, e aquelles que não puderam salvar-se, á entranhar-se com os seus alliados pelos bosques e florestas; e, caso inaudito, muitos Normandos desampararam os usos sociães, adoptáram a vida nomade dos Tamoyos, casáram-se com gentias, tomáram todos os seus costumes, até o de furar os beiços para n'elles introduzir pedaços de pedras e ferros, como praticavam os indigenas!

Para a Bahia regressou Mem de Sá victorioso. Constituiam os Tamoyos a tribu mais altiva e briosa da quantas habitavam o Brazil: as outras a respeita-

vam, e d'ella se temiam : parece mesmo que mais algumas noções sociâes tinham do que todas as do continente brazilico (20); viviam de perfeita paz com os Normandos, e se combináram para resistir aos Portuguezes; enfurecidos com aquelle feito do governador, deliberáram guerrear á estes em toda e qualquer parte em que os encontrassem; para isso apréstáram grandes canôas, e navegando pela costa sul do Rio de Janeiro, começaram á encommodar os estabelecimentos de São Vicente e Santo Amaro: divididos em bandos, poseram em alarma as aldeias dos Goyannases, seus visinhos, e alliados dos Portuguezes, destruíram-lhes as casas, queimaram-lhes as plantações, mataram-lhes os que encontraram, e commetteram atrozes barbaridades; ousáram mesmo approximar-se de Piratininga, e assalta-la com desusada furia.

Os colonos, os padres e gentios ficáram atterrados; salvou-os a coragem que manifestou e desenvolveu José de Anchietta em tão arriscada conjunctura; de homem de paz tornou-se chefe de guerra; reuniu o povo; nomeiou capitão a Tiberyçá, gentio cathequisado e valente; animou-os á defesa de seus lares e de suas familias; em pessoa mareliou com elles ao encontro dos seus inimigos; travou combate tão feliz que conseguiu derrotar os sitiadores e expelli-los para longe do territorio.

Conheceu porém que exposta estava a capitania a continuados encommodos e assaltos, em quanto

se não celebrassem pazes com nação tão guerreira como era a dos Tamoyos. Deliberou faze-las : procurou para esse fim ao provincial Manuel da Nobrega, que se achava em São Vicente, e com elle combinou um arriscado e audacioso plano, que deveria dar-lhe o resultado que ambicionava.

Partiram José de Anchieta e Manuel da Nobrega para as aldeias dos Tamoyos mais visinhos, e que eram sitas na enseada de Ubatuba. Que trabalhos não padeceram n'esta viagem? « Podiam fazer (diz o padre Simão de Vasconcellos) (21), podiam fazer como São Paulo uma perfeita ladainha de seus trabalhos, cansaços, fomes, sedes, calmas, frios, ingratições, máos tratamentos, affrontas, traições e perigos de vida : o exemplo d'essa gloriosa missão de se metterem entre os barbaros inimigos, postos em armas, queixosos e irritados das injustiças e agravos dos Portuguezes, é grande e maravilhoso. Que de vezes não estiveram a ponto de serem sacrificados aos dentes e gula dos barbaros? Que de vezes não sentiram o arco armado, e a massa do braço fero, sobre suas cabeças? »

Depois de grandes trabalhos e perigos que passaram os dous padres, no meio de tantos inimigos que lhes appareciam, e que a cada momento os pretendiam trucidar, e que conseguiram acalmar felizmente, foram levados á presença dos chefes Tamoyos. Travou-se entre elles extraordinaria lucta;

os Jesuitas pretendendo combinar pazes, e os gentios resistindo-lhes, e ameaçando-os. Chegaram por fim á um accordo amigavel. Assentou-se que Manuel da Nobrega partisse só para São Vicente, a fim de obter a approvação dos Portuguezes ás condições da paz combinadas durante esta sua residencia entre os Tamoyos, e que entre elles como refem ficasse José de Anchietta. Quem folheiar as diversas obras antigas que tratam da vida de José de Anchietta encontrará um sem numero de factos, que honrando o seu character e instrucção, passáram n'aquella epocha como milagres, augmentando-se por este modo a reputação de sancto de que gozava. Apparece um entre elles, que por sua singularidade cumpre minuciar.

Notáram os Tamoyos que não procurava mulheres durante todo o tempo que entre elles passava; escolheram uma que era sobre modo formosa, e lha offereceram. Qual não foi sua admiração, quando lhes declarou José de Anchietta o voto de castidade que fizera entrando para a Companhia de Jesus! Subiu de ponto a veneração que lhe consagravam, e o acreditáram de origem divina; aproveitou-se elle d'esta occurrencia para melhor conseguir a sua cathequização; levantou uma capelinha no meio de um bosque coberto de elevadas palmeiras; para ahi os chamava; explicava-lhes os mysterios do christianismo, e procurava moralisa-los e converte-los á religião: os Tamoyos no entre-

tanto, si bem o attendiam com admiração e respeito, não se deixáram cathequisar, tanto era o odio que nutriam contra os Portuguezes!

Foi durante esta residencia de alguns mezes entre os Tamoyos que encetou o poema latino que dedicou á Santissima Virgem. Não tendo papel, nem pennas, e tinta para escrever, passeava pelas lindas e alvadias praias, que se deslisam amorosamente a perder de vista; compunha os versos, escrevia-os na areia, e procurava-los decorar.

De São Vicente voltou Manuel da Nobrega com a aceitação das pazes; assim conciliados os Portuguezes e Tamoyos, havendo os dois jesuitas cumprido a sua missão, regressaram tranquillamente para os seus lares. José de Santa Rita Durão, no seu poema de *Caramurú*, reconta este factos em versos admiraveis:

São d'esta especie os operarios sanctos,
Que com fadiga dura, e intenção recta
Padecem pela fé trabalhos tantos:
O Nobrega famoso, o claro Anchieta,
Por meio de perigos e de espantos,
Sem temer do gentio a cruel setta,
Todo o vasto sertão tem penetrado,
E a fé com mil trabalhos propagado.

Muitos destes ali, velando pios,
Dentro ás tócas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem receiar os barbaros insultos:
Penetram mattos, atravessam rios,
Buscando nos terrenos mais incultos,
Com immensa fadiga e pio ganho
Esse perdido misero rebanho.

Mais de um vérás pela campanha vasta
Derramar pela fé ditoso sangue ;
Quem morto ás chamas o gentio arrasta,
Quem deixa á setta com o tiro exangue :
Velos-has discorrer de casta em casta ,
Onde o rudo pagão nas trevas langue ;
E ao céo lucrando as miseraveis almas ,
Carregados subir d'incllytas palmas.

Apenas restituído á sua querida Piratininga, trahou José de Anchietta de escrever o poema que compuzêra entre os Tamoyos, e que confiára á memoria. Composto em versos latinos, revela grande erudição dos autores classicos antigos, e ao mesmo tempo intelligencia da litteratura hebraica, e estudo dos padres da Egreja christã : é a dicção pura, correcta e elegante, e os pensamentos appropriados, engenhosos e poeticos : muito pécca porém o plano, porque consiste em dividir a obra pelos diversos passos da Mãe de Deus, desde a conceição até sua exaltação, formando como que uma collecção de hymnos ou cantatas, dedicado cada um á descripção do passo a que se refere. Não é o imaginação de Milton descrevendo as primeiras scenas da vida e os mysterios primordiães da existencia; não é a sublimidade de Klopstock, que poetizou toda a existencia mundana do Filho de Deus, e a sua admiravel resurreição; é antes uma alma pura, profundamente religiosa, que se derrama em sonoros gorgeios em honra da Sanctissima Virgem, e, como musica dolorosa do coração, improvisa agradaveis versos, que valem o

que vale um lindo passarinho, ou uma bella noite matizada de fulgurantes estrellas.

Manifesta a dedicatoria as impressões e a occasião em que foi composto o poema, e torna-o mais precioso por isso mesmo.

En tibi quæ vovi, Mater Sanctissima, quondam
 Carmina, cum sævo cingerer hoste latus,
 Dum mea Tamuyas præsentia mitigat hostes,
 Tractoque tranquillum pacis inermis opus:
 Hic tua materno me gratia fovit amore,
 Tè, corpus tutum, mensque regente fuît.
 Sæpius optavi, Domino inspirante, dolores,
 Duraque cum ipso funere vincla pati.
 At sunt passa tamen meritam mea vota repulsam,
 Scilicet heroas gloria tanta decet (22).

Depois da dedicatoria vem o exordio, que contém alguns lindos pensamentos.

Eloquar? an sileam, Sanctissima Mater Jesu?
 Non sileam? Laudes eloquar ante tuas?
 Mens agitata piis stimulis hortatur amoris
 Ut dominæ cantem carmina pauca meæ.
 Sed timet impura tua præmere nomina lingua,
 Quæ sordet multis contemnerata malis (23).

A conceição, o parto, a apresentação, a entrada no templo, a visitação, e o parto da Virgem, formam os primeiros canticos; e n'elles se nota a bellissima oração que dirige a Sanctissima Virgem á seu filho recém-nascido.

O Deus omnipotens, vasti quem machina mundi
 Auctorem ac Dominum prædicat esse suum,

Cujus inaccessam tenet ingens gloria lucem ,
 Cui velut innatus lumen amictus inest.
 Quem nequit immenso comprehendere corpore mundus
 Conclusit ventris te brevis arca mei.
 Egressusque meae tener e penetralibus alvi,
 In vili recubas, lux mea, nate, solo?
 Nonne tua ingentem manus inclyta condidit orbem?
 Nonne polus Domino servit uterque tibi?
 Cur tibi tam vilem nascenti deligis aedem
 Regia cur ortum non capit aula tuum ?
 Tu coelum stellis, variis animalia villis.
 Induis et viridi gramine pingis agros (24).

Continúa o poeta os seus canticos á chegada dos Reis Magos, á purificação da Virgem, á sua fuga para o Egypto, e ao seu regresso para Israel, á morte de Jesus Christo, e á sua ressurreição : n'esta ultima parte a poesia melancolica transborda por todos os poros, e é realmente o mais bello cantico do poema : as lagrimas da Sanctissima Virgem arrastam todos os peitos á dôr que ella parece sentir : foi livre ahi o poeta, desdobrou o seu vôo religioso e entusiastico, e deslisou versos ungidos de verdadeira poesia, e do mais delicado sentimento.

Mens mea, quid tanto torpes absorpta sopore?
 Quid stertis somno disidiosa gravi?
 Necte cura movet lacrymabilis ulla parentis,
 Funera quae Nati flet truculenta sui.
 Viscera cui duræ tabescunt agra dolore,
 Vulnere dum praesens quae tulit ille videt.
 In quocumque oculos converteris omnia Jesu
 Occurrent oculis sanguine plena tuis.
 Respice, ut aeterni prostrato ante ora Parentis
 Sanguineus toto corpore sudor abit.

Respice, ut immanis captum quasi turba latronem
 Proterit, et laqueis colla, manusque ligat.
 Respice, ut ante Annan sænus divina satelles
 Duriter armata percudit ora manu (25).

Depois de pintar a exaltação da Sanctissima Virgem, termina Anchieta o seu poema com hymnos alegres em seu louvor, divididos pelas horas do dia, e que fazia cantar pelos gentios aldeiados, dentro da sua igreja, nas horas marcadas para as preces e orações. Deveria ser na verdade grandioso o espectáculo de reunir-se no templo todo o povo, ás matinas, ao meio dia, e ás ave-marias, e depois de exhorta-lo o sacerdote com conselhos e instrução, para o encaminhar na verdadeira religião, desdobrarem todos de joelhos as suas diversas vozes, echoando ao mesmo tempo hymnos e preces, arrebatados de um sincero enthusiasmo, e respeito e temor de Deus!

Assim usavam os Jesuitas, e assim esclareciam e moralisavam o povo.

IV.

Corria o anno de 1565, quando em São Vicente surgiu a armada do capitão-mór Estacio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, e que fôra enviado de Portugal pela rainha regente, para o fim de uma vez para sempre expellir das costas do Brazil os corsarios francezes, que de novo volvendo

ao Rio de Janeiro, continuavam á negociar com os Tamoyos, e incitar os seus odios contra os Portuguezes. Praticou Estacio de Sá com José de Anchietta, que era a pessoa de mais influencia, e de maior consideração na capitania. José de Anchietta convocou e reuniu o seu povo, escolheu cerca de oitocentos homens, que animou para a empreza do capitão-mór, e para que fosse mais efficaz e solido este auxilio, deliberou de acompanhar a Estacio de Sá, e servi-lo durante a sua expedição do Rio de Janeiro.

Partiu a armada de São Vicente, e chegou ao Rio de Janeiro, desembarcando a gente, que se estabeleceu no logar denominado hoje Praia Vermelha, entre o Pão do Assucar e Copa-Cabana; foram alli lançadas as primeiras edificações da cidade. Colligados os Francezes e Tamoyos attacáram o exercito do capitão-mór com todas as suas forças; a numero quadruplo de combatentes oppôz Estacio de Sá a pericia do chefe, e o entusiasmo e valor dos soldados, animados continuamente pelas predicas, pelos conselhos, e pelas exhortações de José de Anchietta: tiveram os inimigos que retirar-se; não era todavia possivel ao capitão-mór collocar-se na offensiva, porque do lado de terra annuvião de gentios o esperava; do lado do mar, náus francezas, e grande copia de formidaveis canôas de guerra dos Tamoyos constantemente o incommodavam; tinha além d'isto que resistir a ataques que os inimigos dirigiam ás suas trincheiras, ora de dia, á luz clara, com leal-

dade; ora ás noites, ás vezes escuras e tempestuosas; de repente, ao grito de guerra solto á traição, e no meio do descanso : tratáram o capitão-mór e José de Anchieta de não abandonar a empreza, e no entretanto de seguir este ultimo para a Bahia, á buscar auxilio do governador; porque sómente com elle se poderia terminar uma missão tão arriscada.

N'esta sua viagem á Bahia deixou José de Anchieta a classe de irmão, tomou ordens, e o gráu de sacerdote na Companhia de Jesus : tão perfeitamente desempenhou a sua missão, que, em janeiro de 1567, tinha já voltado ao Rio de Janeiro, trazendo em sua companhia o proprio governador, e grandes auxilios e reforços.

Foram crueis e longos estes combates dos Portuguezes com os Tamoyos; verdade é que decisivos: de uma vez para sempre se expelliram os Francezes do Rio de Janeiro; os Tamoyos porém não se quizeram conciliar; vencidos, entranhárám-se pelas breanhas, levando suas mulheres e filhos, e nunca mais se soube de tão guerreira tribu : sem duvida encontráram no interior do paiz novas terras, aonde estabeleceram suas tabas e formáram nova patria; acostumados todavia á veneração do formidavel promontorio do Cabo-Frio, que era o seu sitio predilecto (26), e á magnifica bahia de Nictheroy, aonde folgavam atirar suas canôas; celebrar suas justas; e n'essas ilhas pittorescas, que, como ramos de flores, mati-

sam e abrilhantam a bahia, formar os seus jogos e as suas dansas, curtiram de certo duras e amargas saudades; foram os Arabes fugitivos de Granada, que ainda além do braço de mar que separa Africa de Hespanha, do seio dos desertos, para onde se recolheram, confiam sempre seus suspiros ao ar, para que o ar os transmitta ao Xenil, ao Alhambra, e ás torres do Generalife : talvez que no sacrificio se engrandeceram e se eleváram as suas almas; e como novas descendencias e gerações se tem desenvolvido, sendo como é o arquivo de seus livros a estampa de suas memorias, de onde imprimem de pais a filhos os acontecimentos notaveis dos seculos passados; si ainda os acompanha no seu desterro a saudade dos paizes que seus pais possuiram, tão ricos e encantadores, a dourada physionomia da liberdade os ampara e sustenta ao menos nos bravios sertões, que não são conhecidos ainda pelas nações civilisadôras!

Fundou Estacio de Sá a cidade do Rio de Janeiro; mas sellou com o seu sangue e a sua morte a gloriosa conquista que conseguira; uma frexada de Tamoyo audaz, com seu dente envenenado, atravessou o corpo do heróe, ainda na força da idade, e no principio da sua carreira militar (27). Com o estabelecimento da cidade, levantou José de Anchietta casa e igreja para a Companhia de Jesus no cabeço do morro do Castello, fazendo-se auxiliar n'esta obra pelas esmolas e serviços do povo. Mandou vir alguns

padres para o Rio de Janeiro, e tendo-lhes dado suas instrucções, retirou-se para Piratininga, procurando descansar dos seus trabalhos. Não era porém ainda tempo de cessarem elles. No anno de 1569 foi nomeado reitor do collegio de São Vicente, cargo penoso e difficil, que de modo exemplar desempenhou todavia.

Em 1578 foi elevado ao cargo de provincial do Brazil.

Comprehendeu perfeitamente a importancia da sua nova missão; já não era o reitorado de um collegio, e ainda menos a direcção de um seminario, que lhe cabia; fôra-lhe confiado o governo supremo de sua ordem; não tinha que occupar-se unicamente com a cathequização e civilisação de uma capitania; todo o territorio abraçado pelo Prata e pelo Amazonas estava incluído na immensa tarefa que se lhe dava; não eram só uma ou duas nações de gentios com quem tinha de tratar; eram milhares de diversos povos de differentes origens e costumes.

Si já respeitado era o nome que adquirira, habitando apenas na capitania de São Vicente; si lhe haviam grangeado os seus talentos extensa nomeada; si lhe proviera muita gloria dos seus trabalhos, quer como mestre e chefe de um systema regular de cathequização de gentios, quer mesmo pelos seus proprios actos, atirando-se em pessoa no seio dos desertos, sem receio ou medo, confiando-se á hordas de selvagens e barbaros, e at-

trahindo á religião e á sociedade grande numero de gentios, que se deixavam arrastar e convencer por sua habilidosa eloquencia, e perfeitas virtudes, que reputação equivalia á sua, para gerencia de toda a Companhia?

Acceptou José de Anchietta o provincialado, e deu-se de coração ao desempenho dos seus novos deveres e obrigações.

Já no Brazil eram então os Jesuitas em subido numero. Além dos socios que de Portugal e Hespanha lhes vieram, attrahira a Companhia alguns noviços, formára irmãos, e ordenára padres; tinha em todas as cidades e povoações a sua casa, a sua igreja, e o seu seminario de instrucção; organisára em todas as capitánias diferentes aldeias de gentios cathequisados, que lhe eram inteiramente subordinados.

Não se poupou José de Anchietta á trabalho nenhum, que exigia o seu emprego de provincial: percorreu todas as capitánias, e todas as povoações; visitou e examinou os collegios dos padres e os seminarios de instrucção; deu-lhes nova organização, reformando e melhorando; applicou a todo o Brazil o seu systema de cathequização dos gentios, formando em Pernambuco, Bahia, Espirito Sancto, e outros pontos que visitára, escolas de missionarios; por onde ia, prégava, aconselhava, e moralisava; por onde ia, corriam Portuguezes e gentios á lançar-se-lhe aos pés, acreditando-o mi-

lagroso; tanta bondade e tamanha actividade desenvolveu, que adoravam todos o seu nome; chamavam-no os gentios amarra-mãos (28), davam-lhe os Portuguezes o titulo de sancto.

Não lhe bastou ainda a immensidade d'estes trabalhos; sua devoção o levou á empregar novos e mais extraordinarios; procurou em pessoa aquellas nações mais barbaras, com quem nunca os Portuguezes se poderam conciliar; embrenhou-se pelo interior das terras dos Tupinambás, procurou encontrar-se com os terriveis Aymorés (29), e com outras tribus não menos ferozes; apresentava-se desarmado perante ellas, fallava-lhes a linguagem da verdade e da religião, e conseguiu triumphos que verdadeiramente espantam! Quantas vidas salvou de prisioneiros que eram destinados ao terrivel sacrificio, ligados ao cepo cruel pela formidavel mussurana (30), e já sentindo refulgir sobre as suas cabeças a pesada tacápe!

Foi durante o seu provincialado que nos campos para sempre memoraveis de Alcacer-Quivir perdeu a monarchia portugueza o seu joven soberano, a flor de sua nobreza, o melhor do seu exercito, e a sua mesma independencia: das chronicas que tratam da vida de José de Anchieta, consta que na mesma noite de 4 de agosto de 1578, em que se completou a ruina de Portugal, e morreu ElRei Dom Sebastião, foi José de Anchieta assaltado de um sonho, em que todos os pormenores da terrivel car-

nificina de Alcacer-Quivir appareceram á sua imaginação, e se lhe pintáram sob as mesmas côres com que se realisáram (31)! Tão grande era o prestigio de que gozava, que, além de milagres, lhe attribuiam os contemporaneos visões e sonhos que lhe noticiavam o que se passáva, e até mesmo lhe faziam prever o futuro!

As melhores obras, e as instituições mais salutaes do Brazil, que tiveram origem n'esses tempos, são ou creadas ou promovidas por elle; estreitamente ligado com o governador Luiz de Brito e Almeida, que succedêra á Mem de Sá, fallecido na cidade da Bahia no segundo quatriennio de sua administração, achou-se habilitado o provincial para emprehender melhoramentos efficaes e gloriosos para o paiz: foi quem ideou e lançou os primeiros alicerces do magestoso collegio dos Jesuitas da Bahia, que mereceu descripção desenvolvida de Gabriel Soares, no seu *Roteiro, ou Noticia do Brazil* (32), e que o padre Manuel Ayres do Casal allega que estava já no seu tempo convertido em hospital da tropa, achando-se as salas ainda ornadas de muitos paineis, que representavam a vida de Santo Estanisláo de Kosca (33): foi quem mandou edificar e construir na mesma cidade a casa do Recreio dos Jesuitas, em um suburbio para o nascente, a qual, por ordem do governo portuguez, se transformou depois em hospital de Lazaros.

É devida tambem á José de Anchietta a igreja dos

Jesuítas do Rio de Janeiro, com seu outr'ora sump-
tuoso collegio da Companhia; como na Bahia, deca-
hiu e perdeu a igreja o seu fausto : em hospital mili-
tar se converteu o collegio ; teve egual sorte que a
sua irmã de Bahia a pittoresca casa de recreio, que
José de Anchieta fizera edificar para os lados de
São Christovam, emfrente de tantas esbeltas e viço-
sas ilhas, que matisam aquella parte interna da
Bahia de Nictherohy.

Deve-lhe a provincia do Espirito Sancto a edifica-
ção, na sua capital, de um collegio de jesuitas vasto,
espaçoso, e substituindo a antiga casa que escolhera
o padre Affonso Braz para residir, e encetar a sua
gloriosa missão de cathequisar os gentios d'aquella
capitania : é actualmente a habitação dos presidentes
da provincia.

E de quanto não é credor José de Anchieta da
provincia de São Paulo, outr'ora capitania de São
Vicente, aonde viveu os melhores annos de sua vida,
e aonde imprimiu os seus primeiros trabalhos, e as
suas fadigas primeiras? Não foi o creador do colle-
gio de Piratininga, que é actualmente cidade epis-
copal, e a capital de toda a provincia? Amava-o
como o seu filho querido, e durante o seu provin-
cialado augmentou o collegio, enriqueceu-o, e tor-
nou-o um dos mais importantes do Brazil.

Para apogeu de sua gloria, e prova de quanto
foi incansavel em fazer bem ao paiz que adoptára,
plantando n'elle obras de eterna duração, e creando

instituições importantes, que lhe deveriam dar os mais favoráveis resultados, ideou e fundou no anno de 1582, a Sancta Casa da Misericordia da cidade do Rio de Janeiro, que na actualidade é um dos mais importantes monumentos de philanthropia e beneficencia que possui o imperio.

Em 1585, cansado, e já na idade de 52 annos, pediu dispensa do cargo de provincial e a obteve do geral da companhia.

V.

Achando-se livre, e desembaraçado de trabalhos, retirou-se para o collegio do Rio de Janeiro, tencionando passar n'elle os seus ultimos dias de vida: bem debilitado estava já seu corpo; e que corpo humano resiste a tantas fadigas do espirito, e a tantos trabalhos materiães? Empenhos porém dos seus companheiros o vieram ainda arrancar ao doirado repouso que procurára; o collegio do Espirito Sancto que no seu provincialado mandára levantar de grandiosas proporções e gosto delicado, reclamava a sua presença, para a direcção dos obreiros e moralisação dos espiritos; deixou o Rio de Janeiro, e tomou a administração do collegio da Victoria.

Em quanto foi provincial tomára empenho pelo progresso de algumas aldeias de gentios Tupiniquins, e Papanases, que estabelecêra na provincia do Espi-

rito Sancto. Tinha uma d'ellas o nome de Reritigbá, situada ao norte do rio Itabapuana, n'uma admiravel e extensa veiga, entrecortada de preguiçosas aguas, e rodeiada de oiteiros elevados, que em certas epochas do anno vestiam-se de flores amarellas, como o brilhar do ouro, e de ramos rouxos, como a côr da margarida : é o lugar em que está hoje assentada a pittoresca villa de Benevente. Amava tanto José de Anchieta os seus ares puros e a sua deliciosa tranquillidade, que a escolheu para sua residencia, apenas terminou o tempo do seu reitorado do Espirito Sancto.

Pelos gentios do Brazil sacrificára a sua existencia e a sua vida; para moralisa-los, e trazê-los á religião catholica, deixára todos os bens do mundo : no meio dos gentios quiz ainda viver a derradeira parte da sua existencia, e descansadamente finalizar os seus dias.

No silencio e descanso da solidão escreveu uma obra extensa, a que deu o titulo de *Vidas dos religiosos da Companhia de Jesus*, cujo manuscrito se guarda na bibliotheca publica do Rio de Janeiro (34): tendo-o acompanhado na vida, e precedido no sepulchro, os padres Manuel da Nobrega, Luiz da Grã, José de Aspícueta Navarro, Antonio Ignacio de Azevedo, Antonio Rodriguez e Ignacio de Tolosa, julgou José de Anchieta que era seu dever commemorar os feitos d'elles, e, bem assim, os feitos de outros não menos celebres Jesuitas, para assim

transmitti-los aos vindouros, servindo de exemplo a sua veneravel memoria.

Contém esta collecção de vidas dos Jesuitas illustres uma historia desenvolvida da Companhia de Jesus, e é a fiel narração de todos os successos do Brazil, das suas primeiras explorações, dos costumes, usos, e cathequização dos seus indigenas. Constitúe com a obra que anteriormente escrevêra sobre os feitos de Mem de Sá as melhores fontes, de onde extrahiram os chronistas e historiadores antigos e modernos, grande copia de esclarecimentos e materiães para a historia do Brazil.

Sua intelligencia incansavel deu vida tambem a uma dissertação sobre a historia natural do Brazil, a qual encerra tantas investigações curiosas e importantes e analyse tão substancial dos objectos que enumera, que em 1812 a publicou a Academia Real de Sciencias de Lisboa, e o celebre naturalista francez Augusto de Saint-Hilaire extasiou-se diante d'ella, e proclamou a José de Anchietta por um dos homens mais extraordinarios do seu seculo (35).

Avançava todavia a idade, e o corpo procurava repouso na sepultura : não podendo ir mais pessoalmente á egreja desenvolver a sua maviosa eloquencia, e nem assistir ás festas, ás procissões, e aos canticos religiosos dos gentios, que rompiam com os primeiros arrebões da madrugada; escolheu como Job o seu leito e o seu quarto, e chamava para perto de si os indigenas á fim de com elles praticar ainda;

achava-se collocada a casa da sua residencia sobre um pequeno oiteiro, de onde descortinava a vista toda a campina e todo o arraial, e lá, ao longe, susurrando sempre, o mar que se desfazia em grossas ondas sobre a praia alvadia e immensa, que se sumia aos olhos.

Atirado no leito para se não levantar mais, deixava domitar sonhando o seu coração, como lago de vida, em que sua alma se espelhava; bebia pelos olhos e pelos ouvidos o silencio e a magnificencia da natureza, e o desdobrar dos vales alegres e cultivados, que lhe appareciam; e exaltava-se ainda com a presença do oceano, que, no limiar da vida, o saudára, e como seu fiel amigo parecia querer assistir á sua despedida do mundo.

Mal se divulgou a noticia de que se achava enfermo accudiram de toda a parte os padres da Companhia; no Rio de Janeiro, na Bahia, em São Vicente, e no Porto Seguro, se embarcava tambem grande copia de povo, que queria ver o sancto, obter uma reliquia d'elle, e receber a sua derradeira bençã; era tão grande o conceito de suas virtudes e saber, que acreditava-se geralmente que advinhava e prognosticava os mais pequenos acontecimentos do mundo.

Não póde a aldeia de Reritigbá conter o povo que para ella concorria; o que mais estimou elle ver em derredor de si, foram os seus antigos e amados discipulos, que como Elias formára com tanto

cuidado, e que como Eliseus rivalisavam já em feitos gloriosos com o seu mestre, na grande obra da cathequização dos gentios.

Conservou constantemente o seu espirito livre, e o seu fallar rescendendo no mesmo fogo, e estylo mavioso; nada perdeu o semblante de sua amabilidade e alegria; não desmereceu a sua côr trigueira; não se abatteram os seus olhos azulados: e todavia essa familia de religiosos, que o cercava n'aquelle momento supremo, tinha talvez mais ternura do que a propria familia natural; o membro, que perdia, contava ella encontra-lo ainda, porque confiava na vida eterna; havia lagrimas; parecia porém que todos aspiravam a felicidade do heróe christão, que se desapegava do mundo, e que os não deixava, mas que sómente precedia-os na eternidade.

Pedia José de Anchietta de quando em quando que lhe lessem um pouco das confissões de Santo Agostinho, e das obras de São Basilio; extasiava-se sempre que chegavam á pagina em que São Basilio exclama entusiasmado:

« Como os que dormem em um navio são levados ao termo de sua derrota, tambem na carreira da vida somos todos arrastados continua e insensivelmente para o nosso fim derradeiro: estás á dormir, olha que o tempo te escapa; estás á velar e á meditar, menos te não escapará a vida; diante de tudo passarás, e tudo deixarás apóz ti. »

Haviam sido São Basilio e Santo Agostinho os

padres da Igreja cujas obras mais folgava de lêr e cujos feitos mais admirava : havia entre os primeiros apóstolos do christianismo, e os Jesuitas, apóstolos do Brazil, uma perfeita homogeneidade ; prégavam aquelles no meio de barbaros, expostos continuamente ás perséguições e á morte, e, com firmeza inabalavel, oppunham constancia d'alma, consciencia pura, e fé na sua missão, á corrupção geral, que minava o mundo, que parecia então desabar com o tempo : atiravam-se estes nos desertos, sós e inermes ; procuravam selvagens embrutecidos, arriscavam sangue e vida, despidos de quaesquer sombras de medo : si com eloquência consummada prégavam os primeiros a necessidade de uma nova crença, que regenerasse o mundo, e fizesse desaparecer o polytheismo de terrestres simulacros, que phantasiára a imaginação dos antigos povos ; não menos sabios e eloquentes os segundos, menos conhecidos porém, porque o theatro de suas acções foi mais pequeno, e a epocha em que figuraram muito diversa, praticaram feitos igualmente importantes, e obtiveram analogos triumphos, infiltrando em animos incultos convicções religiosas e sociâes, e arrancando da barbaria a homens que para sempre pareciam perdidos.

Folgava José de Anchieta de comparar os Padres da Igreja grega e latina, os Basilios, Agostinhos, Jeronymos, Athanasios, Gregoriós, Ambrosios, Chrysostomos, Synesios, Hilarios e Paulinos, com os

missionarios da India e do Brazil, os Nobregas, Grás, Navarros, Pires e Franciscos Xavier : animavam a uns e a outros o mesmo zelo apostolico, e o mesmo entusiasmo religioso; uns regeneráram o mundo velho; creáram os outros um novo mundo (36).

Foi longa a sua molestia, e sensível a decadencia do corpø que d'ella resultava; mas como a luz derradeira do sol, que dura mesmo depois que elle se esconde por detraz das altanadas serranias, ou se ergulha nas distantes vagas, só pouco e pouco, vagarosa, e compassadamente, foi a sua vida perdendo o brilho e a claridade; parece que com antecedencia previo o seu derradeiro momento, conservando o espirito sempre robusto e tão vigoroso como d'antes. Pode despedir-se dos amigos, dar a bençãam aos fieis, e animal-os a continuar na senda das virtudes; feixou os olhos, e encostando aos labios o crucifixo do Redemptor, expirou no dia 9 de junho de 1597.

As costas carregáram os indigenas o seu corpo até a villa do Espirito Sancto, distante quinze leguas de Reritigbá, formando uma prestito funebre de mais de trezentos : depositáram-no na capella de São Thiago da egreja dos Jesuitas, d'onde alguns annos depois foi trasladado para a Bahia, e sepultado junto ao altar mór do magnifico templo do collegio da Companhia, segundo as ordens do geral Claudio de Aquaviva; para Roma foi remettida uma reliquia, no intuito de se encetar os processos da canoni-

sação, e ser pela Igreja declarado sancto; estes processos, por falta de prosequição porém, não puderam concluir-se ainda.

Asseveram os chronistas que era José de Anchieta de corpo pequeno e mirrado, de physionomia morena e agradável; adquirira na mocidade o aspecto de um velho, com a deslocação de uma das vertebraes, em occasião em que encetava no Brazil a sua gloriosa missão: tinha olhos vivos e perspicazes, e maneiras, e palavras, que lhe attrahiam geral veneração e respeito.

NOTAS.

(1) *Chronica da Companhia de Jesus*, por Balthazar Telles, provincial de Portugal, e chronista da ordem, tomo II.

(2) *Vida do veneravel padre José de Anchieta*, por Simão de Vasconcellos.

(3) *Varões illustres da Companhia de Jesus*, por Eusebio de Nurembergue.

(4) *Chronicas da Companhia de Jesus*, por Nicolau Orlandini.

(5) *Chronica da Companhia de Jesus*, por Pedro Rodrigues.

(6) *Vida de José de Anchieta*, por Estevam da Paternina.

(7) *Vida de São Francisco Xavier*, pelo padre João de Lucena.

(8) Frei Agostinho de Avila, na sua *Historia do Mexico*, e o bispo de Chiapa, Dom Bartholomeu de Las Casas, nas suas obras transcrevem esta bulla.

(9) Redes de algodão.

(10) Instrumentos sonoros de que usavam os gentios de Brazil para as suas festas.

(11) Raça mestiça.

(12) Cartas de José de Anchieta ao geral da Companhia, publicada pelo Instituto historico e geographico do Brazil.

(13) Chefes das aldeias.

(14) Francisco de Britto Freire na sua obra da *Nova Lusitania, Historia da Guerra brazilica*, narra miudamente este facto, e transcreve os fundamentos da sentença que captivou os gentios, auctores de tão nefando assassinato.

(15) Nação que habitava na Parahyba do Norte.

(16) Nação que habitava desde o Cabo de São Thomé até as immedições de Ubatuba, ou Iperoig, na linguagem indigena.

(17) Limite entre a provincia do Rio de Janeiro e o Espirito Sancto

(18) A capitania de Martim Affonso começando de São Vicente para o Norte devia encontrar com a de Pedro de Góes : esta se comprehendia entre o cabo de São Thomé, perto de Macahé, e o rio Itabapuaana, terra habitada pelos Goytacases, que destruíram completamente os estabelecimentos de Góes, e o obrigáram a abandonar a sua capitania, que foi então incorporada ás terras da Coróa. Os Francezes capitaneados por Villegaignon achando o Rio de Janeiro e Cabofrió em abandono, tentáram formar ali estabelecimentos, que os Portuguezes destruíram.

(19) *De rebus gestis Mem de Sá* (ms.), que parece que se acha na Biblioteca publica do Rio de Janeiro.

(20) Varios escriptores, e denominadamente Gabriel Soares, Lery e Hans Stadt, especificam os Tamoyos do Rio de Janeiro como os menos selvagens dos gentios. O bello poema do senhor D. J. G. de Magalhães, intitulado *Confederação dos Tamoyos*, canta seus usos, seus costumes, sua vida, e seus combates, de modo a dar-lhes preferencia a todas as demais tribus que habitavam o Brazil.

(21) *Noticias curiosas e interessantes sobre as cousas do Brazil*, pelo padre Simão de Vasconcellos.

(22) Foi-nos mostrada uma traducção em versos portuguezes pela forma seguinte :

Eis os versos que a vós, o Mãe Sanctissima,
 Votei outrora, em que me vi na ilhargá
 De feroz inimigo circulado.
 Si pois minha presença abrandá as hostes
 Dos Tamoyos, e inerte entre elles trato
 De paz raister tranquillo, a graça vossa
 Foi que alentou-me com materno affecto.
 Salvou meu corpo e alma o vosso amparo
 Inspirando-me Deus: ó quantas vezes
 Desejei em prisões crueis e dôres
 Soffrer morte de martyr! Mas meus votos
 O repudio tiveram merecido,
 Pois só cabe aos heróes tamanha gloria.

(23) Fallarei ou guardarei silencio, Sanctissima Mãe de Jesus? — Cantarei teus louvores? — Agitada a mente de estímulos do teu amor,

exhorta-me e arrasta-me a tecer-te encomios; mas a lingua contaminada de tantas maculas recusa proferir teu sancto nome. »

(24) « Deus omnipotente, pela portentosa maquina do mundo apre-goado seu auctor, e Supremo Arbitro, que com teus esplendores enriqueces o céo de ineffavel gloria, e que na extensão do universo não podes ser abrangido; como te quizeste encerrar no breve espaço do meu ventre, e sahindo d'elle, jazer reclinado na humilde terra, ó filho adorado, e luz de meus olhos? Não foram tuas mãos que formáram o espaçoso orbe? Não dominas tu de um a outro polo? Porque então escollieste templo tão humilde para tua morada? Tu, a quem os céos não podem conter, que povoadas de lucidas estrellas o firmamento, que revestes os animaes, e aformoseas os prados e campinas de flores e verdura! »

(25) « Porque, minha alma, dormes preguiçosa grave somno? Nem te commove o cuidado da chorosa mãe, que pranteia a barbara morte de seu unico filho? Pedernaes entranhas se endurecem á dôr d'aquella que viu, presenciou e curou tantas chagas humanas: para qualquer parte que voltares a vista, verás com teus olhos tudo banhado com o precioso sangue de Jesus: vê como em presença da Sanctissima Virgem se acha postado o sacrosancto corpo lavado em sangue; olha como vai preso, como se fôra um ladrão e malfeitor, no meio da turba, atado com cordas ao pescoço e nas mãos; vê como diante de Anáz lhe fere a divina face a malvada quadrilha armada que o acompanha! »

(26) Francisco de Britto Freire e Simão de Vasconcellos asseveram que entre os gentios existia uma antiquissima tradição de haverem habitado em Cabo-Frio duas poderosas familias, trazidas por Tupá ou seu Deus, a fim de povoar a America: por isso era o promontorio de Cabo-Frio muito venerado entre elles, e especialmente pelos Tamoyos, do Rio de Janeiro.

(27) Perto do altar mór da igreja de São Sebastião do Castello, antiga sé da cidade de Rio de Janeiro, acha-se o tumulo de Estacio de Sá: pouco abaixo do altar mór da mesma egreja está enterrado Manuel da Nobrega, primeiro provincial dos Jesuitas no Brazil.

(28) Payé-Guassú.

(29) Ou Botocudos, como lhe chamavam os Portuguezes.

(30) Corda que amarra o prisioneiro, que deve morrer, para ser comido nos banquetes dos indigenas.

(31) Além de outros auctores, Sebastião da Rocha Pitta commemora este facto.

(32) Impressa no 3º vol. das *Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas*, da Academia Real de Sciencias de Lisboa, em 1825. Coñtém os mais interessantes esclarecimentos sobre a historia e geographia do Brazil, e os primeiros estabelecimentos dos Portuguezes. Está hoje provado que esta obra, que por algum tempo passára por composição de Francisco da Cunha, é escripta por Gabriel Soares, que viajára o Brazil pelos ultimos annos do seculo XVI, segundo os luminosos descobrimentos do senhor F. A. Varnhagen.

(33) *Corographia brazilica*, tomo II.

(34) *Brasilicæ societatis historia et vita clarorum Patrum quæ in Brasilia vixerunt*.

(35) Saint-Hilaire, *Voyages au district des diamants et littoral du Brésil*, tome II, page 4. Estas cartas, com o titulo *Epistolæ quamplurimarum rerum naturalium, quæ S. Vicentii provinciam incolunt, sistens descriptionem*, etc., foram publicadas pela Academia Real de Sciencias de Lisboa em 1812 na sua magnifica collecção de Memorias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas, tomo I.

(36) Para plenamente se convencerem os leitores das grandiosas acções dos modernos missionarios, leiam a *Collecção de Cartas curiosas e edificantes dos Jesuitas*, que tem sido impressa nas linguas franceza, castelhana, italiana e portugueza : e as dos padres Manuel da Nobrega, Anchietta, Leonardo Pires, etc., que tem publicado a Revista do Instituto historico e geographico do Brazil.

II.

JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO.

Em 23 de abril de 1539, e em Olinda de Pernambuco, nasceu Jorge de Albuquerque Coelho, filho de Duarte Coelho Pereira, e de Dom Brites de Albuquerque : era seu pai descendente da antiga linhagem portugueza dos Coelhos ; pertencia sua mãe á familia illustre dos Albuquerque.

Militára valorosamente na India Duarte Coelho Pereira ; assistira ao combate e tomada de Malácca, e regressára para a sua patria, em 1527, coberto de cicatrizes e de gloria. Para premio e recompensa de seus relevantes serviços, na distribuição que fez das terras do Brazil, o aquinhoou ElRei Dom João III com toda a costa comprehendida entre os rios São Francisco e Santa Cruz de Iguarassú, por carta de doação datada de 10 de abril de 1535, e foral de 24 de outubro do mesmo anno.

Como aos demais donatarios entre que se dividiu o territorio do Brazil, era de sua obrigação

povoar, cultivar e estender para o interior a sua capitania, conquistando as terras de que se achavam os indigenas de posse; tinha o direito de nomear os officiaes de justiça, prover a todos os empregos, e usar das reaes regalias, com a excepção de condemnar á morte, cunhar moeda, e negociar em páu Brazil. Deveria tambem o donatario perseguir os corsarios, e pagar á Corôa um imposto annuo, como reconhecimento da real suzerania.

Esquipou uma frota Duarte Coelho, na qual se embarcou com sua mulher e parentes, deixando Lisboa, e levando para a colonisação do seu feudo grande copia de familias portuguezas, e todos os precisos utensis para as explorações, e o cultivo do terreno: estabeleceu a sua capital em um levantado outeiro, coberto de verduras, e de frondoso arvoredo, no centro de uma extensa e alvadia praia; Olinda foi o nome com que chamou a nova colonia, pela razão talvez de achar muito linda a situação que havia escolhido.

Não lhe foi tão facil no emtanto sustentar-se no seu povoado, como ao principio lhe parecera: acommettiam-no constantemente os gentios Caethés e sempre com desusada furia: valiam aos companheiros de Duarte Coelho Pereira a tactica e pericia do chefe, e a resignação e obediencia dos subordinados. E apesar de Olinda cercar-se de muros de páu, que difficultosamente se transporiam; a todo o instante, e as mais das vezes inopinadamente se vinha

precipitar sobre os Portuguezes copia immensa de inimigos.

Pareceu ao começo sorrir a victoria aos gentios com o assedio que empregáram, prohibindo a entrada de mantimentos e aguada de que não era abastecida a povoação. Referem o abbade Barboza Machado (1), Frey Antonio de Santa Maria Jaboa-tão (2), e Frey Vicente do Salvador (3), que foram salvos os Portuguezes pelo engenho de um Vasco Fernandes de Lucena, que residia ha muitos annos entre os indigenas, o qual, tendo escapado de um naufragio, e adoptado a vida errante dos seus hospedes, soube ás gentias insinuar amores pelos Portuguezes, e ás escondidas e de noite, levavam ellas alimentos e vasos de agua aos sitiados de Olinda, passando-lhos pelos muros que lhes serviam de defensa.

Foram por fim derrotados os indigenas, e pode o donatario gozar livremente da capitania, e estabelecer povoações e engenhos em derredor de Olinda : para completar a sua obra, mandou por algum tempo cruzar varios navios pela costa da sua donataria, a fim de difficultar communicações entre os indigenas e Francezes, que começáram a entreter com elles relações intimas, cortando por este feitio todo e qual-quer alimento de zizania e intriga : por modo, que já pela força das armas, já pelos meios de brandura, obrigou os gentios á paz, e á conciliação.

Por esse tempo lhe nasceram dous filhos, Duarte Coelho de Albuquerque, em 1537, e Jorge de Albu-

querque Coelho, na epocha que deixamos mencionada : foram ambos em tenra idade mandados para Portugal, a fim de serem educados nas cousas que faziam então a educação da sua nobilissima estirpe.

Falleceu em Olinda Duarte Coelho Pereira em 7 de agosto de 1554, tendo gozado da ventura de presenciar o prospero e crescente engrandecimento de seus dominios : tomou sua viuva o governo da capitania; mas debeis eram suas forças de mulher para as immensas difficuldades da administração : já mortificados pelos máus tratamentos dos Portuguezes durante a administração da regente, já desreciosos d'aquelles a quem faltava o valoroso chefe, tornáram-se inimigos de novo os Caethés; foi a guerra tão cruenta, que em eminente perigo se achou por vezes a capital; foi necessario mandar-se pedir socorros da metropole.

Acompanhados de força que lhes prestou a regente Dona Catharina, que governava Portugal, na menoridade de seu filho Dom Sebastião, partiram de Lisboa, em 1558, Duarte de Albuquerque Coelho, e Jorge de Albuquerque Coelho, que eram ambos moços, briosos e destemidos : apoderára-se o terror dos espiritos de todos os habitantes de Olinda; era geral o desanimo. A seu irmão cedeu Duarte de Albuquerque o commando da força, porque os brios no peito do mais moço dos irmãos eram mais notaveis e apreciados; e não foi errada delibe-

ração do donatario, por que Jorge de Albuquerque Coelho não só desbaratou completamente as hordas dos audaciosos indigenas, senão tambem estendeu os domínios que pertenciam a seu irmão mais velho, por direito hereditario da fidalguia, muito além dos terrenos aonde chegára seu pai : entranhou-se pelos espessos sertões, subio por muitas legnas o feroso rio São Francisco até quasi á famosa cascata de Paulo Affonso; reconheceu e apoderou-se das suas margens, e durante cinco annos de guerra, acoçou os gentios, derrotou-os sempre, e com triumphos tão assignalados, ao passo que os reduziu ao temor dos Portuguezes, firmou de uma vez para sempre a segurança e paz da capitania.

Regressou Jorge de Albuquerque para Lisboa no anno de 1565, deixando o novo donatario na posse tranquilla de seu feudo.

Tormentosissima porém foi a viagem. Encontrou, em meio do caminho, uma náu de corsarios francezes, que n'essa epocha assaltavam os mares. Após porfiada resistencia foi preciso ceder e entregar-se. Os Francezes tomáram conta da náu *Santo Antonio*, que era o nome da portugueza, e declaráram prisioneiros a tripulação e os passageiros.

Navegando ambas á vista, sobreveio uma temporal que as maltratou por muitos dias; a náu portugueza soffreu mais, por que mais velha e aruinada estava. Temendo perdê-la, tiráram-lhe os Francezes de bordo os seus homens, e os mais

preciosos objectos que encontráram, abandonando-a depois com toda a gente portugueza ao furor inclemente das ondas.

Por vêzes pareceu submergir-se a infeliz náu no profundo pélago : perdidos os mastros, e fazendo agua por varios logares, andou por muitos dias vagando á mercê dos mares depois ainda que serenou a procella : e para complemento de males a sede e a fome apertáram tanto os navegantes, que já se nutriam com os restos de panos velhos, e muitos d'elles se fináram á mingua.

Conta o poeta Bento Teixeira Pinto (4), que ia de passagem á bordo, que a constancia e o animo de Jorge de Albuquerque Coelho poupou mais lamentaveis desastres, já acalmando aquelles que desesperados tentavam matar-se, e já incitando os brios da tripulação, que quasi enlouquecida pretendia commetter barbaridades, e nem se queria empregar na manobra do navio.

Ouvio Deus as preces de tantos desgraçados, que, depois de crueis padecimentos, deram á costa nos baixios de Cascáes, e proximidades do Tejo, parecendo mais cadaveres do que homens vivos!

Chegado á Portugal, entregou-se Jorge de Albuquerque Coelho ao exercicio das armas, que era a profissão da nobreza : chegou ao posto de general : teve entradas no paço; fazia-se na côrte considerar tanto pelo seu valor, ardidez e sangue, como pela generosidade do seu character; pelo povo

grangeára sympathias pelas sua acções caritativas e briosos procedimentos.

Approximava-se então para Portugal uma crise memoravel e lugubre. O monarcha, a quem errada educação insinuára brios de procurar e affrontar perigos, e de perseguir a todos que não adoptavam e abraçavam o catholicismo, premeditou a conquista d'Africa, arrancando-a á crença do Profeta. Fizeram-se para a expedição os maiores preparativos; ardiam os nobres portuguezes de quebrar elmos de Agarenos, e de conquistar terras de infieis; deixou Duarte de Albuquerque Coelho a sua terra de Pernambuco, confiando a administração a seu tio Jeronymo de Albuquerque : unio-se á flor da fidalguia, que devia acompanhar a seu rei. Foi Jorge de Albuquerque Coelho nomeado enfermeiro mór do exercito, e commandante de uma columna de cavallaria, ás ordens immediatas de Dom Diogo de Souza.

Completos os preparativos, embarcou-se, em 1578, ElRei, a nobreza e o exercito; ficou Portugal entregue a cinco governadores, o arcebispo de Lisboa, Dom Jorge de Almeida, Pero de Alcaçova, Francisco de Sá, e Dom João Mascarenhas : depois de tormentosa viagem, aportou a frota em Tangere.

Não cabe aqui descrever miudamente todos os graves acontecimentos que tiveram logar n'esta expedição famosa, que acabou por um sanguinolento combate ás margens do rio Luco, e que causou a

ruina de uma das primeiras monarchias europeas; uma ou outra pequena circumstancia apenas relevaremos, para completar os successos da vida do illustre Brasileiro que figurou n'ella com tanto luzimento.

Teve logar a batalha no dia 4 de agosto de 1578 nos campos de Alcacer-Quivir, entre as tropas portuguezas e o exercito de Muley Moluco, rei de Fez, Marrocos e Trudante. Dardejava o sol tão abrasadores raios, que pareciam incendiar a terra : perdeu Dom Sebastião o cavallo que foi atravessado pela bala inimiga : em tão triste occurrencia em que ElRei, que era conhecido pela côr original de suas armas, correu imminente perigo de cahir nas mãos dos infieis, appareceu-lhe Jorge de Albuquerque gravemente ferido e ensanguentado, e lhe offereceu o seu proprio ginete : é este facto commemorado por todos os historiadores, e especialmente por Miguel Leitão de Andrade (5), e prova a grandeza d'alma e a rara fidelidade de Jorge de Albuquerque Coelho : foi-lhe prejudicial o sacrificio, porque brevemente um troço de inimigos atacando-o de novo deixou-o por morto no meio de uma porção de cadaveres, que juncáram o campo da batalha : e nem com elle se salvou o atrevido monarcha, que na lucha sanguinolenta perdeu a sua corò, a sua vida, e a fortuna da sua patria.

Esclareceu o dia immediato um spectaculo mais luctuoso ainda : já não era um combate de dous

exercitos, em que se esvaia a vida no meio dos peloiros, ao tinir das armas, e exaltados os espiritos de furor, vingança e enthusiasmo; estava o campo coberto de cadaveres; com sangue misturava o rio Luco as suas limpidas aguas; traspassava e infeccionava a atmospherá o fetido dos mortos; e sobre esses desgraçados restos atirava-se uma nuvem de salteadores, que rasgavam as vestes tepidas e humidas, roubavam a corpos inanimados os dinheiros e joias, que ainda guardavam, e carregavam no meio dos risos infames, desapiedadas e indecifráveis alegrias, os despojos que não a valentia e o ardor dos combates lhes trouxeram, mas que lhes conseguiram ás occultas a protervia e o crime.

Felizmente que faz a Providencia divina sahir ás vezes do cumulo de males venturas inauditas: como mortos jaziam muitos individuos, que ainda o não eram, e a esperanza de maiores lucros animou a essas harpias, que esvoaçavam por cima dos cadaveres, a salvar-lhes a vida e tomar d'elles cuidado, para os venderem como escravos, apenas voltados ao gozo da saúde: foi Jorge de Albuquerque Coelho um dos infelizes, que do combate e das ancias já da morte passou para o captivo dos Mouros: que dôres crueis, não só as dôres moraes, que assaltavam-lhe o coração e a mente, como em turbilhão continuado, mas dôres phisicas tambem que lhe resultavam das feridas que recebera! Foi para Fez conduzido em um carro. Soffreu longa e dolorosa operação nas pernas,

da qual resultou ficar d'ellas aleijado, e para poder sustentar-se, e andar de pé, vio-se obrigado á usar de muletas.

Que vida essa a do captiveiro! E que captiveiro o de Mouros! — Foi o theatro e a pedra de toque das grandes almas de toda aquella epocha, em que constante e mortifera lucta sustentavam os Portuguezes contra os seus vizinhos Agarenos nas terras e dominios africanos, como que para assim vingarse de haver sido Portugal uma das conquistas d'elles! Tantas vezes receberam os campos musulmanos copia immensa de cadaveres lusitanos, e cadaveres da flor do reino, da mais pura e antiga nobreza, e até de sangue regio! Talvêz que fosse menos infeliz o que encontrava a morte no seio da batalha, na ponta de gladio, no perpassar da bala, do que o prisioneiro que arrastou a sua existencia na miseria a mais cruel e amarga, e ao som de ferros que manietam pés e mãos, e que a cada instante lhe estão lembrando o estado de captiveiro! Some-se a vida no travar da lucta e do combate : si ha dôr, é instantanea; no captiveiro porém, além dos sofrimentos physicos, além das dôres que agitam o corpo, além do peso dos ferros, do apertar das algemas, do bater dos instrumentos do castigo; além da fome e da sede que vai calando e minando a existencia; sobem á imaginação e lhe fallam brios quebrados, orgulhos abatidos, glorias fanadas e futuro sem esperança! Erguem-se

fantásticas reminiscencias de heróes que ali se fináram, e cujo prototypo é, sem contestação alguma, o infante Dom Fernando, prisioneiro em 1438, e que preferio, martyr da sua patria, fenecer e morrer agrilhado entre infieis a entregar-lhes Ceuta, conquistada pelos Portuguezes.

Com Jorge de Albuquerque Coelho foram captivos e martyres seu irmão Duarte de Alburquerque Coelho, Jeronymo Côrte-Real (6), Diogo Bernardes (7), Luiz Pereira Brandão (8), e varios outros Portuguezes illustres por sangue, por talentos ou pelas qualidades : receberam Fez e Marrocos um numero avultado de christãos, que a batalha de Alcacer-Quivir atirou nas prisões e no captiveiro.

Como viveu Jorge de Albuquerque Coelho durante o tempo da sua escravidão, que não durou menos de dous annos, diga-o a imaginação capaz de fantazia-lo : pesava-lhe de certo o defeito physico com que ficára marcado ; mortificava-o o captiveiro que soffria ; mas como poderia lembrar-se o desditoso, sem que aos olhos lhe saltassem as lagrimas, não só da vida alegre, feliz e venturosa, que passára, senão tambem do estado desgraçado a que estariam reduzidas a sua patria, e a donataria dos seus pais ! que dôres o assaltariam quando se lembrasse que não poderia batter-se mais em campo raso com os seus inimigos, travar com elles luctas cavalheirosas, quebrar arnezes e ufanar-se com victorias e triumphos !

Dôr e afflicção egual que não tem nome no hymno

das dôres, mas que sobe á escala indifiniavel! reminiscencias, que são duros e crueis sacrificios e que devem torturar o espirito, e completamente aniquila-lo! é a perda de toda a esperanza, quer de salvar-se do captiveiro, e de gozar ainda da vida, quer de se prestar ao seu paiz, e de servi-lo dedicadamente! quanto soffreu sem duvida, na sua escravidão de Fez, o general Jorge de Albuquerque Coelho!

Com muitos dos seus companheiros de infortunio resgatado, á custa de pesadas sommas pecuniarias, que a caridade publica fornecia, e que conseguia esmolando a ordem religiosa para esse fim instituida, sommas com que se cómpravam aos Mouros os seus captivos; pode voltar por fim para Portugal e para o seio dos seus amigos e parentes.

Mas que differença em Portugal! Como estava mudado!

A Dom Sebastião succedêra no throno portuguez o sexagenario cardeal Dom Henrique, que expirou poucos mezes depois, deixando a corôa ambicionada por muitos pretendentes, dos quâes eram dous portuguezes, a duqueza de Bragança, e Dom Antonio, prior do Crato. Mandou Felipe II, rei da Hespanha, que o duque d'Alva á frente de um exercito se apoderasse de Portugal, e o unisse á corôa hespanhola; estremeceram os Portuguezes; ousáram poucos resistir ao poderoso monarcha; recolheu-se ao silencio a duqueza de Bragança; unico foi o prior do

Crato que pegou em armas, e chamou Portuguezes ao combate : contraria correu-lhe porém a sorte, e venceu Felipe II; todos os que nutrido idéas ainda de independencia, e odio ao jugo hespanhol, contra elle se declararam, ou unindo-se ao prior do Crato, ou sem aceitar o governo de Dom Antonio, desejando para Portugal outro rei, que não fosse o monarcha castelhano, tiveram de resignar-se ao exilio, para escapar á prisão, ou á morte.

Havendo fallecido Duarte de Albuquerque Coelho durante o seu captiveiro na Africa, a seu irmão Jorge de Albuquerque veio a pertencer a capitania de Pernambuco na falta completa de descendentes directos, pelo direito hereditario : mas, com a sujeição de Portugal, ousaram assaltar os Hollandezes e Francezes as antigas possessões que tanto sangue haviam custado aos Portuguezes. Era Pernambuco uma das donatarias mais fertis, e portanto das mais ambicionadas, e para ali convergiam aquelles povos as suas vistas, pretendendo conquista-la.

E que podia fazer Jorge de Albuquerque Coelho? Não lhe roubára a existencia a batalha de Alcacer-Quivir; deixára-o porém exausto de fortuna e de meios para soccorrer a sua capitania, e inhabilitado de corpo para pessoalmente defende-la; e podia o filho de Duarte Coelho contentar-se com a sorte do invalido?

Para consolar-se, chamou em seu auxilio a intelligencia, e ella lhe não faltou : escreveu diversos tra-

tados moraes e politicos, e memorias importantes sobre as guerras do Brazil, durante as primeiras explorações; pelo juizo critico dos chronistas contemporaneos, ao passo que revelam estas memorias o apurado talento do seu auctor, offereciam para aquella epocha as mais perfeitas e verdadeiras noticias de estado de Pernambuco, e interessavam de bem perto aos estadistas portuguezes (9).

Ainda que Felipe II conhecia o quanto lhe era in-fenso o animo de Jorge de Albuquerque, que soffria de ver Portugal governado por monarchas estrangeiros, mostrou todavia grande apreço por suas memorias, e sollicitou do auctor que continuasse a escreve-las para gloria sua, e da nação portugueza: e querendo dar-lhe um testemunho mais elevado do seu apreço, offereceu-lhe enviar alguma força para Pernambuco, que sustentasse a sua capitania contra os ataques dos inimigos que a invadiam. Aceitou Jorge de Albuquerque este auxilio, e para o lograr mais efficaç, requereu, e obteve tambem, que com a força armada partissem religiosos menores de São Francisco, alguns carmelitas, e padres da Companhia de Jesus, certo de que mais perfeitamente se consolidariam os triumphos das armas com os auxilios da religião, que chamando tantos gentios perdidos ao gremio de sociedade, augmentaria o numero do seu povo, e o moralisaria com os exemplos de virtude e prédicas moraes e religiosas.

Já que por si mesmo não podia mais, atravessando

os caudalosos mares, tomar conta das redeas do governo, collocar-se á frente de seu povo, e conduzi-lo á victoria, como tão gloriosamente o fizera na sua mocidade; para engrandecimento e prosperidade da terra que o viu nascer, e que yinha doce e fantasticamente susurrar em todos os seus sonhos, pelo menos a soccorria conforme as suas forças, e por este modo satisfazia a seus desejos patrioticos.

E logo que á idade varonil chegou o seu filho Duarte de Albuquerque Coelho que nascêra em Lisboa, mandou-o para Pernambuco, como seu representante, como sua propria imagem, á fim de animar com a sua presença o povo que lá existia, aprender a batalhar, e conhecer e amar o solo feliz que fôra patria de seu pai, e era o feudo de sua familia, conquistado pelos seus antepassados á custa dos seus braços, do seu sangue, e da sua vida.

É inteiramente ignorada a epocha do fallecimento de Jorge de Albuquerque; desde que regressou do captiveiro de Fez, não sahiu mais de Lisboa; n'esta cidade teve sem duvida logar a sua morte: os chronistas que historiáram os successos de sua vida não mencionáram o seu termo; o que se sabe é que ainda no anno de 1596 vivia Jorge de Albuquerque Coelho, general reformado do exercito portuguez, guerreiro coberto de cicatrizes e de gloria, e litterato conceituado pela sua erudição e pelos seus talentos.

NOTAS.

- (1) *Bibliotheca lusitana*, tomo III.
 - (2) *Orbe seraphico*, primeira parte.
 - (3) Manuscrito sobre as cousas de Pernambuco, de data de 1719.
 - (4) Anda publicada esta narração de Bento Teixeira Pinto no segundo tomo da *Historia tragica maritima*.
 - (5) *Varia historia*, batalha de Alcacer-Quivir.
 - (6) Auctor do *Cerco de Diu* e do *Naufragio de Sepulveda*, admiraveis poemas.
 - (7) Poeta illustre portuguez, auctor dos poemas denominados o *Lima*.
 - (8) Luiz Pereira Brandão, auctor do poema *Elegiada*, em o qual é esta batalha famosa perfeita e poeticamente desenhada.
 - (9) Attribuem-lhe tambem os contemporaneos além de outras obras uma falla notavel que fez aos governadores do reino; e mais os conselhos aos parentes e fidalgos de Portugal, que existem, no dizer do abade Barbosa, na livreria da casa dos marquezes de Valença.
-

III.

SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENAVIDES.

I.

Foram Mem de Sá, Estacio de Sá e Salvador Correia de Sá, os fundadores da cidade do Rio de Janeiro; o primeiro, governador geral do Brazil, retirou-se para a Bahia, capital então do estado; pagou o segundo com o seu sangue e a sua vida a gloriosa conquista para que tanto concorrera; e governou-a o terceiro até que, em 1572, recebeu ordem de passar a administração a Christovam de Barros.

Era o governo da capitania do Rio de Janeiro subordinado ao governo geral do Brazil; no anno de 1574, considerou ElRei Dom Sebastião que melhor seria dividir a administração em dous governos independentes, com as denominações de Sul e Norte, sendo capital de primeiro a nova cidade do Rio de Janeiro, para o qual nomeou a Antonio de Salema; e continuando a Bahia capital do segundo.

Não durou muito tempo esta deliberação; appareceram inconvenientes de tamanha gravidade que, em 1577, ordenou ElRei que voltassem as cousas ao seu antigo estado; e foi novamente nomeado

Salvador Correia de Sá governador do Rio de Janeiro subordinado ao governador geral do Brazil.

Complicada e trabalhosa era de certo a tarefa do governador do Rio de Janeiro; não lhe cabia sómente lançar os fundamentos da cidade, conceder sesmarias de terras, animar o cultivo d'ellas, e promover o augmento da população; tinha que sustentar continuas guerras contra os gentios Tamoyos, que á força, e unicamente no derradeiro extremo, cediam o terreno, e retiravam-se então para o interior a refugiar-se nos sertões desconhecidos pelos conquistadores. Cathequisáram-se, aldeiáram-se, e traváram-se de amizade com os Portuguezes, quasi todas as nações e tribus dos indigenas do Brazil, já com o medo e temor das suas armas, já movidas pelas praticas habilidosas dos Jesuitas, que as procuravam, tranquillisavam e chamavam ao gremio da religião e da sociedade. Como que eram porém os Tamoyos do Rio de Janeiro de tempera diversa, não ouviam os conselhos de paz, e nem attendiam as vozes dos Jesuitas; não se cathequisáram, e menos se aldeiáram; combatiam constantemente; e quando foram vencidos e derrotados, abandonáram o terreno, e sumiram-se á todos os olhos; preferiram perder as suas bellas e magestosas terras, a sua vasta e magnifica bahia, os seus folgares no oceano, e os seus jogos maritimos, para conservar a sua vida livre e nomade. Um Tamoyo não se ligou com os Portuguezes; receberam as terras interiores do

Brazil essa nação cavalheirosa e valente, que a força venceu, mas que se não curvou aos vencedores.

Durante o primeiro governo de Salvador Correia de Sá, nasceu-lhe um filho no Rio de Janeiro, Martim de Sá (1). Em 1590, casou-se Martim de Sá com Dona Maria de Mendonça Benavides, filha de Dom Manuel de Benavides, governador de Cadiz : em 1594, achando-se empregado Martim de Sá nas obras militares do Rio de Janeiro, ainda sob o governo de seu pai, Salvador Correia de Sá, veio ao mundo seu filho Salvador Correia de Sá e Benavides, que foi no mesmo anno baptisado na freguezia de São Sebastião, hoje sé velha (2). A quasi todos os membros da familia dos Sás coube a honra de dirigir a administração da capitania do Rio de Janeiro. Foram por diversas vezes seus governadores Mem de Sá, Estacio de Sá, Salvador Correia de Sá, Martim de Sá, e Salvador Correia de Sá e Benavides.

Em 1603 obteve pela primeira vez Martim de Sá o posto do governador do Rio de Janeiro, e o de vice-almirante das costas do mar do sul do Brazil ; durou a sua administração até 1608, epocha em que regressou para Lisboa, sendo substituido por Affonso de Albuquerque : em 1623 voltou segunda vez para o Rio de Janeiro a tomar as redeas do governo da capitania.

Em seu filho Benavides madrugáram muito cedo o valor e os brios ; dedicou-se ás armas, que eram as armas a carreira que lhe competia ; n'ellas ha-

viam adquirido gloria os seus antepassados tanto nas guerras d'Africa, e conquistas d'Asia, como nas luctas do Brazil : que espelhos de acções dignas e memoraveis lhe appareciam, sempre que folheava as vidas dos seus predecessores ! Que quadros de heroismo luziam a seus olhos, quando elles se estendiam pelo immenso theatro da guerra, que Portugal levára á todas partes do mundo ! Que aureolas de gloria phantasiava a sua imaginação embebida nas historias de Diu, Damão e Malacca, e nas chronicas de Ceuta, Tangere, Alzira e Maroccos !

Herdavam-se os brios com o sangue, enthusiasmavam-se com os exemplos, e firmavam-se com os feitos de gloria : tinha apenas Salvador Correia desoito annos de idade quando o mandou seu pai que acompanhasse varios combois de navios mercantes, que navegavam entre o Brazil e o reino de Portugal : começou assim a carreira de feitos honrosos, sustentando ainda na juventude diversos combates com náus hollandezes que encontrára na sua viagem. Coalhavam-se os mares n'essa epocha de piratas e corsarios, que por toda a parte infestavam e atacavam os navegantes : e muito arriscadas eram as commissões de acompanhar combois de navios mercantes, defendendo-os de ataques e roubos a que andavam expostos.

Tenro ainda avesou-se o seu corpo aos exercicios continuos, e á maravilhosa actividade, que distinguem o guerreiro : dedicou-se o seu espirito ao estudo

da estrategia e da sciencia, que aperfeiçoa, domina e dirige a pratica militar; e era-lhe preciso unir a intelligencia ao valor pessoal, liga-los estreitamente para que conseguisse collocar-se ao nivel dos grandes acontecimentos que o esperavam, e que lhe cumpria vencer.

Não tardou muito a epocha das provas.

Attacáram inopinadamente os Hollandezes a cidade da Bahia, em 9 de maio de 1624. Era a capital e a primeira e principal praça de todo o Brazil, como séde official do governo, e como a povoação mais importante: continha cerca de mil quatrocentas casas, tres conventos, e quatro egrejas: guarneciam-na trezentas e cincoenta praças de linha, e perto de mil milicianos; uma bateria e tres fortalezas defendiam-lhe o porto. Foi regular a defesa: não poderam porém resistir os de terra a força tão poderosa como era a hollandeza composta de vinte e seis navios de guerra, com quinhentas bocas de fogo, e uma tripulação de mil e seis centas praças de marinhagem e mil e setecentos soldados, a cuja testa se achavam os famosos Jacob Willekens e Peter Heyne. Tomáram elles a cidade; prenderam o governador Diogo de Mendonça Furtado, que remeteram para Amsterdam; assenhorearám-se das fortalezas, tendo-se evadido para o interior a maior parte da população, que abandonou a praça. Chegando esta noticia a Martim de Sá, tratou este governador de auxiliar immediatamente os seus com-

patriotas, soccorrendo-os em transe tão amargurado. Preparou uma força de duzentos homens, e fê-la seguir para a Bahia, confiando o seu commando a seu filho Benavides : descobria já n'elle aquelle ardor, nobreza, valentia e pericia, que affiançavam honrosos feitos, e promettiam porvir glorioso.

Si bem que as caravellas, que levavam esta força, seguissem viagem costeando o paiz, soffreram uma tempestade pelas alturas dos Abrolhos; demandáram o Espirito Santo, e ahi arribáram, a fim de se reparar de algumas avarias : parece que foi a Providencia que attrahio para esta capitania a Salvador Correia por que a sua presença e valor a salváram de uma frota hollandeza, bem esquipada e aparelhada, que vindo de Loanda se dirigira para o Espirito Santo, na persuasão de achar a capitania desprevenida, e poder assim saquea-la. Conheceu Salvador Correia que era inferior o numero dos seus soldados ás forças hollandezas excedentes a trezentos; o valor porém se não mede pelo numero; sempre fallam os brios antes do calculo. Animou a sua gente; desembarcou em terra, que já em a terra se achavam os hollandezes capitaneados pelo almirante Patrid; e começou o combate com aquelle ardor heroico, e caloroso entusiasmo, que não dá tempo á victoria a decidir-se; sustentáram os Hollandezes o ataque com a frieza e calma de seus climas; a mortandade porém que lavrou por entre as suas fileiras, obrigou-os a abandonar a terra, e a procurar os seus navios; ousáram voltar nos dous dias

immediatos; soffreram novo revêz; não se pode cortar inteiramente a retirada dos inimigos, pela diminuta força portugueza; causou-lhes porém Salvador Correia um destroço tal, que d'elle lhes ficou de certo longa reminiscencia. Muitos cadaveres hollandezes juncáram o campo da batalha; recebeu e tragou o mar duas das oito embarcações que traziam; e no transe da fuga de terra, dentro das lanchas e dos escaleres, e mesmo a bordo dos seus navios, supportáram consideraveis perdas (3).

Obtida a victoria de 1625, e por ella libertada a capitania do Espirito Santo, seguiu Salvador Correia de Sá e Benavides para a cidade da Bahia com a pequena força que commandava,

Logo que fôra preso o governador, e cahira a cidade em poder dos Hollandezes, refugiáram-se os habitantes para o reconcavo, como já o dissémos; mas pela influencia e exhortações do bispo Dom Marcos Teixeira ali se reuniram, se organisáram, e se defendêram, ao principio, com diminuta força, e nem-um successo; foram depois a pouco e pouco recobrando os animos, e reclamando soccorros das capitánias visinhas, que não tardáram felizmente; os que de Pernambuco expedio Mathias de Albuquerque, governador e capitão general, foram os primeiros chegados, e muito serviram para animar e enthusiasmar o povo portuguez. Não desejava para o Brazil mandar soccorros o conde de Olivares,

primeiro ministro das Hespanhas : obrigou-o porém o Conselho d'Estado a fazer seguir Dom Fadrique de Toledo commandando uma frota de trinta galeões, quasi todos preparados e equipados pelos Portuguezes a fim de tomar immediatamente a offensiva e attacar a cidade, que os Hollandezes tinham reforçado com auxilios novos, que haviam tambem recebido da sua Companhia das Indias Occidentaes; conseguiu Dom Fadrique de Toledo desembarcar na Bahia uma força de dous mil homens, que acastellou no mosteiro de São Bento : chegou tambem pelo mesmo tempo Salvador Correia, trazendo o contingente com que entrava seu pai para a restauração da capital do estado do Brazil.

Pode-se organizar então uma força regular portugueza, que se accampou nas margens do rio Vermelho, na distancia de uma legua da cidade, ás ordens do bispo, de Manuel Dias de Andrade, e de Pedro da Silva Coutinho, a qual começou o assedio d'ella; pela parte do mar Dom Fadrique de Toledo, Salvador Correia de Sá, Dom Francisco de Almeida, e outros capitães cortavam as communicações da praça, servindo-se tambem da de posse que tinham de alguns pontos de terra. Ao assedio seguiu-se o ataque, e ao ataque a victoria; no dia 4º de maio de 1625, lograram os Portuguezes entrar na Bahia, obrigando os Hollandezes e o seu governador Kiff á evacuar a praça. Já não era aquella bella cidade que

tinham possuido; outra lhes era restituída; por debaixo da atmosphera enfumaçada da lucta um montão de ruinas apparecia, ruinas de grandes casas, e excellentes edificios que, ou devorára o fogo, ou destruiu a mão dos conquistadores; perderam os Hollandezes a praça; não quizeram porém que voltasse para o dominio dos Portuguezes como quando lhes pertencêra; com o ferro, e com o incendio causáram-lhe incalculaveis perdas.

Com elogio fallam as proprias memorias hollandezas do valor, intrepidez e estrategia de Salvador Correia de Sá e Benavides (4); para a sua Côrte deu Dom Fadrique de Toledo uma parte tão honrosa do seu comportamento, que foi louvado em cartas patentes do soberano, e nomeado almirante do Rio da Prata (5).

Regressando para o Rio de Janeiro, foi empregado Salvador Correia em varias commissões, nas prestou serviços tão relevantes a Martim de Sá, como a seu finado avô prestára elle: occupou-se com as obras dos fortes de Santa Cruz e São Thiago, e tambem com a edificação da nova fortaleza de São Sebastião, mandada levantar para o fim de premunir a cidade contra quaesquer invasões de inimigos.

Nos fins do anno de 1629 foi chamado á metropole, e empregado, em Lisboa, em algumas commissões militares.

No entanto, em 1632, falleceu no Rio de Janeiro o governador Martim de Sá; a mesma terra, que o

viu nascer, recebeu-o no seu seio; aonde echôou o primeiro suspiro da sua vida, ouviu-se o derradeiro d'ella; illustre por seu nome e familia, honrado por suas acções, e celebrado por seus feitos, foi chorado por todo o povo, que governára, como sóe ser um pai extremoso chorado por seus filhos.

O sentimento de Salvador Correia de Sá e Benavides obrigou-o a deixar o serviço publico, a recolher-se á solidão, e a procurar alivio e repouso; pouco tempo o deixáram porém no descanso, que nem a sua indole, e nem aos interesses de seu paiz convinha de forma alguma.

II.

Em toda a parte central dos dominios hespanhães, que comprehendendo as provincias de Tucumã, Jujuy, São Luiz, São João, e a margem direita do rio Paraguay, lavrava antiga e terrivel rebellião, fomentada por Dom Pedro Chamay. Por diversas vêzes haviam sido destroçadas e anniquiladas pelos revoltados varias forças castelhanas; e não sófria a metropole com o só desconhecimento do seu governo e do seu dominio nos logares sublevados; padeciam tambem muito com aquelle estado de anarchia as suas provincias limitrophes de Buenos Ayres, Corrientes e Entre Rios, e podia elle trazer funestos resultados aos dominios da corôa hespanhola.

Tencionou ElRei Dom Felipe IV terminar de uma

vez para sempre com a rebellião, e trazer á paz, e ao seu dominio todo o territorio do sul da America: necessitando de um general que tivesse ainda a robustez da mocidade, para poder resistir aos combates desiguães de povos indisciplinados e traiçoeiros, e para atravessar terrenos incultos, vencer distancias immensas, e soffrer sedes, fome, abandonos e solidões, escolheu a Salvador Correia de Sá e Benavides, cujos feitos o haviam já collocado ao par dos melhores guerreiros do seu tempo; nomeou-o, em 1634, vice-almirante das costas do mar do sul, e commandante em chefe do exercito castelhano que devia seguir para o sul da America, a operar contra os revoltosos.

Firmou-se e engrandeceu a reputação de Salvador Correia de Sá e Benavides com as campanhas de Tucumã, São João e São Luiz; regôu com o seu sangue os campos do magestoso continente, que lhe deram para theatro de seu valor e brios; foram longos e sanguinolentos estes combates; era uma serie continuada e incessante de luctas; seguiam-se umas apóz outras; para conseguir effeitos reaes, carecia a victoria de um dia de segunda, terceira e quarta victoria nos dias immediatos; desapparecia o inimigo, logo que perdia o campo da batalha; para descobri-lo e apanha-lo atravessavam-se de novo os desertos, dobravam-se as montanhas, vadeavam-se os rios, rasgavam-se as florestas e mattas desconhecidas; sumia-se elle aos olhos ainda, inter-

nava-se nas solidões, e obrigava á novos trabalhos, novas fadigas, e novos sacrificios, para se avivar a lucta: por fim porém a victoria de Paligarta, em 1635, pacificou a provincia de Tucumã, sendo derrotados completamente os Catequis revolucionarios, e preso o seu chefe principal, Dom Pedro Chamay. Pode então Salvador Correia de Sá e Benavides regressar para Madrid, e appresentar ao governo os seus louros, as suas cicatrizes, e os despojos dos inimigos.

Em premio, nomeou-o ElRei, por carta patente de 21 de fevereiro de 1637, governador e capitão general do Rio de Janeiro.

Casou-se, por estes tempos, Salvador Correia de Sá e Benavides com Dona Catharina de Valasco, filha de Dom Pedro Ramires de Valasco, governador do Chile, e seguio para o Rio de Janeiro a fim de exercer o governo da capitania.

Quando, em 1640, rebentou em Portugal a gloriosa revolução da independencia, que acabou com o jugo castelhano, e elevou ao throno Dom João IV, duque de Bragança, achava-se ainda Salvador Correia na cidade de Rio de Janeiro, á frente do seu governo. Harmonisavam seus sentimentos com aquelles novos e graves successos; si bem que sempre merecera a attenção de Dom Felipe IV da Hespanha, e recebera não equivocas provas de sua real estima, presava com tudo a independencia de Portugal, e por isso saudou-a no Rio de Janeiro, submettendo-se immediatamente ao novo monarcha e perdendo

com este acto dez mil cruzados de renda que lhe dava a Corôa hespanhola, e mais de cincoenta mil de fazenda de raiz e movel, que possuia no reino do Perú e Castella. Proclamado Dom João IV legitimo rey e senhor de Portugal no meio das maiores demonstrações de publico regozijo, em 10 de março de 1644, para todas as capitancias do sul foram enviados emissarios para o fim de convidar as auctoridades e os povos a seguir o mesmo exemplo.

Preferio assim Salvador Correia de Sá e Benavides a fidelidade de subdito e de portuguez á possessão de riquezas e honorarios que a Hespanha lhe affiançava. Confirmou-o Dom João IV no posto que occupava, conferindo-lhe mais o cargo de general da frota dos mares do Brazil, como testemunho de seu real agrado.

Foi uma administração de grandes vantagens moraes, e de immensos progressos materiães para o Rio de Janeiro, e para todo o sul do Brazil, a que elle desenvolveu no seu governo. Era incansavel o seu genio, activissimo o seu espirito; tudo procurava por si mesmo ver, conhecer e examinar; anciava augmentar a população, fazer progredir o cultivo das terras, abrir vias de communicacão entre diversos pontos e aldeias, que levantava e animava; era o seu intuito provar aos olhos de todos, que o paiz que lhe servir de berço continha em seu seio copia immensa de riquezas fecundas, e germen seguro de futuras prosperidades; sustentou os Jesuitas, na in-

tenção de propagarem os dogmas da religião catholica, cujo freio mais segurava o dominio da civilisação : executou as bullas dos papas Urbano VIII e Paulo III, e as leis, cartas regias, provisões e alvarás de seu soberano, de 20 de março de 1570, 22 de agosto de 1587, 11 de novembro de 1595, 30 de julho de 1609, e 10 de septembro de 1611, que declarando libres os gentios, estabeleciam como unica excepção os casos dos prisioneiros em guerra justa, e auctorizada pelo governo, e em correrias matutináes, assaltando e roubando habitações, assassinando os moradores, ou matando inimigos para comer. Pensava assim poder reunir em torno do seu governo, e na sua obediencia, a todos esses infelizes selvagens : e bastante lhe custava a execução d'estas providencias, porque os povos se habituáram a possuir escravos, e se haviam assenhoreado injustamente dos indigenas, reduzindo-os á escravidão ou obrigando-os a trabalhar nas suas fazendas. Preciso lhe foi ir pessoalmente a Santos, a São Vicente, a São Paulo, aonde mais claramente se manifestára a opposição, e por si mesmo, com pacificas insinuações e paternáes conselhos, e com emprego de ameaças, e mesmo de força armada, accommoda-los, abranda-los, e submete-los.

A Salvador Correia de Sá e Benavides succedeu no governo da capitania do Rio de Janeiro Luiz Barbalho Bezerra : retirou-se Benavides para Lisboa, acompanhando uma frota de trinta e cinco navios

mercantes; na Bahia recebeu em conserva o mestre de campo Andre Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno com dous terços embarcados em oito navios; atravessou sem receio os mares de Pernambuco coalhados de náus hollandezas, que, perdida a Bahia, se haviam apoderado da capitania de Pernambuco e n'ella estabelecido, e deixou em Itamaracá aquella força, que se destinava ao soccorro dos Portuguezes, que cercavam o Recife.

Chegado a Lisboa não gozou do descanso por muito tempo. Das costas do Brazil passáram-se os Hollandezes para a Africa; chamando a si alguns reis negros, atacáram diversos presidios, d'elles se apoderáram, e tomáram posse de Loanda, fortificando-se ali, como em dominio seu : soffreu grandes revêzes o commercio portuguez com este successo; entre a Africa e o Brazil fazia-se a navegação em grande escala; eram as viagens faceis e regulares; transportavam-se para os portos de Portugal os generos africanos por intermedio das praças da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Ordenou ElRei Dom João IV a Salvador Correia de Sá e Benavides que partisse para o Rio de Janeiro, tomasse novamente posse d'este governo, ajuntasse forças e tratasse de restituir á corôa portugueza os seus dominios d' Africa, expellindo d'elles os Hollandezes, e obrigando os reis negros de sertão a submetter-se á sua autoridade.

Foi pois pela segunda vez Salvador Correia de Sá

e Benavides governador do Rio de Janeiro; a sua actividade e o seu zelo reuniram em pouco tempo força e armada sufficientes para reconquistar a Africa, que devia de ser novo theatro de seus feitos; para ali partio em 12 de maio de 1648; propicios felizmente lhe foram os mares e os ventos, achando-se em vista das costas africanas apóz uma curta viagem. Recontar os pormenores dos combates que teve de dar, descrever os seus planos de campanha, minuciar as victorias e triumphos que conseguiu, longa tarefa seria. Baste dizer que apenas desembarcou com a sua força em Guicombo, assaltou e venceu os Hollandezes, obrigando-os a abandonar a ilha de Loanda e a possessão de Benguela, depois de terrivel perda de gente e material: expellidos os invasores teve que recommençar a lucta contra as tribus naturaes da terra. Combateu e destroçou innumeráveis hordas de pretos, que com os Hollandezes se haviam travado de alliança; obrigou os seus reis e os seus chefes, e especialmente o rei do Congo, a rainha Ginga de Angola, e quatorze sovas, que todos se haviam rebellado, a curvar-se á Corôa portugueza, e a reconhecer os seus direitos de suzerania, cedendo-lhe as terras e a ilha de Loanda; e para firmar a posse de seu monarcha tratou da reconstrucção e reedificação dos presidios e fortes, e das vilhas e cidades, que a invasão assolára e destruiu.

Guarneceu-se e fortificou-se Loanda; fundou no Congo e no Zaire algumas povoações portuguezas;

foi por elle visitada e examinada toda a costa; aqui e ali dispersos fortes e presidios levantados; ficáram por este modo melhor fortificados os dominios portuguezes d'África.

Affirma monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro (6) que ainda no seu tempo (7) se celebrava annualmente em Loanda uma festividade religiosa, em louvor da victoria obtida em 15 de agosto de 1648 por Salvador Correia de Sá e Benavides, a qual lhe abriu as portas d'esta importante cidade, e a livrou do jugo e dominio dos Hollandezes.

Conservou-se Salvador Correia de Sá e Benavides quasi três annos no governo d'África; em 1654, retirou-se para o Rio de Janeiro, logo que julgou cumprida a sua difficil missão, deixando por seu substituto a Rodrigo de Miranda Henriques; recebeu então d'ElRei as commendas de São Julião de Cassia, e de São Salvador da Lagoa, na ordem de Christo, e a mercê do senhorio de Asseca, e da alcadaria mór da cidade do Rio de Janeiro, com o privilegio de poder gravar as figuras de dous Africanos por supportes de suas armas, e brasão de familia, como recompensa dos seus serviços.

Governou ainda pelo espaço de um anno a capitania do Rio de Janeiro, continuando a publica administração com o mesmo cuidado, zelo, intelligencia e actividade, que empregára em seu primeiro governo, e que o fizeram estimar e respeitar por todo o povo; comprehendeu o verdadeiro sys-

tema de concessão de sesmarias com o onus de demarcação, posse e cultivo, em um prazo rasoavel e fixado; fundou a igreja de São Salvador, nos amenos e alegres campos dos Goytacazes, ás margens do rio Parahyba; chamou para ali povoação, estabeleceu engenhos de assucar, e promoveu o cultivo da cana em um terreno tão fertil e tão proprio para ella como é aquelle solo; concedeu a administração da igreja aos monges de São Bento, que lhe haviam prestado importantes serviços (8); abriu as necessarias estradas, que communicassem aquelle novo povoado com a cidade do Rio de Janeiro, plantando por ellas algumas aldeias de gentios cathoquizados, e de colonos europeus, misturando-os com os mestiços, e firmando entre elles todos o principio de perfeita egualdade.

Incitou enfim a Francisco Dias Velho, e coadjuvou-o para tomar conta da ilha de Santa Catharina, e povò-a-la com sua familia e quinhentos colonos e Indios domesticados, fundando-se assim a cidade do Desterro, capital hoje da provincia d'aquelle nome.

III.

Com a morte d'ElRei Dom João IV, e regencia da rainha Dona Luiza de Medina Sidonia, tutora de seu filho ElRei Dom Affonso VI, começaram á apparecer em Portugal evidentes symptomas de

oposição da nobreza e do povo. Descontentes muitos Portuguezes com as qualidades, que, desde a sua puericia, mostrava Dom Affonso VI, foram-se chegando para o infante Dom Pedro, seu irmão menor, e formando em torno d'elle uma côrte especial, apresentando-o desde logo como mais apto para o throno; outros conserváram-se fieis á ElRei, e reprovavam as opiniões e o comportamento d'aquelles. Supposto que nutrisse predilecção pelo filho menor, cujos dotes mais dignos lhe pareciam, esforçava-se todavia a rainha regente de reunir em derredor do throno as sympathias de toda a nobreza e povo, como as melhores garantias do engrandecimento de Portugal e perpetuidade da real dynastia.

Tomou incremento e progrediu com força esta divisão do paiz em dous partidos, ou bandos differentes; equilibrava-os Dona Luiza, porque perspicaz e intelligente, parecia-lhe melhor conservar neutralidade entre elles, e socegar a um e a outro; com bem dôr do seu coração via ella o fogo nascente! Sob impressão de bem funestos presagios antevia de certo o futuro!

Deixára Salvador Correia de Sá e Benavides em 1652 o governo do Rio de Janeiro, e se retirára para Portugal; achou ahi divididas as familias, separado o pai do filho, inimigos entre si os proprios irmãos; encontrou partido de Dom Affonso, e partido de Dom Pedro!

Não sabia unicamente manejar a espada, commandar os exercitos, dirigir as armadas, e ganhar victorias; não sabia unicamente administrar capitánias, levantar grandes obras, e importantes presidios, povoar terras, e fundar povoações; dotado fôra de intelligencia superior, e seguira estudos regulares; assevera Luiz Moreri (9) que escrevera Salvador Correia de Sá e Benavides memorias interessantes do seu governo, que infelizmente se perderam, e que patenteavam forte erudição e talentos subidos de politico e de estadista.

Pensava elle que as revoluções, quaesquer que fossem sua necessidade e legitimidade, causam sempre males incalculaveis ao paiz que as supporta; com o enfraquecimento do poder, que é o seu primeiro resultado, soffre a sociedade; para faze-la voltar ao seu estado normal tornam-se precisos trabalhos maiores do que para anarchisa-la e dissolve-la; emquanto não é dominada uma revolução, emquanto se não restabelece o poder, e corre risco a ordem publica de ser a cada instante perturbada, é grave e geral a perda. Não teve parte Salvador Correia de Sá e Benavides na revolução de 1640, com quanto a prezasse, não só porque temeu os perigos da anarchia, que felizmente preveniu e removeu a energia de Dom João IV, senão tambem porque, na qualidade de militar, considerava a obediencia ao governo constituido como o primeiro dos seus deveres, e o espirito de insubordina-

nação como o maior dos crimes; apenas porém feita a revolução, e sancionada pelo paiz todo, aceitou-a e abraçou-a, já por sympathia nacional, já porque respeitava a doutrina dos factos consumados.

A Dom João IV foi fiel e leal, serviu-o com seus talentos, com sua pessoa, com seu sangue; nunca lhe morou no peito a traição; jamais lhe desdoirou os labios o fingimento; era uma alma pura, constante e franca; era um coração de guerreiro obediente e sincero, firme e verdadeiro.

Fallecido Dom João IV, pertencia o throno, pelo principio da legitimidade, a seu filho mais velho Dom Affonso IV; era a legitimidade para Salvador Correia de Sá e Benavides um principio salvador, e a garantia unica da ordem publica e da conservação da monarchia: não podia soffrer modificações o direito hereditario, que tinha sido marcado, fixado e seguido escrupulosamente pelos seus antepassados; e pois, para Salvador Correia de Sá e Benavides, não havia rei possivel senão Dom Affonso VI; a elle pertenciam o seu sangue, a sua pessoa, e a sua vida; consistiam a lealdade e fidelidade portugueza no reconhecimento d'este principio; o exemplo mais bello e heroico, havia-o dado Martim de Freitas, governador de Coimbra, prestando homenagem á Dom Affonso sómente quando lho ordenára em Sevilha o seu rei Dom Sancho II.

A través os perigos dos combates, no meio das cruentas guerras que sustentára á frente dos exer-

bitos e das armadas, carregado de honras, elevado aos postos os mais importantes, incumbido de commissões da maior confiança, e rodeiado de gloria, nunca conhecêra desafectos invejosos, inimigos ou adversarios; fôra sempre o seu nome repetido com elogios; respeitada geralmente a sua pessoa; por todos estimadas e apreciadas as suas qualidades; e altamente reconhecidos e proclamados por toda a parte os seus serviços, quer por Castelhanos, quer por Portuguezes, quer por indigenas do Brazil, quer mesmo pelos Hollandezes, com quem tantas vezes e e a miude se encontrára em leaes e grandes combates.

Manifestando porém suas opiniões politicas em prol da legitimidade e direitos de Dom Affonso VI, pertencendo ao partido que o sustentava, vio desenfrear-se contra si todos aquelles que se uniam ao partido do infante Dom Pedro; achou em frente de si innumerados amigos de outr'ora, antigos respeitadores do seu merito, convertidos em inimigos crueis; e tanto mais incremento tomáram os odios que lhe attrahiram os seus politicos sentimentos, quanto os não sabia esconder e occultar.

Julgou a regente que convinha, visto como apreciava as suas qualidades, e tinha em conta os seus serviços importantes, arreda-lo da capital do reino, ou pela consideração que lhe merecia, ou, como pensam outros, porque affeiçãoada como era de preferencia ao infante, e descontente mais do compor-

tamento d'ElRei, que com o andar dos annos mais se relacionava com a classe infima e turbulenta da sociedade, temia-se Dona Luiza da influencia de um fidalgo tão nobre, de tantas luzes, e de tamanha importancia. Desgostoso com a côrte, aceitou Salvador Correia de Sá e Benavides a carta patente de 17 de setembro de 1658, que pela terceira vez lhe entregava o governo do Rio de Janeiro, não já com o simples titulo de governador e capitão general da capitania, logar subordinado ao vice-rei do Brazil, porém com o posto elevado de governador geral do sul do Brazil, tendo-se de novo dividido o estado em dous governos independentes.

IV.

Pela terceira vez foi a capitania do Rio de Janeiro governada por Salvador Correia de Sá e Benavides; e si bem que tão zeloso voltára elle á publica administração, e os mesmos desejos nutrisse em prol do engrandecimento do paiz que o vira nascer, como os que havia já realisado nos seus dous governos anteriores, era diversa a occasião todavia, e muito diferentes as circumstancias.

Estava Portugal retalhado pelos dous partidos politicos que anteriormente descrevemos: lavrava anarchia em todos os espiritos e em todos os animos; da metropole passou o mal para as colonias, como é da natureza das cousas; haviam no Brazil

estabelecido tambem os seus campos os dous partidos, e se guerreavam com egual força.

Tinha o infante Dom Pedro por seu representante no Brazil o jesuita Antonio Vieira, varão de estudos profundos, de sagacidade superior, e de espantosa actividade; promovia o progresso do partido, dava-lhe uma organização regular com methodo e ordem; animava e recrutava constantemente amigos, que lhe augmentavam o numero e a força; viajava por todas as capitancias, por toda a parte prégava ao povo, que arrebatava com a sua maviosa eloquencia, e com o seu fogoso enthusiasmo. Quem não corria á ouvir um sermão do padre Antonio Vieira? Que templo, desde o mais sumptuoso até o mais despido de ornamentos e riqueza, deixou de obter a gloria de repercutir e echoar os sons de sua poderosa voz? Qualquer que fosse o objecto da predica, quaesquer que fossem seus ouvintes, não perdia elle uma occasião para semear e espalhar as doutrinas politicas que professava e promovia. Reunindo a grande facundia com a maior actividade, combinando maneiras as mais populares com os meios mais sympathicos e persuasivos, era um temivel e importante chefe de partido principalmente em uma colonia ainda na infancia.

Para ainda coadjuvar os incansaveis esforços do padre Antonio Vieira, apparecia na segunda linha do partido o seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, sujeito de elevados talentos, e que occupava o importante emprego de secretario d'estado e guerra do

governo geral do Brazil; e além d'elles outros sectarios não menos notaveis tinha no Brazil o infante Dom Pedro, dedicados, activos, intelligentes todos, e no uso de continuada correspondencia com os seus partidistas da metropole.

Era a familia dos Sás importante pelo numero e pela influencia que exercia, quer em Portugal, séde primaria d'ella, quer no Brazil, aonde occupavam muitos dos membrós cargos elevados, e possuíam immensos bens e riquezas; Thomé Correia de Alvarenga, Duarte Correia Vasqueannes, naturaes ambos do Rio de Janeiro, Martim Correia de Sá, filho primogenitô de Salvador Correia de Sá e Benavides, e que foi posteriormente o primeiro visconde de Asseca, gozavam de preponderancia e nomeada; pensava politicamente toda esta familia como Salvador Correia de Sá e Benavides; sustentava toda ella a legitimidade de Dom Affonso VI.

E pois quando pela terceira vez começou Salvador Correia de Sá e Benavides á governar o Rio de Janeiro, encontrou em frente á si, e seus inimigos, todos os que seguiam o partido e o bando do infante Dom Pedro; consideravam-no como um embaraço invencivel de seus planos; conheciam a sua rigidez de principios, a sua invariabilidade de opiniões, e a sua energia na administração publica; tornavam-se estas qualidades reunidas motivos muitos fortes para causar-lhes serios receios. Ao principio temeram manifestar ostensivamente a sua indisposição, recebe-

ram-no mesmo com a demonstrações de alegria; aproveitáram-se porém de uma providencia, que elle tomou para o fim de supprir os cofres publicos que se achavam exhaustos, a qual consistio na execução do imposto denominado fintas, que era na colonia muito impopular, para começarem contra elle uma opposição; e como fisesse uma viagem para examinar as minas da capitania de São Vicente, cujas riquezas se exageravam muito, ousáram sublevar-se durante a sua ausencia, e conseguiram arrancar-lhe o governo:

Pouco tempo havia que sob informação dos Jesuitas tinham sido procuradas minas de ouro pelos industriosos Paulistas; já no seu segundo governo, se esforçára Salvador Correia de Sá e Benavides de chama-las para o dominio da Corôa, e de promover a exploração d'ellas; para este fim fundára as villas de Paranagua e de Ubatuba, esta ao norte de São Vicente, e aquella ao sul, e para ambas enviára grande cópia de trabalhadores; si bem que quando descobertas se não poderam comparar com as minas do interior do paiz, que posteriormente se encontráram, foram comtudo estas minas do littoral primicias de grandes riquezas, e convinha aproveitá-las e explorá-las: para as ver e reconhecer havia seguido Salvador Correia de Sá e Benavides do Rio de Janeiro para São Vicente.

Apenas partir o governador, reuniram-se os descontentes, deposeram do governo provisório a Thomé Correia de Alvarenga por elle deixado no seu

logar, e nomeáram Agostinho Barbalho Bezerra; não se querendo prestar aos actos dos sediciosos, retirou-se Bezerra para o convento de Santo Antonio; lá mesmo o foram elles buscar, e o revestiram com a auctoridade suprema; lavraram auto, em que mencionáram suas queixas contra a familia dos Sás, e a sua deliberação de não admitti-los mais nos empregos publicos da capitania: prenderam a todos que consideravam infensos ás suas opiniões; sequestráram arbitrariamente os bens de Salvador Correia de Sá e Benavides, e obrigáram o senado da camara do Rio de Janeiro a officiar a todas as camaras da capitania de São Vicente, convidando-as a coadjuvar os seus actos, deixando de reconhecer como governador a Salvador Correia de Sá e Benavides.

Assim ficou em poder dos revoltosos a cidade do Rio de Janeiro; seu foi o governo, e suas as auctoridades, depostas todas aquellas que lhes eram hostis.

Não se achava porém a capitania de São Vicente no estado em que aconsideráram os revoltosos do Rio de Janeiro; verdade é que ali se manifestáram symptomas de inquietação e de descontentamento contra Salvador Correia de Sá e Benavides, quando, durante o seu primeiro governo, obrigou aquelles povos a receber os Jesuitas, e a libertar todos os indigenas, que haviam reduzido á escravidão; julgáram perder os moradores de São Paulo, de Santos e de São Vicente, com estas providencias

do governador; oppuzeram-se-lhe, representando contra ellas. Conseguiu todavia Salvador Correia de Sá e Benavides não só sustentar as suas medidas, e chamar á ordem e á paz os descontentes, sem que preciso lhe fosse recorrer á força, senão tambem ser estimado e respeitado por elles mesmo, de modo que a capitania de São Vicente se não prestou ao senado da camara do Rio de Janeiro, e antes deu inequivocas provas de obediencia e affeição ao governador, offerecendo-se-lhe grande copia do povo para armar-se, accompanha-lo ao Rio de Janeiro, e defender a sua pessoa, os seus direitos e o seu governo.

Sabia no entretanto Salvador Correia de Sá e Benavides harmonisar a energia dos actos com a precisa moderação; sustentar a dignidade do posto que occupava, poupando força, violencia ou arbitrariedade: logo que teve noticia dos acontecimentos do Rio de Janeiro, publicou um bando pelo qual concedia amnistia a todos os que se mostrassem arrependidos, e ameaçava com graves castigos áquelles que perseverassem nos seus intentos rebeldes: para mais facilmente conseguir o restabelecimento da ordem publica, escreveu a Agostinho Barbalho Bezerra, nomeando-o governador provisório do Rio de Janeiro, enquanto durasse a sua ausencia.

Longe porém estavam os revoltosos de toda a ideia conciliadora; não eram questões de momento

que os haviam armado; eram interesses de partidos politicos; e podia o partido do infante Dom Pedro consentir no governo supremo do Rio de Janeiro a Salvador Correia de Sá e Benavides, quando os animos de seus co-religionarios politicos de Portugal trabalhavam em depôr o rei Dom Affonso, e elevar o infante ao throno, e qualquer movimento n'este sentido, para firmar-se e consolidar-se, necessitava de ser aceito e abraçado em todos os dominios da Corôa portugueza? Foi desprezado o bando de Salvador Correia; e pelo facto de haver sido nomeado por elle governador da capitania, desmereceu Agostinho Barbalho Bezerra no conceito dos revoltosos, e soffreu deposição; chamou a si o senado da camara toda a administração do paiz.

Tornavam - se necessarias medidas energicas; forçoso foi que a ellas recorresse Salvador Correia de Sá e Benavides. Lavrou ordens immediatamente para o desembargador Antonio Nabo Peçanha, que se achava no Rio de Janeiro, determinando-lhe que entrasse no exercicio do emprego de syndicante, organisasse processo contra os revoltosos, e sustentasse a sua dignidade: foram estas ordens acompanhadas de força que partio de Santos para o Rio de Janeiro; chegou e desembarcou sem opposição a força; empossou-se o syndicante do seu emprego, e começou a funcionar; tomou as redeas do governo João Correia de Sá, filho do governador; foram presos e remittidos para Lisboa os princi-

pães revoltosos que não poderam evadir-se, e nem ousáram resistir; o geral dos habitantes recebeu com mostras de prazer o restabelecimento do governo legitimo; e firmou-se assim a ordem publica, sem que se houvesse derramado a mais pequena gota de sangue.

Mais de um anno ainda demorou-se Salvador Correia de Sá e Benavides na capitania de São Vicente, visitando todos os pontos habitados; rasgando estradas importantes; fazendo levantar innumeradas pontes sobre rios caudalosos, que embargavam o transitio; fundando estabelecimentos de mineração; e animando a agricultura e a industria. Tão proveitoso á capitania tornou o seu governo, que ainda actualmente grandes obras se encontram, que lhe devem a sua criação.

Regressando para o Rio de Janeiro, foi ahi recebido com grandes festejos; conservou-se no governo até novembro de 1661; voltou de novamente então para Lisboa, tendo sido substituido por Pedro de Mello.

V.

Ou por indole, ou por educação, contrahira Dom Affonso VI bastantes habitos, que mal assentavam em um monarcha; fraco e timorato, estremeceia diante de todas as ameaças; esquecido e ingrato, discontentava os seus proprios amigos, não lhes mos-

trando apreço pelo que praticavam em seu serviço; desleal e dissimulado, discontentava aos homens de estado que honravam o paiz; caprichoso e indifferente, arredava de si todas as sympathias populares, e arrefecia o amor que nutre de ordinario o subdito pelo seu soberano : si lhe apparecia qualquer vassallo a cumprimenta-lo, mostrava-se-lhe indifferente, e ou lhe não dava palavra, ou algumas inintelligiveis e precipitadas balbuciava, sendo que ás vèzes nem si quer sobre elle dirigia a vista; não soã, como aos monarchas cumpre, affagar e agradar a todos que o procuravam; desgostava a quem se insinuava para merecer-lhe um agrado; dir-se-ia que prazer nem-um lhe causava qualquer extremo ou sacrificio que por elle fizesse o seu povo; e que antes considerava-se tão superior que indigno fôra de si manifestar os sentimentos de gratidão ou paternal amor.

E no meio d'esta indifferença que se lhe notava, e da dissimulação que entretinha para com os seus mais importantes e prestimosos vassallos, fugindo de praticar com elles sobre assumptos d'estado, prestava-se de instrumento a indignos validos, que, sem a menor das qualidades de intelligencia, familia, ou riqueza, que os tornassem recommendaveis ao paiz, abusavam do espirito d'ElRei tão entregue a pequenas intrigas, o do seu animo, que anciava sómente de saber novidades e anedotas, para, com fingidos contos e invenções, crear indisposições do

monarcha contra os seus subditos mais prestimosos e capazes.

E nem lhe haviam os annos reformado o animo, e nem pudera conseguir a razão sazonar-lhe o temperamento; corria a sua mocidade como se fôra a puericia.

Desgostosa a rainha sua mãe, abandonou os publicos negocios, e retirou-se para um mosteiro; descontentes os principaes fidalgos, deixáram a côrte e abandonáram o rei; mui poucos foram os que se lhe conserváram ao lado, leaes e fieis, em despeito de reiterados desprezos do seu soberano, promptos todavia a defende-lo e salva-lo, quando chegasse a occasião propria para isso, por que collocavam a obediencia acima de todos os deveres.

Ao infante Dom Pedro aproveitava no entretanto a força que o proprio irmão lhe dava, desconceituando-se e despopularisando-se para com os seus subditos; o numero dos seus partidistas crescia a olhos vistos, todos os dias, e a todas as horas; e ou o despeito, ou o desejo de trocar um monarcha inhabil e desleixado por outro soberano activo e zeloso, ou a esperanza de lucros com a mudança de cousas, ou enfim o presagio de victoria, que rodeiava o infante, traziam-lhe continuadas forças.

Desembarcando em Lisboa, atristou-se Salvador Correia de Sá e Benavides com este espectaculo; si tivessem cabimento em seu animo, poderiam razões de particular despeito arranca-lo do partido do rei;

mas por interesses não consentia que fossem vencidos os principios; fiel e leal conservou-se para com Dom Affonso VI, porque o olhava como a sancção da legitimidade; algumas vezes ousou fallar a ElRei a linguagem da razão e da verdade, pretendendo encaminha-lo por vereda proveitosa a si e ao paiz; visto como não sympathisavam os seus sentimentos com a marcha que seguia o soberano. Baldados esforços foram, que não agradavam semelhantes praticas aos reaes ouvidos.

Chegou emfim a hora dos grandes acontecimentos que tantas causas deviam produzir: o infante reuniu suas forças, affrontou a magestade de seu irmão, levou as autoridades subalternas a desobedecer a seus superiores, e arvorou o estandarte da revolta.

Reunio ElRei em conselho os principaes fidalgos que se não haviam ligado ainda ao partido de seu irmão. A noite, secretamente, e em uma sala retirada do seu palacio, teve logar a conferencia.

Opinou Salvador Correia de Sá e Benavides em prol de providencias energicas: para elle não recebia o throno condições, e nem propunha concessões; antes de tudo cumpria mandar pegar em armas a toda a tropa, prender o infante, Dom Sancho Manuel, conde de Villafior, o conde da Ericeyra, e todos os seus principaes partidistas; faze-los julgar immediatamente pelos tribunaes, e levantar-se o throno do abatimento em que jazia. O conde de São Lourenço e Antonio de Souza Macedo uniram-se

a esta linguagem do guerreiro illustre, que se offercia a tomar o commando da força, e a praticar o que propuzera (10).

Mas nem era ElRei homem de resistir, e nem talvêz fosse mais tempo para se obstar o cumprimento dos planos do infante, que foi immediatamente sabedor do resultado da conferencia de seu irmão, por intermedio de Roque da Cesta Barretto, o qual conseguira que ElRei preferisse offerecer-lhe transacções a adoptar as medidas que lembrára Salvador Correia de Sá e Benavides.

Estava o infante adiantado de mais para parar; o governo que sómente na hora do perigo se lembra dos homens capazes não os encontra: a influencia moral, que perdêra nos dias que lhe pareceram faceis, e que unica o fortalêce, e escóra, não lhe renasce por que tem razão e direito contra os seus adversarios. É fraco o governo, que, embora obedecido physicamente, torna-se objecto do desprezo, da indifferença ou do ridiculo popular, e não encontra devoções e partido para o momento da crise. Quando se sabe que um governo é fraco, ai d'elle, que o povo prefere sempre o despotismo á fraqueza! Mais poderosas que as opposições materiâes são as opposições morâes; as opposições morâes vão-se porém infiltrando por toda a parte: findam e morrem com uma batalha as desordens e a guerra civil; levantam aquellas a cada passo innumeraveis difficuldades para o poder, e arrastam emfim as forças da sociedade

para uma interminavel lucta, da qual resulta a anarchia com todos os seus horrores.

Era da natural ordem das cousas, que cedêsse o governo de Dom Affonso á acção das acontecimentos; Salvador Correia de Sá e Benavides, e todos os mais fidalgos que como elle opináram, abandonáram o paço contristados; tratou a maior parte d'elles de fugir para os paizes estrangeiros, porque prevendo a victoria do infante, temiam as suas vinganças; não quiz Salvador Correia de Sá e Benavides acompanhar ao desterro os seus companheiros; firme como fôra sempre conservou-se em Lisboa, esperando pelos successos que se preparavam.

Foi preso Dom Affonso VI por seu proprio irmão, em 23 de novembro de 1667; e, na qualidade de regente, subio enfim o infante Dom Pedro ao poder que tanto ambicionára.

Começou nova ordem de cousas; o infante não sabia perdoar. Era crime aos olhos de regente a fidelidade que professáram Portuguezes ao seu rei Dom Affonso VI: havia-o commettido Salvador Correia de Sá e Benavides; e para aggrava-lo se minuciavam as suas praticas com ElRei, e os seus ultimos conselhos de resistencia e energia na conferencia nocturna do paço.

Salvador Correia de Sá e Benavides foi preso e processado: tinha já de idade setenta e tres annos.

Não se quebrou porém o seu animo no carcere: a sua alma conservou-se forte, como fôra sempre; e

palpitou-lhe o coração com a mesma energia e a mesma regularidade.

Não o abandonáram perante os juizes a sua constancia, a sua fidelidade e a sua franqueza; os factos, que practicára, racontou fielmente; as opiniões, que emittira, appresentou com toda a clareza; as fallas e pratica, que tivera, patenteou sem mostrar o menor arrependimento; lamentou o encarceramento do seu rei mais do que a sua propria prisão; e para elle, nos carceres ou no throno, era Dom Affonso VI o unico e legitimo soberano de Portugal.

Não se achavam os animos ainda em seu estado normal para comprehenderem a grandeza e magnanimidade de semelhante comportamento; os juizes lavraram sentença de dez annos de degredo para os sertões africanos contra aquelle mesmo illustre guerreiro que os havia libertado, em tempos para elle de felicidade e de gloria!

Já era então fallecida a sua mulher Dona Catharina de Velasco; restavam-lhe tres filhos; o primogenito Martim Correia de Sá, que fôra creado primeiro visconde de Asséca, e com tanto denodo e gloria se houvera nas batalhas de Ameixial e Montes Claros, e no celebre sitio de Badajoz, aonde fôra ferido, tendo o posto de mestre de campo, não pode supportar o espectaculo da prisão e condemnação do seu velho pai; expirou de dôr e desgostos.

Não se abaixou Salvador Correia de Sá e Benvídes a implorar protecções, mendigar favores e gra-

ças, ou a mostrar-se temeroso pela sua sorte. Antes de ser preso, durante a prisão, antes, durante e depois do processo, o mesmo semblante, o mesmo espirito, e as mesmas palavras, se lhe notáram. Pareceu receber a sentença como outr'ora recebia as honras; no campo da batalha, diante do cruzamento das espadas, em frente das balas que repercutiam, em presença dos cadaveres e do sangue, nos soffrimentos do carcere, e nos horrores dos ferros, foi o mesmo varão impassivel e tranquillo. Entenderam então os poucos amigos que lhe restavam que deviam empregar esforços e supplicas espontaneas para obter do regente o perdão da sentença que enviava o velho septuagenario para os pestilentos areões de Africa, e que era de certo mais barbara do que uma sentença de morte: appelláram para os seus distinctos serviços, para a gloria que tão honrosamente conquistára, e para o desdouro que recahiria sobre a nação com a perseguição do guerreiro illustre que ella possuia. Ouvio por fim o infante Dom Pedro as vozes de piedade; trocou o degredo d'Africa, a que fôra condemnado Salvador Correia de Sá e Benavides, por uma prisão temporaria no collegio da Companhia de Jesus; no fim de dous annos, consentio, a empenhos dos próprios Jesuitas, que podesse morar com homenagem na sua propria casa; e, cumprida a sentença dos dez annos, concedeu que de novo tivesse assento nos conselhos de guerra e ultramar, de que fôra membro.

Conta-se que velho e cansado se offerecêra assim mesmo á ElRei Dom Pedro II para reduzir á obediencia de Portugal o reino de Pate na baixa Ethiopia oriental, e abrir communicacão por terra desde Cuana e Monomotápa até Angola : não sendo aceita a sua proposta, achou-se reduzido a passar os restos dos seus dias no descanso do modesto emprego que não coadunava com a actividade insaciavel do seu espirito, e com os estimulos vivaces do seu animo.

Foi longa todavia a vida de Salvador Correia de Sá e Benavides; teve tres epochas distinctas : a primeira epocha de trabalhos activos, de victorias illustres, e de loiros gloriosos; a segunda de dôres, de perseguições, de soffrimentos, e de prisão; e a ultima, de silencio, de repouso e de solidão. No 4º de janeiro de 1688 se finou, na idade de noventa e quatro annos, e tão robusto ainda do espirito, como na idade viril o fôra.

Foi enterrado na igreja do convento dos Carmelitas Descalsos, na cidade de Lisboa.



NOTAS.

(1) Monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarra, tomo II das *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, declara que no Rio de Janeiro nascera Martim de Sá. Este facto acha-se plenamente comprovado por uma carta sua de 1624, publicada no 1º vol. de Revista trimensal do Instituto historico e geographico brasileiro, na qual Martim de Sá, tratando dos embaraços do seu governo no Rio de Janeiro, diz: « Em todas as partes por onde andei acho que n'ellas sou mais acatado, mais amado e mais estimado do que aqui sou com as mercês que S. M. me faz: Attribuo ao proverbio *nemo propheta in patria sua*, pois poderei cuidar que será inveja. »

(2) Sebastião da Rocha Pitta, na lista dos Brasileiros illustres, com que findou a sua *Historia da America portugueza*, cita o nome de Salvador Correia de Sá e Benavides. Monsenhor Araujo Pizarro, tomo III, pag. 204, das *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, refere o seu assento de baptismo, que teve logar na igreja de São Sebastiao do Castello; além d'estas provas irrecusaveis, ha huma carta escripta por Salvador Correia de Sá e Benavides á camara de São Vicente, em data de 10 de janeiro de 1641, em que declara ter nascido no Rio de Janeiro. Entretanto alguns escriptores castelhanos pretenderam ser elle natural de Cadiz, patria de sua mãe; esta pretensão porém cedeu a documentos e provas que evidenciam pertencer ao Brazil a gloria do seu nascimento.

(3) Francisco de Britto Freire, liv. II da *Guerra brasilica*, refere esta victoria de Benavides sem minuciar o numero dos vasos de guerra hollandezes que foram a pique. Luiz Moreri, no seu importante *Grande Diccionario historico*, art. *Correia*, enumera oito. O mesmo numero conta Manuel de Faria e Souza na sua *America portugueza*; monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro nas suas *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, cinge-se á opinião de Faria e Souza e de Moreri.

(4) Wagenaar, XI, Aitzema, *Capellen, Gedenkschriften*, I, pag. 394.

(5) Luiz Moreri, *Grande Diccionario historico*, palavra *Correia*.

(6) Memorias historicas do Rio de Janeiro.

(7) 1810 a 1812.

(8) *Memoria topographica e historica sobre os campos dos Gyotacazes*, por José Carneiro da Silva, hoje visconde de Araruama, impressa no Rio de Janeiro em 1819. Esta memoria é muito digna de ler-se e consultar-se, porque a curiosos dados estadisticos reúne interessantes noticias historicas.

(9) *Grande Diccionario historico*, palavra *Correia*.

(10) Uma obra publicada no Porto em 1845 pelo senhor Camillo Aureliano da Silva e Souza, sob o titulo de *Anti-catastrophe, Historia d'ElRei Dom Affonso VI de Portugal*, contem minuciosos esclarecimentos sobre esta epocha importante; é escripta por testemunha occular, e n'ella se lêem as fallas de Salvador Correia de Sá e Benavides, e de outros fidalgos n'essa conferencia que referimos; muitos documentos officiaes contem ainda, que lançam immensa luz sobre táes successos; foi ella escripta para servir de reposta á outro obra com o titulo *Catastrophe de Portugal na deposição d'ElRei Dom Affonso VI*, que o infante Dom Pedro fizera publicar em seu tempo para sua justificação, e com a assignatura de Leandro Doria Caseres e Faria, mas que é attribuida ao bispo do Porto, Dom Fernando Correia de Lacerda. Conferindo-se estas obras com as cartas do Padre Antonio Vieira pode-se facilmente chegar ao conhecimento de todos os successos da deposição de Dom Affonso VI.

SEculo XVII.

I.

GREGORIO DE MATTOS GUERRA.

Governava a Bahia o pacifico conde de Miranda, successor de Dom Francisco de Moura Rollim, quando a 20 de dezembro de 1633 nasceu, de honrada ascendencia, o poeta Gregorio de Mattos Guerra. Foram seus pais Gregorio de Mattos e Dona Maria da Guerra, senhora do engenho Patatiba.

Receberam Gregorio de Mattos e seus irmãos mais velhos Pedro de Mattos e Eusebio de Mattos uma excellente educaçao; possuiam as escholâs dos Jesuitas talentos elevados e solidos engenhos: n'ellas cursava e estudava a flor da mocidade do Brazil, que ambitionava beber instrucçao, e adquirir conhecimentos: foram seus companheiros nas aulas primarias Gonsalo da Franca, Domingos Barboza, Manuel Botelho de Oliveira, Martinho de Mesquita,

Salvador de Mesquita, e Gonsalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, jovens engenheiros brasileiros, que começavam a sua carreira litteraria, e já no limiar dos estudos solfejavam canticos agoiradores de um porvir brilhante.

Na idade de quatorze annos foi por seus pais mandado Gregorio de Mattos para Coimbra a fim de seguir os estudos superiores da universidade.

Acabava Portugal de sacudir o jugo hespanhol; a aclamação do Dom João IV deu ao throno um rei portuguez e á nação uma dynastia nobre e illustrada; coroára a victoria os heroicos esforços dos defensores da independencia lusitana; haviam sido os Hespanhões derrotados por toda a parte; nas colonias que possuia ainda na Africa, na Ásia e na America, que não haviam esquecido e trocado a lingua portugueza pela castelhana, reproduziu-se um movimento unisono; á uma voz, e sem o emprego de grandes meios, desdobrou-se a bandeira portugueza sobre as torres e fortalezas d'aquellas terras que o espirito aventureiro lusitano descobrira, conquistára, sorrindo ella assim de novo ao murmurio dos ventos.

Logo na universidade começou Gregorio de Mattos a dar as provas do seu poetico engenho: não sabia todavia desenhar scenas sublimadas em delicados quadros; não era a sua poesia de côres celestes, de forma angelica, e filha da imaginação e do sentimento; a seus ouvidos não murmuravam os

rios, não descantavam os pastores, não sonhava a natureza, e não menciavam as arvores; não tinham as flores aroma, não se matisavam os campos de verdura, e não soia ser o vento mensageiro de amores; para elle não fãceiravam as brandas auras, e nem as creações da terra elevavam os seus hymnos de louvor; enthusiasmo e gratidão para aquelle Eterno Ser que as havia produzido; não tinha asas o engenho, vozes sonoras a religião, écho eterno e immortal o espirito divino: era para elle a poesia como a terrível Nemesis, armada de instrumentos de castigo, e que açoita a todos que com desagrado avistavam os seus olhos, ou a quem queria applicar o fogo do seu odio, ou dos seus caprichos: não via estrellas no céo, bondade nos homens, e nem magnificencia e amor na natureza; convinha-lhe e merecia-lhe a attenção sómente o que era máu e ridiculo; e si lhe faltava a realidade, a imaginação lhe servia, para phantasia-la e desenvolve-la.

Folgava Gregorio de Mattos de encontrar defeitos nos homens ou nas cousas, de censura-los, e exagera-los; alegria viva, burlesca e facciosa, salpicava todas as suas composições; domina o espirito em todas as suas obras, o espirito porém de mal, que anhella reprovar sómente, e que nunca dirige elogios; são ás vezes perfeitos os seus versos; distillam porém fel, e pintam sempre as scenas risíveis e rídículas do mundo: não parecia poder descantar a sua musa senão malignidades.

Acha-se perfeitamente pintada em uma carta que o desembargador Belchior da Cunha Brochado, seu contemporaneo, dirigiu a um amigo de Lisboa, a reputação que lhe adquirio o seu exquisito engenho : — « Anda aqui um Brasileiro, tão refinado na satyra, que, com suas imagens e seus tropos, parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo. »

Apenas tomou o gráu de bacharel em leis, deixou Coimbra amaldiçoando-a em versos malignos; dirigiu-se para Lisboa, e estabeleceu-se com escriptorio de advocacia. Com tanta distincção servio depois os logares de juiz do crime de um bairro da cidade, e de juiz de orphãos e ausentes de uma comarca, que o celebre jurisconsulto Pegas, nas suas notas ás ordenações do reino, cita as suas sentenças como modelos de sciencia e de talentos juridicos.

Havia Dom Affonso VI, em 1656, succedido no throno portuguez a seu pai ElRei Dom João IV : a somma de injustiças praticadas, um governo de ignorancia e de validismo, uma reunião de individuos sem titulos nem importancia, que dirigia o animo d'ElRei, e a perda emfim de todas as esperanças de melhoramento com um monarcha ainda joven e já tão devasso e de character tão ruin, leváram o infante Dom Pedro, a nobreza, e o povo, a conjurar a quéda do soberano : abriu relações Gregorio de Mattos com o infante, ligou-se a seus projectos, e animou-o na empresa. Venceu o infante;

deixou ElRei o palacio por uma prisão, e recebeu Dom Pedro o titulo de regente de Portugal.

Mostrou-se o regente amigo de Gregorio de Mattos : prometeu-lhe um logar na Casa da Supplicação, apenas apparecesse n'ella a primeira vaga : exigiu no entretanto d'elle que fosse em commissão ao Rio de Janeiro e devassasse ahi dos actos do governo de Salvador Correia de Sá e Benavides, que em 1661 largára aquella administração.

Si bem que era uso e praxe de então mandar-se syndicar dos actos de um governador, apenas findava o seu tempo, conheceu todavia Gregorio de Mattos quantos desejos existiam no coração do principe regente, e dos seus ministros, de encontrar quâesquer motivos que pudessem servir para uma perseguição contra Salvador Correia de Sá e Benavides : não se ligára este illustre general ao partido triumphante; acompanhara antes o infeliz Afonso VI, e fiel se lhe conservára, emquanto se arrastava nos carceres a existencia do desgraçado monarcha.

Ainda que Gregorio de Mattos seguira vereda opposta de Salvador Correia de Sá e Benavides, soube comtudo fazer justiça ás suas grandes qualidades, e aos seus leaes e prestimosos serviços, quer no Brazil, quer em Portugal : havia no coração de Gregorio de Mattos um fundo de bondade, que lhe não permittia fazer mal a pessoa alguma, embora o seu espirito e a sua musa promptos estivessem sempre

para censurar e ridiculisar cousas e homens : excessivas lhe pareciam as perseguições do governo contra Salvador Correia de Sá e Benavides, encerrado em uma prisão, e sujeito a um processo rigoroso. Não aceitou portanto a commissão.

Mostrou-se descontente o principe com a recusa de Gregorio de Mattos ; findáram as suas relações ; cahiram em olvido os seus serviços : perdeu então Gregorio de Mattos as esperanças que nutrira, e cujo resultado lhe fôra affiançado ; deliberou-se a abandonar Lisboa, a côrte e Portugal, e a recolher-se para a sua patria : chegou á Bahia, no anno de 1679, depois de uma ausencia de trinta e cinco annos.

Governava a Bahia o capitão general Roque da Costa Barreto, que o recebeu com todas as provas de benevolencia e distincção : querendo manifestar-lhe a sua estima, obteve do primeiro arcebispo da Bahia, Dom Gaspar Barata de Mendonça, que, tomando posse por procuração em 1677, se conservára em Portugal, por causa das suas molestias, que nomeasse a Gregorio de Mattos thesoureiro mór da Sé, e vigario geral : ambos estes logares occupou e serviu elle, emquanto cingio a mitra archiepiscopal Dom Gaspar Barata de Mendonça ; obrigado porém o arcebispo a renunciar um cargo, que só por delegados exercia, foi para substitui-lo nomeado Dom João da Madre de Deus, que em 1683 tomou posse e entrou no exercicio do arcebispado : exonerou-se então Gregorio de Mattos dos empregos que exercia,

servindo de pretexto a sua recusa de trajar habito secular, e tomar ordens sacras, como instava que o fizesse o novo prelado; julgou mais proprio e honroso para a sua posição, e mais conveniente e apropriado aos seus estudos, dedicar-se unicamente á vida de advogado.

Não se esquece o poeta satyrico de empregar as suas armas na feitura dos arrasoados e dos libellos; encommoavam-se as partes com os epigrammas; consideravam-se offendidos os juizes com a critica mordaz, e violentos sarcasmos, que empregava o advogado; guardavam-lhe má vontade os escrivães, procuradores, e toda a gente do fôro, por que a ninguém poupava, e pessoas, e defeitos e obras, tudo exaggerava, e ridicularisava tudo.

Vôou entretanto a sua fama por toda a parte; o clero, o cabido, o governo, todos d'elle se arreciavam, porque os epigrammas continuados, as furiosas satyras, corriam de mão em mão, repetiam-se por todas as bocas, e eram sabidas em todas as casas; afóra o seu protector Roque da Costa Barretto, que em 1682 se retirou para Portugal, nem-um governador escapou ás settas ferinas do seu espirito desde Antonio de Souza Menezes, conhecido pelo nome de braço de prata, com que substituiu o natural, que perdêra nas guerras de Pernambuco, até o marquez das Minas, Dom Mathias da Cunha, e Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, que tomára posse em 1690.

Mais ainda se patenteou a furia dos seus sarcasmos com a sua propria mulher, uma viuva fermosa, que desposára em 1684, e se chamava Maria dos Povos; que lhe importava denunciar defeitos, escandalisar caracteres, offender susceptibilidades, comtanto que livremente se espraiasse o seu genio, e resvalasse dá maligna inspiração uma satyra que agradasse, excitando a curiosidade! Foi motejada em versos a sua propria mulher, não lhe valendo o privilegio de esposa para escapar á sorte que tiveram os principaes personagens da Bahia! Contam os chronistas as mais extravagantes aneddotas, que affirmam ter-se passado na sua vida domestica, vida incomprehensivel sem duvida, e sobre a qual releva, como mais prudente, correr um véo espesso.

Foi por fim tão crescido o numero dos seus inimigos, e se mostrava tão exasperado o governador Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho com as suas satyras, que tomou elle acertadamente a deliberação de deixar a cidade, e retirar-se para uma das villas do reconcavo, até que em 1694 tomando conta do governo Dom João de Alencastre, pode voltar de novo para a Bahia.

Si preferisse abandonar a veia poetica que o arrastava, e que tantos inimigos lhe attrahia, com a estima que por seus talentos lhe patenteou Dom João de Alencastre, e sendo, como já era, bastante para sua gloria a copia de admiraveis obras que produzira, risonha de certo lhe seria a vida pelo saldo

que lhe restava d'ella, tendo já decorrido mais de sessenta janeiros : podia porém reter as redeas do seu engenho? Estava nas suas mãos ordenar-lhe que parasse na precipitada e imprudente carreira? Bastava a sua vontade para lhe impôr silencio?

O certo é que se não emendou, e então desgraça maior o perseguiu no termo da sua existencia, nos paroxismos quasi da sua vida : mandou-o Dom João de Alencastre prender, embarcar em um navio, e remetter para Angola.

Felizmente que em Angola governava Pedro Jacques de Magalhães, que, no fim de alguns mezes de residencia, condoído da sua misera sorte, entusiasmado pelos seus elevados talentos, e obrigado mesmo por alguns serviços que Gregorio de Mattos lhe prestára, permittiu-lhe que voltasse para a sua patria em um navio que seguia para Pernambuco.

Acabava a capitania de Pernambuco de sahir da administração do marquez de Monte Bello, substituido por Caetano de Mello e Castro : alli desembarcou Gregorio de Mattos, velho, quebrado do corpo, mortificado do espirito, na mais extrema penuria e miseria, e esmolando para poder sustentar-se!

Conhecêra-o rico o governador, e poderoso, e respeitado em Lisboa; de tão alto o precipitára o destino, para o collocar ao pé dos mendigos! Fê-lo Caetano de Mello e Castro recolher para uma casa de caridade, e deu-lhe uma pensão pecuniaria para poder subsistir.

Já era porém tarde ! Como que se lhe tinha evaporado a vida n'esse exilio, que, em tão avançada idade, o arrancou precipitadamente dos braços da familia, e dos lares saudaveis e saudosos da patria, para o atirar nas ressecadas areias e pestilentas plagas africanas; poucos mezes de existencia teve mais; no mesmo anno de 1696 expirou, e foi enterrado no hospicio de Nossa Senhora da Penha dos Capuxinhos francezes.

II.

Dividia Dante Alighieri toda a poesia em dous campos, o da tragedia e o da comedia; nem um valor tinha na predita divisão a questão de forma; cantico, dialogo, e descripção, não são mais que formas exteriores; o campo tragico não era sómente a especie litteraria assim geralmente appellidada; nada de privativo tinha com o theatro o campo comico: considerava Dante a todas as composições, não como divisões litterarias, mas como obras philosophicas, que deviam ser encaradas unicamente sob pontos de vista philosophicos: « Ha duas forças na sociedade, dizia elle, o entusiasmo e a zombaria; é tragedia tudo o que idealisa e prevê; é comedia tudo o que censura, açoita e castiga. »

A aceitar-se este principio, é poeta comico Gregorio de Mattos; como ha ainda porém uma subdivisão em especies, cabe-lhe melhor o titulo de

satyrico : como se notam tambem muitas e distinctas classes de poetas satyricos, é o nome de popular que mais appropriadamente lhe cabe.

Que modificações, ou antes especies não tem tido a satyra? Aristophanes misturava com o pó a imagem do proprio Jupiter, e foi o satyrico mais popular da Grecia; escreveram Ennio, Nevio, Pacuvio, Marcial e Lucilio satyras em estylo baixo e grotesco, e em linguagem por vêzes obscena; Horacio Flacco aperfeiçoou e idealisou a satyra; homem de gosto aristocratico e puro, ao passo que primou na critica fina, assisada e espirituosa dos costumes do seu tempo, elevou a satyra á dicção digna e bella das mais sublimadas poesias. Em fel mergulhavam Juvenal e Persio a sua inspiração, e requeimavam desesperados os crimes que censuravam : mas conservavam o estylo nobre e altivo. Creou Apuleo um outro genero, com semelhanças de historia ou chronica de cousas ridiculas, mas que é tambem satyra.

Na media idade, reproduz a satyra, como em perfeito espelho, o character e a imagem da epocha; e não foi unicamente satyra a poesia, tornáram-se satyra a architectura, a esculptura e a pintura; estas medonhas caricaturas, que espalhava por entre o povo; e aquellas nos relevos, com que adornavam as casas e as egrejas, nas retorcidas figuras, e diabolicos quadros, que folgavam de gravar na pedra ou no páu, que lhes servia de tela : appresentava a poesia versos extravagantes e maliciosos, dialogos

e autos grotescos, que nem poupáram o governo despotico, nem o feudal, e menos o sacerdotal.

Foi Dante Alighieri poeta satyrico : é uma satyra perfeita a Divina Comedia ; mas que grandeza de genio, que ao lado da critica collocou a maior sublimidade lyrica, e a mais deliciosa poesia sentimental, que se pode imaginar ! Essa é que é satyra inimitavel : discipulos mais ou menos aperfeiçoados teve Horacio, que são Pope, Boileau, Antonio Diniz, Voltaire e Nicoláu Tolentino ; de Aristophanes são imitadores Carlos Gozzi, Molière, Antonio José da Silva e Gil Vicente ; de Apuleo, e superior ao mestre, é Miguel Cervantes Saavedra ; e após Swift e Lesage ; foram todas estas diferentes especies de satyras mais ou menos imitadas na epocha moderna : mas quem ousou imitar a Dante Alighieri ?

Pertence Gregorio de Mattos á classe, especie, ou eschola de Lucilio e Marcial, aos quâes imitavam os trovadores, e outros poetas da idade media, e cuja escola Rabelais elevou ao maior aperfeiçoamento : é o seu estylo popular ; as suas phrases na linguagem vulgar, obscena muitas vêzes ; as suas imagens exaggeradas sempre ; os seus pensamentos tâes, que o leitor conhece-os logo na extensão da sua enormidade ; não ha objecto nobre, elevado e sancto ; tudo pode ser motejado, merece o ridiculo tudo : são verdadeiras caricaturas os seus desenhos, e caricaturas das mais horrendas e monstruosas, que denunciam todavia, atravez das ridiculas côres com que se ata-

viam, o objecto que o poeta tenta pintar; são porém os seus versos cadentes ás vezes e sonoros, e outras vezes descuidados; é geralmente agradável a sua metificação.

Satyras escreveu Gregorio de Mattos que se não podem ler, tanta é a copia de obscenidades que n'ellas espargue com mão profusa; outras porém ha, que lhe tem sobrevivido e conservado o seu nome e a sua memoria, e que sem duvida ainda aos futuros seculos levarão a lembrança do seu engenhoso talento: entre estas figuram algumas de estylo elegante, e mais assisadas, formando como que uma novidade no meio de suas outras composições.

Merece especial menção, e digna é a todos os respeitos de nossa attenção, a satyra aos namorados, que assim se desenvolve:

O namorado todo almiscarado,
 Já de amor obrigado,
 Faz á dama um poema em um bilhete,
 Covarde o faz, e timido o remete:
 Si lhe responde branda, alegre o gosta,
 E si tyranna, estima-lhe a resposta.

Vai n'outro dia passeiar a dama,
 Por quem se inflamma,
 E sendo o intento ver a dama bella,
 Passa-lhe a rua, não lhe vê janella,
 Que está primeiro, em um galã composto,
 O credito da dama, que o seu gosto.

Depois de muitos annos de suspiros,
 De desdens e retiros

Desprezos, desapegos, desengannos,
 Constancia de Jacob, serviços de annos,
 Fazem com que da dama idolatrada
 Lhe vem recado, em que lhe dá entrada.

Com tal recado atarantado o moço,
 Quer morrer de alvoroço:
 Entregue todo a um subito desvelo,
 Enfeita a cara, penteando o pêlo;
 Galã em cheiros, em vestir flammante,
 Parece um cravo de Rochella andante.

A rua sãe, e junto ao aposento
 Do adorado portento,
 Onde cuidou gozar da dama bella,
 Se lhe manda fazer pé de janella;
 Aceita elle, e, livre de desmaio,
 De amorosos conceitos faz ensaio.

Querido idolo meu, anjo adorado,
 Lhe diz, com voz turbada,
 Si para um longo amor é curta a vida,
 Meu amor vos escusa de homicida;
 De que serve matar-me rigorosa
 Quem tantas settas tira de fermosa!

Dai-me essa bella mão, nympha prestante

E n'esse rutilante

Oiro em madeixas de cabello undoso,
 Prendei o vosso escravo, o vosso esposo:
 Não peço muito, mas si muito peço,
 Amor, minha senhora, é todo exceço.

É modo amor, que nunca teve modo?

Amor é excesso todo;

E n'essa mão de neve transparente,
 Pouco pedé quem ama firmemente,
 Dai-ma por mais fineza, que os favores
 São leite e alimento dos amores. —

Responde-lhe ella , com um brando sorriso ,

E no mesmo improviso :

— Ai ! lhe diz , que accordou meu pai agora !

Amanhã nos veremos , ide embora ! —

Feixa a janella , e o moço mudo e quedo ,

Fica sobre um penedo outro penedo !

Compare-se o estylo corrente e faceiro d'esta satyra com a que dirigio a Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho , appresentando-lhe o seu retrato.

Vá de retrato

Por consoantes ,

Que eu vou timantes

De um nariz de tucano , còr de pato.

Pelo cabello

Começa a obra ,

Que o tempo sobra

Para pintar a giba do camello.

Causa-me engulho

O pêlo untado ,

Que de molhado

Parece que sãe sempre de mergulho.

Não pinto as faltas

Dos olhos baíos ,

Que versos raios

Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada

Da sobrancella

Se me assemelha

A uma negra vassoira esparramada!

Nariz de embóno

Com tal saccada ,

Que entra na escada

Duas horas primeiro que seu dóno.

Nariz, que falla
 Longe do rosto
 Pois na Sé posto
 Na praça manda pôr a guarda em alla.

Membros de olphatos,
 Mas tão quadrado,
 Que um rey coroado
 O pode ter por copa de cem pratos.

Tão temerario
 É o tal nariz
 Que por um triz
 Não ficou cantureiria de um armario.

Vossê perdóe
 Nariz nefando,
 Que eu vou cortando,
 E ainda fica nariz, em que se assóe.

Ao pé da altura
 Do náso outeiro
 Tem o sendeiro,
 O que boca nasceu, e é rasgadura.

Na gargantona,
 Membro do gosto,
 Está composto
 O orgão mui subtil da voz fanhona.

Vamos á giba...
 Porém que intento?
 Si eu não sou vento
 Para poder subir lá tanto á riba?

Sempre eu insisto
 Que no horizonte
 D'esse alto monte
 Foi tentar o diabo a Jesu Christo.

Chamam-no autores
 Dorsum burlesco,

Por fallar fresco,
No qual fabricaverunt peccatores.

Havendo apostas
Si é gente ou fera,
Si assentou que era
Um caracol, que traz a casa ás costas.

De grande arriba
Tanto se entona,
Que já blasona,
Que engeitou ser canastra por ser giba.

O pico alçado,
Quem lá subira,
Para que vira
Si é Etna abrasador, si Alpe nevado !

Dos sanctos paços
Na bruta cinta
Uma cruz pinta;
A espada é o pé da cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
A dianteira,
Que na trazeira
Vejo o assento açoitado por nefando.

Si bem se infere
Outro fracaso,
Que em tal caso,
Não se açoita quem toma o miserere.

Pois que seria
Que eu vi vergões?
Serão chupões,
Que o bruxo do muxaço lhe daria?

Seguem-se as pernas,
Sigam-se embora,
Porque eu, por ora,
Não me quero embarcar em táes cavernas.

Si bem assento
 Nos meus miolos,
 Que são dous rolos
 De tabaco já podre e fedorento.

Os pés são figas
 A mor grandeza,
 Por cuja empreza
 Tomáram tanto pé, tantas cantigas.

Velha coitada,
 Cuja figura
 Na architectura
 Da pópa da náu nova está entalhada.

Boa viagem,
 Senhor Tucano,
 Que para o anno
 Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Não é possível deixar de reconhecer a mais extravagante exageração; mas quanta originalidade se nota? Quanto talento exquisito e variado se manifesta?

Compare-se com esta satyra a que dirigio ao mesmo Camara, contra o qual nutria o peito de Gregorio de Mattos sentimentos de odio ou despeito.

Oh! não te espantes, dona anatomia,
 Que se atreva a Bahia,
 Com exprimida voz, com plectro esguio,
 Cantar ao mundo no teu vão feitio;
 Que é já velho em poetas elegantes
 O cahir em torpezas semelhantes.

Da pulga acho que Ovidio tem escripto;
 Lucano do mosquito;
 Das rãs Homero; e estes não desprezo,
 Que escreveriam materia de mais peso,

Do que eu, que canto cousa mais delgada,
Mais chata, mais subtil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata
Meu bom braço de prata,
Cuidei que n'esta cidade tonta e fatua
Mandava a inquisição alguma estatua,
Vendo tão exprimida salvajola,
Em visão de palhão sobre um mariola.

.
.
.

Chinga-te o negro, o branco te pragueja;
E á ti nada te aleja;
E por teu sem sabor e pouca graça
És fabula do lar, viso da praça.
Ah! que a balla, que o braço te levára,
Venha segunda vèz levar-te a cára.

Tem tambem pinturas delicadas e versos elegantes a satyra aos costumes da Bahia; é cada um d'elles pintado separadamente e criticado com espirito.

D'estes, que campam no mundo,
Sem ter engenho profundo,
E entre o gabo dos amigos
Os vêmos em papafigos
Sem tempestade nem vento,
Anjo bento!

De quem, com secretas letras,
Tudo o que alcança é por tretas,
Bacolejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desde a manhã até a tarde,
Deus me guarde!

Do que passeia farfante,
Todo prezado de amante,

Por fóra luvas, galões,
 Insignas, armas, bastões,
 Por dentro pão bolorento,
 Anjo bento !

D'estes beatos fingidos,
 Cabisbaixos, encolhidos,
 Por dentro fatáes maganos,
 Sendo na cara uns Janos,
 Fazem dos vícios alarde,
 Deus me guarde !

Encerra algumas bellezas a satyra que escreveu em versos inteiros e quebrados, e que ignoramos a quem fôra applicada : tem por titulo *Marinicolas*; ha strophes delicadas e sarcasticas, que deleitam e agradam, como são as seguintes :

Marinicolas todos os dias
 O vejo na sege
 Passar por aqui;
 Cavalheiro de tão lindas partes,
 Como, verbi gratia,
 Londres e Pariz.

Mais fidalgo, que as mesmas estrellas,
 Que as doze do dia
 Viu sempre luzir;
 Que seu pai, por não sei que desastre,
 Tudo o que comia,
 Vinha pelo giz.

Avistando este novo hemispherio
 Collou pela barra
 Em um bergantim;
 Poz em terra os maiores joanetes
 Que viram meus olhos,
 Desde que nasci.

Prefendendo com recanilhas

Roubar as guaritas
De um salto subtil ;

Embolsava com alma de gato

A risco de sape
Dinheiro de mez.

Entre gabos o triste idiota

Tão pago se mostra
De seus gorjotiz ,

Que nascendo seneiro de gemma ,

Quer á fina força
Metter-se a rocim :

Deu agora em famoso arbitrista ,

E quer por arbitrios
O triste malsim ,

Que o vejamos subir a excellencia ,

Como diz que vimos
Montalvão subir.

Sempre foi de moeda privado ;

Mas vendo-se agora
Senhor e juiz ,

Condemnando em portaes a moeda

Abriu a unhas
Portos para si.

Muito mais lhe rendeu cada palmo

D'aquella portada ,
Que dous Potosis.

Muito mais lhe valeu cada pedra ,

Que vale um ochávo
De Valhadolid.

Marinicolos é finalmente

Sujeito de prendas
De tanto matiz ,

Que está hoje batendo moeda ,

Sendo ainda hontem
Um villão ruim.

Muitas e variadas satyras escreveu ainda, algumas de primorosa graça, de linguagem obscena e cynica outras, e que a moral e os bons costumes reprovam; alegres, espirituosas e elegantes ás vêzes, revelando um bello estro e um talento admiravel; cheias outras vêzes de versos ridiculos, e sem o minimo valor poetico. Foi Gregorio de Mattos poeta de veia inexgotavel para pintar e exagerar os defeitos, e mesmo para os phantasiar; offerencia-lhe sempre a musa maligna as côres appropriadas, quer para suas caricaturas pessoaes, quer para os quadros mais largos e vastos que desenhou; foi o seu estro de ironia continua, as suas imagens motejos sempre, e as suas obras em muitas partes admiravel painel dos vicios ridiculos, e risiveis caricaturas.

Mas em grande opposição está o decoro do engenho com a graça e o chiste; deixa de ser poeta satyrico para ser truão, chocarreiro e cynico; em vèz de commover, e voar, surprehende, e cahe de rastros no chão: e ha satyras de Gregorio de Mattos que estão abaixo de mediocre.

Cumprê todavia dizer que em algumas poesias mostrou saber despegar-se d'essa tendencia de maldizer, que o atormentava, e que tão pronunciada era n'elle, que nem-uma pessoa, nem-um paiz, nem o seu proprio solo natal, nem-um objecto emfim deixava de desagradar-lhe. Festejando uns annos exprime-se assim:

Pois os prados, as aves, as flores,
Ensinam amores,

Carinhos e affectos;
 Venham correndo
 Aos annos felizes
 Que hoje festejo.

Por que applausos de amor e fortuna

Celebrem attentos
 As aves canoras,
 As flores flagrantes,
 E os prados amenos.

Pois os dias, as horas, e os annos,

Alegres e ufanos,
 Dilatam as eras;
 Venham depressa
 Aos annos felizes
 Que amor festeja.

Pois o céo, os planetas e estrellas,

Com luzes tão bellas
 Augmentam as vidas;
 Venham luzidas
 Aos annos felizes,
 Que amor publica.

Nos versos aos encantos da vida religiosa ao passo que satyrisa, conserva-se o poeta decente e agradável; não offerece o mesmo escandalo da linguagem, e a mesma insolencia do pensamento.

Quem da religiosa vida
 Não se namora e se agrada,
 Já tem a alma damnada,
 E a graça de Deus perdida:
 Uma vida tão medida
 Pela vontade dos céos,
 Que humildes ganham tropheos,
 E tal gloria se desfructa,
 Que na meza a Deus se escuta,
 No choro se louva a Deus?

Esta vida religiosa,
 Tão socegada e segura,
 A toda a boa alma apura;
 Affugenta a alma viciosa;
 Ha cousa mais deleitosa,
 Que achar o jantar e o almoço.
 Sem cuidado e sem sobreço;
 Tendo no bom e máu anno,
 Sêmpre o pão quotidiano,
 E escusar o Padré nosso?

Ha cousa como escutar
 O silencio que a garrida
 Tocca depois da comida,
 Para coser o jantar?
 Ha cousa como calar,
 E estar só na minha cella
 Considerando a panella,
 Que cheirava e recendia
 No gosto da Malvazia,
 Na grandeza da tijella?

Ha cousa como estar vendo
 Uma mãe-religião
 Sustentar á tanto irmão
 Mais ou menos reverendo?
 Ha maior gosto, ao que entendo,
 Que agradar ao meu prelado,
 Para ser d'elle estimado,
 Si á obedecer-lhe me animo;
 E depois de tanto mimo,
 Ganhar o céo de contado?

Que differença entre o genio e a vida de Gregorio de Mattos e de seu irmão Eusebio de Mattos! Aquelle, como o vimos, turbulento, maledisente, sarcastico e cynico : poeta religioso e orador sagrado este, admirado pelo proprio padre Antonio Vieira;

vagando aquelle pelo mundo, a passar de exilio em exilio; tranquillamente vivendo este, ao principio no instituto da Companhia, e depois na casa dos religiosos do Carmo, aonde falleceu em 1692, sem jamais ter deixado a sua terra natal, e conhecido o mundo!

SEBASTIÃO DE ROCHA PITTA.

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade de Bahia, aos cinco dias de maio de 1669.

Si dermos credito ao chronico historico da Cunha Barboza (1), foi elle filho do desembargador João da Rocha Pitta, natural de Bahia, e chancellel de essa collegiã, que seo o unico tribunal de segundã instancia, que havia nella no Brasil, e que foy extinto em 1663 por Eoige III da Hespanha, e restabelecido em 1667.

Si considerarmos, porém, que valioso o conhecimento do alcaide Diogo Barbosa Machado (2), foram os seus progenitores João Felles Graffim, e Dona Brites da Rocha Pitta, filha do chancellel João da Rocha Pitta.

No collegio dos Jesuitas de Bahia estudou e graduou-se em artes até que foyem o anno de mestre em artes, e se habilitou para ensinar as letras da universidade de Coimbra, e seguir os estudos superiores. Como egga se não foy habilitado de direito,

II.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

I.

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia, aos tres dias de maio de 1660.

Si dermos credito ao cónego Januario da Cunha Barboza (1), foi elle filho do desembargador João da Rocha Pitta, natural tambem da Bahia, e chanceller da sua relação, que era o unico tribunal de segunda instancia, que havia então no Brazil, e que fôra creado em 1609 por Felipe III da Hespanha, extinto em 1626, e restabelecido em 1652.

Si considerarmos porém mais valioso o testemunho do abbade Diogo Barboza Machado (2), foram os seus progenitores João Velho Gondim, e Dona Brites da Rocha Pitta, filha do chanceller João da Rocha Pitta.

No collegio dos Jesuitas da Bahia encetou e continuou os seus estudos até que tomou o gráo de mestre em artes, e se habilitou para cursar as aulas da universidade de Coimbra, e seguir os estudos superiores. Como eram os seus pais abastados de riquezas,

partio, na idade de dezeseis annos, para Portugal; na universidade de Coimbra seguiu os cursos superiores, e no anno de 1682 obteve a formatura de bacharel em canones.

Regressou logo depois para a sua patria, e para a companhia dos seus parentes; occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças; casou-se com Dona Brites de Almeida, e recolheu-se para uma fazenda, que possuia nas margens do rio Paraguassú, e proximidades da cidade da Cachoeira.

Passou ahi por muitos annos uma vida tranquilla, serena e socegada; emballáram-lhe a existencia os prazeres domesticos; intimas felicidades de esposo e de pai, no seio de bens da fortuna, e de bonançoso socego vivificáram-lhe o espirito, e suavizáram-lhe a alma; não lhe perturbou os dias nem-um d'estes graves acontecimentos que são como espinhos da vida; não os entristeceu nem-uma d'estas dôres e afflicções que soffre mais ou menos, com maior ou menor intervallo, a maior parte dos entes humanos. Não appresenta circumstancia notavel a sua existencia. Foi regular, amena e placida, como o lago tranquillo, cujas aguas nem se movem ao sopro da viração.

E todavia quantos acontecimentos graves tiveram lugar em torno d'elle, e que nem a attenção lhe mereceram!

Prendêra á ElRei Dom Affonso VI o infante Dom Pedro, seu irmão; governára o reino na qualidade

de regente até 1683, e como rei até 1706; tiveram lugar então as longas e sanguinolentas guerras que trouxe a questão de successão da corôa hespanhola, nas quâes menos prudentemente se envolveu Portugal, podendo deixar de ser d'ellas affectado; e entretanto estas guerras lhe devoráram grandes quantidades de dinheiro e soldados, quando podiam unicamente soffrer a Hespanha, a Allemanha, a França, a Inglaterra e a Hollanda, que n'ellas tinham um interesse peculiar.

Termináram-se por fim no Brazil entre os Hollandezes e Portuguezes as continuadas luctas, sendo expellidos aquelles do rico territorio que tanto ambicionavam, e parte do qual por largo tempo haviam occupado; haviam estas luctas demorado o engrandecimento do paiz, perturbado a regularidade do seu commercio, e a liberdade da sua navegação, tão necessarias para uma nascente colonia.

Descobriram-se os terrenos interiores do Brazil; foi explorado e conhecido o Piauhy; os intrepidos sertanejos de São Paulo e Tabauté visitáram e examináram os sertões da capitania de São Vicente, que formam actualmente as tres provincias de Minas Gerâes, Matto Grosso e Goyaz. Bartholomeu Bueno de Siqueira, Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, Fernando Dias Paes, e Garcia Rodrigues Paes, dobráram os desertos, e além do Serro do Frio, Goyaz e Cuyaba, deparáram pelos annos de 1694 em diante com minas abundantes de oiro,

diamantes, esmeraldas, e varias outras pedras preciosas que espantáram a Europa. Para tão longinquas terras foi attrahida a attenção e a avidez de copia extraordinaria de Portuguezes e estranhos.

Succederam infelizmente os desastres de Carlos Duclerc, a empresa aventureosa de Duguay Trouin, e as perdas extraordinarias que soffreu a praça e cidade do Rio de Janeiro, pela inercia e inhabilidade do seu governador Francisco de Castro e Moraes, durante os annos de 1710 e 1711.

Tantos e tão variados acontecimentos, que mais ou menos importavam ao seu paiz, não tiveram forças para arrancar do seu ocio ditoso a Sebastião da Rocha Pitta, que estava exclusivamente dedicado á solidão da vida intima.

No meio dos trabalhos agricolas, e da paz da familia, entregava-se á leitura de todas as obras litterarias e scientificas da epocha; descansava o pensamento escrevendo canticos, sonetos, hymnos e eglogas: foi de poeta a sua primeira reputação litteraria, si bem que de poeta medianô; cansou-se brevemente do trabalho do verso, e da difficuldade da metrificacão, e abandonou a rima e a poesia: escreveu na lingua castelhana, por ser mais geral e conhecida, um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*, que o Portuguez Francisco de Moraes compuzera no seculo anterior, e que tão extraordinario e unanime enthusiasmo causára em toda a Europa, sendo traduzido em todas as linguas; a imitacão de Sebastião

da Rocha Pitta não obteve porém a mesma nomeada que conseguira o romance original de Francisco de Moraes.

Nos trabalhos materiães da lavoura, e em suaves folgares do espirito, passou elle mais da metade da carreira mundana; si por identica forma a continuasse e completasse, de certo que teria o seu nome com elle morrido.

Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brazil. E foi um glorioso pensamento que teve e uma boa fortuna para o seu paiz.

Existiam impressas algumas chronicas parciães da historia do Brazil e algumas viagens de diversós navegantes, que tinham visitado as suas costas: imprimira Gandávo em Lisboa a sua Historia de Santa Cruz; Léry, Thévet, Villegaignon, Linscott, Schemidel, Hans Stadt, André de Teive, Roulox Baro, haviam publicado as suas excursões; João de Laet, Barlaeus, Marcgraff, Tamayo Vargas, Albuquerque, San Roman, Maffeus, Claudio d'Abbeville, Ives d'Évreux, Balthasar Telles, o padre Simão de Vasconcellos, Francisco de Brito Freire, Rafael de Jesus, Manuel Calado, e varios outros sujeitos, tinham escripto chronicas de preço, si bem que incompletas, e insufficientes todas.

Preciso era para a redacção de uma verdadeira historia do Brazil que se recorresse aos manuscritos e documentos que se guardavam nas bibliothecas publicas, nas secretarias d'estado, nos depositos

e archívos reaes, conventuáes e particulares : que se examinassem os itinerarios, viagens, derrotas, chronicas religiosas e descripções militares; immensa de certo seria esta tarefa, de difficilissima execução e de trabalhos muito longos e penosos; parecia á primeira vista curta a vida de um homem para emprehende-la et leva-la ao cabo!

Carecia no entretanto o Brazil de uma historia, que fosse como o complexo ou fusão de todos os escriptos impressos, e não impressos, ácerca do seu descobrimento, da sua colonisação, das nações dos seus indigenas, das suas importantes explorações, e dos grandes acontecimentos, porque teve de passar, desde os seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam as innumeradas riquezas de seu solo feliz, e a magestade de sua posição geographica : e caber-lhe-ia gloria maior si essa historia fosse escripta por um filho seu, de que por qualquer estranho, que lhe devotasse assim a sua affeição e a sua vida.

Calculou Sebastião da Rocha Pitta todas as difficuldades de sua empreza; assentou de vence-las. Para consegui-lo, deixou o seu descanso e o seu repouso, e despediu-se das margens alegres e pittorescas do bello rio Paraguassú. Gastou bastantes annos no exame de todos os documentos e manuscritos que existiam nos archivos dos conventos de São Francisco, Carmo e São Bento, que eram as tres ordens que no Brazil se haviam fundado, e nas livrarias

dos collegios dos Jesuitas da Bahia, Rio de Janeiro, e São Vicente : passou-se depois para Lisboa, e com toda a applicação, actividade e agudeza de espirito entregou-se á indagação conscienciosa dos papeis que lhe podessem ministrar elementos para levar a effeito a tarefa que emprehendera.

Não contente com as noticias que pode obter dos documentos escriptos na sua lingua vernacula, e na castelhana, que sabia perfeitamente, deu-se ao estudo das linguas franceza, hollandeza e italiana, para o fim de ler e conhecer os escriptos d'estes povos.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu ao terminar o anno de 1728.

Foi publicada em 1730 a Historia da America portugueza desde o seu descobrimento até o anno de 1724.

Muitos applaudos obteve; leram-na e elogiaram-na todos os sabios contemporaneos; por uma commissão de seus membros fe-la examinar a Academia real de Historia portugueza, e approvou um parecer, em que se lhe rendiam grandes encomios, e se lhe dava o diploma de academico supranumerario. Na qualidade de censor dos inquisidores escreveu uma memoria á seu respeito o bispo de Lacedemonia, a qual faz honra a ambos ao historiador e ao critico.

Nomeou-o ElRei Dom João V fidalgo de sua casa e cavalleiro da ordem de Christo.

Retirou-se então Sebastião da Rocha Pitta para a Bahia, e para o seu doirado repouso; reviu a sua casa, os seus bens e os seus amigos; quiz ali passar tão tranquillamente os ultimos dias da vida como haviam corrido os primeiros tempos d'ella.

Continuou n'aquelles mesmos folgares da mocidade, ora occupando-se com a administração dos trabalhos ruráes; ora chamando em seu auxilio a deliciosa musa que tantos encantos lhe dêra, e tantas venturas lhe causára; no gremio sempre da familia, reunindo em torno de si tantos filhos queridos, extensa prole dos seus pacificos amores, mirando-se n'elles como na sua imagem, procurando diffundir pelos seus animos as amaveis e candidas virtudes que adornam o coração, e as reminiscencias gratas e aprasiveis que encantam e continuadamente enthusiasmam.

N'essa tranquillidade do corpo e do espirito o veio encontrar a morte no dia 2 de novembro de 1738; baixou á sepultura tão pacifico, quieto e sereno, como vivêra sempre.

II.

Ha uma escola de historiadores que cuidam ser a sua missão narrar os acontecimentos, pintar os costumes, e descrever as physionomias, sem que ousem

aventurar a menor observação, a mais ligeira analyse, e o juizo mais breve; é a historia no seu sentir a acta fiel e verdadeira dos tempos; a chronica dos factos succedidos; a descripção dos diversos dramas, e das peripecias differentes, que se tem realisado; o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas, guardando o historiador a mais absoluta neutralidade, e a mais escrupulosa imparcialidade.

Ha uma segunda escola, que pesquisa e relata os grandes acontecimentos do mundo apresentando-os como effeitos de um fatalismo, cuja marcha é inevitavel; é para ella o dogma da moral separado da acção humana; não é livre esta acção, e portanto não tem imputação; o homem, a intelligencia, a moral, a religião e a consciencia, não tem dominio, nem influencia e nem vontade nos acontecimentos, que não são mais do que os vinculos de uma cadeia inabalavel, e que se ligam e se succedem pela força do destino: tem as cousas um curso regular que devem rigorosamente seguir. São os homens apenas instrumentos do destino; está de antemão marcada a sua missão, que ha de ser necessariamente cumprida.

Para esta segunda escola tendem duas differentes veredas: a vereda religiosa, philosophica e symbolica; e a vereda sceptica, material e athéa.

Procura a primeira vereda a razão espirital dos factos, e os seus resultados moraes, abstraindo-os da

scena do mundo, e da sua descripção e pintura; paira o principio religioso por cima das sociedades humanas, e manifesta-se por todas as suas phases; creou Deus o homem; povoou o homem a terra; formou o homem a sociedade, e a sociedade as leis; vem tudo de Deus, e marcou Deus de antemão o destino inexoravel do homem e da sociedade, das nações e da humanidade; marcham todos para um fim equal, tornando-se a vida das nações, das sociedades e dos homens, como um symbolo ou representação moral do pensamento de Deus, perante o qual o homem e os seus feitos desaparecem como a voz no deserto, ou a gotta d'agua no Oceano.

Formúla a segunda vereda o systema da perfectibilidade material; não se dirigem para outro fim o homem e as nações senão para a obtenção de maior somma de bens e de grandeza; tem os factos uma marcha necessaria e logica; não tem as acções uma imputação moral, porque o fim, as circumstancias e a posição do homem e das nações o arrastam, dominam e influenciam; foram creados o homem e as nações para obedecer ao fatalismo que os acompanha, e que na sua marcha immutavel transforma ideias, religiões, principio, e sentimentos.

Tem esta segunda escola duas divisões, adversas e antipodas : a de Vico, Herder, Bossuet, Hegel e Ballanche, não desbota ao menos os sentimentos do coração, e nem mareia a poesia da

alma humana, que é a emanação sagrada da Divindade; a segunda subdivisão, nascida das theorias da revolução de 1789, e inteiramente franceza, estraga a vida, desmoralisa a consciencia, e perturba o espirito; pelo seu systema, e pelos seus principios, os Tiberios, os Felipes, os Neros e os Borgias tornáram-se tyrannos, não pela sua vontade ou indole, mas pela força das cousas; não tiveram vontade e nem liberdade os Robespierres, os Jefferies, os Fouquieres e os Tristãos que fôram os instrumentos apenas do terrivel fatalismo.

Si pecca a escola chamada geralmente descriptiva, porque apenas desenha e pinta os acontecimentos, e os não moralisa, não é menos defeituosa a escola fatalista, em qualquer das suas divisões: tem as nações a sua historia, como os individuos; tem o homem a imputabilidade de suas acções, como a tem a especie; narrar os crimes sem os considerar e julgar; recontar os horrores sem lhes applicar a sancção penal; fria e insensivelmente descrever as acções boas e más, deixando de analysa-las e pesa-las; não dar-lhes apreço, e nem attribuir-lhes imputação; por que procedem da força das circumstancias e não do effeito da liberdade; é desconhecer os principios da moral eterna.

A verdadeira e unica escola historica não é nem a descriptiva nem a fatalista. A verdadeira e unica escola historica é a de Tacito e de Thucydides; é a de Gibbon e a de Niebuhr; é a de Machiavelli e de

Muller; é a de Plutarco e a de Thierry; é a de Polybio e de Lingard.

A verdadeira e unica escola historica exige em gráu eminente qualidades moraes e qualidades intellectuáes. Deve caracterisar o historiador o amor da verdade, e só da verdade; para consegui-la, torna-se necessario um zelo de exactidão, um escrupulo de paciencia a toda a prova; os tumulos, os monumentos, os epitaphios, serve-lhe tudo; decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros limpos e aceiados; procurará a verdade no meio do pó dos manuscritos, e a custa de vigalias e fastidiosos trabalhos; e conseguida a verdade, necessitará de todo o sangue frio do seu juizo para distribuir a justiça, e analysar com imparcialidade.

Após estas qualidades moraes de verdade e justiça, quantas qualidades intellectuáes são necessarias! Que intelligencia universal em todos os ramos dos conhecimentos humanos! Que talentos extensos de comprehensão, imaginação e raciocinio! Que variada instrucção em objectos tão diversos, e em questões tão complicadas!

Necessita o historiador de ser philosopho, estadista, poeta, jurisprudente, financeiro, theologo, e militar; necessita emfim o historiador de possuir uma universalidade de instrucção superior talvez á que Cicero exigia para o seu orador.

Examinada e conhecida a verdade dos aconteci-

mentos; ouvida a voz dos seculos passados, mas a voz propria e verdadeira, cumpre ao historiador narrar e descrever ainda, e de par com a narração e a descripção julgar e moralisar. É a historia uma missão nobre e elevada, que aperfeiçôa a intelligencia, purifica o espirito, esclarece a consciencia e adorna o coração. A descripção e a moralisação, a pintura e o juizo, a narração e o raciocinio, são os elementos indispensaveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagar-lhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do individuo á vida da sociedade, reunir o homem á especie, e formar assim a grande lição para que foi instituida a historia.

É a historia diversa da chronica ou da memoria; são simples narrações estas: tem aquella um interesse superior, porque além de narrar instrue e moralisa; entre os seculos ha pontos de semelhança; aceitam uns dos outros certas ideias e paixões, que se vão transformando; duram porém as civilisações com as condições que lhes são proprias; diversificam os usos e costumes; e pois cumpre ao historiador estudá-los, discrimina-los, pinta-los com as suas côres especiaes, e encara-los sob os pontos de vista das normas immutaveis da justiça universal, e tambem das ideias predominantes na quadra em que se realisaram: dando a cada epocha, que passa, o seu verdadeiro logar, a sua propria physionomia, e a sua significação logica.

Reunir a laboriosa e a mais profunda instrucção aos talentos mais subidos, e conhecer perfeitamente os factos, desenterrando a verdade do chãos dos tempos, e julgando-a com criterio e imparcialidade, constituem as qualidades de um historiador. Verdade e comprehensão, justiça e intelligencia, sabedoria e imaginação, é lhe tudo necessario para dar vida á sua historia, alma á sua narração, interesse á sua obra, physionomia peculiar ás epochas que descreve, e vestes proprias aos acontecimentos que narra.

É o estylo do escriptor, e não do historiador; pertence o estylo ao character e ao individuo; tenha o historiador as qualidades e estudos que necessita, e escreva! Escreva pela maneira mais facil e mais propria de exprimir os seus pensamentos, as suas ideias, e os seus sentimentos. Quão diverso que é o estylo de Tacito do de Plutarco! Quanto é differente o de Salustio do de Gibbon! Como é opposto o de Machiavelli ao de Niebuhr! Tinha Cicero razão de dizer que a historia agrada de qualquer maneira que se escreva com tanto que interesse.

É o estylo o segredo da intelligencia, e o mysterio do escriptor; esforce-se em estudar as regras da lingua, a sua feitura, e as suas necessidades: é esta a sua parte material. Obtida ella, siga a sua inspiração!

Foram escriptores excellentes e máus historiadores Tito Livio, Guilherme Robertson e João de Barros; escriptores excellentes, porque interessa o seu estylo,

encanta e arrasta : máus historiadores , porque acceitaram sem criterio um grande numero de factos , que incluíram nas suas historias , extravagantes uns , inverosímeis outros , e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo , que é toda patriótica , mas que não deixa de ser poesia , isto é , filha querida e doirada da imaginação . Os historiadores precisam de mais estudos , e de mais discernimento .

É verdade que tem o estylo as suas normas intellectuáes como tem regras materiáes ; não se reduzem porém as suas formulas a uma só formula , si bem que perfeita ; seria semelhante ideia equivalente a que não houvesse na existencia humana mais que um só typo do que é bello ; entretanto o bello , bem como o sublime , abraçam todas as formulas , e todas as creações do pensamento ; alargam o circulo do templo da arte , e conhecem-se pelas suas phases ou aparições , e não pela maneira porque se manifestam essas aparições ou phases .

E pois pertence o estylo ao escriptor ; não ha estylo fixo a que deva cingir-se o historiador ; manifestando ou materializando as suas ideias , forma o seu estylo conforme o seu character , a sua indole e a sua imaginação : vão-lhe proporcionalmente creâdo , vigorando , fortalecendo e aperfeiçoando o estylo as ideias que fôr elle abraçando e desenvolvendo .

III.

Possuia Sebastião da Rocha Pitta todas as qualidades de historiador? Satisfaz a todos os requisitos exigidos, e especificados no paragrapho anterior? Contém a sua Historia da America portugueza todos os elementos de uma boa historia?

Examinemo-lo.

Existiam no seu tempo monumentos historicos de duas especies, relações, itinerarios, viagens, derrotas, noticias e chronicas ácerca do descobrimento do Brazil, das suas primeiras explorações, da sua colonisação primordial, e das invasões que soffrera, escriptos em diversas linguas, e impressos em varios paizes; e cartas dos missionarios, viagens, descripções e derrotas, que não haviam sido publicadas, e que se guardavam nos archivos publicos e conventuaes de Portugal e dos paizes extranhos.

Cumpria procurar todos estes documentos quer impressos, quer manuscritos, e escrupulosamente folhea-los e examina-los. Trabalho immenso era, mas a que não faltou Sebastião da Rocha Pitta, dedicando-se-lhe com a mais minuciosa curiosidade e paciencia.

Si pelo lado da indagação minuciosa, do ardente desejo de saber tudo, e dos esforços escrupulosos para o fim de conseguir a verdade, só temos sinceros elogios que tributar a Sebastião da Rocha

Pitta, que prova com a sua Historia que se não poupou a trabalho algum para esclarecer-se; si pelo lado tambem de imparcial e justiceiro, como deve ser um bom historiador, eguáes encomios lhe são devidos; sentimos comtudo ter de enunciar que, ou pelas ideias religiosas da epocha, que não admittiam exame nos milagres de fé, e nos factos, que relatavam os missionarios para o fim de cathequizar as nações selvagens, ou mesmo talvez pela crença supersticiosa, e excessivo amor patriotico de Sebastião da Rocha Pitta, não está isenta a sua obra do grave defeito de dar como verdadeiros alguns factos, que qualquer exame rapido ou ligeiro raciocinio teria declarado falsos, e até inverosimeis.

Parece arrastado mais pela imaginação do que pela razão: aceita as legendas religiosas dos missionarios, e as anedotas poeticas do povo, como acontecimentos reaes; não ousou rebatte-las, ou acreditou-as; e peccou por qualquer dos modos.

Como se affadiga tanto para provar que São Thomé viajou pelo Brazil! Como tenta achar no paiz os signaes demonstrativos do seu baculo e dos seus pés! Como appella para a tradição dos gentios! Como chama em seu apoio os testemunhos de Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, do bispo de Chiappa, e do jesuita Ribadaneira!

E relativamente ás aventuras de Diogo Alvares,

o Caramurú, tão doiradas pela poesia popular, como as aceita em toda a sua plenitude! Como acredita na fabulosa viagem á França, e a dá como verificada no reinado de Henrique de Valois, segundo de nome, e de Catharina de Medicis, quando esse reinado começou sómente em 1547, e de então em diante está evidentemente provado que não sahio da Bahia Diogo Alvares, havendo em 1531 casado duas das suas filhas com Affonso Rodrigues e Paulo Dias Adorno, companheiros de Martim Affonso de Souza!

Como estes factos varios outros descreve Sebastião da Rocha Pitta, que não minuciamos para não tornar cumprida a sua analyse. São culpas graves para um historiador a falta de coragem para repellir a influencia e o dominio das lendas religiosas ou patrioticas, revolvendo o intimo dos acontecimentos e rebattendo-as com a luz de raciocinio e o archote da verdade; e a falta tambem de discernimento preciso para separar o verdadeiro do falso, e entre as pedras, que as memorias apresentam, escolher unicamente as preciosas e de valia.

Possuo tambem Sebastião da Rocha Pitta as qualidades intellectuáes de que tanto necessita um historiador?

A sua Historia demonstra os variados conhecimentos que adquiriu, e a profunda instrucção que lhe forneceram os diversos ramos das sciencias.

Descreve perfeitamente o Brazil do seu tempo; encara-o sob o ponto de vista geographico, commercial e estatistico; examina a natureza dos seus terrenos e das suas producções, e parece antever o futuro grandioso que o aguarda, historiando os acontecimentos politicos e militares por que passou, as negociações diplomaticas que se encetaram a seu respeito, o desenvolvimento da sua riqueza, e da influencia que sobre a metropole começava já então a exercer a colonia nascente.

É innegavel pois que lhe não faltavam as qualidades intellectuâes de historiador; que, além de se achar ao nivel de tudo quanto a respeito do Brazil se podia saber na quadra em que viveu, quadra que forneceu realmente á historia a maior somma de materiâes pelas pesquisas e trabalhos dos escriptores seus contemporaneos, como eram Antonio Caetano de Souza, Diogo Barboza Machado, Dom Francisco Xavier conde da Ericeyra, Antonio de Souza de Macedo, e varios outros, adquirio tambem sobeja instrucção em todos os ramos dos conhecimentos humanos, cuja theoria e pratica convinhavam entrar na historia do paiz, de que se incumbira: era dotado ainda de imaginação brilhante, e de phantasia variada, para reunir o agradavel com o necessario, o bello com o util.

Si soubesse ou pudesse Sebastião da Rocha Pitta escapar do defeito, que já lhe imputámos, de aceitar sem o menor discernimento e dar como

verdadeiros alguns factos que só existiam nas tradições populares, e nas invenções dos missionarios, seria de certo um dos maiores historiadores da lingua portugueza. Como eram variados os seus talentos! Que subido amor de seu paiz lhe palpitava no peito! Que grandes e admiraveis qualidades possuia!

Convém dizer todavia que Sebastião da Rocha Pitta historiou perfeitamente alguns acontecimentos do Brazil, como foram as guerras longas e sanguinolentas promovidas pelas invasões ambiciosas dos Francezes e Hollandezes; que a sua obra contém innumeradas noticias biographicas de varios e importantes Brazileiros que adquiriram honrosa nomeada pelo seu valor e talentos; e que sobre a historia natural, a agricultura, a industria, a geographia, a estatistica, o commercio e a historia politica, appresenta os mais completos esclarecimentos da epocha. Notamos porém que descreveu muito ligeira e perfunctoriamente as nações indigenas, e abandonou-as logo depois como si nos não conviesse saber o que foram ellas antes do descobrimento dos Portuguezes, e o que lhes aconteceu mesmo com esses descobrimentos, e após o dominio que elles trouxeram. Parece que o historiador se persuadiu que tães nações não mereciam attenção, e nem analyse, e que da sua existencia não resultou a menor influencia para a colonisação, posse e industria do paiz.

Bastam as observações que enunciamos para conhecimento das qualidades do historiador; examinemos agora o seu estylo.

Em geral peccava o estylo da epocha pela innovação dos trocadilhos; o desejo de castigar e harmonisar as palavras e as phrases dava-lhes uma toada que era menos agradável de certo do que a simplicidade poetisada de Fernão Lopes, a eloquencia limpida de frey Luiz de Souza, as engenhosas descripções de João de Barros, a energia de Affonso de Albuquerque, e a modestia de Heitor Pinto e Amador Arraes.

E não foi somente Sebastião da Rocha Pitta que incorreu no peccado. Antonio Caetano de Souza, os condes da Ericeyra, o padre Antonio de Sá, e o proprio Antonio Vieira, o commetteram. Mais ou menos recebem os homens a influencia das ideias que prevalecem na epocha em que vivem. Entretanto, claro, facil, elegante e bello, é de certo o estylo da *Historia da America Portugueza*; tem descripções admiraveis e pinturas que são eloquentes. O estylo de Rocha Pitta colloca-o sem duvida na primeira linha dos escriptores portuguezes.

Para comprovarmos estas asserções, daremos alguns excerptos d'elle.

« N'ella surgindo as náus pagou o general aquella ribeira e segurança, que achára depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro e a terra Santa Cruz, pelo estandarte de nossa

fé, que n'ella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos e artilheria da armada, fazendo com a mesma militar ostentação e piedade celebrar o sancto sacrificio da missa sobre uma ara que levantou entre aquelle inculto arvoredado, que lhe serviu de docel e de templo.

« A fermosa variedade de suas formas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compõem uma tão egual harmonia de objectos, que não sabem os olhos aonde melhor possam émpregar a vista, já em altas e continuadas serranias, já em successivos e dilatados vales; as maiores porções d'elle fez Deus felicissimas, algumas inuteis; umas de arvoredos nuas expoz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas mattas occultou aos seus raios: formou dilatadissimos campos, uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyrannisados por caudalosos rios, etc.

« Vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino oiro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar o mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, aonde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções que apura a arte.

« Em nem-uma outra região se mostra o céu mais

sereno, e nem a aurora madrugada mais bella; o sol em nem-um outro hemispherio tem os raios tão doirados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras, etc. »

Si d'estas descripções da natureza, que realmente extasiam e encantam, passarmos para as descripções dos acontecimentos, não é menos nobre e brilhante o estylo. O que pode haver de mais perfeito do que a noticia que nos dá Sebastião da Rocha Pitta da guerra dos Palmares, com que por tanto tempo se encomodáram os Portuguezes? Indaga-lhes todas as causas, narra-lhes todos os successos e descobre-lhes todos os resultados de modo que nada deixa a desejar.

« Estão os Palmares no continente das villas do Porto Calvo e Alagoas, em quasi egual distancia de ambas, porém mais proximos a primeira. O nome tiveram depois que os negros o possuiram pelas muitas palmeiras que lhes plantáram. Comprehedia mais de uma legua em circuito a sua povoação, cuja muralha era uma estacada de duas ordens de páos altos, lavrados em quatro faces dos mais rijos, incorruptiveis e grossos, que ha n'aquelles grandes mattos, abundantissimos de portentosos troncos. Tinha a circumvallação tres portas da mesma ma-

deira com suas plataformas em cima, todas em eguâes distancias, e cada uma guardada por um dos seus capitães de maior credito, e mais de duzentos soldados, no tempo da paz, porém n'esta guerra guarnecidas todas do maior poder das suas forças. Por varias partes d'aquella circumferencia haviam baluartes da propria fabrica e fortaleza. O paço do seu zumbi era toscamente sumptuoso na forma e na extensão; as casas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhiam mais de vinte mil almas de ambos os sexos, das quâes dez mil de homens capazes de tomar armas. As que jogavam são de todos os generos, assim de fogo, como espadas, alfanges, frexas, dardos e outras arrojadiças. Havia dentro da sua povoação uma eminencia elevadissima, que lhes servia de atalaya, e depois lhes foi voluntario precipicio; d'ella registavam com longa vista por dilatados horizontes muita parte das villas e logares de Pernambuco; tinham uma lagôa, que lhes dava copioso peixe; muitos ribeiros e poços, que chamavam cacimbas, de que tiravam regaladas aguas. Fóra tinham grandes culturas de pomares e lavouras, e para as guardar, fizeram outras pequenas povoações, chamadas mocambos, em que assistiam os seus mais fieis e veteranos soldados. »

Terminou Sebastião da Rocha Pitta a sua Historia com o anno de 1724, e não tendo tomado parte nos acontecimentos contemporaneos, livre estava o seu animo, e isento o seu espirito da menor seducção

ou influencia; escreveu-os portanto com muita imparcialidade. Talvêz mesmo que mais importante e verdadeiro seja, e mais interesse tenha ella, na narração dos acontecimentos contemporaneos, do que n'aquelles que a tradição recontava, e que, como succede nos primeiros tempos de todas as nações, estão mais ou menos envoltos em véo mysterioso e poetico, que não ousa rasgar o historiador, dado mesmo que os não acredite.

Quer para a epocha em que foi escrita, e que era de certo muito pobre de obras historicas, quer mesmo para os nossos tempos, que possuem uma mais abundante colheita de materiães ácerea do Brazil, deve ser a *Historia da America Portugueza* de Sebastião da Rocha Pitta considerada um bom monumento e um thesouro precioso, que honram a lingua e a litteratura portugueza.

NOTAS.

(1) *Januario da Cunha Barboza*, noticia de Rocha Pitta.

(2) *Bibliotheca lusitana*, pelo abbade Diogo Barboza Machado.

III.

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO.

Foi São Vicente o primeiro estabelecimento que no Brazil fundáram os Portuguezes. Data de 1532, em que ali aportou Martim Affonso de Sousa, a quem fôra feita por ElRei Dom João III a doação das cem leguas da costa que estivessem comprehendidas entre o cabo de São Thomé e Cananea.

Encontrando ali um porto excellente, de barra franca e abrigada de ventos, escolheu o donatário uma bella planicie, que se estende á mão esquerda, para assentar n'ella a capital dos seus estados.

Trouxera muitas familias de obreiros e individuos de todos os officios. Creou a povoação, concedendo sesmarias de terras, mandando edificar casas e egrejas, e promovendo a cultura do solo, que se prestava admiravelmente para a cana do assucar, que levára da ilha da Madeira, na persuasão de que perfeitamente ali se acclimataria.

Não lhe foram infensos os gentios, que com tino e presentes chamou á si, e ligou com os Portuguezes.

Ajudou-o n'isso um Europeo, que encontrou vivendo entre elles, e que se chamava João Ramalho, casado com a filha de Tiberiçá, chefe da tribu dos Goyanases, que se consideravam senhores da terra e dos campos de Piratininga, mas que pela sua mansidão e brandura dos seus costumes se distinguiam muito dos seus visinhos, os Tamoyos do Rio de Janeiro.

Organisou uma administração regular e tendo posto ordem em todos os seus negocios, e deixado locotenentes á frente do governo e da colonisação, partio para a India, aonde foi expirar desgraçadamente.

Perto do lugar, em que se edificou São Vicente, descobriu Braz Cubas, locotenente do donatario, um outro sitio que mais proprio e adaptado lhe parecia para uma povoação, ao subir do braço de mar, que rasga e rega as terras interiores. Foi ali fundado em 1545 um novo estabelecimento, que tomou o titulo de Santos, e que, com o andar dos tempos, á si atrahio todo o commercio e toda a povoação, e com a sua visinhança fez decahir, e quasi desaparecer a villa do São Vicente.

Actualmente não passa esta povoação de um miseravel arraial, em quanto que Santos, mais moderna que ella, tornou-se importantissima, elevou-se a cidade, e é o emporio principal da vida mercantil da provincia de São Paulo.

Foi Santos o berço de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, filho de cirurgião mór do presidio, Fran-

cisco Lourenço de Gusmão, e de sua mulher Dona Maria Alvares.

Nasceu no anno de 1685. Teve por irmãos os jesuitas Simão Alvares e Ignacio Rodrigues, o franciscano frey Patricio de Santa Maria, o carmelita João Alvares de Santa Maria, e o conhecido escrivão da puridade d'ElRei Dom João V, Alexandre de Gusmão. Mais ou menos se celebrisáram no seu tempo estes seis irmãos, e legáram á sua patria nomes illustres, que lhe dão esplendor e gloria.

Teve mais o cirurgião mór, além dos varões que mencionamos, seis filhas, das quaes se casáram quatro, e duas se fináram professoras no convento de Santa Clara de Santarem.

Em sua patria cursou Bartholomeu Lourenço de Gusmão as aulas dos Jesuitas, bem como todos os seus irmãos; na idade de quinze annos foi mandado para Portugal a fim de frequentar os estudos superiores da universidade de Coimbra; tomou o gráu de licenciado em canones, e adoptou o estado de ecclesiastico, dizendo a sua primeira missa no mesmo dia em que deixou a universidade.

Começou a illustrar-se pelos seus sermões; d'elles restam ainda alguns, que se imprimiram, e que mereceram geral aceitação dos seus contemporaneos: prima entre elles pela lucidez da dicção, gosto apurado, e imaginoso das ideias, e alguns rasgos de eloquencia, o que proferio na festa do Corpo de Deus, em 1721, na egreja de São Nicolau.

Entregou-se especialmente ao estudo das sciencias physicas e mathematicas, que mais que as outras lhe agradavam, e para as quâes manifestava uma propensão prodigiosa.

Em uma viagem que fez á Hespanha, foi em Madrid apresentado á rainha Dona Isabel de Brunswick Blankenburgo, que com elle sympathisou muito, e apreciando os seus raros talentos e grande sciencia, o recommendou a ElRei Dom João V, que perfeitamente o acolheu em Portugal, e o nomeou capellão fidalgo da sua casa.

Era ainda bem moço Dom João V. Aspirava o enthusiasmo por todos os poros. Entretinha-o Bartholomeu Lourenço com experiencias physicas, que o satisfazião; fallou-lhe em formar uma maquina que, como os passaros, deveria voar aos ares, e tomou El-Rei tanto á peito realisar esta empreza, que á sua conta fez todos os gastos com a construcção e organisação da projectada maquina.

Está hoje evidentemente demonstrado que a gloria da invenção das maquinas aerostaticas pertence a Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Antes d'elle falláram Bacon (1), Lana (2) e Galileo da possibilidade da ascensão ou navegação aérea : não conseguiram porém realisa-la. Durante tempo bastante passáram os irmãos Montgolfiers de França pelos primeiros que haviam praticado um tão importante descobrimento. Grande erro foi porém esse, porque no anno de 1783 é que lograram elles fazer subir aos ares um balão,

ou maquina aerostatica, entretanto que na cidade de Lisboa se fizera em 1709 a experiencia da que imaginára Bartholomeu Lourenço, e que deu o mais feliz resultado, si bem que não tivêsse a conveniente publicidade, e nem d'ella se colhessem os proveitos que souberam conseguir os Francezes da operação dos Montgolfiers.

Comprehendia Bartholomeu Lourenço de Gusmão toda a importancia do seu invento, e por isso requereu para si o privilegio exclusivo (4); comprehendeu-a tambem ElRei, que o protegia, e esperava d'ella vantagens grandes, pois que, apenas ouviu a mesa do desembargo do paço, lhe concedeu benevolo deferimento (5) com aggravação de penas para os contraventores, e especificação de premios para o seu auctor, que, pelo alvará de graça de 12 de abril de 1709, obteve a mercê de uma conezia, e da cadeira de lente de prima de mathematica na universidade de Coimbra, com o ordenado annual de 600,000 reis, criado de novo em vida só d'elle (6).

Fez-se o ensaio em Lisboa no pateo da casa de India, perante ElRei, a Côrte, e o povo, no dia 5 de agosto de 1709. Extrahiremos de um impresso do meiado do seculo passado, sahido das officinas typographicas de um certo Antonio Rodrigues Galhardo, o qual tem o titulo de *Descripção do novo invento aerostatico*; de outro publicado por Simão Thadeu de Ferreira em 1774, e que traz uma estampa representando a maquina; e da *Encyclopedia britannica* publicada en

1797 em Edimburgo, as notícias que se espalharam acerca dos elementos de que se compuzêra ella e do modo por que teve logar a sua ascensão.

« Tinha ella, diz a *Encyclopediã britannica*, referindo-se ás tradições do tempo, a forma de um passaro, crivado de multiplicados tubos pelos quaes passava o vento a encher uma especie de bojo, que servia para eleva-la, e si faltasse o vento, entre-tinha-se o mesmo effeito por meio de foles dispostos dentro do seu corpo. A ascensão devia tambem de ser promovida pela attracção electrica de peças de ambar, dispostas na parte superior, e por duas espheras, na mesma posição, incluindo o magnete. »

« Sendo ella elevada (affirma o impresso de Rodrigues Galhardo) pela ditta attracção ou forças magnetica e electrica, seria, mediante uma vela, impellida pelo vento, e na falta d'este, pelo que se lhe subministrasse com folles, ali igualmente collocados para este effeito; dirigindo-se o rumo por um leme posto na popa, com umas pás ou azas em ambos os lados. »

« Fez-se a experiencia (assevêra uma nota marginal manuscripta de Francisco Leitão Ferreira, que se acha escripta não obra citada) em 8 de agosto d'este anno de 1709 no pateo da casa da India, diante de S.M. e muita fidalguia e gente, com um globo, que subio suavemente á altura da sala das embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo modo material, que ardia, e á que applica o fogo o mesmo inventor. »

« Não obstante que o auctor da maquina diga que dentro dos globos vai a magnete, cuja virtude fará subir a barca (diz o impresso de Simão Thadeu) não é com tudo a sua elevação por força da virtude attractiva, mas sim pela força do gaz, que os mesmos globos tem dentro, e a que o mesmo auctor chama segredo. »

Qual seria a forma da maquina? Acabamos de vê-la diversa e differentemente recontada e descripta; a respeito dos agentes que se empregáram para a fazer subir, apparecem tambem opiniões contradictorias. Seriam applicados os mesmos elementos gazosos de que se serviram os Montgolfiers na que, setenta e quatro annos depois, isto é em 1783, experimentáram em Pariz, e com a qual tentam os Francezes chamar a si a gloria do invento (7)?

Usaria antes Bartholomeu Lourenço, como se propalára em Lisboa na occasião do ensaio, do impulso e applicação do magnetismo e da electricidade?

São questões não solvidas ainda. Guardou segredo Bartholomeu Lourenço: dos documentos que se tem podido conseguir sobre a materia, nada se colhe. Pensa o cónego Francisco Freire de Carvalho (8) que foi a maquina de Bartholomeu Lourenço concebida e construida segundo as leis da bôa physica, e não conforme um desenho que, em 1774, se publicou em Lisboa com o nome e figura de uma passarola, que assim a chamava o

povo; e que para a sua elevação se empregáram os mesmos agentes de que posteriormente fizeram uso os Montgolfiers, e não o magnetismo e a electricidade, e nem os futeis meios que assignalam os contemporaneos.

O certo é que subio a maquina suavemente, e desceu logo depois, ou por lhe falharem os alimentos para poder demorar-se mais tempo no ar, como pensam alguns, ou por ter tocado em uma cimalha e soffrer estragos, como acreditam outros.

Não estava porém o povo de Portugal tão adiantado em civilisação, que admirando os progressos das sciencias, os considerásse naturaes e legitimos: prevaleceu o espirito supersticioso, que minava a epocha. Suppôz-se que era a ascensão da maquina uma feiticeria. Foi o auctor suspeito de imaginar planos diabolicos, e por entre a populaça ficou desconsiderado, e chegou até a correr perigo de apparecer em publico.

Chamavam-lhe o voador, e este nome passou da metropole para a capitania do seu nascimento, e mesmo para a sua familia, que por muitos annos foi conhecida assim no Brazil, e especialmente em São Paulo.

Não o abandonou todavia ElRei, si bem que lhe insinuásse que não proseguisse nos melhoramentos da sua invenção, como eram os seus desejos. Assim se explica a razão por que um tão importante acontecimento ficou desconhecido por tanto tempo, e a

gloria que deveria pertencer a Bartholomeu Lourenço de Gusmão como o inventor das maquinas aerostaticas, reverteu para os Montgolfiers, que tão posteriormente a praticáram, e que por grande parte das nações e povos são considerados os seus primeiros descobridores.

Passou Bartholomeu Lourenço a occupar a cadeira de lente da universidade, que lhe déra ElRei, gozando tanto das boas graças e favor regio, que obteve para o seu velho pai a concessão honrosa do foro de fidalgo. Entregou-se então ao ensino da theologia, em que se mostrou versado, e ao exercicio do pulpito, em que mais folgava o povo de o ver e applaudir.

Quando em 8 de dezembro de 1720 instituiu Dom João V a academia real de Historia Portugueza, e nomeou para ella os cincoenta sujeitos do seu reino mais distinctos nas lettras e sciencias, não se esqueceu de contemplar entre elles a Bartholomeu Lourenço. Foi o seu nome inscripto á par de Dom Manuel Caetano de Sousa (9), Diogo Barboza Machado (10), conde de Ericeyra, e outros illustres Portuguezes, que honravam a patria com os seus escriptos. Pelos cincoenta socios distribuiu ElRei o exame das primeiras questões que desejava tratar. A Bartholomeu Lourenço coube a historia do bispado do Porto, de que deu conta brilhante pouco tempo depois, ao passo que offereceu tambem á Academia varias memorias scientificas, litterarias e

historicas, que fez ella publicar (14), e das quaes foi muito lida e apreciada pelo seu merecimento pratico a que trata dos varios modos de exgotar sem gente as náus que fazem agua.

Em 1721 foi mandado para Roma no character de agente do governo portuguez para tratar com a Santa Sé sobre a pretensão d'ElRei Dom João V de elevar-se a capella real de Lisboa ao gráu de patriarchal, e sobre a divergencia a muito tempo existente a respeito das quartas partes dos bispados.

Partio acompanhado, e foi logo depois substituido n'este posto por seu irmão, Alexandre de Gusmão, antes que nada houvesse conseguido dos Santos Padres Clemente XI e Innocencio XIII, que demoravam adrede a solução e o deferimento das representações da Corôa de Portugal. Si não colheu louros como diplomata, deixou todavia em Roma, e em outros paises, por onde viajára, uma reputação de sabio e litterato.

Regressando para Portugal, foi chamado para a secretaria dos estrangeiros e incumbido da decifração da correspondencia diplomatica, que n'aquelles tempos se fazia por meio de caracteres secretos, quaesquer que fossem os differentes assumptos que se tratavam.

Perdeu porém a estima e intimidade d'ElRei; parece que não lhe havia agradado o comportamento de Bartholomeu Lourenço de Gusmão durante a sua missão em Roma, ou por não lograr o

fim d'ella, ou por que não manifestára n'ella a aptidão diplomatica, e o geito e tino precisos para se haver no pélogo das difficuldades que em todas as negociações soia crear a curia romana.

Conhecido o desagrado d'ElRei, ousáram os homens supersticiosos levantar a voz contra o genio que inventára os balões aerostaticos. Ainda se não tinha varrido da memória do povo o facto que annos antes havia elle praticado, e que não estava ao nivel da comprehensão geral.

Innumeros versos se espalháram para denegrir-lhe a gloria, e pinta-lo como doudo, ou como havendo feito pacto com o demonio (12). O que continha a noticia da protecção, e intimidade d'ElRei, reagio com força, apenas sabido o abandono que soffria do monarcha.

Perseguiu-o a inquisição? Julgou ella que podia conseguir uma victima mais para cortar os vôos do genio? Queria ella nivêla-lo em posição com Galileo, que fôra obrigado a declarar nos carceres debaixo de juramento que era falso o seu descobrimento de que se movia a terra?

Ignora-se inteiramente. Pensa-se que nos archivos da casa de Brunswick devem existir documentos que depúrem este ponto da historia, por que com a princeza Isabel de Brunswick Blackenburgo, sua primeira protectora, entreteve elle constantes correspondencias.

É porém verdade que no mez de setembro

de 1724 desapareceu do reino de Portugal Bartholomeu Lourenço de Gusmão, abandonando a cadeira da universidade, e o lugar de socio da academia, e sem que desse aviso a nem-um dos seus parentes ou amigos.

Fugiria do Santo Officio? Teria receio de que o encerrassem nos seus carceres, e fosse n'elles abandonado? Magoa-lo-ia tanto o desgurado d'ElRei, que preferio desamparar a patria, e os empregos, que lhe davam uma subsistencia honesta, comquanto escassa? Desgostar-se-ia dos insultos e injurias que recebêra em paga de uma invenção, que em qualquer outro paiz, outra epocha, ou outra civilisação, lhe dariam a maior importancia, e as mais exquisitas honras? Transtornar-lhe-iam o juizo todos estes successos a ponto de que o perdesse?

Sómente se teve em Portugal noticia d'elle quando se descobrio que já era fallecido: suppôz-se por algum tempo que morrêra em Sevilha (13); mas está provado actualmente que acabou miseravelmente na cidade de Toledo, em Hespanha, no dia 18 de novembro de 1724, e que fôra enterrado á custa da irmandade dos ecclesiasticos de São Pedro, na matriz de São Romão.

NOTAS.

(1) Rogerio Bacon, *De mirabili potestate artis et naturæ*.

(2) P. Lana, *Pro domo all' arte maestro*. Brescia, 1670.

(8) Galiano, *Arte di navigare nell' aere*.

(4) Requerimento.

« Senhor,

« Díz o licenciado Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que elle tem
» descoberto um instrumento para andar pelo ar, da mesma sorte que
» pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade, fazendo-se muitas
» vêzes duzentas e mais leguas de caminho por dia, no quá instru-
» mento se poderão levar os avisos de mais importancia aos exercitos,
» e terras mais remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolvem :
» no que interessa Vossa Magestade muito mais que todos os outros
» principes, pela maior distancia dos seus dominios, evitando-se desta
» sorte os desgovernos das conquistas, que provêm em grande parte de
» chegar tarde a noticia d'elles : além de que poderá Vossa Magestade
» mandar vir todo o preciso dellas muito mais brevemente, e mais seguro :
» podendo os homens de negocio passar letras e cabedães á todas as
» praças sitiadas, poderão ser soccorridas tanto de gente como de vi-
» veres e munições á todo o tempo ; e tirarem-se dellas as pessoas que
» quizerem, sem que o inimigo o possa impedir. Descobrir-se-hão as
» regiões mais visinhas aos polos de mundo, sendo da nação portugueza
» a gloria deste descobrimento, além das infinitas conveniencias que
» mostrará o tempo. E porque deste invento se podem seguir muitas
» desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e facili-
» tando-se muitos na confiança de se poderem passar a outro reino, o
» que se evita estando reduzido o uso a uma só pessoa, a quem se
» mandem a todo o tempo as ordens convenientes a respeito do dito

» transporte, e prohibindo-se a todas as mais sob graves penas : e bem
 » se remuere ao supplicante invento de tanta importancia;

« P. A. Vossa Magestade seja servido con-
 » ceder ao supplicante o privilegio de que,
 » pondo por obra o dito invento, nem-uma
 » pessoa, de qualquer qualidade que fôr, possa
 » usar delle em nem-um tempo neste reino ou
 » suas conquistas sem licença do supplicante
 » ou seus herdeiros, sob pena de perdimento
 » de todos os bens, e as mais que a Vossa Ma-
 » gestade parecerem. E. R. M.

(8) Despaxo.

Como parece á Mesa; e além das penas, accrescento a de morte aos transgressores; e para com mais vontade o supplicante se applicar ao novo instrumento, obrando os effeitos que relata, lhe faço mercê da primeira dignidade, que vagar em as minhas collegiadas de Barcellos ou Santarem, e de lente de prima de mathematicas na minha universidade de Coimbra, com 600,000 reis de renda que crio de novo em vida do supplicante sómente. Lisboa, 17 de abril de 1709. Com a rubrica de S. M.

(6) Alvará.

« Eu ElRei faço saber, que o padre Bartholomeu Lourenço me repre-
 » sentou por sua petição, que elle tinha descoberto um instrumento
 » para se andar pelo ar da mesma sorte que pela terra, e pelo mar, e
 » com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vêzes duzentas e mais
 » leguas de caminho por dia; no qual instrumento se poderiam levar
 » os avisos de mais importancia aos exercitos e as terras mui remotas,
 » quasi no mesmo tempo em que se resolviam, no que interessava eu
 » mais que todos os outros principes pela maior distancia dos meus do-
 » minios, evitando-se d'esta sorte os desgovernos das conquistas, que
 » procediam, em grande parte, de chegar mui tarde a mim a noticia
 » d'elles; além de que poderia eu mandar vir todo o preciso d'ellas muito
 » mais brevemente e mais seguro, e poderiam os homens de negocio pas-
 » sar letras e cabedães com a mesma brevidade, e todas as praças sitiadas
 » poderiam ser soccorridas, tanto de gente, como de munições e vive-
 » res a todo o tempo, e retirarem-se d'ellas as pessoas que quizerem,
 » sem que o inimigo o podesse impedir; e que se descobririam as re-
 » giões que ficam mais visinhas aos polos do mundo, sendo da nação

» portugueza a gloria d'este descobrimento, que tantas vêzes tinham
 » tentado inutilmente as estrangeiras. Saber-se-hão as verdadeiras lon-
 » gitudes de todo o mundo, que por estarem erradas nos mappas cau-
 » savam muitos naufragios; além de infinitas conveniencias que mos-
 » traria o tempo, e outras que por si eram notorias, que todas mere-
 » ciam a minha real attenção: e porque d'este invento tão util se po-
 » deriam seguir muitas desordens, commettendo-se com o seu uso
 » muitos crimes, e facilitando-se muitos mais na confiança de se poder
 » passar logo aos outros reinos, o que se evitaria estando reduzido o
 » dito uso a uma só pessoa, a quem se mandassem a todo o tempo as
 » ordens que fossem convenientes a respeito do dito transporte, prohi-
 » bindo-se a todas as mais *sobre* graves penas; por ser justo que se remun-
 » erasse a elle supplicante invento de tanta importancia, me pedia lhe
 » fizesse mercê conceder o privilegio de que, pondo por obra o dito in-
 » vento, nem-uma pessoa, de qualidade que fôr, podesse usar d'elle em
 » nem-um tempo n'este reino e suas conquistas, com qualquer pre-
 » texto, sem licença d'elle supplicante ou de seus herdeiros, sob pena
 » e perdimento de todos os seus bens, a metade para elle supplicante, e
 » a outra ametade para quem os accusasse, e *sobre* as mais penas que
 » a mim me parecessem, as quâes todas teriam logar tanto que cons-
 » tasse que alguém fazia o sobredito instrumento, ainda que não tivesse
 » usado d'elle, para que não ficassem frustradas as ditas penas, ausen-
 » tando-se o que as tivesse incorrido: e visto o que allegou, hei por
 » bem fazer mercê ao supplicante de lhe conceder o privilegio de que,
 » pondo por obra o invento de que trata, nem-uma pessoa, de qualidade
 » que fôr, possa usar d'elle em nem-um tempo n'este reino e suas con-
 » quistas, com qualquer pretexto, sem licença do supplicante ou de seus
 » herdeiros, sob pena de perdimento de todos os seus bens, a metade
 » para elle supplicante, e a outra ametade para quem os accusar.
 » e só o supplicante poderá usar do dito invento, como pede na sua
 » petição. E este alvará se cumprirá inteiramente, como n'elle se con-
 » tém; e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de um anno,
 » sem embargo da ordenação do liv. II, tit. 4, em contrario. E pagou
 » de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregaram ao
 » thesoureiro d'elles a fl. 160 do liv. 1.º da sua receita; e se registou o
 » conhecimento em forma no liv. 1.º do registo geral a fl. 149. José da
 » Maia e Faria o fez em Lisboa aos 19 de abril de 1709. Pagou d'esta
 » quatrocentos reis. Manoel de Castro Guimarães o fez escrever. — Ref.
 » — Conferido. Patricio Nunes, e comigo Joseph Corrêa de Moura. »

(7) A *Encyclopediã britannica*, a *Encyclopediã edinense* e a *Encyclopediã americana* dão como invenção de Bartholomeu Lourenço a das machinas aerostaticas, chamando-o Friar Gusman. Babinet e outros Francezes porém teimáram na gloria dos Montgolfiers.

(8) *Memoria para reivindicar para a nação portugueza a gloria da invenção das machinas aerostaticas*: publicada em Lisboa pelo auctor, e posteriormente reproduzida na *Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro*, tomo XII.

(9) Theatino celebre.

(10) Auctor da *Bibliotheca lusitana*.

(11) *Collecção de documentos, estatutos e memorias da Academia real portugueza*. Lisboa, 1721, tomo III.

(12) Entre esses versos citaremos os seguintes :

1.

Esta maroma escondida,
 Que abala toda a cidade,
 Esta mentira verdade,
 Ou esta duvida crida;
 Esta exhalção nascida
 No portuguez firmamento;
 Este nunca visto invento
 Do padre Bartholomeu,
 Assim fôra sancto eu,
 Como elle é cousa de vento.

2.

Esta fera passarola,
 Que leva, por mais que brame,
 Trezentos mil reis de arame
 Sómente para a gaiola:
 Esta urdida paviola,
 Ou este tecido enredo;
 Esta das mulheres medo,
 E emfim dos homens espanto;
 Assim fôra eu cedo sancto,
 Como se ha de acabar cedo.

3.

SONETO AO PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO,

INVENTOR DA NAVEGAÇÃO DO AR.

Veio na frota um doente brasileiro
 Em trage clerical, sotaina e crôa;
 Fez crêr que pelo ar navega e vóa,
 N'um barco sem piloto e sem remeiro.

Vai-se ao marquez de Fontes mui ligeiro,
 Declara-lhe o segredo, este o apregôa,
 Sobe á consulta, pasma-se Lisboa;
 Em tanto esquece a fome do terreiro.

Bem merece este doente eterno assento
 Na ethérea região; eu já lhe approvo
 A diabrura do subtil invento;

Pois um milagre fez, que é mais que novo,
 Em manter tantas boccas só de vento,
 Fazendo um camaleão de tanto povo.

4.

Com que engenho te atreves, Brasileiro,
 A voares no ar, sendo pateiro,
 Desejando ave ser, sem ser gaivota?
 Melhor te fôra na região remota,
 Onde nasceste, estar com siso inteiro!

(13) Assim ainda o affirmou o padre José Agostinho de Macedo no seu poema *Novo Argonauta*.

(14) Varnhagen, *Historia geral do Brazil*, 2 vol. Abi se cita um documento comprobatorio.



... the ... of the ...

IV.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Nasceu em Santos Alexandre de Gusmão no anno de 1695 : foi um dos irmãos mais moços de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Coursou como elle em tenra idade as aulas dos Jesuitas, que passavam pelas mais bem regidas e severas da colonia, e que eram estabelecidas no edificio que possuia em Santos a Companhia, o qual, depois da desnaturalisação e expulsão dos filhos de Santo Ignacio, serve de hospital do exercito, attestando ainda grandes e antigas reminiscencias no meio das suas ruínas e destroços.

Pelo anno de 1710, reinando Dom João V em Portugal, comprou e incorporou este soberano aos bens da Corôa não sómente a capitania de Santo Amaro, que corria para o sul, e que em 1534 fôra doada a Pero Lopes de Souza, senão tambem a porção da capitania de São Vicente que tinha passado aos herdeiros de Martim Affonso de Souza; formou com ellas uma só capitania, a que deu o

nome de São Paulo; e estabelecendo a séde ou capital na antiga Piratininga dos Jesuitas, consagrada ao sancto d'este nome, e elevada á categoria de cidade, concedeu-lhe uma administração especial, todavia subordinada ao governador do Rio de Janeiro, encarregando d'ella a Antonio de Albuquerque Coelho com o titulo de governador e capitão general.

Agradou a todos os seus habitantes esta deliberação d'ElRei, porque assim se dava melhor expansão aos elementos de vida que ella possuia; conta-se que se fizeram conhecidos então os talentos de Alexandre de Gusmão, que sendo ainda estudante, e achando-se na idade de quinze annos, dirigiu alguns versos ao monarcha, elogiando-o e agradecendo-lhe em nome da sua patria; aproveitou-se Francisco Lourenço de Gusmão d'esta oportunidade, e do credito e estimação que lograva na côrte de Lisboa o seu filho Bartholomeu Lourenço de Gusmão, para mandar para sua companhia a Alexandre de Gusmão, na intenção de dedica-lo inteiramente á carreira das letras.

Foi optimo para Alexandre de Gusmão : guiado por seu irmão aproveitou bem o seu tempo; mil thesouros do engenho se lhe foram descortinando; intelligencia copiosa e varia se lhe patenteou; e á applicação de estudo serio e aturado reunindo espirito, que madrugava com fortaleza, adquiriu tão extensa fama de saber, que já por ella, e já pelo favor e con-

sideração de Bartholomeu Lourenço, conseguiu, apenas formado em direito civil pela universidade de Coimbra, ser despachado secretario da embaixada portugueza, que partia para a còrte de Luiz XIV da França, e cuja era chefe Dom Luiz da Camara, conde da Ribeira Grande.

Si bem que materialmente estivessem já terminadas as mais graves complicações em que se achára Portugal, e a Europa quasi toda, que tomára as armas na questão da successão do throno da Hespanha; si bem mesmo, que a paz, que succedêra a violenta e sanguinaria guerra, tivesse sido já sancionada pelo tratado de Utrecht de 29 de janeiro de 1712, e pelas convenções parciâes subsequentes quer da França com a Inglaterra, a republica dos Paizes Baixos, Portugal, a Saboya e a Prussia, em data de 11 de agosto de 1713; quer da Hespanha com a Inglaterra e a Saboya de 13 de julho de 1713, e com Portugal e os Paizes Baixos de 26 de junho de 1714; e pelo tratado emfim de Rastadt de março de 1714, definitivamente aceito e approvedo pela convenção de Baden de 7 de setembro de 1714 entre o imperio da Austria, e as mais potencias belligerantes; todavia e comquanto fosse a embaixada, que mandava ElRei de Portugal a ElRei de França mais de amizade, consideração e apparatus, do que com o fim tratar negocios serios e graves, tornava-se necessaria uma optima escolha do seu pessoal, tanto nas elevadas jerarchias, como na sua pericia e habili-

tações, por isso que ainda não era normal a situação das côrtes, e ressentiam-se todas da longa e complicada lucta de que haviam sahido; convinha considerar-se as circumstancias criticas ainda, e obrar-se com prudencia, tacto e madureza.

Entrou em Pariz a embaixada portugueza poucos mezes antes do fallecimento do monarcha que vinha saudar, e que supposto não visse coroada a sua velhice com louros e triumphos, tinha-os em tanta copia adquirido na sua mocidade, que o nome de Luiz XIV de França deu fama ao seculo em que vivêra: parece que a longa guerra da successão da Hespanha não só cansára as nações europeas, sorvera-lhes o melhor sangue, e exaurira-lhes os seus mais preciosos thesouros, senão tambem causáralhes a morte dos soberanos que maior influencia e affoiteza atiráram nos combates; expirou em 1711 José I d'Austria, Anna de Inglaterra em 1714, e Luiz XIV de França em 1715!

Assistiu a embaixada portugueza ás exequias do soberano; achando-se n'este mundo novo, e tão requintado de Pariz, pretendeu Alexandre de Gusmão aproveitar o seu tempo; frequentou a faculdade de direito civil, romano e ecclesiastico, como fôra reformada pelo decreto de 8 de janeiro de 1680, e n'ella tomou o gráu de doutor; estudou ao mesmo tempo com todo o fervor e zelo as obras dos publicistas, as colleções de tratados europeos, e os precedentes diplomaticos; fortaleceu a sua intelli-

gencia com uma escolhida erudição, e serios estudos litterarios; aprofundou a historia politica das nações europeas; e tornou-se dono assim de um cabedal sufficiente, que por si mesmo, e pelo contacto dos homens abalisados, poderia desenvolver a arbitrio.

Regressando a embaixada em 1720, receberam todos os seus membros, e com particularidade Alexandre de Gusmão, signaes de approvação de ElRei : foi elle empregado na secretaria d'estado dos negocios do reino, e incumbido de alguns despachos relativos á administração interna, e de outros tendentes a negociações exteriores.

Com a França restabelecêra perfeitamente Portugal as suas relações; pelo tratado de 11 de agosto de 1713, complementario do de Utrecht de 29 de janeiro do anno preterito, reconheceu a França na corôa portugueza a unica proprietaria de todo o territorio situado entre o rio das Amazonas, e o rio Vicente Pinson, na America meridional.

Existia porém com a curia romana a questão antiga das duas quartas partes dos bispados, que não podera ainda solver a corôa portugueza. E como era ElRei Dom João V de espirito supersticioso e devoto, anciava obter para si o titulo de Fidelissimo, que sómente o Santo Padre soia conceder; ardia tambem de desejos de que fosse creado em Lisboa um patriarchado : parecia-lhe que assim ganhava as indulgencias para o seu povo; exigia por

outro lado que fosse nomeado cardeal o abbade Bicchi, que residira em Portugal na qualidade de nuncio apostolico; baseava estas tres pretensões no direito que tinha a uma indemnisação que lhe devia Roma pela frota commandada pelo conde do Rio Grande, que em 1716 mandára em soccorro de Sua Santidade, com o fim de lhe provar que nunca desamparava o successor de São Pedro.

Para conseguir os seus intentos, e sanar as desintelligencias que haviam apparecido, tinha feito partir para Roma a Bartholomeu Lourenço de Gusmão, no anno de 1720, na qualidade de seu agente particular: como decorresse quasi um anno, sem que se conseguissem os intentos de ElRei, annexou elle á missão de Bartholomeu Lourenço o seu irmão Alexandre de Gusmão: convém dizer que com quanto varão respeitavel, e possuidor de muita sciencia, não era traquejado Bartholomeu Lourenço de Gusmão nos tortuosos e mudaveis enredos da diplomacia; entretanto que folgava o seu irmão de emmaranhar a sua intelligencia em uma grave negociação; de formar-lhe, tecer-lhe, e desfazer-lhe os fios; de segui-la com aquella perspicacia e pericia, que convém para conseguir-se resultados vantajosos; e de provar assim a sua capacidade por entre os homens habéis e reputados. Foi pouco tempo depois chamado para Lisboa Bartholomeu Lourenço de Gusmão; sendo substituido em Roma por Alexandre de Gusmão. Teve este que luctar com

imprevistos acontecimentos, quâes a curta existencia dos pontifices Innocencio XIII, Benedicto XIII e Clemente XII : complicavam-se as negociações com estas mudanças do chefe; variava-se o seu sistema; annullavam-se os effeitos já conseguidos; era um recommear de lucta incessante. Encontrou contra si Alexandre de Gusmão a sciencia profunda e as delongas astuciosas e habituâes de alguns cardeães, que gozavam de influencia, e eram dotados de fino tacto, e de luzes e experiencia diplomatica : sete annos conservou-se em Roma, que tanto lhe foi preciso; logrou por fim as duas concessões que tinha tanto a peito Dom João V : concedeu a curia romana as honras de patriarcha ao arcebispo metropolitano de Lisboa, e a ElRei de Portugal o titulo de Fidelissimo, a imitação dos titulos que a Santa Sé havia concedido aos soberanos de Hespanha e França. A respeito porém da pretensão do capello cardinalicio para o abbade Bicchi, não houve remedio senão abandona-la : perseverou a Santa Sé inexoravel na sua recusa.

Cumprida a sua missão, retirou-se em 1730 para Portugal, deixando em Roma numerosos amigos, e grandes admiradores dos seus talentos. Affirma Miguel Martins de Araujo (1) que o papa Benedicto XIII offereceu-lhe a dignidade de principe romano; que não querendo aceita-la sem o beneplacito do seu rei, pedira licença a Dom João V, e que sendo-lhe ella negada, continuou todavia

a servi-lo Alexandre de Gusmão com o mesmo zelo, quando podia abandona-lo, ficar-se em Roma, e gozar das elevadas honras que lhe dava aquella dignidade, si n'elle mais prevalecêssem as ideias ambiciosas do que os sentimentos da lealdade. Restituído a Portugal, foi chamado para a administração dos negocios exteriores, e encarregado ao mesmo tempo de alguns despachos internos.

Foi pouco tempo depois nomeado por ElRei para o cargo de escrivão da puridade, que equivale actualmente a um ministerio d'estado, e que era dos mais importantes da antiga monarchia portugueza.

Si bem que este cargo se não incluia no numero dos secretarios d'estado, que no tempo d'ElRei Dom João V eram tres, reino, guerra e estrangeiros, e marinha, occupados por Pedro da Motta e Silva, Marcos Antonio de Azeredo Coutinho, e Antonio Guedes Pereira, tinha todavia elle importantissimas attribuições: transmittia as ordens d'ElRei ás justicas, alfandegas e universidade; explicava os pontos dubios da legislação; regulava a acção das corporações de mão morta, e providenciava sobre tudo o que versava acerca d'estes ramos especiaes da administração publica.

Além dos affaseres d'este emprego estava incumbido Alexandre de Gusmão dos objectos relativos a negocios estrangeiros que chamava ElRei á si; da decifração da correspondencia diplomatica, na qual creou um novo signo, para substituir

o antigo. Cabem-lhe nos negocios exteriores triumphos verdadeiros; supposto que não tenha sido executor de todas as medidas, foi comtudo a intelligencia que dirigiu as mais importantes; a elle pertence de direito a gloria das negociações boas d'essa epocha : a verdadeira influencia para ElRei era o cardeal da Motta, mas o cardeal da Motta era de espirito acanhado, e sujeitava-se muitas vêzes ás insinuações de Alexandre de Gusmão.

Um dos direitos que suscitára durante a sua missão perante a curia romana foi reivindicar para o monarcha portuguez o arbitrio de appresentar os candidatos aos bispados vagos do seu reino, abolindo-se o estylo de se proverem *ad supplicationem* que ha muito tempo havia estabelecido a curia romana; custou-lhe a resolver a ElRei, que ao principio recusava a proposito das criticas circumstancias em que se achava; tendo havido em Portugal exemplos de ser os bispos directamente nomeados pelo papa, e empossados sem opposição dos reis (2). Agradava a Dom João V ideia de se renovar a questão : temia porém offender os direitos e susceptibilidades da Santa Sé : reflectindo deixou-se todavia convencer, e no fim de alguns annos de negociações em que se desenvolveu admiravelmente o variado talento de Alexandre de Gusmão, collocando-se á frente da pretensão, redigindo por si mesmo as principaes notas, e cuidadosamente dirigindo-lhe a marcha e o andamento, conseguiu ElRei de Portugal

que a prerogativa da appresentação fosse annexada á corôa fidelissima, declarando-se nas bullas que era pertencente ella ao seu real padroado.

Ganhou Alexandre de Gusmão uma vasta e valiosa reputação tanto pela erudição e talentos que possuia em gráu tão elevado, e que manifestava nos seus officios e diversos escriptos, como pela direcção firme, egual e illustrada, que imprimia nas negociações que pendiam entre Portugal e as côrtes estrangeiras. Não ha negociação d'aquella epocha em que não tivesse parte; ligou-se em estreita amizade com Dom Luiz da Cunha, um dos primeiros diplomatas do seu tempo, e que representára o seu soberano na côrte de França, e na de Hespanha, nas crises complicadas por que passára. Deixou Dom Luiz da Cunha na obra que escreveu sob o titulo de Testamento politico (3) as mais convincentes provas da sua alta capacidade. Escreviam-se elles cartas de tanta importancia politica, que são verdadeiros monumentos das luzes e das elevadas vistas dos dous habéis diplomatas. Si na direcção dos negocios publicos sempre preponderásse o voto d'elles, de certo que maiores vantagens teria conseguido então a nação portugueza; nem sempre porém a tão elevadas vistas se prestava ElRei, ou o cardeal da Motta.

Para avaliarmos as relações espirituosas entre ambos estes diplomatas, transcreverêmos aqui algumas das cartas a que nos referimos.

Assim escreveu Dom Luiz da Cunha a Alexandre de Gusmão :

« Eu convido a ElRei nosso amo para figurar muito na Europa sem ter parte nas desgraças d'ella. Os principes belligerantes se acham cansados da guerra, e todos desejam a paz. Esta pretendo eu se faça em Lisboa, e que nosso amo seja arbitro d'ella; mas não posso entrar n'este empenho sem que V. S. tome parte n'elle, porque conheço as difficuldades que hei de encontrar em ElRei e nos seus ministros d'estado. Ajude-me V. S. a vencer este negocio, pois que só V. S. é capaz de faze-lo persuadir. Espero dever-lhe este favor, segurando-lhe que responderei pela condescendencia dos contrahentes, e tambem pelas inquietações e prejuizos que ElRei possa receiar ou sentir. Sirva-se V. S. dar-me resposta, e occasiões de servir a V. S. como desejo, e Portugal ha de mister.

» Pariz, 6 de dezembro de 1746.

» DOM LUIZ DA CUNHA. »

Respondeu-lhe Alexandre de Gusmão :

« Excellentissimo senhor,

» Ainda que eu já sabia, quando recebi a carta de V. Ex., que não havia de vencer o negocio em que V. Ex. se empenhou, comtudo, por obedecer e servir a V. Ex., sempre fallei a S. M. e aos ministros actuaes do governo.

» Primeiramente o cardeal da Motta me respondeu que a opinião de V. Ex. era inadmissivel, em razão de poder resultar d'ella ficar ElRei obrigado ao cumprimento do tratado, o que não era conveniente. Emquanto fallamos na materia, se entreteve o secretario d'estado seu irmão, na mesma casa, em alporcar uns craveiros, que até isto fazem ali fôra do logar e tempo.

» Procurei fallar á S. Rev^{ma} mais de tres vêzes, primeiro que me ouvisse; e o achei contando a apparição de Sancho a seu amo, que traz o padre Causino na sua côrte santa, cuja historia ouviram com grande attenção o duque de Lafões, Fernão Freire, e outros. Respondeu-me que Deus nos tinha conservado em paz, e que V. Ex. queria metter-nos em arengas, o que era tentar a Deus.

» Finalmente fallei a ElRei (seja pelo amor de Deus!) que estava perguntando ao prior da freguezia, por quanto rendiam as esmolas pelas almas, e as missas que se diziam por ellas. Disse-me que a proposição de V. Ex. era muito propria das maximas francezas, com as quâes V. Ex. se tinha co-naturalisado, e que não proseguisse mais.

» Si V. Ex. cahisse na materialidade (do que está muito livre) de querer instituir algumas irmandades, e me mandasse fallar n'ellas, haviamos de conseguir o empenho, e ainda merecer alguns premios.

» A pessoa de V. Ex. guarde Deus, como desejo, para defesa e credito de Portugal.

» Lisboa, 2 de fevereiro de 1747.

» ALEXANDRE DE GUSMÃO. »

É tambem curiosa outra carta de Alexandre de Gusmão a Dom Luiz da Cunha.

« Excellentissimo senhor,

» Nem a proposição do marquez de Alorna, nem a de V. Ex. mereceram a menor aceitação aos nossos ministros d'estado. A primeira foi tratada na presença d'ElRei com o cardeal, o prior de São Nicolao, monsenhor Moreira, e dous jesuitas, a quem já se tinha communicado. Antes que nem-um d'elles fallasse, a resolveu ElRei com mais facilidade, do que uma jornada das Caldas; porém, não obstante aquella resolução, sempre votáram que era ella dictada pelo espirito da soberba e da ambição, com que foi bem salgada.

» A segunda mereceu a convocação de uma junta, mas foi para maior castigo. Ahi se acbráram os tres cardeães, os dous secretarios, S. R^{ma} e eu, e muita gente, não sei como. Desencadernáram-se as negociações, e se baralháram com a superstição e a ignorancia; feixando-se a decisão com o ridiculo adagio : *guerra com todo o mundo, paz com a Inglaterra*, cuja sancta alliança nos é muito conve-

niente : e finalmente que 'V. Ex. não era muito certo na religião , pois se mostrava-muito francez.

» Acabado isto, se fallou no soccorro da India, que consta de duas náus, e tres navios de transporte. O Motta disse a ElRei : Esta esquadra ha de atemorizar a India; e S. R^{ma} disse : Ha de faser bulha na Europa. O reitor de Santo Antão : Tomára já ter os progressos escriptos pelos nossos padres.

» É o que se passou na junta, e excusa V. Ex. de molestar-se em propôr negociações a nossa côrte, por que perderá o tempo que empregar n'ellas.

« Como V. Ex. me pede novidades, ahi vão finalmente.

» Devemos ao eminentissimo senhor Cunha o aliviar-nos de raios, tempestades, trovões, etc., que desterrou das folhinhas do anno com pena de lhes negar as licenças. Devemos a S. R^{ma} o haver proposto a ElRei que conseguisse do papa o livrar-nos de espiritos malignos, e de feitiços, que causavam n'este reino tanto damno, e não ouvia que os sentissem outras nações. Os padres tristes déram conta a ElRei de uma feiticeira, que cahio em seu poder : e creio que será este negocio o maior d'estado d'este governo. Antonio de Saldanha (o mar e guerra) descompoz o cardeal da Motta, e na pessoa d'este a nosso amo. O desembargador Francisco Galvão de Fonseca disse a Pedro da Motta que os diabos o levassem. O conde de Villanova disse aos criados de um e de outro que fossem passeiar. O

Encerrabodes não sabendo a quem havia de pedir sua carta credencial, pelo jogo do empurra em que se vio, disse que o nosso governo era hermaprodita.

» Isto não são contos arabigos, mas factos certos, acontecidos dentro da Europa culta. Não tenho mais tempo. Ficô para servir a V. Ex. a quem Deus guarde.

» Lisboa, a 11 de fevereiro de 1748.

» ALEXANDRE DE GUSMÃO. »

Possuimos muitas cartas familiares de Alexandre de Gusmão, em que zombeteia do governo e dos negocios publicos, e que brilham pela verdadeira graça e espirito. Evidencia-se d'ellas o quanto era superior a sua intelligencia á dos homens d'estado; seus companheiros, que davam uma physionomia monastica á côrte de Dom João V, cujo governo soffreu por isso censuras de faustoso e de êsteril.

Na administração dos negocios interiores foi Alexandre de Gusmão recto e energico; esmerou-se muito em sustentar os direitos individuaes contra as violencias das autoridades subalternas, acostumadas a considerar-se superiores ás leis e aos seus subordinados.

É a administração a pedra de toque dos homens d'estado; não bastam os grandes talentos, variada instrucção e nem o conhecimento theorico dos negocios:

necessitam de ter e possuir um certo tacto, que equivale ao imán, e que attrahe aos governos a sympathia e o respeito dos povos, sem as quaes não ha governo de força, e apenas governo de facto, que gera a corrupção e a anarchia.

Constitue a qualidade do administrador uma verdadeira especialidade, que não omnia muitas vèzes aos grandes engenhos.

Era sem duvida dotado Alexandre de Gusmão de todos os requisitos de um habil administradór; não pode porém, por effeito das circumstancias da epocha, e do governo de que fazia parte, realisa-los de modo a regenerar a nação portugueza, como desejava tanto.

Chegáram todavia ao nosso tempo algumas das suas providencias, que manifestam os esforços que applicava em prol do seu paiz e do seu governo.

São dignos de leitura tanto o aviso de 3 de outubro de 1748 dirigido ao arcebispo de Braga, irmão d'ElRei, censurando-o pelo seu irregular procedimento, e ordenando-lhe que deixasse a sua diocese; como os que se referem á lucta, que traváram os bispos de Lamego e Porto contra o senado da camara de Lisboa, sustentado por Alexandre de Gusmão, que decidio se não eximissem os ecclesiasticos do tributo lançado para a conducção das aguas livras; é digno tambem de nota o aviso de 6 de março de 1747 dirigido ao vice-rei da India, marquez de Alorna, pondo cobro aos vexames que elle fazia

pesar sobre os subditos asiaticos; não é menos notavel o de 21 de março de 1747 ao governador de Angola, que assim se exprime :

« ElRei nosso senhor está cabalmente informado de que V. E. governa esse reino á maneira dos bachás de Turquia, cujos precedimentos são contrarios ás graças do provimento do governo que foi feito a V. E. sem preceder donativo : pelo que é S. M. servido ordenar que V. E. faça justiça; favoreça o commercio; respeite a religião; e procure favorecer os interesses dos povos, sem prejuizo do estado; abstendo-se d'aqui por diante de todos os precedimentos e acções que possam conduzir queixas ao throno. Deus guarde a V. E. »

O aviso de 21 de março de 1744 ao governador do Algarve merece também a attenção, pela originalidade e franqueza da linguagem : censurando as ordens dadas pelo governador contra leis expressas, termina assim :

« Por agora se satisfaz S. M. com mandar que V. E. compra as ordenações do reino juntamente com as suas leis extravagantes, e faça ler cada dia ao seu secretario quinze ou vinte paragraphos, a que V. E. assistirá por espaço de seis mezes; cuja pontual execução confia S. M. da honra de V. E., esperando que lhe evite o dar outras provi-

dencias alheias da sua vontade, e que podem ser injuriosas a V. E., a quem S. M. estima muito. Deus guarde. »

O aviso de 17 de março de 1744 ao chanceller da relação da cidade do Porto, ordenando a soltura de um individuo preso illegalmente, e prohibindo-lhe que commetta ou deixe commetter por auctoridade nem-uma semelhantes abusos contra pessoas innocentes; os de 30 de maio de 1746 e 2 de fevereiro de 1750 aos provedores da alfandega de Lisboa; o de 20 de fevereiro de 1745 ao corregedor do Crime, Ignacio da Costa Quintella, em que lhe diz que as leis não devem ser executadas com acceleração, e que nos casos crimes ameaçam sempre mais do que na realidade mandam, e assim não devem os juizes applicar mais vigor do que ellas impõem; são provas convincentes da sua elevada moralidade.

* Parece que nos seus ultimos annos empregava ElRei Dom João V a Alexandre de Gusmão em quasi todos os negocios da administração; veio ao nosso conhecimento (4) uma preciosa collecção manuscrita de cartas e ordens por elle assignadas e expedidas, muitas das quaes são ineditas, e algumas bastantemente curiosas e interessantes : encontram-se respostas aos embaixadores de França e de Hespanha, de 1747; ordens ao governador da colônia do Sacramento para exigir indemnisa-

ções do governador de Buenos Ayres de 20 de junho de 1749; e um officio de censura ao cardeal Pedro da Motta, secretario de estado, por demorar os despachos em data de 20 de agosto de 1748.

Foi o tratado de 13 de janeiro de 1750 entre as corôas portugueza e hespanhola o acto talvez mais importante da vida politica de Alexandre de Gusmão. Tanto Hespanha como Portugal possuíam immensos terrenos na America meridional; estavam porém indecisos ainda os seus limites; não se tinha lançado uma linha divisoria que extremasse os domínios de uma e outra corôa; sertões immensuráveis e não percorridos, rios de origens desconhecidas, e serras elevadas, creavam serias difficuldades para a limitação e divisão: entaboláram-se por vêzes muitos tratados de limites que não tiveram solução: os Hespanhões exigiam terras de que se achava de posse a corôa de Portugal; os melhores diplomatas portuguezes, Dom Luiz da Cunha, José da Cunha Brochado, Manuel de Siqueira, Pedro de Vasconcellos e Antonio Guedes, nada tinham podido conseguir do ministro hespanhol Dom José Carvajal. Chamou a si Alexandre de Gusmão esta longa negociação, e conseguiu por fim que se chegasse a um accordo, desistindo a Hespanha das suas antigas pretensões. Celebrou-se e ratificou-se a 13 de janeiro de 1750 um tratado, feitura de Alexandre de Gusmão, que para elle mais que nem-um outro estadista se achava habi-

litado, pelos profundos estudos, a que se déra, das cousas do Brazil, ou percorrendo todos os documentos que existiam em Portugal, ou mandando buscar a São Paulo as relações de todas as derrotas e descobrimentos que os aventureiros paulistas e taubatenos emprehenderam e conseguiram a través os sertões e desertos, em procura do oiro e dos metaes preciosos, cuja ambição os arrastava.

Por este tratado se fixaram os pontos capitães de linha divisoria, revogando a meridiana do tratado de Tordesillas de 1494, a escriptura de Saragossa de 1529, e os tratados de Lisboa de 1681, e de Utrecht de 1713. Lançou-se por elle o primeiro gisamento geral das raias do Brazil. Lucrou extraordinariamente Portugal por que ficou salvo o principio de utipossidetis pelo lado que lhe era favoravel, e obteve pelo outro compensações razoaveis em troco da colonia do Sacramento, que desde a sua fundação fôra o pomo da discordia das duas corôas nas suas possessões americanas.

Tão proveitoso pareceu aos contemporaneos esta convenção, que a attribuiam á influencia da Rainha Catholica, como provado amor que professava ella á terra que a vira nascer.

Pelo lado do sul deveria a linha divisoria das colonias pertencentes ás duas monarchias partir da enseada da lagôa dos Castilhos Grandes, seguindo da fralda das serras d'este nome e pontos culminantes da Coxilha geral até a origem principal do

rio Negro, e d'ahi buscar os nascentes do rio Ibi-
cuhy, accompanhando o seu curso até a confluencia
com o rio Uruguay. Pelo centro e norte subiria
este rio até o rio Pepiri a encontrar os rios Santo
Antonio e Iguassú, Paraná e Iguerey até as serras,
procurando pelo rio Ipané as vertentes do Para-
guay, continuando até a lagôa Haraes e a boca
do Jaurú, e d'ahi até a banda austral do Guaporé
de frente da boca do rio Jaravé: o Japurá até as
Cordilheiras, que medeiam entre o Orinocco e o
Maranhão, formaria a divisa do Amazonas.

Para executa-lo nomeáram-se os commissarios:
mas sobrevindo a morte de Dòm João V, e cahindo
o valimento de Alexandre de Gusmão, começou
elle a temer de que não fosse pelos Portuguezes
comprehendido o tratado, pela cessão que n'elle
se fizera á Hespanha da colonia do Sacramento; a
fim de o explicar ao governo, escreveu e offereceu a
ElRei Dom José I uma memoria, em que manifesta
todos os seus proveitos.

Depois de historiar os successos que tiveram
logar entre as armas portuguezas e castelhanas
desde a fundação da colonia e as difficuldades da
ser ella conservada em poder do monarcha lusitano,
minucia as vantagens da sua troca pelo terreno das
missões, e pelo reconhecimento das posses portu-
guezas em toda a provincia do Matto Grosso, e do
seu direito aos innumeraveis rios que a regam com
as suas aguas, e que prestam uma navegação, que

será no futuro da maior importância : combate a ideia dos que julgam necessário que possua a Côrta Fidelissima um porto sobre o rio da Prata, preferindo que se chame o commercio para o do Rio Grande pela lagôa Merim cujas ribas são portuguezas, e pela qual mais facil e commodo será elle, attenta a facil navegação dos rios, cujas margens superiores se reconhecem pertencentes ao dominio d'ElRei de Portugal.

« Deus queira — finda elle assim a sua memoria — que ô deferir-se a execução do tratado não seja causa de que a côrte de Madrid, informando-se com o tempo do muito que a nosso favor se acha feita a transacção e permutação, admitta ideias menos conciliosas do que nos tem mostrado, e que valendo-se de outros recursos, reclame o ajustado, deixando-nos, depois de uma tão laboriosa negociação, sem uma nem outra cousa! »

Parece que advinhára. Assentados quatro marcós ao Sul, encontráram os commissarios alguns embaraços com a opposição dos povos hespanhões do Rio da Prata, e deshouveram-se na intelligencia da verdadeira nascença do rio Icuhy : com a morte d'ElRei Dom Fernando VI mudou a Hespanha de sentimentos a respeito do tratado, e procurou illudi-lo na sua execução, creando embaraços a Portugal. Conseguiu porfim obter do governo portuguez em 12 de fevereiro de 1764, a pretexto de explicações, uma nova convenção, em que foram annullados os prin-

cipios d'elle, e se cedeu á Hespanha pontos já obtidos, e vencidos pela corôa portugueza.

Para explicar porém a importancia e grandes vantagens que proveriam para Portugal do tratado de 1750, e a immensa habilidade e pericia pratica de Alexandre de Gusmão, basta ler-se a defesa que escreveu e publicou posteriormente em Lisboa sob o titulo de *Impugnação*, em resposta ás censuras que lhe fizera o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, governador da praça da colonia do Sacramento (5).

É esta defesa do tratado uma obra primorosa, já pelo acabado e elegancia do estylo, já pela logica e raciocinio que no seu desenvolvimento emprega, já emfim pela copiosa erudição que o seu auctor patenteia : prova elle que Portugal ganhou muito não só em dividir os seus dominios, e regular os limites d'elles de uma maneira definitiva; senão tambem no reconhecimento que obteve do governo hespanhol de que pertenciam á corôa portugueza as margens orientaes do rio Guaporé, retirando d'alli a suas aldeias, que começavam a penetrar pelo interior do paiz, e encontrando-se com os mineiros do sertão de Cuyabá, pretendiam prohibir aos Portuguezes a navegação do rio; lucrou ainda com a aquisição de mais sessenta leguas, que se lhe concedeu, em toda a extensão do paiz, que medeia entre o rio Paraná, e o rio Paraguay, correndo a nova fronteira pelos rios Igurey e Ipané : e até por fim conseguiu a corôa portugueza a posse de todo o

terreno do rio Madeira para o Oriente a chegar ao mar, partindo do mesmo rio por um parallelo até o Javary, com mais de cem leguas : e que serviço maior poderia ser feito á Portugal ?

Havia sido Alexandre de Gusmão nomeado em 1742 ministro do conselho ultramarino. Pode tomar n'esse cargo providencias mais activas a respeito do Brazil.. Lembrou uma nova criação de bispados no Pará, Minas e São Paulo ; levou a effeito remetter por conta do governo uma porção de casáes de Açorianos que viviam miseraveis nas suas ilhas, para cultivarem o Rio Grande do Sul e Santa Catharina ; ideou também a substituição do imposto do quinto do ouro na capitania de Minas Geráes por uma nova imposição denominada capitação, sobre que publicou uma memoria importantissima (6), mostrando as suas vantagens e a necessidade de se acabar com as fraudes que se faziam e as perseguições que para preveni-las se praticavam em Minas constantemente. Pensou que assim poderia aliviar aquelles povos, fazendo pesar sobre todos a imposição, sem distincção de maiores ou menores lucros, que cada um percebesse ; bem fundadas contradicções encontra todavia esta opinião, que opprime o pobre, poupando o rico, o que não é toleravel em face da egualdade de direitos e da proporção judiciousa com que cada um, segundo os seus haveres, deve concorrer para as necessidades do estado.

Foi a vida de Alexandre de Gusmão de trabalhos

e fátigas; nobre porém, honrada e gloriosa; com os seus escriptos litterarios, alguns discursos academicos, bastantes versos lindos, tocantes e saudosos, que compoz em momentos de folga em que lhe vinha brincar a musa alegre com o espirito dormitando, obteve uma reputação litteraria, e mereceu entrar para diversas academias estrangeiras, e pertencer ao numero dos cincoenta membros da Academia real da Historia portugueza, pela vaga que em 1730 deixou o sabio Antonio Rodrigues da Costa. Publicou varias memorias acerca da relaxação das ordens religiosas, e da genealogia dos que se diziam puritanos, e não descendentes da raça judia: patenteam ellas a elevação e a vastidão dos seus talentos praticos e uma profunda erudição em todos os ramos precisos ao varão politico, e ao estadista abalisado; com os seus actos importantes, e os resultados proficuos dos seus trabalhos, servio a seu paiz de uma maneira, que lhe é escasso e mesquinho todo o elogio que se lhe possa fazer.

Prima entre as suas memorias a que escreveu em 1748 sobre o estado e necessidades de Portugal, e que foi offerecida a ElRei. Lembra como providencias: 1º impedir o augmento de gente inutil com o especioso titulo de religião que procura para o seu commodo; 2º diminuir o luxo com alguma lei sumptuaria; 3º augmentar a agricultura, fazendo-se estradas, e cortando-se rios para navegar e regar as terras; 4º estabelecer fabricas, desenvolvendo por

toda a parte a industria; e 5º favorecer-se o commercio dentro e fóra do reino, sem o qual não pode haver estadô rico, poderoso e nem florescente (7).

Apreciador da litteratúra e da história da sua patria, que maior encomio merece de que citar-se-lhe as seguintes memoraveis palavras que empregára em uma carta dirigida a um amigo?

« Procura de todos os modos engrandecer a nação portugueza, e ressuscitar tambem as memorias da patria da indigna escuridade em que jaziam até agora: é a lição da historia o mais fecundo seminario de heroes. »

Era excessiva a sua modestia; a resposta que deu ao abbade Diogo Barboza Machado, que pretendia inclui-lo na *Bibliotheca lusitana*, prova-o sufficientemente, e o pinta sob aspecto que lhe é lisongeiro: achamo-la na collecção de ineditos, á qual nos temos referido, e offerecemo-la ao apreço do publico sahindo pela primeira vèz á lume da imprensa:

« Sinto muito que vossa mercê tomasse o incommodo de buscar-me, e que o não achar-me em casa me roubasse o gosto da sua estimavel conversação, da qual procurarei aproveitar-me sem molestia sua. Muito tenho que agradecer a vossa mercê occorrer-lhe o meu nome ao formar um catalogo dos Portuguezes eruditos, sendo o maior agradecimento quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e supposto que não desconheça ou deixe

de apreciar a honra que vossa mercê me faz, é justo também que me não indusa o maior proprio a abusar d'ella. Alguns amigos me fazem a mercê de espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porém como estes, em quanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelecimento d'aquella fama senão a benevolencia dos que me favorecem, pois até o presente não tenho mostrado composição por onde podesse adquiri-la; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que o perderia de todo, sahindo alias com algum volume. Supposta esta verdade que sou obrigado a confessar ainda que me cause confusão, discorro que também vossa mercê se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião, e que seria estranhada a boa exacção e boa critica de vossa mercê conter na *Bibliotheca lusitana* entre os auctores a um individuo, que o não é: assim como não tenho que responder ao interrogatorio principal das obras que compuz, julgo superfluo dar satisfação aos mais requisitos que contém a carta de vossa mercê. No seu livro terei que invejar aos varões que pelos seus trabalhos se fizeram merecedores dos elogios de tão discreto e intelligente juiz, e sempre conservarei uma viva lembrança do logar que a bondade de vossa mercê me queira dar n'elle, que será um novo motivo para desejar repetidas occasiões em que possa servir a vossa mercê, e mostrar o meu re-

conhecimento. Deus guarde a vossa mercê muitos annos. — Casa, 2 de maio de 1740. »

Viveu tristemente os ultimos dias da sua existencia. Fallecêra Dom João VI em 1550, e decahio de toda a graça perante o novo governo de Dom José I. Fôra casado com uma donzella oriunda da provincia de Traz-os-Montes, e de familia nobre de Chaves, a qual lhe não trouxera dote: dous filhos, que tivera do seu consorcio, perdeu em um incendio, que lhe levou em 1554 a casa e os bens que possuia.

A estas domesticas dôres não subreviveu muito tempo, ainda que exteriormente parecesse resistir-lhes; no anno de 1553, e no ultimo dia de dezembro, falleceu em Lisboa Alexandre de Gusmão, e foi sepultado no convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas descalços.



NOTAS.

(1) *Elogio historico de Alexandre de Gusmão*, lido na Academia real da Historia portugueza em 1754.

(2) Melli Fr., *Inst. jur. eccl.*, l. I, t. v, § 3. — *Hist. eccl. de Port.*, t. IV, seculo XIII, cap. 1, § 10, de Dom Thomaz da Encarnação.

(3) Publicado no *Investigador portuguez* de Londres, em 1819.

(4) *Collecção de alguns manuscriptos de Alexandre de Gusmão*. É o titulo da obra a que nos referimos, e que cuidadosamente guarda na sua escolhida bibliotheca o seu proprietario o senhor Fernando Denis.

(5) O numero 4º da *Revista trimensal* do Instituto historico e geographico brasileiro, 1840, Rio de Janeiro, pag. 322, transcreve um extracto d'esta impugnação de Alexandre de Gusmão, que publicára anteriormente o *Panorama* de 1840.

(6) *Memoria e reparos sobre a disposição da lei de 3 de dezembro de 1750 que estabeleceu um novo methodo para a cobrança do quinto do Brazil, abolindo o systema da capitação*, por Alexandre de Gusmão. — Visconde de São Leopoldo, *Annúes da provincia de São Pedro*. — Conselheiro José Antonio da Silva Maia, *Memoria da origem, progressos e decadencia do quinto do oiro na provincia de Minas Geráes*, Rio de Janeiro, 1827.

(7) Existe manuscripta na collecção a que já nos referimos, pertencente ao senhor Fernando Denis.

... a
... .. 1710.

NOTAS

- (1)
- (2)
- (3)
- (4)
- (5)
- (6)
- (7)

SECULO XVIII.

I.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

I.

A 8 de maio de 1705 nasceu Antonio José da Silva, na cidade do Rio de Janeiro; alguns chronicistas seus contemporaneos não mencionam nem os nomes, e nem as qualidades dos seus progenitores; asseguram outros, e parece com mais fundamento, que foi filho do advogado João Mendes da Silva, e de sua mulher Dona Lourença Coutinho.

Desde a infancia se lhe não sorriu a fortuna. Teria oito annos de idade quando com seu pai, e dous irmãos mais velhos, teve de seguir para Lisboa, e não por vontade de João Mendes da Silva, que lograva na sua patria geral conceito, e muita estima publica.

Contra Lourença Coutinho espalhou-se suspeita de judaismo: não dormia a inquisição. Nas cidades e povoações do Brazil tinha tambem ella os seus denunciantes e sectarios. Foi presa immediatamente a

infeliz mulher, e remettida para Lisboa. Para acompanhar-la, e propôr-se mesmo a sua defesa, abandonou João Mendes da Silva os seus bens, a sua patria e os seus amigos do Rio de Janeiro.

Receberam-na os carcereiros do Santo Officio, e em quanto era julgada, abriu escriptorio de advogado João Mendes da Silva, procurando por este meio estender as suas relações e auxiliar mais effizamente a sua desgraçada consorte.

Frequentou Antonio José da Silva as escolas primarias de Lisboa: conhecendo os seus talentos, decidiu-se seu pai a envia-lo para Coimbra, a fim de formar-se em canones, e seguir a mesma carreira que fôra a sua.

Logo que completou vinte e um annos de idade tomou Antonio José da Silva o gráu de bacharel formado na universidade, e regressou para Lisboa, no intuito de praticar com seu pai a profissão de advogado, e poder n'ella substitui-lo.

Mas o homem põem, e Deus dispõem. Realisou-se ainda este proverbio. A inquisição, que guardava nos seus carcereiros a Lourença Coutinho, suspeitou tambem do filho: era crime, e grande crime o judaismo. Ai dos que sofriam a mais pequena denuncia de pratica-lo! Bastava até descender de sangue israelita!

Foi preso Antonio José da Silva, e recolhido aos carcereiros do Santo Officio a 8 de agosto de 1726.

Dous mezes lá se demorou, no meio de duros martirios, e de tratos de polé, que lhe foram applicados.

Por fim o soltáram em um auto de fé, que teve logar no mez de outubro immediato.

Voltou para a companhia de seu pai, e ajudava-o na feitura dos seus trabalhos forenses. Não podia porém ser feliz e nem correr a sua vida placidamente. De que lhe servia ganhar riquezas, como advogado; cercarse sempre de numerosos clientes e amigos que apreciavam os seus conhecimentos juridicos; adquirir fama com a publicação de algumas fabulas, e faceiras e engenhosas poesias, que lhe inspirava a vida, nos momentos de repouso e de folguedo; obter gloria com a representação de muitas comedias, que attrahiam o povo em bando ao theatro publico do Bairro Alto; chamar a si copia de admiradores, que o animavam com repetidos elogios pelas suas agradaveis composições, e possuir mesmo uma excellente mulher, e uma encantadora filha; si sobre elle pairava constantemente a espionagem do Santo Officio, apesar de todas as manifestações e provas immensas que dava publicamente do seu fervor catholico?

Morreu João Mendes da Silva em 1736, e teria apenas decorrido um anno, quando a 7 de outubro de 1737 foi preso pela segunda vèz, e recolhido aos carceres da inquisição, que conservavam ainda a mãe desditosa, e preparavam para o filho a mesma cruelissima sorte.

Pode-se dizer que os onze annos, em que gozou de liberdade, foram um espaço intercalado na sua vida como o lucido intervallo que favoneia o de-

mente! Fôra o seu destino marcado por letras negras, apenas tocou o limiar da vida; havia de ter o seu curso regular, e o seu infallivel cumprimento!

Entre os amigos que o procuravam, e que lhe davam o titulo de Plauto portuguez, dous unicos o não abandonáram até o fim; foi um Mathias Ayres Ramos da Silva Eça, provedor da casa de moeda de Lisboa, e varão de estudos litterarios; e outro dilecto varão, illustre pelo sangue, distincto pelos seus talentos, e reputado pelas suas riquezas, Dom Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira.

Preciso é não confundir este conde de Ericeira Dom Francisco com seu pai Dom Luiz, tambem conde de Ericeira; foram ambos poetas de nomeada, e litteratos de distincção. O conde Dom Luiz fallecido em 1690, por se atirar sobre o pateo de uma janella de seu palacio, tendo a cabeça perdida por uma negra melancolia, é o auctor de *Portugal restaurado*; dedicou-se ás letras, depois de cansado das fatigas militares, e colhêr n'ella bastantes louros. Foi tambem litterato distincto seu filho o conde Dom Francisco Xavier, que pertencia a varias academias litterarias. É este o auctor do poema *Henriqueida*, e concorreu muito para a fundação da Academia real de Historia portugueza, servindo de seu secretario.

Com o conde Dom Francisco Xavier de Menezes entreteve Antonio José da Silva relações estreitas; o litterato portuguez admirava o seu engenho comico, e os seus selectos talentos; aconselhava-o na com-

posição das suas comédias, e aconselhava a Antonio José da Silva que admittisse mais regularidade nas scenas, e mais elevação no stylo, enraizado como estava na leitura de Molière, e mais auctores comicos francezes, cujo estudo tanto de Pariz lhe recommendava o seu particular amigo Boileau.

Gozáram bem poucos auctores durante a sua vida de maiores triumphos do que Antonio José da Silva : estava como que abandonado o theatro portuguez; usavam os Hespanhões representar as comédias de Pedro Calderon e Lope de Vega, na propria lingua castelhana, perante o publico de Lisboa, que tendo no seu idioma muito poucas comédias originâes, e sendo estas mesmas mais litterarias, do que interessantes na representação, folgava de applaudir ao menos os engenhos dos seus visinhos, que tão alto haviam elevado a gloria do theatro hespanhol, que na França, na Inglaterra, na Allemanha e na Italia, levantavam proselytos, e causavam geral admiração.

Com as comédias e operas de Antonio José da Silva recommçou o theatro portuguez a sua existencia; tomou galas; enfeitou-se de vestes primorosas, e ergueu-se faceiro e interessante; apressado corria o povo para a representação das novas operas, que admirava em extasi, e applaudia com grande estrondo.

Muito curta porém foi essa epocha. Parece que á Antonio José da Silva foi fatal a sua propria gloria. Chamava o povo ás suas comédias *operas do Judeu*;

quáesquer que fossem os seus protestos, não lhe perdoava a Inquisição.

Existia ella em todas as nações catholicas da Europa, antes que em 1485 o pápa Sixto V cingisse a tiara romana; instituida para ser empregada contra os Albigenses, fôra exercida ao principio por ecclesiasticos nomeados pelo Summo Pontifice, os quáes pesquisando e indagando as heresias levavam aos tribunáes ordinarios as provas que obtinham competendo a decisão a estes tribunáes : de accordo Sixto V com Dom Fernando e Dona Isabel, soberanos das Hespanhas, deu nova forma á inquisição, creando o tribunal privativo do Santo Officio para os seus julgamentos; coube aos soberanos hespanhães nomear os membros que deviam compô-lo : foi Thomaz Torquemada o seu primeiro inquisidor geral; victimas immensas regáram com o seu sangue os carceres da inquisição e as praças publicas; gloriou-se aquelle inquisidor com ter feito morrer em autos da fé, no espaço de dezeseis annos, para mais de nove mil pessoas de todos os sexos, edades e condições (1).

Passou da Hespanha para Portugal o terrivel tribunal com todas as suas attribuições, reinando ElRei Dom João III, pelo anno de 1536, e a instancias do santo papa Paulo III. O crime de heresia pela mór parte das vêzes não pertencia ao numero dos que se manifestam por actos exteriores e materiáes, e principalmente quando procede de geração. Haviam

residido nas Hespanhas muitos mouros e judeus que mudavam de trajés e de nomes, e apresentavam-se christãos e frequentadores dos templos, para salvar assim as vidas, e obter o descanso. Succedia pois que sem a confissão dos accusados se não podia contra elles obter as provas que desejava a inquisição : usou então ella dos instrumentos proprios de torturas e atrozes tormentos, e das prisões solitarias, aonde nem o ar, e nem a claridade do dia abriam entrada, e applicava-os com inaudita barbaridade, pretendendo obrigar por esta forma as suas victimas á confissão do crime; e que falsas confissões recebeu o tribunal, no meio dos horrorosos soffrimentos dos desgraçados!

Andava por toda a parte a inquisição : mesclava-se com o ar que se respirava; entrava pelos escuros corredores das casas que se habitava; fallava pela voz do criado, do amigo, e do amante; dormia á cabeceira, ouvia os soliloquios, e comprehendia os sonhos; a inquisição nas Hespanhas aceitava a denuncia do inimigo, o mais miseravel indício, a presumpção a mais futil, a palavra a mais vasia de sentido! E quando reunia o Santo Officio muitos condemnados, levantava nas praças a fogueira cruel, e, em espectáculo publico, no meio de pompa e perante a multidão de povo fazia queimar as suas victimas, vestidas de longos escapularios de baeta amarella, borrifados de chammás ardentes; e dava a estes espectaculos o nome de autos de fé!

Perderam Portugal e Hespanha mais de cinco milhões de pessoas nas fogueiras da inquisição (2). E entre as victimas de Portugal desde 1714 até 1767 figuram cerca de duzentos Brasileiros de ambos os sexos.

Cumprê aqui dizer, em honra da verdade, que da sua instituição se arreponderam os Pontifices romanos; por muitas vêzes se oppuzeram á extensão que davam os reis de Hespanha e Portugal ás attribuições da inquisição; traváram luctas serias para fazer cessar as perseguições e julgamentos, a mór parte das vêzes injustos e crueis. Havia-se porém o Santo Officio tornado arma poderosa para o dominio absoluto dos monarchas; era a inquisição o instrumento mais apto para extirpar a raça judia, e os suspeitos de descender d'ella, organisando assim a unidade e homogeneidade dos subditos, e alimentando o estado com os despojos das victimas. De tribunal religioso como ao principio fôra pelo espirito que o fundára, convertêra-se em tribunal civil ou real, e os juizes, de nomeação dos reis, e sujeitos a elles, esmeravam-se em obedecer mais ás suas ordens, e servir a seus interesses, do que a curvar-se aos ditames da santa curia romana (3).

Resignou-se Antonio José da Silva? Compreendeu por ventura o destino infeliz que se antolhava? Vãos esforços empregou o conde de Ericeira para o salvar. Não eram publicos os processos da inquisição: nem-uma correspondencia poderiam entreter

os presos desgraçados com os seus amigos livres : foi lançado no carcere nº 6 do corredor mais novo : podia dizer adeus ao mundo.

Não tardou muito tempo o seu julgamento : como o desditoso Thomaz Chatterton (4), ou André Chénier (5), Ricardo Savage (6), Nicolau Gilbert (7) ou Carlos Millevoye (8), tinha de ser muito curta a sua existencia terrestre; mas em crueldade e injustiça teria a sua morte, de exceder á morte de qualquer d'elles, por mais angustiada e barbara que fosse.

Foi lavrada a sentença de relaxação em 14 de março de 1733; e em 16 de outubro seguinte intimada ao paciente, que entrou logo para o oratorio, e que figurou, e morreu queimado, no auto de fé de 19 de outubro de 1739, na praça publica de Lisboa.

Não lhe sobreviveu muito tempo a sua infeliz mãe; tres mezes depois expirou nos carceres, aonde jazêra tantos annos!

Conferindo-se as listas dos condemnados pelo Santo Officio, acha-se a seu respeito a seguinte declaração :

« Antonio José da Silva, 34 annos, christão novo, advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador na de Lisboa; convicto, negativo e relapso : foi relaxado em carne. »

II.

É o theatro portuguez anterior ao castelhano; Gil Vicente vindo ao mundo alguns vinte annos

antes que se terminasse o seculo XV, dotado de engenho comico, de espirito sagaz, e de talentos poeticos, escreveu os seus autos e comedias, procurando seguir uma livre inspiração nos autos, e imitar nas comedias o theatro de Plauto e de Terencio : foi por isso mais feliz nos autos, que contém alguma originalidade e maiores bellezas. Seguiram-se Francisco Sá de Miranda, Antonio Prestes, e Luiz de Camões; mas as composições d'estes auctores foram ensaios de infancia, sem sufficiente interesse para deleitar e prender o espectador, sem os elementos precisos para o palco e scenario : não eram verdadeiras comedias. Com quanto procedente do portuguez, subio mais alto o theatro castelhano com Miguel Cervantes, Lope de Vega e Pedro Calderon; echoou por toda a parte a sua gloria, e ficáram esquecidos inteiramente os auctores dramaticos portuguezes.

Tal era o estado da litteratura dramatica portugueza, quando appareceram as comedias ou operas de Antonio José da Silva.

Imitou elle algum poeta seu predecessor? Estudou os modelos das outras litteraturas? Seguiu as regras que os criticos estabeleceram desde Aristoteles e Quintiliano até Boileau e Alexandre Pope?

Com a leitura das operas de Antonio José da Silva reconhece-se que tinha bastante instrucção litteraria, conhecimentos da historia, e estudos das linguas latina e grega : é impossivel que nas suas

relações com o conde Dom Francisco de Ericeira não lhe fossem presentes as comedias mais regulares que appresentavam então os theatros francez e italiano; nas suas composições preferiu porém folgar e divertir-se livremente.

Ninguem pode duvidar que estas operas ou comedias contém peccados contra as regras classicas, que por algum tempo se tiveram como a ultima razão da intelligencia humana; que não seguem as formulas severas de Terencio e Plauto, e menos as regras inabalaveis de Molière, e dos seus contemporaneos francezes e seguidores italianos; e que se differencam tambem muito das composições de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Antonio Ferreira e de Camões, que primeiros se déram á arte dramatica portugueza.

Mas só haverá bellezas nas comedias comprehendidas rigorosamente no circulo das formulas classicas que estabeleceram os antigos? Em tal hypotese não contém bellezas as de Aristophanes; e nem as de Lope de Vega e Cervantes Saavedra, e menos ainda as do primeiro e mais admiravel poeta dramatico, Dom Pedro Calderon de la Barca: que regras, que formulas seguiram estes poetas, e mais o portentoso Shakspeare, que extasiou a côrte da rainha Isabel de Inglaterra, e electriza ainda hoje os amantes da litteratura?

Escreveu Antonio José da Silva cerca de doze comedias; em prosa todas, intermeiadas porém de

versos, como as operas-comicas francezas; procurou objectos conhecidos, quer na historia moderna, quer na fabula e na historia antiga. As peregrinações de Dom Quixote e do seu sempre admiravel escudeiro, Sancho Pança; as aventuras de Esôpo; os amores de Jupiter e de Alceme e os encantos de Medéa, servia-lhe tudo: inventou com estas bases um pittoresco desenvolvimento, e peripecias engraçadas e alegres; não se importou que nação representava, em que epocha viviam os seus heroes, e quaes os seus usos e costumes; chamar-se para elle Esôpo, Dom Quixote, Medéa, Jupiter, Mercurio ou Amphitrião, equivale á mesma cousa; está em Portugal, e os costumes, e os usos, e as vestes devem de ser portuguezes; emprestado é o nome das personagens nas suas comedias; tão espirituosas e interessantes seriam designadas por esses nomes como pelos de Fernando, Maria, Antonio, José ou Pacheco; nem-um mal soffreriam, si em véz de Creta, Grecia ou Thebas, se collocasse a scena em Lisboa: o fundo ou base das suas comedias nada promette ou affiança; dir-se-ia um titulo, que cabe a outro qualquer escripto.

O desenvolvimento das aventuras, a posição das scenas, e a collocação ou mudança das personagens, formam a verdadeira comedia de Antonio José da Silva: não se importa com o seu titulo, e nem com a licção historica para acompanhar as personagens que tem nomes que lhe pertencem.

Não usa Antonio José da Silva de unidades classicas; cede o logar ás scenas, e muda com ellas; passa no mesmo acto de uma para outra nação; corre o tempo naturalmente, não se encerrando nas estric-tas vinte quatro horas que tanto recommendam os rhetoricos: diante dos seus olhos appareciam o theatro castelhano e o theatro inglez, brilhantes de galas, resplandecentes de gloria, e cheios de bellezas; e por ventura Calderon, Shakspeare e Lope prenderam a sua imaginação no circulo das uniões?

Faz exprimir pelas suas personagens a linguagem usual, commum, e popular, conforme trata, falla e se corresponde o povo; todas as vèzes que tem o poeta que pintar reis, ou personagens elevadas, acha-se fóra da natureza; usa de linguagem figurada, cheia de trocadilhos e conceitos, ridiculos ás mais das vèzes: conhece-se logo quando desenha livre e naturalmente, e quando descreve sem convicção; é um poeta do povo, como deve de ser o poeta comico; é da familia do grego Aristophanes ou de Carlos Gozzi; assemelha-se a Molière, quando Molière escreve Doentes imaginarios. Folga e ri-se o povo com o seu espirito sarcastico, os ditos faceiros, que deslisam as suas personagens, e as alegres situações que brilham na sua comedia.

No desenvolvimento dos caracteres não se procure o typo historico do nome que toma a personagem; achar-se-ha elle em Lisboa, no reinado de Dom João V, no meio d'essa capital, que só cogita nos navios

que chegam das colonias, carregados de oiro e prata, e vive na desmoralisação geral que resultou do jugo hespanhol que trouxe para sempre a decadencia da nação portugueza : serão caracteres das praças os das personagens; são criados de Lisboa os Sanchos, os Mercurios, os Esfuziotes e os Sacatrapos, que entram em todas as suas operas, e representam em todas ellas as principaes partes; são casquilhos da cõrte os namorados heróes que cortejam a Medéa, a Alcmena, a Circe, a Ariadne e a outras heroínas : são bellas filhas de Tejo, que, sem duvida por divertimento, tomam os nomes do polytheismo e da historia antiga da Grecia.

Convém accrescentar que se assemelham todas as peças; tem todas quasi os mesmos amores, e quasi que os mesmos personagens, ainda que revestidos com appellidos differentes, e dizendo-se moradores em outros logares; ha um eterno criado espirituoso, vivo, velhaco, mas fiel a seu amo, e que contribue para a felicidade d'elle; ha uma criada esperta, que entretêm relações alegres com o criado, e desenfada o espectador com sainetes graciosos e ditos picantes; n'esta parte assemelham-se as comedias de Antonio José da Silva ás tragedias de João Racine, Pedro Corneille e de Voltaire, nas quaes constantemente se entretêm o confidente com o heróe, parecendo que sem aquelle personagem não pode existir a tragedia; assemelham-se tambem ás comedias de Molière, de Regnard e de

Goldoni, em que é um oriado parte essencial d'ellas, e parece que sem elle não podem desenvolver-se.

O que ha de diverso, variado e encantador nas comedias de Antonio José da Silva é o correr dos acontecimentos; seguem-se as scenas da maneira a mais engraçada e inesperada; cahem os successos em cima de espectadores, quando elles menos os esperam; complicam-se as intrigas quando parecem dever acabar; e mil vèzes se sotopõem e se encadeiam umas sobre outras novas aventuras, ás vèzes extravagantes, mas causando sempre riso, patenteando sempre um verdadeiro e profundo talento comico.

É no desenvolvimento dos successos da comedia, na invenção das aventuras, e no choque feliz das paixões e das intrigas, que se serram, se ligam, se separam, e se dissolvem, com a rapidez do raio, e a facilidade do vento, que prima Antonio José, e espanta, electriza e arrasta os seus espectadores.

Qualquer comedia de Antonio José da Silva é uma estampa perfeita de espirito, graça e sal comico; está sempre o riso nos labios; é a curiosidade aguçada continuamente; mudam as scenas, e guarda o espectador memoria indelevel d'ellas; renovam-se os actos, e inesperadas peripecias lhe trazem delicias inefaveis, com que não contava, e que lhe sahem de ordinario pelo avesso do resultado que parecia esperar.

E quanta originalidade! Quantos ditos populares portuguezes, que viu pela primeira vèz o povo re-

petir-se no theatro e que sempre applaude, porque é a sua imagem que alli anda, é o seu sangue que alli corre, é a sua boca que alli falla; são as suas practicas, phrases e palavras, que alli se dizem! Porque é que fazia Aristophanes correr os Athenienses ás suas comedias informes, mas bellas e espirituosas? Porque n'ellas se conheciam elles, como se vê o povo de Portugal retratado nas personagens das operas de Antonio José da Silva.

Lendo-as e examinando-as, ficámos perplexos sobre preferencia; qual é a mais bella? Revestem-se todas das mesmas côres graciosas, das mesmas scenas engraçadas, e das mesmas galas e enfeites. O que ha de mais alegre do que *os Encantos de Medéa*, *o Labyrinto de Creta*, *o Precipicio de Phaetonte*, e *os Dois Amphitriões*? O que causa mais prazer, *a Vida de Dom Quixote*, *a Vida de Esópo*, ou *as Guerras do Alecrim e da Manjerona*?

Não se importava que as suas comedias moralissem ou não o povo, corrigissem ou não os seus defeitos; o que queria era divertir-se; o que ambicionava era inventar aventuras engraçadas, suspender a attenção publica, e alegrar e fazer rir; não que ressumbre immoralidade em qualquer d'ellas, e menos que offenda qualquer scena, dialogo, phrase, e mesmo uma palavra o character o mais susceptivel, e o ouvido o mais casto dos seus espectadores; põe todo o seu cuidado em guardar completa e perfeita decencia: é o seu desejo de folgar, e nunca de satyrisar; ganha

n'esta parte muito valor o poeta comico, e realça o seu merecimento; mas acima de tudo colloca o seu gosto, espalha as suas graças, derrama o seu espirito e facecias; e são os seus encantos e a sua ambição as graças, o espirito e as facecias.

Preferimos entretanto as *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, como a mais original e a mais nacional das suas comedias, si bem não seja a que maior somma de bellezas contenha, ou graça mais subida e fina appresente; realça porém muito porque ouve o espectador a personagens com os nomes portuguezes; assiste á scena em Lisboa; e tudo quanto vê e escuta, conhece e entende; para faze-la melhor apreciar faremos uma analyse ligeira d'ella, minuciando a sua marcha e as suas aventuras.

III.

Trazem as algibeiras vasiaas, como fidalgos de tempera e costumes nobres, dois cavalheiros portuguezes de boa familia e educação fina. Chama-se um Dom Fuas; tem o outro o nome de Dom Gilvaz; nem criado tem o primeiro; mas ao segundo acompanha um Semicupio, esperto e vivo como azougue; é um dos typos de Antonio José da Silva este criado, typo que reproduz em todas as suas comedias; não costuma ter tambem Walter Scott um mordomo para os seus fidalgos escocезes? Não se encontram em todas as comedias de Molière um Sganarello que diz facecias constantemente? Qual o auctor que não tem

uma ideia fixa, que apresenta e desenvolve em todos os seus escriptos?

Encontram aquelles fidalgos nos seus passeios a duas lindas moças, seguidas de uma criada; cobrem-se as moças de véos, mas patenteam atravez d'elles os seus encantos; procuram os cavalheiros praticar com ellas, e obrigam-nas, por meio de finezas, a dar-lhes uma um ramo de alecrim, e um ramo de mangerona a outra. Partem as moças, e descobrem os cavalheiros, depois de mil trabalhos, que são sobrinhas de um Lanserote, velho avarento, que trouxera minas de oiro do Brazil, e que as guarda como thesouros, que se occultam a todos os olhos: basta-lhes isto para inflammal-lhes o amor; procura cada um d'elles ver e fallar á sua bella, e provar-lhe a sua paixão; d'ahi resultam as guerras do Alecrim e da Mangerona.

Serve a Dom Gilvaz o seu criado; indaga e encontra Dom Fuas uma velha interesseira da casa, que lhe leva as correspondencias, e alimenta o amor dos dois namorados. É impossivel acompanhar, e menos descrever os meios engraçados pelos quaes conseguem os dous amantes introduzir-se em casa de Dom Lanserote, a quem tinha chegado um sobrinho de Traz-os-Montes para casar-se com uma das moças, que escolhesse, devendo entrar a outra para o convento. O peor é que estão Dom Fuas e Dom Gilvaz dentro da casa; cahira a escada por onde subiram, e não acham meios para sahir, pois que guarda a chave da porta o dono, que é o proprio a

abrir; o dia está a raiar : a creada, as moças, a velha, e os fidalgos, tudo treme, porque accorda, e apparece o velho. Salva-os o engenho de Semicupio, que percebendo o transe angustiado, grita *fogo* da rua, arromba com gallegos a porta de Dom Lanserote, com o pretexto de que na sua casa lavra o incendio, e apresenta-se ao velho attonito, fazendo entrar de repente tamanha multidão, que parecem ter vindo tambem em soccorro os amantes Dom Fuas e Dom Gilvaz.

Admiravelmente rematam estas peripecias o primeiro acto; verdade é que são desenvolvidas ao natural; é completa a pintura; funcionam ao vivo todos os caracteres; applaude o espectador a todas as personagens, por que satisfazem todas, e cumprem todas o seu dever; e sendo bem representada e comprehendida esta comedia, impossivel é que não produza um effeito extraordinario.

Encontram os dois namorados outra occasião ainda, e occasião menos perigosa, para verem as moças : adoce Dom Tiburcio, que ainda não escolheu noiva; chama-se um medico, e apparecem tres; são Dom Fuas, Dom Gilvaz e Semicupio; é uma scena igual em graça ás melhores de Molière; o criado parece o mais erudito, por isso que é mais loquaz; é o doente quem soffre com os remedios que lhe receitam. Seguem-se novos empenhos de voltar á casa de Dom Lanserote; combinam por fim encontrar-se no jardim, e tratar ahi

os amantes dos meios de levar a effeito os seus desígnios de casamento : chega Semicupio primeiro ao jardim; é preso por Dom Lanserote, e feixado em uma capoeira de gallinhas, partindo o velho para chamar o alcaide; a criada porém introduz no logar de Semicupio a Dom Tiburcio, que a requesta, por que pensa que lhe pertence quanto existe na casa de seu tio : emquanto a justiça prende o infeliz sobrinho, e se lamenta Dom Lanserote, aproveitam os amantes o seu tempo; por tal sorte fica Dom Tiburcio intrigado com o tio, que o abandona o velho avarento, e chegam os dous fidalgos ao céo ou ao seu dinheiro, casando-se com as duas moças.

Para que seja uma comedia devidamente comprehendida e apreciada, cumpre que se represente : necessita das luzes, do palco, da optica e das illusões do scénario; perde com a leitura, que lhe não dá todo o realce, e como avalia-la por effeito apenas de uma analyse succinta, ainda que minueiosa? Está no enredo a belleza, no lance das aventuras, e tambem no espirituoso do dialogo, na viveza da pratica, e na graça das palavras; são atavios necessarios, que enfeitam e aformoseiam; e estes atavios todos, e todos os elementos necessarios para agradar, alegrar e interessar, tem a comedia das *Guerras do Alecrim e da Mangerona*.

Não é a unica que merece as honras de uma analyse, e da leitura e representação : eguaes em preço

são as outras que mais escreveu Antonio José da Silva; a glória, que adquiriu entre os seus contemporaneos, tem de vingar, firmar-se, e mais solidificar-se, a proporção que forem decorrendo os annos, e formulando-se o julgamento dos posterós; antes d'elle, si bem que tinha a lingua portugueza algumas comedias, que ornavam a sua litteratura, faltava-lhes comtudo o interesse, e a precisa animação; faltavam-lhes o espirito e os usos e costumes nacionaes, para que na sua representação enthusiasmassem o povo; foram as comedias de Antonio José da Silva os paineis da sociedade em que elle vivia, animados de graça fina, de lances espirituosos, e de scenas alegres e variadas; e não se carece de muito éngenho poetico, e inuito talento comico, para conseguir estes resultados? Para reunir o complexo de todos os requisitos, que formam uma bella comedia, e comedia verdadeira toda, e nacional, e engraçada, não se tornam necessarias qualidades muito subidas?

E posteriormente a Antonio José da Silva, qual o poeta comico que tem sido tão estimado do publico portuguez? Ainda inspirou a musa tragica a um ou outro poeta portuguez, e lhe arrancou da lyra arrobos suaves e bellas harmonias; mas tem sido a musa comica muito escassa em Portugal; não abre com facilidade os seus thesouros; um auctor unico appareceu, depois de Antonio José da Silva, que compoz duas comedias, que encerram algumas

bellezas; foi Pedro Antonio Correia Garção; por ventura porém o *Theatro Novo* e a *Assembléa ou partida* são comedias para se comparar com as *Guerras do Alecrim e da Mangerona*? Forma a base de qualquer das duas comedias de Garção uma monotona e muito palida intriga; não são comicas as situações; não ha interesse constante, regular e successivo; e por que primam por lindos versos, dizem pensamentos elevados, e mais ou menos encerram uma poesia faceira, pode-se assegurar que sejam ellas verdadeiras e boas comedias? Quão longe estão d'aquelle talento especial; d'aquellas côres luxuriosas de graça e espirito; d'aquelle circulo ou serie de scenas, que se reúnem, se agglomeram, se dissolvem, e se ligam; d'aquella curiosidade, que o espectador sente, quando presencêia a marcha dos acontecimentos, a complicação dos successos, os riscos e perigos dos personagens, a quem ama, segue e acompanha com todo o interesse, circumstancias precisas todas em uma comedia, e que em gráu eminente possuíam as operas de Antonio José da Silva!

E que perda para a litteratura a sua morte tão cruel e na força do talento, no fulgor e viço da idade? Quando tantas comedias admiraveis compuzera, e n'ellas confiados nutriam Portugal e o Brazil tão fundadas esperanças de que cada vèz se desenvolvesse mais o seu ingenho admiravel, e lhes dêsse elle a gloria de um theatro nacional, rouba o terri-

vel tribunal do Santo Officio uma existencia tão preciosa ; corta os fios d'ouro de uma vida tão cheia de esperanças, e de futuro, e cobre de lucto o theatro, que até hoje não achou infelizmente quem o substituísse !

Apezar de alguns defeitos que notam os criticos nas composições dramaticas de Antonio José da Silva, foi elle com razão considerado o Plauto portuguez, e o será, emquanto não apparecer, na lingua portugueza, outro poeta que lhe roube a palma e a gloria.

NOTAS.

(1) Léonard Gallois, *Histoire de l'inquisition*. — Llorente, *l'Inquisition*, Dict. de la conversation.

(2) Gedde's *Account of the inquisition in Portugal*.

(3) Raumer, *l'Espagne aux XV^e et XVI^e siècles*. — Alexandreerculano, *Historia da inquisição em Portugal*.

(4) Thomaz Chatterton, poeta inglez, suicidou-se de dezasete annos em 1769.

(5) André Chénier, poeta francez, foi guilhotinado em 1794, em Pariz, na idade de trinta e um annos.

(6) Ricardo Savage, poeta inglez, morreu na prisão de Bristol na idade de trinta e seis annos, em 1743.

(7) Nicolau Gilbert, poeta francez, morreu de vinte e nove annos, no hospital do Hôtel-Dieu em Pariz, em 1790.

(8) Carlos Millevoye, poeta francez, morreu de trinta e quatro annos miseravel, em Pariz, em 1816.

II.

FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO.

Assevêra Frey Gaspar da Madre de Deus (1) que da vasta progenie de Amador Bueno da Ribeira é oriundo o capitão mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, possuidor das terras e engenhos de Marapicú, Cabossú, Itaúna, Paúes e Pantanáes do rio Gandú. De seu consorcio com Dona Helena de Andrade Souto Maior Coutinho nasceram João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, e Clemente de Lemos de Azeredo Coutinho e Mello. Mais ou menos se celebrisáram estes irmãos todos pelas suas letras e serviços. Rivalisa esta familia com as celebradas familias de Alexandre de Gusmão e de José Bonifacio de Andrada e Silva, das quães procedem tambem alguns varões illustres.

Vieram ao mundo Dom Francisco de Lemos e seus irmãos no engenho de Marapicú, termo da villa de Iguassú, e provincia do Rio de Janeiro.

Ainda actualmente constitue este engenho um morgadio, que successivamente tem passado de uns para outros descendentes do capitão mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, seguindo a linha directa do primeiro morgado, seu quarto filho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, em cujo favor fôra elle instituido.

Nasceu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho em 5 de abril de 1735 : estudou com muito aproveitamento os seus preparatorios na cidade do Rio de Janeiro, e nas escolas dos Jesuitas; seguiu viagem para Portugal na idade de quatorze annos, e continuando lá os seus estudos, tomou em Coimbra o gráu de doutor em canones em 1754. Obteve logo depois de formado uma cadeira de lente, e foi nomeado reitor do collegio das ordens militares em 1764.

Governava Portugal Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeyras e marquez de Pombal.

Graves eram no emtanto os acontecimentos politicos d'aquella epocha; e bem melindrosas e criticas as circumstancias do reino.

Achavam-se em decadencia o exercito e a marinha. Nada fizera por amellora-los o reinado anterior. Arquejavam as finanças publicas com deficit extraordinario. Para cumulo de males, submergio Lisboa o terremoto espantoso de 1755, cujas peripecias são muito geralmente sabidas. Após o terremoto algumas quadrilhas de salteadores se asse-

nhoreáram da destruida capital e dos seus arredores. Soffreram tambem com elle Setubal e varias outras cidades do reino.

Dirigio o marquez de Pombal a sua attenção para todos os pontos : reconstrucção de Lisboa, melhoramentos materiães, reorganisação do exercito e da marinha, economia nos dinheiros publicos por meio de diminuição das despezas, e a justiça e instrucção publica, tudo participou dos seus cuidados, dos seus desvelos e da sua incansavel sollicitude.

Para consegthir tantos resultados era azado o genio do marquez de Pombal. Como intelligenciã superior, chamou para junto de si as intelligencias que descubria. Como ministro perspicaz e zeloso, conheceu que lhe convinha aproveitar os talentos que lhe appareciam, para dirigi-los ao fim a que se propunha.

Não houve talento nem intelligencia que não procurasse unir á sua fortuna.

Quando se preparava para os grandes trabalhos que tinha em mente, tristes acontecimentos os perturbáram. Nos fins do anno de 1761, appareceram entre Hespanha e Inglaterra actos de hostilidade. Começou a guerra lamentavel que denominaram os historiadores de pacto de familia. Tomou parte n'ella a nação portugueza, obrigada pelo manifestó da Hespanha de 15 de junho de 1762. Quanto custou ao exercito portuguez chegar ao pé de guerra em que deveria ter sido constantemente conservado!

Ao principio e por vêzes cantáram os Hespanhões victoria. Nem generaes tinha Portugal. Mandado vir da sua patria, foi o conde de Lippe o salvador da disciplina militar, e o chefe das forças portuguezas que reorganisou, instruiu e arregimentou. Felizmente que, com o cessar da guerra e a pacificação do reino, pode curar o ministro de todos os ramos do serviço publico.

Pretendeu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho deixar Portugal e retirar-se para o Brazil : requereu o logar de deão da cathedral do Rio de Janeiro, que se achava vago ; respondeu-lhe porém o marquez de Pombal que tinha empregos mais elevados para elle, e lhe não consentia sahir de Portugal : de feito, logo em 1761, o despaxou juiz geral das ordens militares, e no anno immediato desembargador dos agravos da Casa de Supplicação : sendo depois provido em um logar do tribunal da inquisição de Lisboa, e no cargo de vigario capitular de Coimbra, e coadjutor e futuro successor ao bispado da mesma diocese.

Descobrira o marquez de Pombal os seus distinctos merecimentos, e começou a aproveitá-los. Era o ultimo emprego o mais melindroso de todos, porque depois das ultimas occurrencias que tiveram logar entre a curia romana e a cõrte de Lisboa, e que suspenderam por algum tempo as suas relações amigaveis, carecia a igreja de Coimbra de um prelado pacifico e ao mesmo tempo resolute, de

maneiras affaveis e ao mesmo tempo firme, que fosse emfim conciliador e justiceiro.

Reunia elle todas estas qualidades, e tão satisfactoriamente preencheu os seus deveres, que em 14 de maio de 1770 foi nomeado reitor da universidade de Coimbra, e chamado pelo governo para fazer parte da junta creada sob o nome de Provisidencia litteraria, cujo era o fim reformar a universidade.

Faziam parte d'esta junta o marquez de Pombal e o cardeal da Cunha na qualidade de inspectores; e como conselheiros Dom Francisco de Lemos de Faria Coutinho, Dom Manuel do Cenaculo Villas Boas, bispo de Beja, e o arcebispo d'Evora; os desembargadores Ricalde Pereira de Castro, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, e José de Seabra Silva; e os doutores Francisco Antonio Marques Giraldes, e Manuel Pereira da Silva. Era ardua a missão, mas honrosa e de gloria. Como um d'estes genios organisadores que raras vêzes apparecem na scena do mundo, que porém fazem a fortuna das nações e dos povos em cujo serviço se empregam, não se esqueceu o marquez de Pombal da instrucção publica, porque a instrucção publica forma as gerações, dirige os animos, moralisa os espiritos, e é o manancial da educação do povo.

Si como que nova vida ganháram com a sabia administração do marquez de Pombal o exercito e a marinha; si melhoráram as finanças publicas; si

receberam regular desenvolvimẽto as estradas, o commercio, a agricultura e a industria; si o paiz emfim se ergueu valente e corajoso diante do estrangeiro, e respondeu-lhe com a dignidade de uma nação livre e destemida; receberam tambem a educação publica e a instrucção, que forma os homens do governo, os progressos e incremento que as sciencias e as lettras instantemente exigiam.

Tinham todos os membros da junta nomeada com o titulo de Providencia litteraria, talentos e erudição ao nivel da tarefa que receberam e á qual se dedicaram. Provou o resultado o acerto da escolha, e sancionaram o andar dos tempos e a successão dos acontecimentos a obra que gloriosamente para si e para Portugal haviam conseguido levar ao cabo.

Fôra creada a universidade portugueza por ElRei Dom Diniz em 1290, e estabelecida em Lisboa. Eram anteriores a ella as universidades de Pariz, Bolonha e Salerno, que se fundáram no seculo XII, e as de Napoles, Tolosa, Salamanca, Padua, Oxford, Perugia, Mácerata, Cambridge e Montpellier, que se fundáram no mesmo seculo XIII. ElRei Dom Diniz ajuntou mais este serviço a tantos que a seu povo fizera, e que seu povo agradecido commemorou aos posteros, que d'elle guardam uma lembrança indelevel. No anno de 1293, pareceu melhor a ElRei transferir a séde da universidade para a cidade de Coimbra, por ser ponto central e isolado

no meio de Portugal, e de onde mais facilmente poderiam os raios bemfazejos das luzes partir para todas as partes do reino, do que de Lisboa sentada á margem do Têjo, e cujas aspirações eram o commercio, e as vantagens e riquezas provenientes d'elle. Foi para Coimbra passada a universidade em 1308. Em 1537 porém de novo a trouxe Dom Fernando para a cidade de Lisboa. Em 1431 reformou-a, reorganizou-a, e deu-lhe novos estatutos ElRei Dom João I, sendo coadjuvado pelo jurisconsulto João das Regras, e equiparando-a assim ás universidades então existentes, ou mais antigas do que a portugueza, ou posteriores a ella, mas que se haviam illustrado no mundo, como Roma, Pizza, Pavia, Parma, Sienna, Valhadolid, Orleans, Heidelberg, Praga, Colonia, Vienna, Palermo, Angers, Erfurt e Ferrara do seculo XIV, e Leipsic, Cremona, Florença, Aix, Krakau, Friburgo, Upsal, Alcala e Glasgow dos primeiros annos do seculo XV.

Cuidadoso como era ElRei Dom Manuel pelas cousas da sua terra, modificou ainda os estatutos da universidade; reformou-os, adoptando o systema estabelecido pelas universidades de Napoles e de Bolonha organisadas pelo jurisconsulto Bartholo e o celebrisado Acursio.

Até então seguia ella inteiramente o theor das universidades que mais se entregavam aos estudos theologicos; tinha mesmo o titulo de pontificia, e o character ecclesiastico.

« A maneira das da Italia, diz um escriptor moderno (2), logo pelos primeiros estatutos de 1309 foram concedidos assim aos professores, como aos alumnos, extraordinarios privilegios. Estes, que então não eram moços de pouca idade, pela maior parte homens feitos, formavam a corporação, e elegiam dentre si o reitor. Participando dos costumes feodáes, não só obteve senhorias de terras, e a jurisdicção que lhes andava annexa, mas tambem foro privativo para as pessoas e bens que lhe não pertenciam. »

Foram fixados os estudos na grammatica, dialectica, decretáes, leis, medicina e theologia. No anno de 1537 fez ElRei Dom João III voltar a universidade para Coimbra, dotando-a de mais amplos privilegios e rendas mais estensas. Deu-lhe para professores os Portuguezes André de Gouveia, André de Resende, Diogo de Teive e Diogo de Gouveia, discipulos e emulos de Cujacio, e dos maiores jurisconsultos do seu tempo; annexou-lhe professores estrangeiros e sujeitos distinctos como eram Dom Martinho de Ledesma, Luiz de Alarcon, Francisco de Monzon e Martinho de Aspiciuelta Navarro, Hespanhões; Arnaldo Patricio e Nicolau Gruquis, Francezes, e os dous irmãos Buchanans da Escocia, que mandára vir de proposito das suas terras para o reino de Portugal.

Soffreu ainda a universidade uma reforma em 1559, e outra em 1612. Vigoravam os estatutos

d'esta ultima epocha quando se creou a junta da Providencia litteraria. Compunham as suas faculdades a theologia, o direito civil, o direito canonico e a medicina. Existia uma unica cadeira de sciencias mathematicas. Gozavam ainda os professores de privilegios, e os estudantes de isenções e foros.

Depois de aturado trabalho, confeccionou a junta da Providencia litteraria o plano da reforma. Além das quatro antigas faculdades creáram-se uma de mathematicas e outra de philosophia natural, contendo cada uma d'ellas as suas aulas especiaes. A faculdade de direito civil annexáram-se as aulas de direito natural, de historia de direito, e varias outras subsidiarias.

Foi enriquecida a universidade com vastos edificios de historia natural e suas dependencias, com jardim botanico, um observatorio astronomico, um gabinete de physica e um chimico, um theatro anatomico, dispensatorio pharmaceutico, e officina typographica.

Concluidos os estatutos reformadores, apresentou-se em Coimbra o proprio marquez de Pombal, revestido de poderes extraordinarios de tenente rei; e mandou-os cumprir e executar por Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, agraciado com a carta de conselho de S. M., e nomeado reformador-reitor e bispo de Zenopolis.

Um dos lentes da universidade, o doutor José

Monteiro da Rocha, assim se exprime sobre os serviços prestados por Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho na qualidade de reitor reformador :

« Deu nova e melhor forma a todo o paço das escolas. Erigiu os sumptuosos edificios do museo de historia natural, do gabinete de physica experimental, do laboratorio anatomico, do dispensatorio pharmaceutico e da officina typographica. Fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao jardim botanico. Refundio em muitos pontos a legislação litteraria; encheu de bellos regulamentos a policia academica. Organizou e installou a junta da directoria geral, centro regulador da ensinaça publica. Fez completar o ensino das faculdades philosophica e mathematica, creando novas cadeiras de metallurgia, hydraulica e astronomia pratica. Deu insignes providencias ao observatorio, enriquecendo-o de machinas e de instrumentos, creando e promovendo a ephemeride astronomica tão util á navegação. Propôz e formalizou a grande lei dos cosmographos do reino (3) ».

Satisfeito o marquez de Pombal de haver tão bem acertado na escolha do reitor reformador, declarou ao corpo da universidade o seu contentamento, na occasião de dirigir-se a elle. « Com estes faustissimos fins, — assim se enuncia o ministro, — deu ElRei nosso senhor á universidade o digno prelado, que até o presente a governou como reitor com

tão feliz successo, e que do dia da minha partida em diante a ha de dirigir como reformador. Confiando justamente das suas bem cultivadas lettras e das suas exemplares virtudes que não só conservará com a sua perspicaz attenção a exacta observancia dos sabios estatutos de cuja execução fica encarregado; mas tambem que ao mesmo tempo a ha de illuminar com as suas direcções; a ha de edificar com a sua consummada prudencia; e a ha de annunciar com as fructuosas applicações a tudo o que fôr do maior adiantamento, e da maior honra de todas as faculdades academicas (4) ».

Pouco tempo depois tomou conta tambem Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho do bispado de Coimbra, pela vaga que deixou Dom Miguel da Annuniação; e recebeu ao mesmo tempo o titulo de conde de Arganil.

Viviam na melhor harmonia Dom Francisco de Lemos e seu irmão João Pereira Ramos; conceituados ambos pelo governo e pelo publico, auxiliavam-se mutuamente nos seus estudos e trabalhos. Era sistema do marquez de Pombal attrahir a si e aproveitar-se das luzes e serviços dos homens de merecimento.

Collocado o bispo á frente da universidade, foi seu irmão o desembargador empregado em tres commissões, uma revisora do estado do erario e das leis fiscáes, a segunda reformadora de leis civis, e a terceira para tratar dos ajustes da concordata,

que desejava o governo portuguez estipular com a curia romana, por intermedio do cardeal Conti, legado apostolico. Com a morte d'ElRei Dom José I, mudou de todo o governo de sua filha; e arrastado pela reacção, que incitáram os fidalgos do reino não só contra o marquez de Pombal, senão também contra tudo quanto fôra obra sua, pretendeu desfazer até a reforma da universidade de Coimbra.

Não o consentio o bispo conde; apresentou á rainha, e publicou uma exposição do estado da universidade, que passa por obra prima, e fez arripiar carreira aos inimigos do ministro decabido. Pagou porém com a sua pessoa a salvação que conseguira da universidade. Foi exonerado do cargo de reitor, e substituido pelo principal Mendonça. Não foi mais feliz João Pereira Ramos do que seu irmão. Passavam ambos por intimos amigos do marquez de Pombal, e não escondiam a predilecção que lhe tinham. No retiro, a que fôra condemnado, ousavam ir vê-lo. Quando pretendeu o governo trazê-lo perante os tribunáes, e instaurar-lhe processo pelos actos da sua administração, sahio em sua defesa João Pereira Ramos, e na qualidade de procurador da Corôa e soberania nacional, rendeu culto aos serviços prestados pelo marquez, e corajosamente se oppôz á execução de semelhantes desígnios, manifestando em um parecer habilmente escripto e apresentado á rainha quanto desar e nodoa fariã recahir sobre o seu reinado uma tão injusta perseguição,

que feria directamente o governo do seu proprio pai.

Conseguiu tambem o seu intento; teve porém a paga na dispensa que lhe déram os novos ministros das differentes commissões de que estava incumbido: apoz porém alguns annos, foi de novo aproveitado; e teve as honras de entrada e assento no conselho dos ministros (5).

Foram Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho e seu irmão João Pereira Ramos dos colaboradores mais assiduos da Academia real de Sciencias de Lisboa, que deve a sua fundação ao duque de Lafões. Escreveram para ella algumas memorias acerca de questões theologicas, canonicas e politicas. Figura entre as que publicou a Academia uma conta geral do estado da universidade de Coimbra, das vantagens da sua reforma e das providencias indispensaveis ao seu progresso, que é obra do bispo conde, e que mereceu geral acceitação, e demonstra cabalmente a sua grande erudição e engenho.

Passou Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho os penultimos annos do seculo XVIII no meio dos seus trabalhos de bispo de Coimbra; conservava constantemente tranquillidade de espirito e socego d'alma, que formam as delicias do sabio e do religioso: assistia na solidão aos diversos espectaculos do mundo, que, como as ondas do mar, se amontoam e se revolvem uns sobre os outros, e uns aos outros se succedem.

Soffreu um durissimo golpe com a morte do Marquez de Pombal; a esta dôr e soffrimento que lhe causára a perda do seu amigo, accresceu outra mais cruel ainda, e mais profundo soffrimento, que foi o fallecimento de João Pereira Ramos, seu irmão pelo sangue, que lhe girava nas veias; seu irmão pelos estudos e trabalhos aturados; seu irmão pela uniformidade moral de costumes, de educação e de vida; seu irmão emfim pelo genio que animava a ambos e pelos elevados talentos de que haviam sido dotados ambos.

Como que ficou só no mundo. Fôra Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho de maneiras affaveis e prazenteiras, de semblante alegre e risonho; estes dous acontecimentos modificáram - lhe os habitos, enrugáram - lhe o semblante, enbranqueceram - lhe o cabello e quebráram - lhe as forças. Reconcentrou toda a sua intelligencia no exercicio do seu sagrado ministerio; viveu no mundo como o apostolo que não vivia para si, e só para o bem das suas ovelhas, cujo encarrego lhe pesava aos hombros, mas que aceitava e praticava com a devoção do sancto.

Quasi ao findar o seculo obrigou-o o principe Dom João a tomar de novo o governo da universidade de Coimbra, destituindo o principal Castro, que succedêra ao patriarcha de Lisboa.

Recomeçáram os seus trabalhos; não esmoreceu porém o seu zelo e nem a sua actividade.

Creou e estabeleceu as ephemerides astronomicas e novas cadeiras de agricultura, hydraulica, mineralogia e astronomia pratica; reformou o collegio das artes; organisou os estatutos para os estabelecimentos publicos de instrucção publica e secundaria; e instituiu seminarios de ensino ecclesiastico na sua diocese.

Quando pela primeira vêz entráram os Francezes em Portugal, no anno de 1807, deliberou o marechal Junot mandar ao imperador Napoleão uma deputação dos mais illustres Portuguezes. Não podia escapar-lhe o velho bispo de Coimbra: Obrigou-o o marechal Junot a embarcar-se para França com alguns outros Portuguezes illustres, apesar da sua idade e das suas supplicas. Recebeu-os Napoleão em Bayona, tratou com especial distincção ao bispo de Coimbra, e folgou de praticar com elle, percebendo a sua vasta erudição e os seus talentos subidos. Depois de tres annos de residencia forçada em França, logrou Dom Francisco de Lemos permissoão de retirar-se para Portugal, aonde apenas desembarcou no anno de 1810, conhecendo que era pela regencia suspeito de infidelidade a seu rei e á sua patria, requereu justificar-se; o que fez, e foi por sentença reconhecido innocente, regressando então em triumpho e no meio de festas e applausos de todo o povo para a sua amada diocese, e para a sua universidade sempre querida.

Da vida publica se retirou todavia : era o seu

repoiso que desejava; limitava-se a sua ambição ao bem e moralisação das suas ovelhas, e ao progresso dos estudos universitarios. Foi como bispo de vida exemplar e de virtudes as mais puras; servio a Egreja; honrou o baculo; utilisou ao sacerdocio; e moralisou e instruiu a sua grei. Como reitor reformador da universidade adiantou a instrucção publica, diffundio os conhecimentos, protegeu os talentos jovens e esperançosos, e ligou o seu nome e a sua gloria ao nome e á gloria da universidade que regêra e reformára. Era como particular o amigo do pobre e do rico, o homem de bem por excellencia, e o symbolo da honradez e lealdade.

Nunca fallava na sua patria, no seu Brazil, sem sentir um alvoroço, um enthusiasmo, que se transfundia aos seus ouvintes (6). A tanto tempo d'ella separado, guardava todavia pura e illesa a sua lembrança, como a sua mais grata reminiscencia.

Tinha o Rio de Janeiro dous filhos illustres em Portugal, ambos bispos, parentes um do outro; Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Evora, e Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra. Com a acção do regimen constitucional, tendo de nomear os seus deputados para as côrtes de Lisboa, de nem-um d'elles se esqueceu; a ambos outorgou os seus poderes para o representarem.

Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho tomou assento em côrtes, e como que espe-

rando esta nova aureola para a sua gloria, expirou alguns dias logo depois. Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho nem pode entrar no exercicio das suas novas funcções; as suas molestias e a sua idade lhe prohibiram o gosto de corresponder á expectativa de sua patria, e de cumprir o seu honroso mandato. Já no sepulchro o haviam precedido todos os seus irmãos, e a dous d'elles havia elle precedido no limiar da vida.

Em 16 de abril de 1822 falleceu Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil.



NOTAS.

(1) *Memorias para a historia da Capitania de São Vicente, actual provincia de São Paulo*, publicadas pela Academia real de Sciencias de Lisboa, pag. 136.

(2) Manuel Antonio Coelho da Rocha, *Ensaio para a Historia do direito publico e das instituições de Portugal*.

(3) José Monteiro da Rocha, *Oração funebre de Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra*, acrescenta mais as seguintes observações, que muito honram a pessoa em cujo louvor escrevia a oração funebre. « A opulenta região do Brazil lhe deu o berço : e com justiça o Brazil se jacta menos do seu ouro e diamantes, do que de haver produzido varão tão singular. »

(4) *Falla que fez o marquez de Pombal, do conselho d'estado, visitador plenipotenciario, e logar-tenente d'EIRei para a nova fundação da universidade de Coimbra, ao corpo da mesma universidade, convocada na sala grande dos paços d'ella, na tarde do dia 22 de outubro de 1772*. Publicada em Coimbra em 1773.

(5) « E porquanto o doutor João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, do meu conselho, desembargador do paço e procurador da minha real corôa, assim em razão do seu officio, como principalmente pelas luzes claras e superiores que tem n'estas materias, as quâes elle com zelo e discrição, depois de ser o primeiro que n'estes tempos as cultiviou, foi tambem o primeiro que procurou influi-las e derrama-las : hei por bem que assista e dirija as conferencias dos ditos ministros, sempre que para ellas fór chamado. » Decreto de 3 de fevereiro de 1789.

(6) Palavras de um sermão que prégou, em 1822, em São Vicente de Fóra, em Lisboa, um monge de Alcobaça, em louvor e honra de Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil.

III.

JOSÉ DE SANTA RITTA DURÃO.

I.

Na distancia de quatro leguas da cidade episcopal de Marianna, e pertencente a seu mesmo municipio, está situada a freguezia do Inficionado; ali nasceu, no anno de 1737, José de Santa Ritta Durão, sendo seus ascendentes os honestos e abastados mineiros sargento mór Paulo Rodrigues Durão e Dona Anna Garcez de Moraes.

Passou a sua infancia no Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas primarias e secundarias da Companhia de Jesus: apenas completou os seus estudos preparatorios, seguiu para Portugal. Na universidade de Coimbra tomou o gráu de doutor em theologia, em 24 de dezembro de 1756.

No anno de 1758, conhecendo que a sua vocação o chamava para o claustro, e que harmonisavam os seus gostos com a solidão do estudo, professou na ordem dos eremitas de Santo Agostinho: não havia carreira livre na sociedade civil; apresentava ao menos a religião o retiro das commuidades monasticas, e

n'elle se expandia e nutria a alma com esse amor puro, ideal e sublime, que substitue a patria e a liberdade.

Começou o pulpito a popularisar o nome de José de Santa Ritta Durão; attrahiam-lhe sympathias, chamavam-lhe admiradores, creavam-lhe amigos os sermões que recitava; collocou-o na linha dos primeiros oradores do tempo o que em Leiria pregou em 1759 em acção de graças pela salvação da vida d'ElRei Dom José. Uma circumstancia porém lhe roubou o socego; contra elle indispoz-se o bispo de Leiria Dom João Cosme da Cunha. Parece que de offensa de amor proprio nascêra o odio e perseguição que começou o bispo a praticar contra elle; o certo é que das iras do prelado se temeu José de Santa Ritta Durão, e tanto que logo que o bispo foi elevado a arcebispo d'Evora, deliberou-se a abandonar Portugal, e seguir viagem para a Hespanha e para a Italia, a fim de conservar-se ausente por alguns annos: nos principios do anno de 1762 levou a effeito a sua deliberação.

Governava Portugal Dom José I, ou antes o seu ministro, marquez de Pombal: no anno de 1759 tinham sido, por decreto real, desnaturalisados e expulsos do territorio portuguez, todos os Jesuitas membros da Companhia de Jesus: no anno de 1761 presenciára o povo de Lisboa o spectaculo do garroteamento e queima do celebre jesuita Gabriel de Malagrida.

Dirigia os destinos da Hespanha Carlos III, successor de Fernando VI: predominava ElRei Luiz XV de França com influencia decidida sobre o gabinete de Santo Ildefonso; arrastou-o á guerra contra a Inglaterra, formando o celebre pacto da familia Bourbon; Portugal não assentio ás propostas de mutuo concurso entre Dom Carlos III e Dom José I: era dirigido aquelle pelos seus ministros, os marquezes de Aranda e Florida Blanca, e este pelo seu favorito, o marquez de Pombal: declarou-se a guerra entre os dous reinos; o marquez de Sarria e o conde de O'Reilly entráram em terras de Portugal com o exercito hespanhol; foi então engajado por Dom José I o marechal conde de Lippe, para reorganisar o exercito portuguez, e collocar-se á sua frente, em defesa do territorio lusitano.

José de Santa Ritta Durão, que se achava na Hespanha, percorrendo alegremente as bellas cidades da Andalusia, e que, como peregrino e descuidado, errava de um para outro logar, admirando as gentilezas e obras dos cavalheirosos Arabes, que haviam imprimido por toda a parte d'aquella romantica terra os monumentos indeleveis da sua gloria, e avançada civilisação, achou-se em solo inimigo, na occasião de se encetarem as hostilidades entre as duas corôas vizinhas; suspeito de ser espia, foi preso, encarcerado, e habitou o castello de Segovia, até que, pelo tratado de 10 de fevereiro de 1763, assignado em Pariz, se terminou a guerra fatal e assoladora que tantos es-

tragos causára por mar e por terra a todas as nações que haviam n'ella tomado parte.

Apenas restituído á liberdade abandonou a Hespanha, e seguiu para a Italia : era para um religioso o paiz do socego e do estudo; era para um litterato o solo de mais delicias. Encontrou-se em Roma com José Basilio da Gama, e moráram juntos o tempo em que ali se conservou este seu compatriota : passou ahi doces annos de sua vida; secularisou-se, e assistiu á morte do papa Clemente XIII, e á exaltação do seu successor, João Vicente Ganganelli, sob o nome de Clemente XIV : viu e admirou todas as velhas e admiraveis bellezas de Roma, e toda a pompa das bellezas modernas, que não podem offuscar as antigas : relacionou-se com Victor Alfieri, João Pindemonti, Melchior Cesarotti e Francisco Soave; entreteve intimidade com João Baptista Casti, José Parini, Pedro Verri, Cesar Beccaria e Caetano Filangieri; foi amigo do prégador dominicano Antonio Vallecchi, e de muitas celebridades italianas da sua epocha : a Italia, e Roma especialmente, fallavam-lhe sempre á memoria, em toda a carreira de sua vida; susurravam-lhe amorosamente em seus sonhos, e ainda, na avançada idade, lhe traziam á imaginação reminiscencias poderosas e sublimes, que confessava elle que eram os mais puros e bellos prazeres que poderia lograr.

Soube então que o seu compatriota Dom Francisco de Lemos gozava de todo o valimento do marquez

de Pombal, que estava no fastigio do poder e da grandeza; e havendo vencido todos os seus inimigos, procurava realizar os seus disignios, occupando-se com as artes, commercio, industria, agricultura, sciencias e lettras.

Principiou com a universidade de Coimbra : em 1772 praticáram-se as novas reformas que lhe déra o marquez de Pombal; fôra nomeado seu reitor o bispo conde Dom Francisco de Lemos; deliberou-se Santa Ritta Durão a deixar Roma; voltando para Portugal, procurou o illustre reitor, cujo era amigo; de combinação com elle propoz-se ao concurso de oppositor para uma cadeira de theologia, que estava vaga. Pelos novos estatutos, todos os doutores nas diversas faculdades eram declarados oppositores, e podiam ser propostos para os logares das cadeiras vagas das suas respectivas faculdades; nos primeiros annos da reforma julgou-se porém conveniente a abertura de concursos de ostentação para o provimento das cadeiras, preferindo-se os mais habilitados. Apresentou-se José de Santa Ritta Durão; venceu a seus concurrentes em dous concursos seguidos, e foi nomeado lente; coube-lhe então recitar a oração de sapiencia na abertura dos cursos de 1778: esta oração, escripta em latim (2), segundo a formula usada, contém importantes noções de historia e de litteratura; matiza-se com flores de poesia, e primã por descripções eloquentes e pinturas delicadas : passa no seu genero por uma das mais bellas

e melhores orações de sapiencia que se tem pronunciado.

Si bem que lente da universidade, voltou para a sua ordem e n'ella fixou a sua residencia; chegou a ser elevado ao gráu de prior.

Ignora-se inteiramente quando concebeu a ideia do seu poema *Caramuru*, quando o começou, e quando o terminou; o que passa por certo é que pelos annos de 1778 e 1779 andava José de Santa Ritta Durão occupado com a sua composição, porque o padre José Agostinho de Macedo, que de Lisboa fôra exilado para aquelle convento, a fim de receber castigos, narra que além de trata-lo bem o prior José de Santa Ritta Durão, fazia por elle escrever as estancias, dictando-lhas de manhã na sua cella, e emendando-as á tarde assentado sob as arvores na cerca do seu mosteiro.

Logo que concluiu o seu poema dirigio-se para Lisboa, a fim de publica-lo; e de feito no anno de 1781 sahio elle á luz n'esta cidade.

Infelizmente porém não teve a accitação dos seus contemporaneos como pensára o seu auctor: trouxe-lhe magoa este resultado, e com ella a intenção de rasgar todas as poesias que havia composto, e que assim se perderam inteiramente.

Não sobreviveu muito tempo José de Santa Ritta Durão á publicação do poema, que só o amor da patria, como o confessa no prefacio, incitou-o a escrever; ao principiar do anno de 1784 acabou a sua

terrestre existencia, na cidade de Lisboa, no hospício do Colleginho, pertencente á sua ordem, e aonde residia, e ali mesmo, em uma sepultura privativa dos religiosos, que se acha collocada no fundo da escada, que desce do claustro para a igreja e perto de capella mór, se lhe abriu o jazigo em que foi sepultado (3).

Tinha estatura ordinaria, corpo cheio, côr morena, face picada de bexigas, e aspecto serio e sisudo : á primeira vêz fazia-se respeitar, e com o tracto tornava-se estimado e querido por todos que com elle praticavam.

II.

Antes de analysarmos as bellezas do poema *Caramurú*, convem profundamente pesquisar e estudar a existencia historica de Diogo Alvares, conhecido por esse nome, e que é o heróe do poema.

Sem minuciar data alguma, falla o padre Simão de Vasconcellos (5) de um Diogo Alvares, que seguindo viagem para a India em uma náu portugueza, soffrera naufragio desgraçado nas costas da bahia de Todos os Santos, e fôra o unico Europeu que se salvára de ser comido pelos gentios Tupi-nambás, mettendo-lhes sustos com o estrondo do tiro de uma espingarda, que de bordo trouxera : accrescenta, que depois de alguns annos de residencia entre os gentios, avistando um navio francez,

para elle se fugira Diogo Alvares, e o acompanhára uma gentia, com quem se casára na côrte de Pariz, servindo-lhes de testemunhas ao consorcio, e de padrinhos ao baptismo da bella Indiana, os proprios reis de França: reconta o regresso dos dous esposos para a Bahia, fretando occultamente um navio francez, em trôco de carregamento de páu-brazil.

Assevera tambem Francisco de Britto Freire (6) a existencia d'este Europeu entre os gentios da Bahia, escapo de naufragio tormentoso em uma viagem para São Vicente; historia os seus amores com uma indigena das mais fermosas, e a viagem de ambos para a França; e acompanha a tradição do seu baptismo, e do seu casamento em Pariz, e do seu regresso para a Bahia, declarando por fim, que pelo intermedio de Pedro Fernandes Sardinha, que estudava em Pariz na occasião em que lá chegaram Diogo Alvares e sua mulher, sabendo ElRei Dom João III dos successos que alli se passáram, nomeára a Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia, e lhe ordenára partisse incontinente, e tomasse posse da sua capitania.

Menciona Sebastião da Rocha Pitta (7) os nomes de Henrique II de Valois e Catherina de Medicis, que haviam sido padrinhos de Diogo Alvares e de sua mulher, quando estiveram em França; e das mesmas fontes que os chronistas seus antecessores extrahe os materiães historicos de tão importante acontecimento.

Depois de seguir as mesmas pisadas de Simão de Vasconcellos, de Francisco de Britto Freyre e de Sebastião da Rocha Pitta, na generalidade da historia, apresenta Antonio de Santa Maria de Jaboa-tão (8) o anno de 1516 como a epocha do naufragio de Diogo Alvares na Bahia, e o de 1524 como a em que elle se embarcára para a França em uma náu franceza, que apparecêra navegando por aquelles mares: conta tambem que em occasião em que Martim Affonso de Souza aportára na Bahia, seguindo viagem para a India, baptisára Diogo Alvares a muitos filhos, e casára duas filhas: são os mesmos acontecimentos referidos por Bernardo Pereira Berredo (9) e frei Vicente do Salvador (10).

Será verdadeira esta historia? Será tambem toda phantastica? Ou ha n'essas circumstancias minucia-das pelos auctores, como em muitas lendas de ou-tras nações, um fundo verdadeiro, com ornatos de imaginação, um ponto real da historia revestido das côres poeticas dos romancistas?

É a nossa opinião esta; como ha nos primeiros tempos de todas as nações acontecimentos, que a tra-dição guarda, e passa de pais a filhos, e que com o andar dos tempos, vão calando no animo do povo, doirados pelo maravilhoso espirito da epocha, e desenvolvidos pela phantasia dos homens; assim nos parece ter sido a marcha da historia de Diogo Alvares, appellidado pelos indigenas Caramurú;

tomou d'elle posse a ficção; creou-lhe a poesia romanescas aventuras; mas existiu Diogo Alvares, como existiu Carlos Magno, como existiu Rodrigo de Bivar, e como existiu Romulo.

Comprovemos a sua existencia com documentos irrecusaveis.

Descrevendo a viagem que fizera seu irmão Martim Affonso de Souza á bahia de Todos os Santos, no anno de 1531, declara Pero Lopes de Souza (11) que havia alli encontrado a um Portuguez vivendo ha vinte e dous annos, e em paz com os indigenas, o qual dava razão larga de tudo o que havia na terra.

Na sua muito importante obra intitulada *Roteiro do Brazil* (12) falla Gabriel Soares de um Diogo Alvares, Caramurú, que o donatario Francisco Pereira Coutinho achára na Bahia, e que lhe prestára muitos e valiosos serviços durante as luctas que teve de supportar contra os Tupinambás, e que ainda vivia, em companhia de numerosa familia, quando em 1549 tomou conta d'aquella capitania Thomé de Souza, o primeiro governador nomeado, e servio-lhe Diogo Alvares de interprete e procurava sempre conciliar os Portuguezes com os gentios.

Sustenta Antonio Herrera (13) que a João Mori appareceu, na Bahia, em 1535, um portuguez, que alli residia ha vinte e cinco annos.

Narra o padre Balthasar Telles (14) que depois da morte do donatario Francisco Pereira Coutinho,

foram Diogo Alvares e seus genros os povoadores da Bahia.

Como negar-se a testemunhos tão diversos, e ao mesmo tempo tão concordes? Que existiu Diogo Alvares entre os Tupinambás, é facto incontestavel; que a epocha da sua chegada á Bahia regula pelo anno de 1510, parece muito provavel; mas que credito se deve dar á apregoada viagem que fizera á França, e ás aventuras da sua querida esposa, que o acompanhou, e foi baptisada na côrte de França?

Teria logar esta viagem antes do anno de 1515? Reinou em França até esta epocha Luiz XII, casado, em 1499, com Anna de Bretanha. Seria do anno de 1515 até o de 1547? Reinava em França Francisco I, e era rainha a princeza real Claudia, filha de Luiz XII. Possuimos as declarações uniformes de Antonio Herrera, e de Pero Lopes de Souza, para nos certificarmos que elle vivia desde 1510, pouco mais ou menos, entre os Tupinambás, e que não fallam de semelhante viagem, a qual teriam de certo menciónado, si se tivesse realisado. E para maior prova emfim contra a veracidade d'ella, nem dos fastos da França, nem das mais circumstanciadas chronicas francezas, se colhe a minima noticia d'este successo, que aliás, n'aquella epocha e occurrencia, teria certamente merecido as honras de menção, e de menção muito especial. Ambicionava a França as novas terras que haviam desco-

berto e conquistado os Portuguezes; copia immensa de navios francezes atirava-se sobre as costas do Brazil, commerciaua com os gentios, animava-os contra os Portuguezes, carregava o páu-brazil, e isto alguns annos logo apóz o descobrimento: Christovam Jacques, Luiz de Mello da Silva, Pedro Lopes de Souza, e Martim Affonso de Souza, batteram e aprisionáram muitos navios francezes: como não foi aproveitado pelo governo francez um acontecimento tão prehe de consequencias vantajosas para elle, como era de certo a viagem e estada em Pariz de Diogo Alvares e sua mulher, personagens a quem attribue a tradição a honra de terem por padrinhos os monarchas reinantes da França? Como podia passar isto desaperebido nas chronicas francezas?

Dão ainda a tradição e a poesia dos chronistas portuguezes como reis de França, na epocha da tão romanesca viagem de Diogo Alvares áquelle reino, a Henrique II e sua mulher Catherina de Medicis, quando Henrique II subiu ao throno, por morte de Francisco I, em 1547, e d'esta epocha em diante fôra impossivel a viagem de Diogo Alvares, porque desde os annos de 1531 começou o Brazil a ser systematicamente povoado pelos Portuguezes, e de 1537 em diante, com mais ou menos fortuna, fundou o donatario da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, as suas povoações e estabelecimentos, e por sua morte, tomando ElRei posse da capitania, a mandou governar

por Thomé de Souza, estando authenticamente demonstrado que, em todo este tempo, Diogo Alvares e sua familia coadjuvaram os Portuguezes, serviram-lhes de interprete para com os gentios, e procuraram sempre harmonisar os Portuguezes com os seus hospedes antigos.

É para nos de toda a evidencia que Diogo Alvares, desde que naufragou na Bahia, no correr do anno de 1510, ahi residiu, e adoptou muitos costumes dos indigenas; ahi prestou-se muito aos Portuguezes, quando começaram a fundar os seus estabelecimentos; serviu ahi muito aos Jesuitas, quando encetaram a cathequização dos gentios, e morreu ahi em avançada idade, e deixando uma prole extensa.

E pois consideramos fabulosa a sua apregoada viagem á França, seus successos e casamento n'este reino, e seu regresso glorioso á terra da bella Paraguassú; a qual de certo trocára o nome gentio pelo de Catherina, sinão de lembrança particular de Diogo Alvares, pelo menos, e talvez como razão plausivel, em attenção á rainha de Portugal Dona Catherina, mulher de Dom João III, que governou desde 1521 até 1557.

Mas quem era, e de onde provinha Diogo Alvares? É esta uma questão indecisa, e que não tem cabalmente resolvido nem-uma das chronicas, e nem-um dos documentos impressos ou manuscriptos, que havemos examinado.

Para Sebastião da Rocha Pitta era nascido Diogo

Alvares na cidade de Vianna de Portugal, e descendia de nobre linhagem : para os padres Simão de Vasconcellos, e Balthasar Telles, nascera Diogo Alvares em Portugal, de origem porém desconhecida ; o padre Antonio de Santa Maria Jaboatão, Francisco de Brito Freyre, frei Vicente do Salvador e Bernardo Pereira Berredo não se déram a averiguações sobre este ponto : mas uma carta que escreveu a ElRei de Portugal Pero do Campo Tourinho, donatario da capitania do Porto Seguro, em data de 48 de julho de 1546, a qual existe no archivo da Torre do Tombo, falla de serviços importantes prestados aos Portuguezes da Bahiá por Diogo Alvares, o gallego ; outras cartas dos primeiros Jesuitas, que estiveram no Brazil, tratam tambem a Diogo Alvares como gallego : como porém não tivesse em Portugal esta denominação um sentido tão restricto, e fosse uso geral intitular-se gallegos quer os naturáes da Gallisa, provincia da Hespanha, quer os mesmos Portuguezes das provincias do Minho, e limitrophes da Gallisa, presumivel é que tivesse elle nascido em Vianna do Minho. O que no entretanto continúa coberto inteiramente de trevas, é o destino da viagem que seguia, e qual o navio em que fòra embarcado, quando, pouco mais ou menos, no anno de 1540, naufragou na bahia de Todos os Santos.

Forma Diogo Alvares, o Caramurú, um episodio brilhante e romanesco na historia do Brazil ; é elle o heróe do agradavel poema que escreveu José

de Santa Ritta Durão; tornou-se para as chronicas brazileiras tão celebre personagem, como o rei Arthur para as chronicas inglezas, o Cid de Andaluzia para as hespanholas, e Carlos Magno e seus paladinos para as francezas.

III.

São imitativas da epopea antiga as formulas do poema *Caramurú*; escreveu Homero a sua *Iliada* e a sua *Odisséa*; extasiou-se Aristoteles diante d'esta ordem admiravel, e de tão perfeito systema de composição: ficou portanto servindo de typo e fundamento para todos; seguiu-lhe Virgilio as pisadas, e imitou a *Iliada* com a sua *Eneida*: sancionnou-lhe as formulas Quintiliano, que, traçando o circulo, prohibiu toda a tentativa de ultrapassá-lo: nos tempos mais approximados á nossa epocha, dous genios, eguáes ambos aos auctores da *Odisséa* e da *Eneida*, Luiz de Camões e Torquato Tasso, obedeceram ás regras estabelecidas e aceitas, e subordináram-se aos dictames de seus predecessores.

Bem differentes são os assumptos d'estes poemas epicos, devidos aos quatro engenhos de que fallamos, dos objectos de que na Hespanha e em Portugal tratáram outros poetas, como Jeronymo Corte-Real, Alonso de Ercilla, José de Santa Ritta Durão, Hippolito Sanz, Mouzinho Quevedo, Lourenço Zamora, José Basilio da Gama, e Francisco de Mos-

quera. São os *Lusiadas*, a *Jerusalém libertada*, a *Encida*, a *Iliada*, e a *Odissea* verdadeiros assumptos de epopea, e do poema heroico e geral; em quanto que o *Caramurú*, o *Affonso africano*, a *Numantina*, o *Uraguay*, a *Araucana*, a *Mathea*, a *Saguntina*, e o *Naufragio de Sepulveda*, pertencem a uma ordem secundaria, especial, e não geral; mais cavalheirosa do que heroica; assemelham-se antes, na feitura e desenvolvimento intrinseco, á especie denominada romances, divergindo d'ellas apenas pelas vestes exteriores, e pela metrificacão poetica; as formulas da epopea antiga, tão preconizadas por todos os censores, foram todavia admittidas nas modernas litteraturas, para toda a especie de narraçãõ, historia, chronica, romance ou poema escripto em verso; o mesmo Luiz Ariosto, que elevou a maior altura o genero phantastico, seguiu no seu poema o systema da epopea grega; foi Dante Alighieri o unico poeta que levando a originalidade do seu engenho á materia intrinseca de sua obra, a estendeu livremente tambem ás formulas exteriores.

É o poema do *Caramurú* a historia de Diogo Alvares; começa o poeta pelo naufragio que fez sobrar a náu em que se embarcára; segue a tradiçãõ, quanto ao meio de que usou para salvar-se, dando tiros de espingarda, e aterrorisando os gentios Tupinambás: conta os seus amores com a bella Paraguassú, pela qual desprezára muitas outras indigenas que o requestavam; pinta o appareci-

mento de um navio francez por aquelles mares tão pouco trilhados; as emoções que sente o heróe Diogo Alvares quando o avista de terra; e a deliberação que toma de abandonar os gentios, e voltar para Europa: acompanha-o Paraguassú; Moema e outras indigenas, que o amavam, atiram-se ao mar apóz elle: morre Moema no seio das ondas; volvem sentidas e lacrymosas as outras; leva para França a náu franceza o ditoso par, que na cõrte de Pariz, reinando Henrique II e Catherina de Medicis, é acolhido com toda a pompa; fazem o rei e a rainha baptizar Paraguassú, dando-lhe o nome da sua real madrinha, e servem-lhe de testemunhas ao seu consorcio; não querendo Henrique II consentir em que se dirija Diogo Alvares para Portugal, freta elle occultamente um navio, e regressa com sua esposa para a Bahia, aonde desembarcam no meio do alvoroço e regozijo que causa entre os gentios uma volta tão inesperada: descreve então o poeta um sonho que teve Paraguassú, e que lhe patenteou a historia do Brazil nos tempos futuros, a expulsão dos Francezes, a edificação da cidade do Rio de Janeiro, o exterminio dos Hollandezes, e as victorias de Pernambuco: termina o seu poema com a chegada do governador Thomé de Souza, a quem se sujeitam todos os gentios.

Muitas bellezas não tem o plano geral: não são subitos, inesperados e origináes os acontecimentos que narra, e nem dramaticas as scenas do poema; não

teve José de Santa Ritta Durão trabalho grande para concebe-lo e desenvolve-lo; achou-o feito nas tradições, encontrou-o escripto nas chronicas do seu tempo; dividiu-o em partes, encerrou cada uma parte em seu canto, e ornou cada um canto com certo numero de oitavas em versos rimados.

Na concepção pois, e belleza do plano geral do seu poema, não primou José de Santa Ritta Durão; era brilhante e bella a sua imaginação, appropriava-se porém mais aos detalhes; aperfeiçoava melhor, e mais delicadamente desenvolvia um episodio, do que uma obra completa.

Quanto superior seria o seu poema, si se alargasse o campo que escolhera, e nos pintasse as primeiras guerras do donatario Francisco Pereira Coutinho com os gentios Tupinambás? Que bellezas encontraria no contraste das povoações indianas com as dos Europeos, n'essas pazes que celebravam, e que eram guerras, e n'essas guerras que sustentavam, e que devoravam o valor de tantos briosos cavalheiros que haviam conquistado honrosa nomeada nos combates contra os Malabares?

Nos episodios e detalhes porém varias descrições excellentes nos offerece este poema ou romance. Ha lindos versos e elegancia de estylo; ha sentimento de linguagem, e pincel ás vèzes delicado. Reaes e vivos nos apparecem os barbaros cosfumes das nações de gentios, guardando e tratando com todo o cuidado a seus prisioneiros de

guerra, engordando-os com bons manjares, felicitando-os com todos os deleites da vida, e quando é vinda a occasião, reunindo-se os indigenas, trazendo o prisioneiro para o logar do sacrificio, e entregando-o áquelle que teve missão de trata-lo, e que o matta com suas proprias mãos, e reparte os seus restos por entre todos os que concorreram á festa! Como tão fielmente reconta o terrivel Gupeva as crenças e leis dos povos indigenas! Como se batem os guerreiros gentios com suas tacápes, ao entusiasmo das inubias, e animados pelas vozes dos Pages! Como são descriptas, apresentadas e analysadas quasi todas as nações dos indigenas do Brazil formando um vasto e animado quadro! Como logram as terras, os animaes e as plantas, pinturas tão embellezadas e tão graciosas endeixas!

Que importa que no desenvolvimento da sua historia appareçam anachronismos? Que importa que a concepção geral não agrade aos ouvidos e desejos curiosos de emoções, de aventuras romancescas e continuas, e de peripecias imprevistas e inesperadas? Encerra o poema *Caramurú* episodios verdadeiramente bellos e algumas descripções originaes e poeticas; revela, com toda luz da verdade, o entusiasmo patriótico que animava o poeta que o escreveu.

IV.

Para nos convenceremos melhor das bellezas do poema *Caramurú*, é de necessidade fazer-se citações de alguns tréxos; o que ha de mais original e agradável do que esta descripção da morte do prisioneiro?

Qual si da Libya pelo campo estende
O mouro caçador um leão vasto,
Em longa nuvem devora-lo emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto,
Negro parece o chão, negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a presa, e em chusma vóa,
Nem deixa parte que voraz não róa.

Tal do caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz, que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se, que mil voltas anda,
O eleito matador, como quem préga,
A brandos, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

A roda, á roda a multidão fremente
Com gritos corresponde á infame ideia;
Emquanto o fero, em gesto de valente,
Bate o pé, fere o ar, e um páu meneia:
Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente
Entre prisões de embira se encadeia;
Fogo se accende nos profundos fossos
Em que se torrem com a carne os ossos.

Dentro de uma estacada extensa e vasta,
Que a numerosa plebe em torno borda,

Entram os principaes de cada casta
 Com bellas plumas, onde a côr discorda :
 Outros, que a grenha tem com feral pasta
 Do sangue humano, que ao matar, transborda,
 Os negromantes são ; que em vão conjuro
 Chamam as sombras desde o Averno escuro.

Companheiras de officio tão nefando
 Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo,
 Seis turpissimas velhas, aparando

O sangue seu em leve menoscabo :
 Tão feias são, que a face está pintando
 A imagem propriissima do Diabo ;
 Tinto o corpo, em verniz todo amarello,
 Rosto tal, que a Medusa o faz ter bello.

Tem no collo as cruceis sacerdotisas,
 Por conta dos funestos sacrificios,
 Fios de dentes, que lhes são divisas
 De mais ou menos tempo em táes officios :
 Gratas ao Céu se crém, de que indivisas
 Se inculcam por tartareos maleficios ;
 E em testemunho do mister nefando
 Nos seus côcos com facas vêm tocando.

Um dos mais lindos episodios é a historia da estatua, que reconta o joven Fernando a seus companheiros, acompanhando-a com sons harmoniosos da cithara, e obrigando-os a esquecer assim os perigos que os rodeiam : caminhava por entre brenhas desertas um religioso, naufrago no Brazil, quando encontra em lucta de derradeira agonía a um desgraçado indigena ; anima-o o religioso, chama o favor de Deus para esta alma, que se vai separar do corpo ; baptisa-o, como o permite a religião em transes apertados, e ouve-o em con-

fissão; denuncia elle um coração puro, uma vida mansa e bondadosa; desce a bençãam celeste sobre o misero agonisante, que exhalando o ultimo suspiro da vida transforma-se em uma estatua de pedra, e se assenta na ilha do Corvo, d'onde mostra o Brazil ao Europeu curioso. Ha poesia, e bastante imaginação n'este episodio.

E não lhe é inferior outro episodio agradável e pittoresco do poema, em que narra a historia da bella Moema, que morrendo de amores por Diogo Alvares, e vendo-o abandonar a terra, e embarcar-se na náu franceza, que o deve levar á Europa, atira-se ás ondas irritadas do Oceano, em demanda do amante ingrato que lhe foge; chega a agarrar-se ao leme do navio, e a arrastar-se-lhe apóz a fieira de espuma, que o acompanha, mas :

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,

Pallida a côr, o aspecto moribundo,

Com mão já sem vigor, soltando o leme,

Entre as salsas espumas desce ao fundo.

Varios outros episodios contêm o poema, que são tão verdadeiros, agradaveis e energicos como aquelles de que temos fallado, e que manifestam tambem variedade de pinturas, e egual diversidade de descrições; são o da estatua e o de Moema doces, melancolicos e tocantes; fallam ao coração, e deixam-lhe emoções gratas e suaves : forma todavia a pintura da Santissima Virgem, que em visão apparece á bella Paraguassú, um bello painel; en-

cerram bellezas dignas de ser notadas, e que alvo-
roçam o animo e o enthusiasmo, os episodios de
guerras, combates e luctas sanguinarias, que uns
contra os outros sustentam os gentios.

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré se lhe põe diante;
Jacaré, que si os tigres combatia,
Tigre não ha que lhe estivera avante :
Treme de Jararáca a companhia,
Vendo a forma do barbaro arrogante ,
Que com pelle coberto de panthera ,
Ruge com mais furor que a propria fera.

Avista-se um com outro; a massa ardente
Deixam cahir com barbro alarido ;
Corresponde o clamor da bruta gente ,
E treme a terra em roda do mugido :
Aparou Jacaré no escaldo ingente
Um duro golpe que o deixou partido ;
E emquanto Jararáca se desvia,
Quebra a massa no chão com que o batia.

Nem mais espera o Caethé furioso ,
E qual onça no ar, quando destaca ,
Arroja-se ao contrario impetuoso ,
E um sobre outro co'as mãos peleja, e ataca :
Não pode discernir-se o mais forçoso ;
E sem mover-se em torno a gente fraca ,
Olham, luctando os dous, no fero abraço ,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

Porém emquanto a lucta persistia ,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega ;
Sobre o chão um com o outro ás voltas ia ;
E qual o dente, qual o punho imprega ,
Até que Jararáca um golpe atira ,
Com que, rota a cabeça, o triste expira.

É desenhada com suaves e características côres a marcha das nações gentias que vem combater os Tupinambás, entre os quâes se acolhera Diogo Alvares.

Dez mil a negra côr trazem no aspecto
Tinta de escura noite a fronte impura ;
Negreja-lhes na testa um cinto preto ,
Negras as armas são , negra a figura :
São os feros Margates , em que Alecto
O Averno pinta sobre a sombra escura ;
Por timbre nacional cada pessoa
Rapa no meio do cabello a coroa.

Cupaiba , que empunha a feral maça ,
Guia o bruto esquadrão da crua gente ,
Cupaiba , que os miseros , que abraça ,
Devora vivos na batalha ardente ;
A roda do pescoço um fio enlaça ,
Onde , de quantos come , enfia um dente ;
Cordão que em tantas voltas traz cingido ,
Que é já mais que cordão longo vestido.

Sambambaia outra turma conduzia ,
Que as aves no frexar lão certa véxa ,
Que nem voando pela etherea via ,
Lhe erravam tiro da volante fréxa :
Era de pluma o manto que o cobria ;
De pluma um cinto , que ao redor se féxa ;
E até grudando as plumas pela cara ,
Nova especie de monstro excogitára.

O hom Sergipe aos mais confederado ,
Comsigo conduzia os Pittaguares ,
Que havendo pouco d'antes triumphado ,
Tem do dente inimigo amplos collares ;
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valorosas dez milhares

Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavam com balas o bodoque.

Nem tu faltaste allí, grão Pecicáva,
Guiando Carijó das aureas terras;
Tú, que as folhetas de oiro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras;
Torrão, que do seu oiro se nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito emfim baixo e mal presado
O nome teve de oiro inficionado.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma massa ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo:
Frexas e arco no braço omnipotente,
Nas mãos um dardo de páu-sancto agudo;
Sobre os hombros a rêde, á cinta as cuyas;
Tal era a imagem dos crueis Tapuyas.

Não ha espectaculo mais bem desenhado, mais vivo, e mais animado; é um exercito de diversas nações, que o leitor vê marchar diante de si, cada uma com as suas armas, as suas vestes e os seus usos; é um quadro perfeito, colorido e real: apóz esta pintura dos gentios, deleita a vista, e agrada ao ouvido a descripção de uma aldeia dos Tupinambás.

No reconcavo ameno um posto houve
De troncos immortáes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetra-lo a entrada toda:
Um plano vasto no seu centro abria;
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, vasos, ramos, vimes, canas,
Formavam, como em quadro, oito cabanas.

Qualquer d'ellas com móle volumosa
Corre direita em linhas paralellas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas bellas :
Um angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba altas, e boas,
De seiscentos cipaz, ou mil pessoas.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animâes provido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita :
Tal o rude Tapuya na grande arca,
Ali dorme, ali come, e ali medita;
Ali se faz de humano, e de amor mole,
Alimenta a mulher, e affaga a prole.

E supposto que não fosse dotado José de Santa Ritta Durão de grande imaginação, as scenas que desenha, e as descripções que pinta, são todavia tão verdadeiras, que é a sua obra uma chronica perfeita dos usos, leis, religião e costumes dos povos indigenas do Brazil : moveu a empresa o amor da patria, como ingenuamente o declarou no prefacio; e embellesou-a com tal arte o seu engenho, que é uma das boas composições modernas que possui a lingua portugueza; pagam-lhe a patria e a lingua, guardando indelevel e gloriosa a sua memoria.

NOTAS.

(1) « Illustrissimo e excellentissimo senhor,

» Tenho a honra de levar ás mãos de Vossa Excellencia a inclusa copia authentica do officio do conselheiro vice-reitor da universidade de Coimbra de 9 do corrente, por onde se deixa ver, que o muito esclarecido padre mestre doutor Frei José de Santa Ritta Durão, eremita de Santo Agostinho, graduado em 24 de dezembro de 1756, se apresentára primeira e segunda vêz na qualidade de oppositor, para o concurso das cadeiras vagas da faculdade de theologia da mesma universidade, na forma da carta regia de 40 de novembro de 1777.

» Satisfazendo eu por este modo a recommendação de Vossa Excellencia aproveito esta occasião para repetir os protestos da infinita consideração e respeito com que sou

» De Vossa Excellencia,

» Attentissimo e obrigado criado,

» JOAQUIM JOSÉ FERRN. PINTO FRRS. TELLEZ.

» Lisboa, de 11 maio 1849. »

Copia.

« Illustrissimo e excellentissimo senhor,

» Por portaria do ministerio do reino (primeira direcção, primeira repartição, livro 7, nº 119) de trinta d'abril ultimo, ordenou Sua Magestade á vice-reitoria que fizesse averiguar si Frei José de Santa Ritta Durão chegou a ser oppositor de theologia, e que remetia certidão authentica do que constar. Fizeram-se na secretaria as averiguações, mas nada mais se pode achar senão que se apresentára para o concurso das cadeiras vagas na faculdade de theologia, como se vê pelas duas relações impressas quo vão juntas com este, e de que ficam outras irmãs na secretaria. Pelos estatutos de mil setecentos setenta e dois todos os

doutores nas diversas faculdades erão oppositores, e podiam ser propostos para os logares de cadeiras vagas das suas respectivas faculdades. Nos primeiros annos sobre a reforma feita por esses estatutos algumas vèzes se abriam concursos de ostentação para provimento das cadeiras, e eram despachados os que obtinham melhores qualificações. Pelo alvará do primeiro de dezembro de mil oitocentos e quatro, creou-se por primeira vèz a classe d'oppositores distincta da dos simples doutores, e assim continuou a ser distincta pelo decreto de cinco de dezembro de mil oitocentos trinta e seis, vinte de setembro de mil oitocentos quarenta e quatro, e regulamente do primeiro de dezembro de mil oitocentos quarento e cinco. Por esta razão não consta, nem constar pode, que o padre mestre doutor Frei José de Santa Ritta Durão fosse habilitado oppositor, porque no seu tempo não havia tal classe distincta da de doutores. Nada mais se pode dizer sobre a informação exigida pela sobredita portaria, como consta da nota com que a secretaria me respondeu ao despacho de « *cumpra-se* ». — Deus guarde a Vossa Excellencia. — Coimbra, nove de maio de mil oitocentos quarenta e nove. — Illustrissimo e excellentissimo senhor marechal duque de Saldanha, presidente do conselho de ministros e secretario d'estado dos negocios de reino. — O conselheiro, vice-reitor da universidade, José Machado d'Abreu. Está conforme, secretario d'estado dos negocios do reino, em 11 de maio de 1749.

» JOAQUIM JOSÉ FERN. PINTO FRRS. DE TELLEZ. »

(2) Josephi Duran, *Theologi conimbricensis O. E. S. A. pro annua studiorum instauratione oratio.*

(3) As memorias até agora conhecidas do publico, acerca da pessoa do auctor do *Caramurá*, eram sobremaneira deficientes; pois que no tocante á sua naturalidade e nascimento, limitavam-se ao que elle proprio nos quiz declarar no frontispicio da primeira edição do seu poema; e pelo que respeita ás acções da sua vida, havia apenas o que vaga e confusamente deixou escripto o auctor da *Bibliotheca historica de Portugal*, que nem sempre foi feliz nas suas lucubrações biographicas.

Entre as demais particularidades que os biographos costumam investigar com especial interesse, careciamos de qualquer noticia exacta, concernente assim á data do fallecimento, como ao logar do jazigo d'aquelle poeta; augmentando-se de dia para dia a difficuldade de apurar alguma cousa de certo, a respeito d'ambos os referidos pontos, pela

falta de testemunhas presenciâes, e ainda coetaneas, que podessem abo-
de verdadeiras algumas noticias tradicionâes. Constando porém que o
egresso padre João de Saavedra, da mesma extincta ordem dos eremitas
de Sancto Agostinho, conservara, a pezar de seus longos annos, certas
reminiscencias d'aquelles factos, pareceu opportuno aproveitar-se
quanto antes o seu testemunho em forma; pelo que foi convidado para
depôr perante o administrador do bairro do Rocio tudo quanto ao seu
conhecimento houvesse chegado, com referencia ao objecto de que se
tracta. O resultado d'esta indagação é o que se manifesta do termo por
elle assignado, que vai em seguida fielmente transcripto :

« Aos 14 de agosto de 1845, n'esta cidade de Lisboa, na administração
» do bairro do Rocio, onde commigo escrivão d'ella, estava o adminis-
» trador, o doctor Paulo d'Azevedo Coelho de Campos, tendo á vista
» o officio expedido pela terceira repartição do governo civil d'este dis-
» tricto em 12 d'este mez; appareceu presente o reverendo João de
» Saavedra, presbytero egresso da ordem dos eremitas calçados de São
» Agostinho, que teve a ultima residencia claustral no convento da
» Graça de Lisboa, e reside na rua do arco do marquez de Alegrete,
» n.º 57, freguezia de São Lourenço : o qual é natural da freguezia de
» São Salvador de Pennajoia, conselho de Lamego, e tem d'idade se-
» tenta e oito annos. E por elle foi dicto em resposta ás perguntas que
» o administrador lhe fez, que no anno do seu noviciado, que princi-
» piou em 28 de abril de 1783, um dia em que se reuniram os noviços
» para os exercicios da manhã, lhes disse o seu mestre, que rezassem
» um *Padre nosso* e *Ave Maria* por alma de padre mestre Durão, que
» havia fallecido n'essa noute; que não pode por isso determinar o dia,
» nem mez em que tivera logar o fallecimento; e que só pode afirmar
» que elle tivera logar durante o anno do noviciado d'elle declarante,
» isto é, desde abril de 1783 a maio de 1784: que não conheceu o
» dicto frei José de Santa Ritta Durão, por que este não se achava re-
» sidindo na mesma casa d'elle declarante. Quanto ao logar aonde foi
» sepultado o mesmo padre mestre Durão, sabe por tradição que elle
» fôra sepultado na igreja do colleginho, em uma das sepulturas priva-
» tivas dos religiosos, que se acham collocadas no fundo da escada que
» desce do claustro para a igreja, junto á capella mór; mas que não
» podia declarar em qual sepultura elle fôra enterado. E nada mais
» disse, e assignou este termo, que eu Manuel Joaquim de Mascarenhas,
» escrivão da administração, escrevi. — COELHO DE CAMPOS. — O padre
» JOÃO DE SAAVEDRA. »

Para se apurar tanto quanto fosse possível a verdade do facto, procedeu-se a um minucioso exame no archivo do governo civil, e ahí se encontráram entre os outros livros e documentos pertencentes ás extinctas casas religiosas dous unicos livros, que foram do extincto collegio de São Agostinho á Mouraria, onde Durão fallecera. Ambos estes livros, cujo começo data de maio de 1784, foram escrupulosamente examinados. O primeiro, intitulado da *Fazenda do collegio*, não contem cousa que faça ao nosso proposito. No segundo porém, que se intitula *Contas das missas e obrigações do collegio de N. G. P. S. Agostinho de Lisboa*, acha-se a fl. 10 o seguinte assento :

« Maio de 1784. — Disseram-se d'esmola pela alma do padre mestre »
 » Durão noventa e tres missas. »

E n'outro assento a fl. 12, lê-se :

« Disseram-se em janeiro de 1785 pelo anniversario do padre mestre »
 » Durão um officio, e missa cantada. »

Este ultimo é terminante: pois confrontado com a tabella das obrigações do collegio, que se acha no principio do livro, e onde a fl. 8 v. consta a de fazer celebrar um officio e missa cantada nos dias trigesimo e anniversario do fallecimento de cada um dos religiosos alli residentes, ficam resolvidas quaesquer duvidas; e incontestavelmente provado que o obito de Durão teve lugar no mez de janeiro de 1784.

No que respeita ao logar do seu jazigo, procedeu-se a uma investigação ocular no logar designado, confrontando-se as declarações do padre Saavedra com os esclarecimentos, que pode fornecer um individuo, tambem de avançada idade, antigo famulo do collegio, onde residia desde 1808, e a cujo cargo se conserva actualmente a limpeza e guarda da igreja. Viu-se que as sepulturas privativas, destinadas para os religiosos moradores d'aquella casa, eram sómente duas: as quaes existem contiguas, e são collocadas á face do altar de Santa Ritta, entre os degraus que sobem para o claustro, e um grande carneiro, ou jazigo, pertencente á casa dos condes de Soure, antigos padroeiros da mesma igreja. As campas d'estas sepulturas são de madeira, e nenhuma d'ellas tem epitaphio, inscripção, ou qualquer outro signal particular, que possa ellucidar o assumpto. E com quanto seja indubitavel que em uma d'ellas foram encerrados os despojos mortaes de Durão, é todavia hoje impossivel discriminar em qual das duas: ainda que parece de maior probabilidade que o seria na que fica contigua ao grande carneiro; por isso que na outra, segundo a lembrança do sobredicto famulo, jaz enterrado outro religioso, de appellido Franca, unico que consta haver allí falle-

cido no periodo que decorreu desde 1808 até á supressão do convento.

A falta do livro dos obitos d'aquella casa, cujo destino se ignora, bem como o de resto do seu cartorio, não permite algumas outras averiguações, proprias para levar aquellas questões ao estado de mais clara evidencia.

(4) *Relatorio de frei José das Dóres, religioso do convento da Graça, o bispo eleito de Cochim.*

(5) *Chronica da Companhia de Jesus, liv. I.*

(6) *Guerra brazilica, liv. II.*

(7) *Historia da America portugueza, liv. I.*

(8) *Orbe seraphico, tomo I, primeira parte.*

(9) *Annâes da capitania do Maranhão, liv. I.*

(10) *Santuário Marianno.*

(11) *Roteiro de Pero Lopes de Sousa.*

(12) *Descripção geographica da America portugueza.*

(13) *Annâes, decada 3, liv. 8, cap. 8.*

(14) *Chronica da Companhia de Jesus, liv. III.*

IV.

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

I.

No anno de 1758, em que, por alvará de 8 de maio, ordenou ElRei Dom José I, que a todos os gentios do Brazil, e a todos os seus bens, sem restricção alguma, se estendessem os beneficios das cartas de lei de 6 e 7 de junho de 1755 (1), em cumprimento da constituição do papa Benedicto XIV, de 20 de dezembro de 1741, considerando-se livres elles, e no pleno gozo de todos os seus direitos civis, veio ao mundo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

Foi lugar do seu nascimento a actual cidade de São João d'ElRei, em Minas Geráes; era então villa, fundada em 1718 pelo governador conde de Assumar (2), nas proximidades e margens do Rio das Mortes; fôra terreno famoso pelos combates sangui-narios que houveram ali entre Paulistas e Taubatenos, que ambicionavam todos possui-lo, pela abundancia de suas ricas faisqueiras de oiro; resultando-lhe das mortes, que presenciára, o triste

appellido por que se conhece actualmente ainda aquella comarca.

Governava Gomes Freyre de Andrade não sómente as capitánias do Rio de Janeiro e Minas Gerães, senão também as capitánias do sul do Brazil, havendo regressado do Uruguay n'este mesmo anno de 1758, e continuando no exercicio da autoridade de governador e capitão general.

Descendia Manuel Ignacio da Silva Alvarenga de pais pobres e de classe inferior : mostrando na sua puericia muita viveza e engenho, obteve o auxilio de uma subscrição de amigos, e veio para o Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas de instrucção secundaria, e obtendo ahi uma somma maior de protectores, conseguiu passar-se para Portugal, seguir para Coimbra, matricular-se na universidade, e formar-se bacharel em leis.

Mostrou desde a mais tenra idade exquisito talento para a poesia; causavam em Coimbra os seus escriptos uma admiração enthusiastica; não podiam os seus companheiros e os proprios lentes deixar de tecer elogios ao genio fogoso e brilhante, que com tamanha facilidade apresentava fructos tão saborosos e delicados no verdor dos annos.

Terminados os seus estudos, dirigio-se para Lisboa, e por alguns annos ali praticou a advocacia; chamava-o entretanto a saudade da patria; e em despeito de muitos commodos e resultados felizes que obtinha na metropole, preferiu abandona-la, vol-

viendo para os lares, que sabia apreciar e adorava sinceramente.

Escolheu a cidade do Rio de Janeiro para a sua residencia : continuou advogado como fôra em Lisboa, sem que nunca olvidasse as doçuras da musa que lhe fallava ao coração, sorria-lhe ao ouvido, e fascinava-lhe a intelligencia.

Em 1779 começou a exercer o seu cargo de vice-rei do Brazil Dom Luiz de Vasconcellos e Souza, da casa illustre de Castellomelhor, succedendo ao Marquez de Lavradio, que governava a colonia desde 1769. Com Luiz de Vasconcellos, que era homem de gosto litterario, e de intelligencia esclarecida, abriu Manuel Ignacio de Silva Alvarenga relações estreitas de amizade. Nomeou-o professor regio de rhetorica o vice-rei, e deu-lhe sempre as maiores demonstrações de estima particular, e de apreço aos seus elevados talentos e composições poeticas.

Chegava por este tempo de Portugal, desgraçado, e foragido quasi, José Basilio da Gama; recebeu-o como amigo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tratou-o como irmão, e deu-lhe a amizade do vice-rei. Haviam em Rio de Janeiro bastantes litteratos e sabios. Infructiferamente e por vêzes se tentára crear no estado do Brazil academias litterarias. Fôra fundada na Bahia em 1724 a brazilica dos Esquecidos, cujas sessões tinham logar no proprio palacio do governador Vasco Coutinho Cesar de Menezes, conde de Sabugosa, seu protector

principal; organisou no Rio de Janeiro em 1736 Matheus Saraiva, medico da Camara e physico mór, a Academia dos Felizes, composta de trinta socios, sob os auspicios e protecção tambem do governador. Da primeira nem-um vestigio resta afôra a noticia que nos legou Sebastião da Rocha Pitta; da segunda ha ainda memorias manuscriptas acerca do indigo, coxonilha, e varias outras plantas interessantes do Brazil, as quâes attestam a sua tão util quanto curtissima existencia. Instituiu-se em 1751 uma terceira academia no Rio de Janeiro, que foi protegida pelo conde de Bobadella: intitulava-se dos Selectos; foi a que para crear o periodico, *Jubilos da America*, introduzio uma typographia, que foi logo dissolvida por ordem da côrte. Seguiu-se lhe a quarta fundada na Bahia em 1759, com o titulo de Sociedade brazilica dos Academicos bemnascidos; definhou e morreu como as primeiras, deixando apenas para memoria os seus estatutos e o seu programma de questões historicas. Creou o marquez de Lavradio, a instancias do doutor José Henriques Ferreira, em 1772, uma academia que se dedicava exclusivamente ás sciencias; chegára a instituir um horto botanico, e por fim tambem acabára. Concordáram José Basilio da Gama e Manuel Ignacio da Silva Alvarenga aproveitar o auxilio do vice-rei, e a protecção do bispo Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, organisando uma nova sociedade, modelada pela Arcadia de Roma, e que

reunisse no seu seio a todos os sujeitos instruidos do Brazil.

Transplantára-se da Italia para Portugal o uso das academias e associações litterarias, nos fins do seculo XVII, e principios do seculo XVIII. As academias da Crusca, dos Indomitos, dos Impacientes, dos Nascidos, dos Inquietos, dos Loucos, dos Extravagantes, dos Adormecidos e dos Nocturnos de Milão, de Roma, de Perugia, de Veneza, de Alexandria, de Bolonha, de Piza, de Genova e de Padua, origináram em Portugal associações similares, com titulos da mesma natureza, como a Instantanea (3), dos Generosos (4), das Conferencias discretas (5), dos Singulares (6), dos Solitarios de Santarém (7), dos Insignes Illustrados e Occultos de Lisboa (8) e dos Anomos (9); cooperavam muito para a diffusão e desenvolvimento do gosto litterario. A Academia Real da Historia portugueza, creada em 1720 por ElRei Dom João V, fez desaparecer todas essas sociedades; mas á par d'ella e no anno de 1756 foi creada a Arcadia de Lisboa por Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão, Theotomio Gomes de Carvalho, Domingos dos Reis Guita, Francisco José Freire, e Pedro Antonio Correia Garção; talhada segundo os estatutos da Arcadia de Roma, com nomes de pastores, e residencia no monte Menalo : infelizmente, a pesar dos serviços que prestou ás lettras, não pode a Arcadia viver mais de vinte annos.

Da nova academia estabelecida no Rio de Janeiro e denominada Arcadia ultramarina foram principaes membros, além de José Basilio da Gama, e de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barboza, João Pereira da Silva, Balthasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, Manuel de Arruda Camara, José Ferreira Cardozo, José Marianno da Conceição Velloso e Domingos Caldas Barboza.

Feliz foi de certo essa epocha de enthusiasmo e de esperanças; eram excellentes litteratos o vice-rei e o bispo, e praticavam com os sabios e os litteratos; ajudavam-nos tambem os sabios e os litteratos com as suas luzes e a sua popularidade; é por esta razão o governo de Luiz de Vasconcellos e Souza o mais popular de todos os governos dos tempos coloniães do Brazil: começaram-se grandes fundações; delineáram-se obras de importancia; ideias uteis e generosas se espalháram, que, com quanto por algum tempo suffocadas ainda, deixáram sempre alguns germens que fructificaram no futuro.

Mas teve de entregar Luiz de Vasconcellos e Souza em 1790 as redeas do governo do estado ao seu successor, o conde de Rezende. Era o conde no character o avesso de Luiz de Vasconcellos; temia a força e a influencia dos homens intelligentes; causáram-lhe desconfianças e receios as academias e ajuntamentos litterarios; e, em vêz de firmar o po-

derio de seu governo sobre a força e a influencia de que poderiam ellas dispôr, como o praticára tão facilmente o seu antecessor, julgou melhor attaca-las de frente, e destrui-las completamente.

Foi dissolvida a academia por ordem do vice-rei, e recolhidos a cadeia os seus principaes membros, e entre elles Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, que se conserváram presos pelo espaço de quasi um anno, sem processo algum ou forma de juizo: quando voltáram á liberdade, era geral o terror, e nem-uma voz ousaria censurar o acto da autoridade, a menos que dezesasse castigo immediato.

Entregou-se desde então Manuel Ignacio da Silva Alvarenga ao estudo e a solidão; viveu ainda sob o governo de outros vice-reis, que substituíram ao suspeito conde de Rezende, sem cuidar de outra cousa afôra da poesia; publicou em 1804 a sua *Glaura*; assistio ainda á chegada da familia real, que foragida de Portugal procurava abrigo nas plagas americanas a fim de escapar ás armas de Napoleão; no dia 4º de novembro de 1812 lhe cortou porém a parca cruel os fios da vida, e o arrastou a sepultura.

II.

Dirigio Manuel Ignacio da Silva Alvarenga todas as suas poesias eroticas a sua adorada Glaura, que lhe creára e embellezára a phantasia com todos os

dotes e prendas; fôra Laura a amante de Francisco Petrarca, e tão bellas poesias inspirára ao vate italiano; Laura havia sido a heroina de Manuel da Vega, nos seus deliciosos descantes, sob o nome de Amphryso (10); em imitação a estes poetas, Glaura apellidou-se a deusa que escolhera a imaginação de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, para dedicar-lhe o seu sangue, os seus versos e a sua vida.

· Criam sempre os poetas eroticos um ente divino, quando o não ha real para os seus amores; devem adormecer e sonhar ao som da palavra magica; devêm pensar e viver, diante da imagem adorada; noites e dias, tardes e manhãs, horas e minutos, é tudo poesia que deslisam os seus labios; é tudo cantico, que lhes salta á mente; é tudo inspiração que recebem; e esta poesia, estes canticos, estas inspirações, ora de exaltado amor, ora de delicias serenas; ora de negros ciumes, ora de incendio voraz; ora de melancolicos suspiros, ora de prazeres alegres; ora de illusões, ora de realidades; ora de dôres, ora de alegrias; esta poesia, estes canticos, estas inspirações, parecem acompanhar o vento, procurando o anjo, cujas graças celebram, cujos attractivos adoram, e cujos amores descantam.

· As estrellas, os ventos, a terra, o mar, a lua, o sol, a noite, o dia, os rios e as florestas, tudo interroga Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, pergunta a tudo pela sua Glaura; do alto das montanhas

lança o olhar pela veiga; e pela planicie, e lhes dirige os seus suspiros, para que a planicie e a veiga os transmittam a Glaura; ás margens do rio desfia sons cadentes e melancolicos, para que as aguas do rio os levem aos pés de Glaura; ao soído do vento communica os seus quexumes, para que o vento enamorado os deslize aos ouvidos de Glaura; ao sol e á lua, quer resplandeçam com toda a sua magestade, quer merencoriamente se encubram com os seus véos diaphanos, pede protecção, e implora auxilio; como as florestas, julga-se solitario e abandonado; como a noite, considera-se triste e infeliz; como a rola, geme, e com os seus gemidos commove o coração; e acha depois nas estrellas os seus amores, no dia as suas delicias, nas flores os seus perfumes, e em uma palavra qualquer a ventura de toda a sua vida.

Se não tem os poemas eroticos de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga a doçura, a maviosidade e o sentimentalismo terno, melancolico e saudoso das lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, se lhes não chegam a competir na harmonia da phrase, na perfeição artistica do verso, e na cadencia e melodia da rima; ha entretanto mais diversidade de tons, mais variedade de movimentos e mais originalidade de expressão: muda Manuel Ignacio da Silva Alvarenga o seu cantico, quando lhe apraz; inspira-se na occasião e no momento; á proporção que lhe falla a ideia enamorada; passa da melancolia ao prazer,

das dôres á alegria; e por esta forma segue vereda differente, que tem tambem os seus prazeres e os seus encantos.

Que bello que é o seu cantico á lua, quando subindo ella ao firmamento, e esclarecendo-o com a sua luz divina, como que amostra o vasto panorama da muda e terna scena, que move a existencia em torno do homem! Como se descrevem poeticamente o palpitar e o estremecer do astro soberbo, que, pallido como o destino, tem vozes que fallam tão directamente ao coração!

Como vens tão vagarosa,
O fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Geme, ó Céos! — mangueira antiga,
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar!

Entre pallidos desmaios
Me achará feu rosto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar!

Como vens tão vagarosa,
O fermosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Sente Glaura mortáes dôres:
Os prazeres se occultáram,
E no seio lhe ficáram
Os amores a chorar!

Infeliz! Sem lenitivo
 Foge tímida a esperança,
 E me afflige co'a lembrança
 Mais activo o meu pesar!

Como vens tão vagarosa,
 O fermosa e branca lua!
 Vem co'a tua luz serena
 Minha pena consolar!

A cansada phantasia
 N'esta triste escuridade,
 Entregando-se á saudade,
 Principia a delirar.

Já me assaltam, já me ferem
 Melancolicos cuidados:
 São espectros esfaimados,
 Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa,
 O fermosa e branca lua!
 Vem co'a tua luz serena
 Minha pena consolar!

O que lugubre gemido
 Sáe d'aquelle cajueiro?
 É do passaro agoireiro
 O sentido lamentar.

Puro amor! Terrível sorte!
 Glaura bella! Infausto agoiro!
 Ai de mim! E o meu thesoiro,
 Impia morte, has-de roubar?

Como vens tão vagarosa,
 O fermosa e branca lua!
 Vem co'a tua luz serena
 Minha pena consolar!

Como enfeitam côres suaves a este cantico! Que
 delicioso ruído deixa no espirito! Como este vagar

da lua, lento e monotono, derramando ondas de luz sombria e melancolica, é habil e artisticamente desenhado! Como combina com os sentimentos que descreve o poeta, e sentimentos que elle encontra na mesma natureza patria, que o rodeia, sorri-lhe, e o encanta tanto! Estes versos doces e languidos, cadentes e melancolicos, são proprios de um poeta meridional; o som quebrado, o moderado carpir, e os gemidos sonoros reflectem-se n'elles como a physionomia sobre o espelho ou atravéz das placidas aguas do lago, quando battido pelas azas do cysne : segue o poeta methodo egual em outros canticos, desfia as mesmas harmonias, e espalha a mesma doçorosa poesia; como sensibilisam os seus sentimentos no catico seguinte, que dirige á sua lyra!

N'este loiro pendurada
Ficarás, ó doce lyra,
Onde o vento que respira
Te fará soar de amor.

Feras, troncos e rochedos,
Já moveste de ternura;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor.

Adeus, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Plantei n'alma o puro agrado,
Que pendia dos teus olhos:
Vi nascer crueis abrolhos,
Em logar de terno amor.

Estes bosques, estas fontes,
Estas flores, este prado,

Tudo, ó Céos! vejo mudado,
Tudo sente a minha dôr.

Adeus, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Quando com a sorte da roseira copada e esbelta
compara o poeta a sorte da sua Glaura, uma ingrata,
fermosa e barbara, e a outra galante, cruel e ferina,
quantos sentimentos delicados não deposita na alma
do leitor!

Ah! roseira desgraçada
Dedicada
Aos meus amores,
Tuas flores
Mal se abriram
E cahiram
De pesar.

Quando Glaura me dizia
Que era sua esta roseira,
De esperança lisongeira
Me sentia consolar.

Mas a sorte, que invejosa
Este alivio não consente,
Não ha mal que não invente,
Rigorosa em maltratar.

Ah! roseira desgraçada!

Da risonha primavera
Esperei os bellos dias;
Glaura... o dôr!... os teus cabellos
Quem podera coroar!

Já não vives, ó que magoa!
E a roseira, que foi tua,
Eu a vejo esteril, nua,
Junto d'agua desmaiar!

Ah! roseira desgraçada!

Parça iniqua, atroz, funesta
 Era teu infausto agoiro!
 Já levaste o meu thesoiro,
 Mais não resta que roubar.

Nem as flores permittiste...
 Oh! que barbara impiedade!
 Fica só cruel saudade,
 Fica o triste suspirar!

Ah! roseira desgraçada!

De seus ramos a belleza
 Era o mimo d'estes prados:
 Move ago'a, oh impios fados!
 Da tristeza a lamentar.

Horrorosos são meus males;
 Tudo encontro em nevoa escura,
 Vem commigo a desventura
 Estes males assombrar.

Ah! roseira desgraçada

Dedicada
 Aos meus amores,
 Tuas flores
 Mal se abriram
 E cahiram
 De pesar.

Assemelha-se à queda ou ruído do verso ao correr brando e doçoroso do regato, ou ao gemido vago e sombrio do vento. Como o pensamento e a ideia são as phrases tristes, suaves e languidas. Exprime-se o sentimento com a palavra, e morre com a palavra, sendo uma a imagem perfeita do outro.

Entretanto muda o poeta o painel, logo que lhe apraz; passa da dôr á alegria, da angustia ao prazer : ou Glaura lhe sorriu, e n'este sorriso viu elle vida nova; ou pretende abandonar Glaura, e emquanto se resolve, vôo prazenteiro embebe-se-lhe pelo espirito, e imagina um espectaculo de ventura, que o leva a exprimir immediatamente as suas impressões já metamorphoseadas; amante feliz e alegre deixa a lida triste pela doce calma, entrega alma á ventura, e ancia ser transformado em beija-flor, que lhe parece simbolisar a felicidade.

Todo o corpo n'um instante
Se atenúa, exhala e perde :
É já de oiro, prata e verde
A brilhante e nova côr.

Vejo as pennas e a figura,
Provo as azas, dando giros,
Acompanham-me os suspiros,
E a ternura do pastor.

E n'um vôo, ave ditosa,
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amor.

Que variedade de canticos! Quantos ineffaveis prazeres não derrama a leitura d'esta poesia indolente, e ao mesmo tempo arrebatadora! E não é sómente delicioso este genero de poesia, quando se transmite em versos octosyllabos, pelos quâes o apertado da rima, a estreiteza do phraseado e o li-

geiro da expressão ajudam o poeta, aceitam-lhe o pensamento, e o traduzem felizmente com a precisa melodia; não ha um rondó, que não seja lindo e perfeito; o da lembrança saudosa, o do beija-flor, e o da serpente, encantam e extasiam. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga usou tambem, para traduzir as suas ideias eroticas, de versos endecasyllabos, entre-meando-os de versos menores, e conseguiu resultado excellente; para exemplo sirvam os canticos seguintes.

Dryade, tu, que habitas amorosa
 Da mangueira no tronco aspero e duro;
 Ah! recebe, piedosa,
 A grinalda, que terno aqui penduro;
 Pela tarde calmosa,
 Glaura saudosa è bella,
 Te busca, e vem com ella mil amores;
 Mil suspiros te deixo entre estas flores.

Folha por folha, e cheio de ternura,
 Beijarei esta angelica mimosa,
 Beijarei esta rosa,
 Que hão-de adornar de Glaura a fermosura.
 Ah! ventura! ventura!
 Commigo sempre esquivá!

Mostra-te compassiva a meus amores;
 Beije Glaura estas flores,
 E os encontrados beijos
 Dêem novo e puro ardor aos meus desejos.

O sombra deleitosa,
 Onde Glaura se abriga pela sesta
 Enquanto o ardor do sol os prados cresta;
 Ah! defende estes lyrios, e esta rosa,

E si a nympha mimosa
 Perguntar quem colheu as lindas flores,
 O sombra deleitosa,
 Dize-lhe que os amores,
 E a timida ternura
 Do pastor namorado, e sem ventura.

III.

Primou tambem Manuel Ignacio da Silva Alvarenga em outros poemas de maior grandeza; escreveu algumas odes que revelam um engenho apurado, e ideias poeticas de valor e inspiração elevada; tem poesias satyricas, que merecem tambem uma menção especial e honrosa, e que não são titulos menores de gloria para o seu auctor, do que os canticos bellos e maviosos de que nos temos occupado.

Bastante elevação nas ideias, e alguma dignidade nos pensamentos exprime a ode que Manuel Ignacio da Silva Alvarenga dirigiu á mocidade portugueza! Imagens ousadas, linguagem austera e uma appropriada e energica versificação a caracterisam: o principio corresponde ao fim; a ideia geral é vasta, bem comprehendida, e desenvolvida perfeitamente; ha versos cuja paternidade não recusariam os melhores versificadores: abre elle as primeiras paginas d'essa sua composição com rosto severo, mas benevolo, com inspiração ousada, mas benigna e bondadosa.

A fastosa indolenc'a

Tarda preguiça, e molle ociosidade,

Tiveste por sciencia,
 Infeliz lusitana mocidade!
 Viste passar, cahindo de erro em erro,
 Barbaros dias, seculos de ferro.

Parece não tocada
 A areia, que já foi por tantas vézes
 Com o mar regada
 Dos sabios, dos antigos Portuguezes,
 Que em premio das fadigas alcançaram
 Os verdes loiros, de que a frente ornáram.

Com felicidade descreve a decadencia da moral, a corrupção do seculo, a ruina da patria, e os triumphos da superstição e da ignorancia: usa de traços vivos e indeleveis, e exclama entusiasmado:

E vós, ou vos criasse
 A nobre Lysia no fecundo seio,
 Ou já vós convidasse
 Amor das lettras no regaço alheio,
 Cortando os mares desde as praças, onde
 O oiro nasce, e o sol o carro esconde.

Pisai, cheios de gosto,
 Da bella gloria os asperos caminhos,
 Em quanto volta o rosto,
 O fraco, e o inerte, á vista dos espinhos;
 E fazei que por vós inda se veja
 O imperio florescente, e firme a egreja.

Enchei os ternos votos
 Da nascente esperança portugueza;
 Por caminhos remotos
 Guia a virtude ao templo de grandeza:
 Ide, correi, voai, que por vós chama
 O rei, a patria, o mundo, a gloria e a fama!

Logrou Silva Alvarenga uma nomeada mais es-

tensa, descantando amores alegres e faceis, e saudosos e tristes amores, como os antigos trovadores, que, apóz a sua dama adorada, corriam de castellos em castellos, suspirando em romantico ataúde hymnos variados, e já nos rotos andrajos de peregrino, já cobertos com o manto de religioso e eremita, já cingindo espada e elmo, peitos d'aço, e escudo de guerreiro, deixavam de si eterna toada, e memoria indelevel; sabia porém arrancar da lyra mais graves vôos fortes e elevados; não sabia descrever sómente as fontes e os prados, os rios e as arvores, as flores e os fructos, a terra e o clima da sua querida patria, acompanhando a fruta deliciosa de Diogo Bernardes e de Rodrigues Lobo: trocava tambem as vestes do pastor, para elevar-se ao gráu de discipulo de Pindaro, e tangia com felicidade igual a lyra, o ataúde e a fruta.

Merecia-lhe de certo Luiz de Vasconcellos e Souza canticós de gratidão; Manuel Ignacio da Silva Alvarenga não faltou ao seu dever, e entre diversas composições uma lhe dedicou, que realça tanto pela magestade do pensamento, e dignidade da expressão, como pela energia e suavidade do verso; havia sido o vice-rei protector do recolhimento das meninas desvalidas, denominado Nossa Senhora do Parto; aproveita o poeta este acto de religião e de humanidade de Luiz de Vasconcellos e Souza, para lhe tecer os elogios merecidos. Que poesia nobre, elegante e sincera! É a alma que falla, é o coração

do poeta que se revela com toda a suavidade de sua pureza, e toda a extensão da escala musical e poética, que o aprimora.

De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa gloria monumentos?

Insultados dos ventos
Estereis passarão de idade á idade;
Qual Gelboé, que o Céu não abençoa,
E só d'aridas pedras se povoa.

Tu, sim, com gloria ao mundo, e aos Céos aceito
Te elevas, firme asylo da innocencia!

Tua magnificencia
Co'as virtudes se abraça em laço estreito;
Estes não são os muros, aonde dorme
A vã superstição, e o vicio enorme!

Eu te admiro, qual arvore frondosa,
Que, novos fructos produzindo, cresce;

Por ti risonha desce
Suave primavera deleitosa;
Nem temas que te roube astro maligno
O orvalho creador do Céu benigno.

Em vão gelado inverno estenda as azas
Sobre o carro de Boreas procelloso;

Em vão o cão raivoso
Chammas espalhe nas celestes casas;
Sempre illesa serás, segura, eterna!
Quanto se deve á mão que nos governa!

O generosa mão, que não desmaias,
No meio das fadigas! Ou dos montes

Desçam as puras fontes;
Ou foja o mar infesto ás nossas praias;
Ou a peste horrorosa, magra e escura,
Ache no antigo lago a sepultura.

As artes se levantam apressadas,
 E alegres a colher a flor e o fructo;
 E as Musas por tributo,
 Enlaçando corôas engraçadas,
 Mandam nas azas do ligeiro vento
 Hymnos de paz ao claro firmamento.

Doce paz! Ah! não fujas! — Longos annos
 A guerra a outros campos homicida
 Semeie enfarecida

Co' a mão ensanguentada os mortâes damnos;
 E emtanto no seu bosque alto e sombrio,
 Descanse em urna d'oiro o patrio rio.

Escreveu o poema ás Artes em elogio da rainha Dona Maria I : é a descripção dos progressos das sciencias e das artes no seu reinado, e prima pela variedade de conhecimentos : a ode a Affonso de Albuquerque, si bem se não eleve á sublimidade da que escreveu Francisco Manoel do Nascimento sobre o mesmo assumpto, brilha todavia por alguns pensamentos nobres; a do marquez de Pombal tem estrophes que honram qualquer poeta.

Além de se mostrar Manuel Ignacio da Silva Alvarenga litterato profundo, e um critico de gosto apurado, pelas diversas memorias que escreveu a respeito da litteratura e da poesia, as quâes merecem as honras da leitura; compôz tambem dous poemas facetos, em que mostra o sal de Horacio á par das graças de Nicoláu Tolentino; foi um dirigido contra os vicios, que descreve e censura; tinha por titulo outro *o Desertor das lettras*, e si bem que justamente não devam ser comparados com o admiravel

Hyssope de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tem todavia algum merecimento litterario, e demonstrem o espirito fino e a erudição do seu auctor : e quantas agradaveis allegorias produziu o seu ingenho! Como se esforçou de imitar a Ovidio! É o *Templo de Neptuno* uma pedra preciosa roubada aos poetas latinos do seculo de Augusto. A mythologia, com os suas terrestres ficções e graças artisticas, reaparece n'elle brilhante, e ao mesmo tempo singela, como foram as eras gregas; é o *Templo de Neptuno* uma allegoria fina, e que merece ser comparada com as poesias fugitivas de Goethe, quando segue este poeta as formulas das litteraturas mortas. A *Gruta americana*, outra allegoria tão pittoresca e tão graciosa de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tendo por base e fundamento um assumpto brasileiro, cobre-se com as vestes das canções romanas, toma-lhes as graças, e rouba-lhes quasi o colorido; é de certo a *Gruta americana* uma composição habilmente concebida, desenvolvida maviosamente e poeticamente acabada. Como são bellas as descripções do valle e do rio mineiro, ainda que seja o velho pai das Nymphas quem esteja a brincar com as palhetas de oiro e os magnificos diamantes, que se arrancam das suas entranhas! Que elegancia de phraseologia! Quanta profusão de riquezas descriptivas! As arvores do Brazil, os seus animaes, e os seus passaros multicôres, apparecem na magestosa natureza com que foi brindado o solo; o poeta,

depois de patentear a immensidade das riquezas naturaes do Brazil, finda por esta forma :

Ide, sinceros votos,
 Ide, e levai ao throno lusitano
 D'estes climas remotos,
 Que habita o forte e adusto Americano,
 A pura gratidão e a lealdade,
 O amor e o sangue, e a propria liberdade.

Não duvidou o eloquente e erudito auctor da *Historia das litteraturas meridionaes da Europa* (11) mencionar o nome de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga no numero dos poetas da primeira ordem que illustráram a nação portugueza; este juizo de auctoridade tão recommendavel, e tão competente, demonstra mais do que qualquer elogio nosso a superioridade do engenho poetico de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga; nem é elle esquecido pelos senhores Adriano Balbi (12) e Fernando Denis (13) nos seus interessantes escriptos sobre Portugal e Brazil; e si estranhos admiram a belleza das suas poesias, o que farão nacionaes, que, além de elevados pensamentos, deparam n'ellas uma melodia de dicção, que só podem nacionaes apreciar devidamente?

Alguns defeitos se deparam no cantico mavioso que dirige ao mez de dezembro; mas não extasia e encanta o seu variado colorido? Como fechar-se olhos e ouvidos, quando a harmonia musical do verso, e a suavidade pura e innocente dos pensa-

mentos vão impressionando e exaltando os olhos e ouvidos?

Já dezembro mais calmoso
 Preguiçoso o giro inclina;
 Illumina o sol rotundo,
 Quer o mundo incendiar.

Vem, pastora, aqui te esperam
 Os prazeres d'este rio;
 Onde o sol e o secco estio
 Não poderam penetrar.

Nuas graças te preparam
 A conchinha transparente,
 O coral rubro e luzente,
 Que buscáram sobre o mar.

Já dezembro mais calmoso
 Preguiçoso o giro inclina;
 Illumina o sol rotundo,
 Quer o mundo incendiar.

Entre os mimos e a frescura,
 Entre as sombras, e entre as agoas,
 Do pastor as tristes magoas,
 E a ternura has-de encontrar.

Pelo golfo curvo e largo,
 Apparece a deusa bella;
 Ora a vaga se encapella,
 Ora o pargo surge ao ar.

Não são unicamente palavras musicáes, sonoras e melodiosas as que emprega o poeta, como grande artista e musico que é; ha tambem ahi abundante, fresca e bella poesia, que denuncia uma phantasia doirada, e uma imaginação creadora; poesia que sahe d'alma, revela sentimentos d'alma, e falla a todas as fibras do coração humano.

NOTAS.

(1) Estas cartas de lei só dizem respeito aos indigenas do Grão Pará e do Maranhão.

(2) Monsenhor José de Souza Azevedo de Araujo Pizarro, tomo II, segunda parte das *Memorias historicas*. Convém entretanto dizer que uma memoria historica de Claudio Manuel da Costa dá no anno de 1719, e não no de 1718, a criação da villa de São João d'ElRei. Uma historia corographica da capitania de Minas, por José Joaquim da Rocha, attribue-a no anno de 1713, sendo governador Dom Braz Balthazar da Silveira; Manuel Ayres do Casal, emfim, na *Corographia Brasilica*, tomo I, allega que teve logar em 1712: quantas diversas opiniões! Nos seguimos a de monsenhor Araujo Pizarro por nos parecer mais bem fundada.

(3) Era a que estabeleceu o bispo do Porto Dom Fernando Correia de Lacerda.

(4) Foi creada por Dom Antonio Alvares da Cunha em 1647, e renovada em 1685.

(5) Era a que o conde de Ericeyra Dom Francisco Xavier abriu em sua livraria no anno de 1696.

(6) Creada em 1663 e presidida por Sebastião da Fonseca.

(7) Creada em 1664.

(8) Instituidas no fim de seculo XVII; tiveram todas existencia curta.

(9) Creada em 1716 por Ignacio de Carvalho Souto Maior.

- (10) *Laura de Amphryso, poemas eroticos de Manuel da Vega.*
- (11) Sismonde de Sismondi, *Histoire des littératures du midi de l'Europe*, t. IV.
- (12) *Statistique de Portugal*, par Adrien Balbi.
- (13) *Histoire de la littérature portugaise*, par Ferdinand Denis.

V.

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

I.

Uma das expedições que nos ultimos annos do seculo decimo setimo dirigiram os Paulistas e Taubatenos para os immensos sertões que formavam então o interior da capitania de São Vicente, e que são parte actualmente da provincia de Minas Gerães, estabeleu-se nas margens do rio das Mortes, capitaniada pelo industrioso João de Serqueira Affonso : pelo anno de 1748 foi elevado o arraial que fundaram aos foros e categoria de villa, com o nome de São José, precedendo apenas de dous annos á criação da nova capitania de Minas Gerães : nada tem de notavel esta villa afóra de possuir a mais bella e magestosa matriz de todas da provincia, e de lograr a gloria de haver nascido José Basilio da Gama dentro do seu recinto no anno de 1740.

Quem fôra seu pai? D'onde procedêra? Nem um biographo no-lo havia ditto; affirmava uma tradição que fallecêra seu pai apenas nascêra elle, descendendo de pobres sertanejos, companheiros de João de Serqueira Affonso, cuja maior copia eram Por-

tuguezes que procuravam fortuna; accrescentava outra tradição que ficára entregue o infante aos cuidados da sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistencia para si, quanto mais para crear e educar um filho!

Acham-se porém hoje inteiramente esclarecidos estes pormenores. Obtivêmos dos seus proprios parentes documentos comprobatorios de ser José Basilio da Gama filho legitimo de Manoel da Costa Villasboas e de Dona Quiteria Ignacia da Gama, pertencentes ambos a familias illustres e importantes de Minas Geráes, e que se ufanavam de descender de fidalgos conhecidos que possuiam solar e quinta em Barcellos desde o tempo d'ElRei Dom Pedro I de Portugal e que se haviam distinguido em guerras e governos.

Foi José Basilio da Gama enviado pela sua familia para o Rio de Janeiro, e recommendado aos cuidados do brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, que, no intuito de melhor desenvolver os seus estudos, o entregou na idade de quinze annos á Companhia de Jesus, cujas aulas passavam pelas mais frequentadas e instruidas.

Quatro annos havia que José Basilio da Gama se conservava no collegio dos Jesuitas, quando chegáram as ordens terminantes que expedira o marquez de Pombal para se executar nos dominios do Brazil o decreto real, que desnaturalisava e bania de todo o territorio da monarchia portugueza os

membros da Companhia de Jesus. Os Jesuitas professos, e aquelles noviços e irmãos que se não desligaram da Companhia, foram lançados por ordem do governo a bordo de navios, e mandados para os portos da Italia. Preferio José Basilio da Gama, que não passava ainda do gráu de noviço, abandonar o habito e continuar os seus estudos no seminario episcopal de São José, creado pela provisão do bispo Antonio de Guadalupe, datada de 3 de fevereiro de 1739. Os seus valiosos estudos, os talentos que já mostrava, e um comportamento brioso e digno, attrahiram-lhe amigos, ás quaes se mostrou agradecido durante toda a sua vida; estimava-o e protegia-o muito Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governador e capitão general das capitancias do Rio de Janeiro e do Sul do Brazil; manifestava-lhe amizade o bispo Dom Antonio do Desterro, que succedêra na mitra a Dom Antonio de Guadalupe; continuava o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim a dar-lhe provas de protecção decidida.

Veio porém um fatal acontecimento perturbar esta vida pacifica, serena e estudiosa; mortificado com os desastrosos successos da colonia do Sacramento, que fôra sitiada e tomada pelos Hespanhães, baixou Gomes Freire de Andrade á sepultura no 4º de janeiro de 1763 : tributava-lhe José Basilio da Gama a maior affeição e amizade sincera; enluctou-o este golpe, e com quanto no governo interino da capitania entrassem dous dos seus outros protec-

tores, implorou d'elles e da sua familia em Minas, a graça de o deixarem partir para Lisboa, e cursar as aulas da universidade de Coimbra.

Dirigio-se com effeito para a capital da monarchia lusitana; apesar das recommendações que a seu respeito mandáram seus pais e protectores do Rio de Janeiro, viveu como que abandonado, por que consideravam-no jesuita, embora houvesse largado o habito; e erá a marcha das cousas, que a celeuma levantada contra esta famosa Companhia, e que causára a sua abolição, continuava no ardor da sua marcha, não sendo chegada ainda a epocha da reacção: haviam-se os animos indisposto e exaltado contra a Companhia a ponto de ninguem ousar combater as ideas que grassavam contra os Jesuitas, e menos ainda de tomar parte qualquer, indirecta ainda, em favor d'elles. Era crime oppôr-se á tendencia dos acontecimentos, salvar ou proteger os indiciados de cumplicidade, e ser mesmo suspeito de nutrir sympathia pelos Jesuitas que haviam sido expellidos dos dominios de Portugal.

Era joven José Basilio da Gama: sabia porém já soltar alguns vãos poeticos: começou a dirigi-los aos seus protectores do Rio de Janeiro: foi admirado o seu engenho nas exequias faustosas do conde de Bobadella; deu logo esperanças de um futuro brilhante; como a flor em botão que já rescende aroma, murmurava assim aquelle talento desde os seus primeiros annos canticos suaves, que

eram como as frestas, por onde se poderia divisar um porvir glorioso.

Dizem as chronicas dos Jesuitas, que foram elles que o arrancáram da miseria e abandono que soffria em Lisboa, para o levarem para Roma, aonde gozavam ainda de influencia : não sabemos si por amor d'elles foi empregado na capital do mundo catholico em um seminario de instrucção. É certo que abriu relações com pessoas gradas, gozou de fama, e obteve entrar, em 1763, com o nome de Termino Sepilio, para a Arcadia de Roma, que fôra fundada em 1690 por João Gravina, Mario Crescimbeni e Vicente Felliciaia para o aperfeiçoamento do gosto litterario e progresso das sciencias e das artes.

Não se accomodava no entretanto o seu espirito com a monotonia e uniformidade da vida que passava: tinha visto Roma; admirado os seus portentosos monumentos; beijado o pó immortal de uma terra tão heroica e sagrada; descido ás catacumbas, ou antes, ao templo glorioso dos primeiros christãos, martyres da sua fé; provado da agua triste e escura do rio solitario, e outr'ora tão celebrisado, que banha os pés do Capitolio e da rocha Tarpeia, humedece o castello de Santo Angelo, e vê de longe susurrar de um lado o templo de São Pedro ligado ao palacio do Vaticano, e do outro o Colyseu, os arcos de triumpho, e essa praça famosa, aonde echoavam com toda a força e enthusiasmo dos antigos Romanos a voz de Cicero, de Crasso e de Cotta;

assistido ás festas sumptuosas que costumava dar o pontifice veneziano Clemente XIII, que em 1758 succedêra na tiara romana ao papa Benedicto XIV : tinha presenciado emfim a elevação do cardeal João Vicente Ganganelli ao throno pontifical, no dia 19 de maio de 1769 !

Que desejos ou ambição poderia elle nutrir, entregue como estava a os trabalhos de um seminario, quando lhe ardia a imaginação de produzir cousas que o immortalisassem ? Distante da patria, e longe de Portugal, não se lhe podia abrir livremente a carreira da gloria.

Preferiu abandonar Roma, e para se não tornar suspeito, dirigio-se para Napoles, seguindo d'ahi para Portugal : pouco tempo se demorou ali, por lhe faltarem os meios de subsistencia; regressou logo depois para o Rio de Janeiro.

Constituia então o Brazil um governo homogeneo e centralizado, á cuja testa estava o marquez de Lavradio, com o titulo de terceiro vice-rei, residindo na cidade do Rio de Janeiro, que fôra elevada a capital de todo o Estado portuguez da America.

Com a protecção que déra aos Jesuitas o pontifice antecessor de Clemente XIV mais se havia exacerbado o governo do marquez de Pombal, que os expellira dos dominios portuguezes; ordens muito terminantes existiam por toda a parte contra os restos dispersos da illustre Companhia : apenas desembarcou no Rio de Janeiro, foi José Basilio da

Gama denunciado como jesuita, preso immediatamente, reembarcado a bordo de um navio de guerra, e remetido para Portugal.

Como lhe corrêra a vida desgraçada desde a sua infancia! Quantos trabalhos, quantos encommodos, quantos soffrimentos, o acompanhavam por toda a parte para onde se dirigiam os seus passos! Como é diversa esta existencia humana e quão differente em cada uma creatura! Aquelle sorri a vida entre jardins de flores; a este o negro fantasma da desgraça, e o triste veneno da miseria, seguem e carcomem desapiedadamente!

Chegando preso a Lisboa, viu-se obrigado, para ser solto e livre, a assignar no tribunal da Inconfidencia um termo de partir no prazo de seis mezes para Angola, de onde não poderia sahir sem ordem do governo.

Era a potestade maior do tempo o marquez de Pombal; reinava Dom José I, mas não governava; acostumára-se a sua indole á direcção energica e illustrada, que á tanto tempo dava aos negocios publicos o seu secretario d'estado, e o seu amigo. O habito governa o homem: Dom José I de Portugal representava Luiz XIII de França, e reflectia o marquez de Pombal a imagem do cardeal de Richelieu: muitos beneficios deviam porém os dominios portuguezes ao ministro, que fizera surgir sobre as ruinas de uma Lisboa velha e decrepita outra Lisboa nova e bella, e que olhava com olhos eguães para

as terras da America, que não differencava, pela sua situação, d'aquellas que a monarchia possuia na Europa! Quanto lhe não era o commercio obrigado, por ter-lhe arrancado dos braços as algemas que o manietavam ao nascente colosso da Inglaterra?

Corria então o anno de 1773, e havia transpirado em Lisboa a noticia de que pela bulla pontifical de 24 de julho do mesmo anno acquiescêra emfim o papa Clemente XIV ás exigencias de Portugal, França e Hespanha, abolindo a Companhia de Jesus: conseguira emfim o ministro os seus intentos, e via realisados os seus esforços.

A José Basilio da Gama luzio idea feliz de salvar-se do seu xilio d'Africa; para que o aquinhoára a natureza com imaginação doirada? E que objecto mais inspirador do que o spectaculo do reino, que se levantava á voz do ministro, como haviam obedecido as aguas do mar Vermelho ao mando de Moysés? Compôz um epithalamio que dirigio á filha do ministro, em louvor do consorcio que ella celebrára: de envolta com elogios delicados que fazia aos dotes da noiva, pintava a grandeza e heroismo do pai, e agoirando para a sua familia e para Portugal muitos venturas e delicias, terminava exclamando:

Eu não verei passar teus doces annos,
Alma de amor e de piedade cheia;
Esperam-me os desertos africanos,
Aspera, inculta e monstruosa areia...
Ah! tu faze cessar os tristes damnos,
Que eu já na tempestade escura e feia...

Mas diviso, e me serve conforto

A branca mão que me conduz ao porto!

Leu estes versos o marquez de Pombal; ouviu as vozes do requerente, e desejou vê-lo : agradou-se tanto de seus talentos, que lhe perdoou o exilio, e pela portaria de 25 de junho de 1774 o nomeou para o logar de official da secretaria d'estado dos negocios do reino, e por vêzes, durante o seu emprego, lhe fez a honra de o chamar para os trabalhos do seu gabinete (1).

Correu pacifica então a sua existencia, garantida pelos ordenados do seu emprego : agradeceu a seu novo protector, dedicando-lhe grande parte das suas composições poeticas. Entre os trabalhos que lhe tocavam, e as inspirações que lhe offerecia a sua musa querida, dividiu o seu tempo : escreveu algumas tragedias, que se não imprimiram; um poema intitulado *Quitubia*, em louvor de um chefe africano, que em auxilio dos Portuguezes praticára varios actos de valentia contra os Hollandezes, quando estes povos invadiram os dominios coloniães da Africa portugueza; um cantico aos Campos Elysios, em que aproveita a occasião para elogiar a união da familia dos condes da Redinha com a familia do marquez de Pombal : foi debaixo da influencia e amizade d'este ministro, a quem tanto devia José Basilio da Gama, que começou e terminou elle o seu poema de *Uruguay*.

Morreu em 1777 Dom José I; succedeu-lhe sua filha Dona Maria I, que demittiu dos seus empregos

ao marquez de Pombal, e mandou-lhe ordem para que se retirasse para a solidão da sua quinta, e visse ahi longe da cõrte; entregou a sua confiança aos inimigos do governo preterito, e direcção nova e muito differente deu á administração publica. Não abandonou o seu culto José Basilio da Gama; como guardára lembrança indelevel dos seus primeiros protectores Gomes Freyre de Andrade, e José Fernandes Pinto de Alpoim, conservou illesa e pura a memoria do marquez de Pombal; ousou mesmo affrontar a reacção que começava, escrevendo versos em seu elogio, no momento em que era crime attribuir beneficios ao homem respeitavel, e consumado estadista, que déra em Portugal um impulso gigantesco ás artes, ás sciencias e ás letras, e que abríra ao commercio e riqueza publica novos desenvolvimentos, protegendo e animando a agricultura e a industria.

Ao passo que Antonio Diniz da Cruz Silva e outros poetas affamados da epocha ou queimavam incenso sobre os altares das novas potestades, ou se reduziam ao silencio, exclamava José Basilio da Gama :

Não o vil interesse de oiro ou prata,
 Não a esperanza de honras,
A minha voz levanta! Nem da plebe,
De subitas catastrophes amiga,
As tumultuosas ondas me arrebataam :
 É só, é só a gloria,
É o amor da virtude, que me inflama :
De balde os mares turbidos co' o vento,
 Que brama e ronca ao longe,
Tentam com furia enorme a immovel rocha,

Que o grosso solo d'agua estala e quebra
 Sobre o fixo cachopo alcantilado ;
 Em vão no ar saltando
 Em crespa e branca espuma cahe desfeito.

Magnanimo marquez , tu com sereno
 Intrepido semblante ,
 Encarando a fortuna , rugir ouves
 De ingratição o monstro abominavel ;
 Tu com placido espirito olhas , cercado
 De imposturas e affrontas
 Satyras vis de petulantes momos.

.

Almas eu vejo de remorsos cheias ,
 Co' as mãos tapando o rosto ,
 Confusas esconderem-se aos meus versos.
 Com-vosco fallo , ó vós , ao braço ingratos
 Que ás honras vos subio de alga e lodo :
 Tremei , tremei , indignos ,
 Ouvindo a voz terrivel da verdade.

Foi preciso abandonar o seu emprego, e como Jacob, recommençar a escada dos seus trabalhos : ao seu poema do *Uruguay*, que, alguns annos antes se publicára, appareceram então respostas ditas dos Jesuitas, que appellidavam o poeta de ingrato e traidor: quando para desvanecer semelhantes epithetos bastava o seu brioso comportamento em relação ao illustre desterrado que nome déra, e nome immortal, ao reinado de Dom José I : bastava sentir palpitar dentro do peito de José Basilio da Gama o coração agradecido, que, no meio dos transes arriscados, e em perigosas crises, jamais deixou de tri-

butar respeito e saudade a seus bemfeitores : que importa que censurasse o comportamento dos Jesuitas do Paraguay, quando tratava da direcção que a Companhia dava á missão que n'aquelle ponto estabelecêra e fundára ? Não podia estimar particularmente aquelles padres, que o abrigáram no Rio de Janeiro, e de quem apprendêra os primeiros rudimentos litterarios ; mesmo aquelles que em Roma o protegeram ; e entretanto reprovar alguns actos da Companhia, e as suas modernas tendencias ao dominio exclusivo, tendencias que iam de encontro ao fim e intenções beneficicas e religiosas do seu fundador e dos seus primeiros directores ?

Alvo de intrigas e de odios, julgou prudente José Basilio da Gama retirar-se para o Rio de Janeiro, e fixar a sua residencia n'esta cidade.

Era então o vice-rei do estado do Brazil Luiz de Vasconcellos e Souza ; occupava o bispado do Rio de Janeiro Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco ; acolheram ambos com selecta distincção a José Basilio da Gama, que, sob tão valiosa protecção, gozou ainda de alguma tranquillidade : ligou-se José Basilio de Gama em estreita amizade com Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, lente de rhetorica no Rio de Janeiro, e muito estimado do vice-rei, poeta como elle illustre, e litterato consciencioso e instruido, e que haviam ambos nascido na capitania de Minas Geráes, em villas collocadas na distancia de duas leguas uma da outra.

Levados de equal enthusiasmo, e de purissimas intenções, instituiram elles no Rio de Janeiro uma academia litteraria, modelada segundo as formas da Arcadia romana, e contando no seu seio as pessoas mais illustres e engenhosas.

A instancias de Luiz de Vasconcellos concedeu-lhe então a rainha Dona Maria I o titulo de escudeiro fidalgo de sua casa por carta regia de 6 de agosto de 1787 (2).

Mas a Luiz de Vasconcellos substituiu no anno de 1790 o suspeito vice-rei conde de Rezende : não tinha serenado a tempestade para José Basilio da Gama; não estava ainda deliberado nos arcanos indecifráveis da Providencia, que tivessem termo os seus trabalhos.

Foi a sua vida um quasi continuo combate contra a adversidade; que importa que em um ou outro anno, em um ou outro periodo, estivesse o oceano em bonança, dormindo as ondas, e os ventos encadeiados? Fôra loucura fiar-se n'esse fallaz descanso, em que, calma a superficie, borbulhavam porém as entranhas do mar, e de novo deveria d'ellas sair a desgraça e proseguir a sua carreira!

Ha vidas bem tormentosas! Mereceria a de José Basilio da Gama occupar logar na obra affamada de Israeli (3) ou na chronica de Valeriano Bolzano (4), que tratam dos litteratos e poetas illustres que foram desgraçados na sua existencia terrestre : é uma serie de infelicidades, interrompida apenas, uma

ou outra vèz, como que para dar algum repouso ao corpo, e consentir-lhe reaver forças com que podesse resistir aos novos successos que ainda lhe estão reservados.

Temu o conde de Rezende que se metamorphoseasse a academia litteraria em associação politica; da capitania de Minas tinham chegado os indiciados do crime de rebelião, que alli se tentára, para o fim de emancipar-se a colonia do jugo metropolitano: entre estes accusados figuravam engenhos, como Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto e Domingos Vidal Barbosa: ao conde de Rezende causavam sustos os poetas; parecia-lhe que se não accommodavam esses abrasados espiritos ao viver e sentir socegados das exigencias sociâes; lavrou uma ordem, em que dissolvia a academia litteraria; e como notou bastante descontentamento em alguns, que eram socios d'ella, determinou que se prendessem os que ousavam censurar a sua deliberação, qualquer que fosse a posição, ou a sua importancia, e o modo por que se enunciasse.

Entendeu José Basilio da Gama que não devia conservar-se por mais tempo no Rio de Janeiro; por toda a parte o rodeiavam perigos; e aonde iria a triste e peregrina ovelha que não encommodasse com seus balidos e presença? Aonde descansaria os ultimos dias de vida, que não tivesse mais trabalhos e mais encommodos? Foragido de um lado para ou-

tro, não lhe era permittido repouisar a cabeça até que a morte o viesse buscar para a eternidade! Bem poderia rogar que sobre a campa de sua sepultura se inscrevesse a simples palavra *miserrimus!* porque exprimia em curto espaço toda a historia de sua existencia : na bella sé de Worcester encontra-se um tumulo solitario com este simples epitaphio. Talvêz esse, que alli dorme, não fosse tão infeliz como o auctor do *Uruguay*.

Pensou que Lisboa o poderia ainda acolher na velhice, e para Lisboa dirigiu-se de novo.

Sabe-se que em Lisboa entrou para a Academia real de sciencias como socio do numero, e fôra condecorado com o habito da ordem de Santiago; vivia porém no isolamento e na solidão, e achado de molestias que o obrigáram a ir por vêzes e pelo conselho dos medicos procurar lenitivo nas aguas da Mó, nas vizinhanças de Coimbra; trocou emfim a vida de dôres, trabalhos e soffrimentos pela da eternidade e paz celeste, no dia 31 de julho de 1795, na cidade de Lisboa.

Foram depositados os seus restos mortâes na egreja matriz da Boa Hora.

Affirmam as pessoas que o conheceram que era de estatura pequena, rosto trigueiro e character jovial e espirituoso.

II.

É José Basilio da Gama auctor de muitas e diversas poesias, de canticos primorosos, de doces e ternos sonetos, e de epistolas engenhosas; compoz versos alexandrinos longos et cumpridos; versos heroicos nobres e alegres, melancolicos e rissonhos; versos octosyllabos correntes e faceiros; e o que parece quasi incrivel, primou em quasi todos os generos.

O que porém estabeleceu a sua reputação, e firmou a sua gloria, foi o poema intitulado *Uruguay*, dividido em cinco cantos, escripto em versos heroicos livres, e que, desde que foi publicado, obteve grandes e gerães encomios de todos os litteratos: e com razão, por que denota o mais completo engenho, o mais elevado estro, e a mais pura inspiração de verdadeira poesia, este poema, ou antes este romance em verso: e quando escreve um poeta obra de tamanho valor, para que occuparmo-nos com as suas outras poesias?

Ou pela maviosidade e riqueza das linguas, ou pelo clima feliz que as bafeja, tem Portugal e a Hespanha, de alguns seculos a esta parte, produzido grande numero de poemas em verso, sobre aventuras particulares, factos ou acontecimentos publicos ou nacionaes, vidas de homens illustres e celebres; não são poemas epicos da grandeza da *Jerusalém libertada*, da *Eneida*, da *Iliada*, da *Odys-*

sea, ou dos *Lusiadas*; não pertencem ao mundo imaginario e phantastico que o Oriente transmittiu a Ariosto, a Luiz Pulci, a Matheus Boiardo, ou a Christovam Wieland : é cosmopolita o poema epicò, e são raros e organizados especialmente os engenhos que os produzem; é de origem oriental o poema phantastico; são orientaes os seus costumes e vestes : diferente, e muito differente, é porém o genero dos poemas de que tratamos, si bem que sejam tambem epicas as suas formulas exteriores; divergem inteiramente na materia intrinseca, e nos seus elementos constitutivos; possuem as linguas portugueza e castelhana os mais bellos e completos d'elles : inauditos esforços tem empregado muitos poetas de outras nações para acclimatar nos seus lares patrios este genero que admite toda a escala da poesia, desde o sublime e elevado pathetico, até a doce e agradável pintura dos prazeres domesticos, ou das delicias campestres; genero que tange o ataúde do bardo, a harpa do trovador, a lyra do propheta, e a gaita faceira do pastor.

Conseguiram por fim admitti-lo a mais tempo alguns poetas italianos; e na nossa epocha o puderam acclimatar Walter Scott e varios escriptores inglezes e escocezes.

Entretanto é de confessar que contém bellezas da primeira ordem muitos d'estes poemas-romances portuguezes e hespanhões, ao passo que trazem perfeitamente sellado o character nacional.

São verdadeiros thesoiros da litteratura castelhana a *Araucana* de Alonso de Ercilla, as *Navas de Tolosa* de Christovam de Mesa, a *Numantina* de Francisco de Mosquera, a *Invenção da Cruz* de Lopez de Zarate, o *Leão de Hespanha* de Pedro da Vezilla, a *Sagontina* de Lourenço de Zamora, e a *Matéa* de Hipolito Sanz. Encerram admiraveis bellezas o *Cerco de Diu*, e o *Naufragio de Sepulveda* de Jeronymo Corte-Real, a *Elegiada* de Luiz Pereira, a *Zargueida* de Medina de Vasconcellos, a *Ulyssea* de Pereira de Castro, o *Affonso africano* de Mauzinho Quebedo, a *Conquista de Malaca* de Sá de Menezes, o *Condestabre* de Rodrigues Robo, o *Caramurú* de Santa Ritta Durão, o *Camões* de Almeida Garrett, e o *Uruguay* de José Basilio da Gama.

É o poema de José Basilio da Gama a historia das guerras sanguinolentas que em 1756 sustentáram os Portuguezes e Hespanhões, commandados pelo general Gomes Freyre de Andrade, contra os povos indigenas do Paraguay. Não desejavam de certo os padres da Companhia de Jesus que os gentios cathequisados com os seus trabalhos e fadigas, instruidos e moralizados com suas as lições e conselhos; possuindo vastos campos, terrenos fertes, bellos climas e rios magestosos; defendidos pela immensidade de terras despovoadas que os dividiam dos estabelecimentos europeos; se sujeitassem ao tratado de 13 de janeiro de 1750, estipulado entre as corôas portugueza e hespanhola. Incitáram porém

os Padres da Companhia aos gentios para que pegassem em armas, e se opuzessem á execução do tratado que cedia a Portugal as sete missões estabelecidas na margem esquerda do rio Uruguay?

É para nós ainda duvidosa a questão. Tantos documentos tem os Jesuitas publicado para provar a sua obediencia ás deliberações e accordo das duas corôas, que de certo dar-lhes-iamos inteiro credito, si não se contrapuzesse o conhecimento, que temos, dos costumes, usos e submissão dos Indios, que não ousariam de certo fazê-lo espontaneamente.

O certo é que não approvaram os Padres a convenção dos dous soberanos, e que dirigiram á Hespanha memorias energicas contra a cessão das sete missões.

Não accedendo a Hespanha, marchou o exercito hespanhol e portuguez para obrigar pela força das armas a que se sujeitassem os Indios, entregando a Portugal as terras que recebêra em troca da colonia do Sacramento, com que se ficára a Hespanha.

Aproveita perfeitamente José Basilio da Gama todos estes graves acontecimentos; enriquecendo o seu poema com pinturas delicadas e episodios interessantes, entretem a curiosidade do leitor, e torna-o uma das composições modernas em que mais avulta e brilha o espirito nacional americano, e mais sobresaem as eloquentes descripções d'este

· mundo, ainda tão ignorado, e que a fortuna de Pedro Alvares Cabral lhe mostrou em caminho para dar ao seu nome immortalidade!

Começa o poema por cinco versos admiraveis; cinco versos que descobrem logo o engenhoso e nobre enthusiasmo do auctor; cinco versos que são como o portico do edificio, cuja perspectiva encanta e presagia bellezas superiores.

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue, tepidos, e impuros,
Em que ondeiam cadaveres despídos,
Pasto de corvos. Dura ainda nos valles
O rouco som da irada artilharia.

Narra o primeiro canto as causas da guerra que se prepara contra os gentios das sete missões do rio Uruguay, que se não querem sujeitar ao tratado de 1750; pelo qual as cedeu a Hespanha a Portugal em troca da colonia do Sacramento; descreve a revista das tropas portuguezas, o seu ardor bellico, e o seu enthusiasmo heroico; pinta o character cavalleiroso do general portuguez Gomes Freyre de Andrade, a quem paga o poeta agradecido um tributo de amizade e estima; como soe só dedicar uma alma pura e devotada, e sabe apreciar perfeitamente um coração bem formado: um por um nomeia os chefes inferiores, historia os feitos de sua vida, commemora as suas accões de gloria; entre elles figuram honrosamente aquelles amigos a quem o poeta devia obrigações, e de quem recebera, nos seus

primeiros annos, no Rio de Janeiro, provas de amizade e protecção; poesia abundante, phrases sonoras, gosto delicado, e cabal conhecimento de todos os acontecimentos, revestem este primeiro canto com todo o brilho e primor: que quadros bem assombreados desenha José Basilio da Gama! Que descripções quer de guerreiros, quer de sitios, tão pittorescas e tão bem acabadas?

N'aquelle velho vigoroso e forte,
 Que de branco e amarello, e de oiro ornado,
 Vem os seus artilheiros conduzindo,
 Vês o grande Alpoim (5). Este o primeiro
 Ensinou entre nós por que caminho
 Se eleva aos céos a curva e grave bomba
 Prenhe de fogo: e com que força do alto
 Abate os tectos da cidade, e lança
 Do roto seio envolta em fumo a morte.
 Seguiam juntos o paterno exemplo,
 Dignos do grande pai, ambos os filhos.
 Justos céos! E é forçoso, illustre Vasco (6),
 Que te preparem as soberbas ondas,
 Longe de mim, a morte e a sepultura?
 Nymphas do mar, que vistes, si, é que vistes,
 O rosto esmorecido, e os frios braços,
 Sobre os olhos soltai as verdes transas:
 Triste objecto de magoa e de saudade,
 Como em meu coração, vive em meus versos!

Porém o rio, e a forma do terreno,
 Nos faz não vista, não usada guerra.
 Sae furioso do seu seio, e toda
 Vai alagando com o desmedido
 Peso das aguas a planicie immensa.

Tece o emmaranhadissimo arvoredos
 Verdes, irregulares e torcidas
 Ruas e praças de uma e de outra banda,
 Cruzadas de canoas : tães podemos
 Co' a mistura das luzes e das sombras
 Ver por meio de um vidro transplantados
 Ao seio d'Adria os nobres edificios,
 E os jardins , que produz outro elemento ,
 E battida do remo , e navegaveis
 As ruas da maritima Veneza.

Reune-se o exercito portuguez sob o commando de Gomes Freyre de Andrade, e marcha n'essas desertas, sombrias e virgens mattas; enviam os gentios dous d'entre si, astutos chefes, a negociar com os Europeus : um d'elles, Cacambo, dirige admiravel falla ao general.

. O general famoso,
 Tu tens á vista quanta gente bebe
 Do soberbo Uruguay a esquerda margem.
 Bem que os nossos avós fossem despojo
 Da perfidia da Europa, e d'aqui mesmo
 Co' os não vingados ossos dos parentes
 Se vejam branquejar de longe os valles:
 Eu desarmado, e só, buscar-te venho,
 Tanto espero de ti. E em quanto as armas
 Dão logar á razão, Senhor, vejamos
 Si se pode salvar a vida e o sangue
 De tantos desgraçados. Muito tempo
 Pode inda tardar-nos o recurso
 Com o largo oceano de permeio,
 Em que os suspiros dos vexados povos
 Perdem o alento. O dilatar-se a entrega
 Está nas nossas mãos, até que um dia
 Informados os reis nos restituam
 A doce antiga paz. Si o rei da Hespanha

Ao teu rei quer dar terras com mão larga,
Que lhe dê Buenos-Ayres e Correntes,
E outras, que tem por estes vastos climas;
Porém não pode dar-lhe os nossos povos.
E inda no caso que pudesse dal-os,
Eu não sei si o teu rei sabe o que troca;
Porém tenho receio que não saiba.
Eu já vi a colônia portugueza
Na tenra idade dos primeiros annos,
Quando o meu velho pai co' os nossos arcos
As sitiadoras tropas castelhanas
Deu soccorro, e mediu comvosco as armas;
E quererão deixar os Portuguezes
A praça que avassalla, e que domina
O gigante das aguas, e com ella
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que poz a natureza
Para servir-nos de limite e raia?
Será? mas não o creio. E depois disto,
As campinas, que vês, e a nossa terra,
Sem o nosso suor, e os nossos braços,
De que servem ao teu rei? Aqui não temos
Nem altas minas, nem os caudalosos
Rios de arêas d'ouro. Esta riqueza
Que cobre os templos dos bemitos padres,
Fructo da sua industria, e do commercio
Da folha e pelles, á riqueza sua;
Com o arbitrio dos corpos e das almas
O Céu lh'a deu em sorte. A nós sómente
Nos toca arar e cultivar a terra,
Sem outra paga mais, que o repartido
Por mãos escassas misero sustento;
Pobres choupanas e algodões tecidos,
E o arco, e as settas, e as vistosas pennas
São as nossas phantasticas riquezas.

Não pode o general, admirado da nobreza d'esta
linguagem e do orgulho cavalheiroso de tão digno

guerreiro, conter a sua emoção; procura embalde chama-lo a si, e sente não conseguir levar a razão a um coração tão magnanimo, a uma alma tão elevada: não podendo effectuar-se nem-uma conciliação, vovvem para os seus lares os arditos chefes, carregando ricos presentes, com que os mimoseou o general portuguez, e com que lhes ganhou a estima, mas lhes não quebrou os brios altanados. É inevitavel o combate; pela primeira vêz echoou por aquelles montes e valles o som do tambor europeu; pela primeira vêz desenroláram-se as bandeiras portuguezas aos folguedos dos ventos, que susurravam pelas margens do Uruguay: avistam-se os dous exercitos, e resoa por toda a parte o signal do combate; e que riquissima pintura faz o poeta dos gentios?

Saem das grutas, pelo chão cavadas,
Em que até alli de industria se escondiam,
Nuvens de Indíos, e a vista duvidava
Si do terreno os barbaros nasciam.
Qual já no tempo antigo, o errante Cadmo
Dizem que vira da fecunda terra
Brotar a cruellissima seára.
Erguem todos um barbaro alarido,
E sobre os nossos cada qual encurva
Mil vêzes, e mil vêzes solta o arco
Um chuvaire de settas despedindo.

É o quadro do combate desenhado com traços fortes e indeleveis: declara-se a victoria pelos Portuguezes; mas o coração accompanha o gentil Baldeta,

caracolando sobre o seu pintado e afogueiado cavallo; e os olhos não deixam as façanhas do valente Tatu-Guassú, mettido em uma pelle de enorme jacaré, e povoando o campo de victimas europeas, que não escapam a destreza de seu braço; e as lagrimas saltam aos olhos, pela sorte do infeliz e valeroso Cepé, quando depois de lucta heroica e tormentosa, exhala o ultimo suspiro da vida no meio de sangue e de cadaveres.

Apóz esse segundo canto vem o terceiro, que é tudo o que ha de mais regular e perfeito no genero descriptivo; analysa-lo seria roubar-lhe as bellezas; historia-lo equivaleria a arrancar-lhe o sentimento e a vida : continúam os Europeos a sua marcha carregados dos tropheos da victoria :

. até que um dia
 Fizeram alto, e se acampáram onde
 Incultas varzeas por espaço immenso
 Enfadonhas e estereis acompanham
 Ambas as margens de um profundo rio.
 Todas estas vastissimas campinas
 Cobrem palustres e tecidas cannas,
 E leves juncos do calor tostados,
 Prompta materia de voraz incendio :
 O Indio habitador, de quando em quando,
 Com estranha cultura entrega ao fogo
 Muitas leguas de campo : o incendio dura,
 Em quanto dura e o favorece o vento;
 Da herva, que renasce, se apascenta
 O immenso gado, que dos montes desce;
 E renovando incendios d'esta sorte
 A arte emenda a natureza, e podem
 Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.

Mas agora sabendo por espias
 As nossas marchas, conservavam sempre
 Seccas as torrassimas campinas,
 Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
 Que a chamma bemeifeitora e a cinza fria
 Fertilizasse o arido terreno.
 O cavallo até alli forte e brioso,
 E costumado a não ter mais sustento,
 N'aquelles climas, do que a verde relva
 Da mimosa campina, desfallece.
 Nem mais, si o seu senhor o affaga, encurva
 Os pés, cava o chão co' as mãos, e o valle
 Rinchando atroa, e açouta o ar co' as clinas.
 Era alta noite, e arrancando, e triste
 Negava o céu envolto em pobre manto
 A luz ao mundo, e murmurar-se ouvia
 Ao longe o rio, e meneiar-se o vento.

Tem logar uma scena que não acha superiores nas mais bellas composições modernas; nem Alexandre Manzoni, nem Fenimore Cooper, nem Adão Mickiewicz, nem Walter Scott, nem Jeronymo Corte-Real, nem Mauzinho Quebedo, nem Alonso Ercilla, e nem Jorge Trissino, imagináram em seus sonhos quadro mais admiravel: é longo citar-se, mas quem pode pintar ao vivo a magica scena que desenha Basilio da Gama, e que tanto caracteriza o heróe d'ella, o Indio Cacambo?

Acorda o Indio valeroso, e salta
 Longe da curva rede, e sem demora,
 O arco, e as settas arrebatada, e fere
 O chão com o pé; quer sobre o largo rio
 Ir peito a peito a contrastar co' a morte.
 Tem diante dos olhos a figura
 Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.

Pendura a um verde tronco as varias pennas,
E o arco, e as settas, e a sonora aljava;
E onde mais manso e mais quieto o rio
Se estende, e espraia sobre a ruiva areia,
Pensativo e turbado entra; com agua
Já por cima do peito as mãos e os olhos
Levanta ao céo, que elle não via, e ás ondas
O corpo entrega. Já sabia em tanto
A nova empresa na limosa gruta
O patrio rio, e dando um geito a urna,
Fez que as aguas corressem mais serenas,
E o Indio afortunado a praia opposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida, e mansamente
Pelo silencio vai da noite escura
Buscando a parte d'onde vinha o vento.
Lá como é uso do paiz, roçando
Dous lenhos entre si, desperta a chamma,
Que já se atea nas ligeiras palhas
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto, e foge, a tempo,
Da perigosa luz; porém na margem
Do rio, quando a chamma abrasadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos guardas não se assusta;
E temeraria e venturosamente
Fiando a vida aos animosos braços,
De um alto precipicio ás negras ondas
Outra vèz se lançou, e foi de um salto
Ao fundo rio a visitar a areia.
Debalde gritam, e debalde ás margens
Corre a gente apressada: elle entretanto
Saccode as pernas, e os nervosos braços;
Rompe as espumas assoprando, e a um tempo
Suspendido nas mãos voltando o rosto,
Via nas aguas tremulas a imagem
Do arrebatado incendio, e se alegrava!
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses
Vaidoso da ruina, que causára,

Viu abrasar de Troya os altos muros ,
 E a perjura cidade , envolta em fumo ,
 Encostar-se no chão , e pouco a pouco
 Desmaiar sobre as cinzas. Cresce em tanto
 O incendio furioso , e o irado vento
 Arrebata ás mãos cheias vivas chammas
 Que aqui e ali pela campina espalha ;
 Communica-se a um tempo ao largo campo
 A chamma abrasadora , e em breve espaço
 Cerca as barracas de confusa gente .

Corre Cacambo orgulhoso para os braços da sua
 bella Lindoya , a receber o premio do seu feito auda-
 cioso .

Tanto se apressa que na quarta aurora
 Por veredas occultas vio de longe
 A doce patria e os conhecidos montes ,
 E o templo que tocava o céo co' as grimpas .

. Quanto,
 Melhor lhe fôra acabar co' a vida
 Na frente do inimigo , em campo aberto ,
 Ou sobre os restos de abrasadas tendas ,
 Obra do seu valor !

Em vêz de amores encontra a prisão e a morte !

Aproxima-se o exercito europeu á principal
 missão dos Indios , e ha outro episodio no quarto
 canto , que , como o de Ignez de Castro dos *Lusia-*
das , ou de Lianor do *Naufragio de Sepulveda* , ou
 o de Francisca de Rimini da *Divina Comedia* , ou o
 de Olinda e Sophronio da *Jerusalém libertada* , vivirá
 em quanto houver gosto litterario ; desapareça em-
 bora a lingua portugueza ; perca este episodio o seu
 mais bello aroma , transplantando-se para qualquer

outro idioma ; traduzido será ainda e eternamente admirado pelo pathetico que encerra, pelas pinturas sentimentaes que o adornam, e pela poesia que lhe transborda por todos os poros!

Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo,
E a irmã por entre as sombras do arvoredo
Busca co' a vista, e teme de encontra-la.
Entram emfim na mais remota, e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmims e rosas:
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido,
Para morrer, a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva, e nas mimosas flores;
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancholica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chama-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o dextro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vèzes
Soltar o tiro, e vacillou tres vèzes
Entre a ira e o temor... Emfim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta;
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a boca, e os dentes

Deixou cravados no visinho tronco.
 Açouta o campo co'a ligeira cauda
 O irado monstro, e em tortuosos giros
 Se enrosca no cypreste, e verte envolto
 Em negro sangue o livido veneno.
 Leva nos braços a infeliz Lindoya
 O desgraçado irmão, que ao desperta-la
 Conhece, com que dôr? no frio rosto
 Os signaes do veneno, e vê ferido
 Pelo dente subtil o brando peito.
 Os olhos, em que amor reinava um dia,
 Cheios de morte, e muda aquella lingua,
 Que ao surdo vento e aos echos tantas vèzes
 Contou a larga historia de seus males.
 Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
 E rompe em profundissimos suspiros,
 Lendo na testa da fronteira gruta
 De sua mão já tremula gravado
 O alheio crime e a voluntaria morte:
 E por todas partes repetido
 O suspirado nome de Cacambo.
 Inda conserva o pallido semblante
 Um não sei que de magoado e triste,
 Que os corações mais duros enternece.
 Tanto era bella no seu rosto a morte!

Apresenta o quinto e ultimo canto as pinturas dos usos e costumes dos gentios; a descripção do governo dos Jesuitas dentro da sua capital; e a entrada n'ella das tropas europeas entoando canticos de triumpho.

Basta esta rapida e imperfeita analyse para de modo ligeiro, e em traços breves, patentear as inapreciaveis bellezas de que abunda este delicado poema, que merece ser considerado como um dos monumentos de gloria litteraria que possui a lingua

portugueza, e uma das composições mais nacionaes que tem o Brazil. Antes que apparecesse Fenimore Cooper, e espantasse a Europa com a historia dos gentios americanos, já tinham descripto José Basilio da Gama e José da Santa Ritta Durão admiraveis e verdadeiras scenas d'essas nações livres e errantes, que offerecem á poesia inspirações as mais ternas, mais melancolicas, mais sublimes, e mais proprias de um Americano.

Parece que previa José Basilio da Gama que a seu engenho faria justiça a posteridade e que no futuro seria lido e admirado o seu poema; para documento de que reconhecia o valor e merito d'elle, ahi estão os ultimos versos do *Uruguay*, que o denunciam.

Serás lido, *Uruguay!* Cubra os meus ossos

Embora um dia a escura noite eterna;

Tu vive, e goza a luz serena e pura.

Vai aos bosques da Arcadia; e não receies

Chegar desconhecido áquella areia.

Ali, de fresco, entre as sombrias murtas,

Urna triste a Mireu não todo encerra.

Leva d'estranho céo, sobre ella espalha,

Co' a peregrina mão, barbaras flores :

E busca o successor, que te encaminhe

Ao teu logar, que ha muito que te espera!

NOTAS.

(1) « Tenho nomeado, em virtude da faculdade, que ElRei meu senhor me concede, para um logar de official da secretaria de estado do reino a Joseph Basilio da Gama. Nossa Senhora da Ajuda, em 25 de junho de 1774. — MARQUEZ DE POMBAL. »

Registrada no livro XII dos Avisos a f. 49. Possuimos o original.

(2) « Eu, a rainha, faço saber a vós, Dom Thomaz de Lima Vasconcellos Nogueira Telles da Silva, visconde de Villa Nova da Cerveira, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, que servis de meu mordomo mór, que, attendendo a José Basilio da Gama, natural da freguezia de Santo Antonio da villa de São José do Rio das Mortes, do estado do Brazil, filho do capitão mór Manuel da Costa Villas-Boas, estar servindo ha treze annos, dous mezes e oito dias, contados de vinte e cinco de junho de mil setecentos setenta e quatro até o presente, de official da secretaria de estado dos negocios do reino, mostrando sempre muito prestimo, aptidão e zelo no meu real serviço em que continúa; em consideração do que e do exemplo que allegára, hei por bem e me praz fazer-lhe mercê de o tomar por escudeiro fidalgo de minha casa, com quatrocentos e cincoenta reis de moradia por mez, e juntamente o accrescento logo a cavalleiro fidalgo d'ella, com trezentos reis mais em sua moradia; para que tenha e haja setecentos e cincoenta reis de moradia por mez de cavalleiro fidalgo, e um alqueire de sevada por dia, paga segundo ordenança; e é a moradia ordinaria. Mando-vos o façais assentar no livro da matricula dos moradores de minha casa, em seu titulo, com a dita moradia e sevada. Lisboa, seis de agosto de mil setecentos oitenta e sete. — RAINHA. Visconde da VILLA-NOVA DA CERVEIRA. » Pára o original em nosso poder.

(3) *The calamities of authors*, by d'Israeli. Londres, 1834.

(4) *De litteratorum infelicitate*. Roma, 1782.

(5) O brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, um dos seus primeiros protectores.

(6) Vasco Fernandes Pinto Alpoim, amigo de José Basilio e da sua mesma idade; morreu em um naufragio.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.



- (3) The colonies of ... by ... London, 1824.
- (4) In ... 1783.
- (5) O ... José ... das ...
- (6) José ... José ... de ...

FIN DO PRIMEIRO TOMO.

...



INDICE

DO PRIMEIRO TOMO.

PREFACIO.	7
Extractos de analyses da edicção do Plutarco brasileiro.	9
Introducção.	13

SECULO XVI.

I. José de Anchieta.	45
II. Jorge de Albuquerque Coelho.	103
III. Salvador Correia de Sá e Benavides.	119

SECULO XVII.

I. Gregorio de Mattos Guerra.	159
II. Sebastião da Rocha Pitta.	185
III. Bartholomeu Lourenço de Gusmão.	211
IV. Alexandre de Gusmão.	229

SECULO XVIII.

I. Antonio José da Silva.	259
II. Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.	283
III. José de Santa Ritta Durão.	301
IV. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.	333
V. José Basilio da Gama.	359

INDICE
DO PRIMEIRO TOMO

1	Introdução
9	Extractos de estudos de colheita de fungos maliciosos
13	Introdução

SEculo XVI

25	I. José de Anchieta
103	II. João de Albuquerque Coelho
110	III. Salvador Cordeiro de Sá e Resende

SEculo XVII

130	I. Gregório de Mattos Guerra
165	II. Sebastião de Jesus Filho
171	III. Bartolomeu Lourenço de Gusmão
220	IV. Alexandre de Gusmão

SEculo XVIII

230	I. Antonio José de Silva
232	II. José Francisco de Moraes de Paiva Torres Costello
261	III. José de Santa Rita Durão
263	IV. Manoel Ignacio de Silva Alvarenga
270	V. José Loureiro de Lima

